

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

NELY FEITOZA ARRAIS

OS FEITOS MILITARES NAS BIOGRAFIAS DO REINO NOVO:

Ideologia militarista e identidade social sob a XVIII^a dinastia do Egito Antigo.

1550 – 1295 a.C.

NITERÓI
2011

NELY FEITOZA ARRAIS

OS FEITOS MILITARES NAS BIOGRAFIAS DO REINO NOVO: Ideologia militarista e identidade social sob a XVIIIª dinastia do Egito Antigo.(1550 – 1295 a.C.)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História Social. Setor Temático Cronológico: História Antiga. Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof.º Dr.º CIRO FLAMARION SANTANA CARDOSO

Niterói
2011

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

A773 Arrais, Nely Feitoza.

OS FEITOS MILITARES NAS BIOGRAFIAS DO REINO NOVO: ideologia militarista e identidade social sob a XVIIIª dinastia do Egito Antigo. 1550 a 1295 a.C. / Nely Feitoza Arrais. – 2011.

245 f. ; il.

Orientador: Ciro Flamarion Santana Cardoso.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

Bibliografia: f. 238-245.

1. História do Egito. 2. Militarismo. 3. Ideologia. 4. Identidade social. 5. Biografia. 6. Poder. 7. Política. I. Cardoso, Ciro Flamarion Santana. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 932

NELY FEITOZA ARRAIS

OS FEITOS MILITARES NAS BIOGRAFIAS DO REINO NOVO: Ideologia militarista e identidade social sob a XVIIIª dinastia do Egito Antigo.(1550.1295 a.C.)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História Social. Setor Temático Cronológico: História Antiga. Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Ciro Flamarion Santana Cardoso – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Margaret Machiori Bakos
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Professor Doutor Andre Leonardo Chevitarese
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Doutora Adriene Baron Tacla
Universidade Federal Fluminense

Professor Doutor Alexandre Carneiro Cerqueira Lima
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora Sônia Regina Rebel de Araújo – Suplente
Universidade Federal Fluminense

*Para Marcos, companheiro de estudo, de trabalho e de vida,
Pedro e Paulo, nossas “misturinhas” que nos ensinam
mais do que qualquer livro e nos fazem sentir
a plenitude da vida.*

*Para meus pais Elmo e Angélica
e minhas irmãs, Senny e Lêda,
pelo apoio constante em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Ciro Cardoso pela orientação, pela oportunidade única de estudos na área da língua egípcia e por sua compreensão nos momentos de mudança que ocorrem em nossas vidas. Por sua amizade, muito obrigada.

Às instituições que me apoiaram, possibilitando a realização do trabalho: a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Universidade Federal Fluminense, sempre prontos a atender os menores e os maiores problemas administrativos e burocráticos de um trabalho de doutorado.

Ao meu companheiro, Marcos José de Araújo Caldas pela ajuda constante no desenvolvimento dos temas e dos conceitos trabalhados; e aos meus filhos Pedro e Paulo pelo apoio e pela paciência em esperar a mãe que sempre estava ocupada e no 'compador' digitando.

A minha mãe Angélica Feitoza e meu pai Elmo Queiroz pela logística maravilhosa de serem avôs de tempo integral sem nunca terem deixado de ser pais no sentido pleno da palavra.

Às minhas irmãs, Senny e Lêda, tias e madrinhas de meus filhos que sempre estiveram presentes no decorrer deste trabalho. Obrigada pelo apoio.

À minha querida sogra Rosa Maria de Araújo Caldas (*in memoriam*) por acreditar sempre na nora "índia e egíptóloga". Eternas saudades...

Aos membros de toda minha família, por acreditarem em mim.

Aos amigos Beatriz Dias, Eloísa Souto e César Augusto por sempre levantarem meu ânimo nos momentos de cansaço e desilusão. À mais recente amiga Raquel Alvitos, uma bela surpresa no cotidiano corrido. Pelo carinho e pelo paciente trabalho de formatação final, obrigada.

Enfim, a todos aqueles que me apoiaram no decorrer dos quatro anos de dedicação ao doutorado cujos nomes não constam aqui diretamente mas que, no momento certo, foram essenciais para a continuidade e conclusão do trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
PRIMEIRA PARTE: AS FONTES	
CAPÍTULO I – <u>CONTEXTUALIZANDO AS FONTES</u>	21
I.1- DISCUSSÃO CONCEITUAL.	21
I.1.1 - <u>Militar e Guerra como Conceitos Históricos Universais.</u>	21
I.1.2 – <u>Guerra e função militar no Antigo Egito.</u>	24
I.2 – CONTEXTO HISTÓRICO GERAL	29
I.2.1 - <u>Do Fim Do Segundo Período Intermediário ao Reino Novo</u>	29
I.2.2 - <u>O Reino Novo e a estrutura militar: complexificação e profissionalização</u>	41
I.2.2.1 – <i>A Estrutura Militar Egípcia antes do Reino Novo.</i>	41
I.2.2.2 – <i>A Estrutura Militar Egípcia do Reino Novo.</i>	52
CAPÍTULO II – <u>AS FONTES: TIPOLOGIA E TRADUÇÃO</u>	71
II.1 – AS INSCRIÇÕES TUMULARES BIOGRÁFICAS.	71
II.1.1- <u>Biografia e Análise Histórica.</u>	71
II.1.2- <u>A Biografia egípcia</u>	74
II.2 – AS INSCRIÇÕES TUMULARES NÃO BIOGRÁFICAS.	83
II.3 – AS BIOGRAFIAS: TEXTO E TRADUÇÃO	85
II.3.1 – <u>As tumbas: breve histórico</u>	85
II.3.2 - <u>A Biografia De Ahmés, Filho De Ibana.</u>	90
II.3.2.1- <i>Introdução</i>	90
II.3.2.2- <i>Texto Hieroglífico, Transcrição Fonética e Tradução</i>	93
II.3.2.3- <i>Texto Traduzido</i>	106
II.3.2.4- <i>Comentários à Tradução</i>	109

II.3.3 - <u>A Biografia De Ahmés Pen-Nekhet</u>	123
II.3.3.1- <i>Introdução</i>	123
II.3.3.2- <i>Texto hieroglífico, Transcrição Fonética e tradução</i>	125
II.3.3.3 - <i>Texto Traduzido</i>	133
II.3.3.4 - <i>Comentários à Tradução</i>	136
II.3.4 - <u>A Inscrição Jurídica de Més</u>	144
II.3.4.1- <i>Introdução</i>	144
II.3.4.2- <i>Texto Hieroglífico, Transliteração Fonética e Tradução</i>	148
II.3.4.3- <i>Texto Seguido</i>	164
II.3.4.4- <i>Comentários à Tradução</i>	169
SEGUNDA PARTE: FEITOS MILITARES E IDENTIDADE SOCIAL	
CAPÍTULO III – <u>IDENTIFICAÇÃO SOCIAL DOS VALORES MILITARES NO REINO NOVO</u>	183
III.1 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	183
III.1.1 – <u>Grupos sócio-profissionais, hierarquia e Estado</u>	183
III.1.2 – <u>Controle territorial e domínio político</u>	190
III.2 – IDENTIDADE SOCIAL EGÍPCIA: A HIERARQUIA E A IDEOLOGIA FARAÔNICAS	196
III.3 - ANÁLISE DA BIOGRAFIA DE AHMÉS, O FILHO DE IBANA.	203
III.4 - ANÁLISE DA BIOGRAFIA DE AHMÉS PEN-NEKHET	210
III.5 - AS BIOGRAFIAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA.	213
CAPÍTULO IV - <u>O QUADRO SOCIAL: MILITARES E SOCIEDADE</u>	218
IV.1 – O ACESSO À TERRA E O STATUS SOCIAL.	218
IV.2 – CONCLUSÃO PARCIAL	228
CONCLUSÃO	229
ANEXOS	234
BIBLIOGRAFIA:	238

LISTA DE ABREVIATURAS

Abreviaturas das revistas especializadas citadas

CE – *Chronique d'Égypte*

JEA – *The Journal of Egyptian Archaeology*

RdE – *Révue d'Égyptologie*

UGAÄ - *Untersuchungen zur Geschichte und Altertumskunde Ägyptens.*

ZPE - *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	TÍTULO	REFERÊNCIA	PÁGINA
FIGURA 1	Pintura parietal do túmulo de número 100 em Hieracômpolis	SCHULZ, R. e SEIDEL, M. <i>Egipto, o mundo dos faraós</i> . Colônia: Könemann, 2001.p.21, e detalhes de SPENCER, A.J. <i>Early Egypt: the rise of civilisation in the Nile Valley</i> . Norman: University of Oklahoma Press, p.36-37	28
FIGURA 2	Quadro comparativo das fases arqueológicas do Egito faraônico e da Mesopotâmia	CARDOSO, Ciro F.S. <i>Sociedades do Antigo Oriente Próximo</i> . SP: Àtica, 1986; e da obra de LIVERANI, Mario. <i>Antico Oriente: Storia, Società, economia</i> . Roma: Editori Laterza.2000.	31
FIGURA 3	Pintura parietal do túmulo de Ahmés, o Filho de Ibana	LEPSIUS, <i>Denkmäler aus Aegypten und Aethiopien</i> , 1842. El-Kab. Grab 5, Abth. III, Bl.12.	79
FIGURA 4	Entrada para os túmulos de Ahmés-filho de Ibana, Pahery, neto de Ahmés, Setau, Ahmés Pen-Nekhbet, e Reneny	LIMME, Luc. <i>Elkab, 1937-2007: seventy years of Belgian archaeological research</i>	90

LISTA DE MAPAS

MAPA	TÍTULO	REFERÊNCIA	PÁGINA
MAPA 1	Mapa do antigo Egito com a localização de El-Kab, antiga Nekheb	SPALINGER, A. <i>War in Ancient Egypt</i> . Oxford: Blackwell Publishing, 2005. P.XVIII.	86
MAPA 2	Mapa da cidade de El-Kab com localização das ruínas	Depuydt, F., <i>Elkab IV. Topographie, 1. Archaeological-Topographical Surveying of Elkab and Surroundings</i> . Brussels: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1989. <i>Apud</i> LIMME, Luc. <i>Elkab, 1937-2007: seventy years of Belgian archaeological research</i>	89

RESUMO

O objetivo deste estudo é identificar e esclarecer aspectos da identidade social no Antigo Egito diretamente caracterizada pela ideologia militarista através da análise de alguns textos biográficos provenientes do Reino Novo, fase conhecida pela expansão de domínio territorial e por política externa agressiva.

O antigo Egito era uma sociedade fortemente hierarquizada na qual um pequeno grupo identificado como uma nobreza constituída formava a estrutura político-administrativa centrada na figura do faraó que encarnava simbolicamente o próprio Estado. Este pequeno grupo constituía uma classe dominante homogênea perante o restante da sociedade egípcia. Destacar-se socialmente nesse grupo restrito compreendia a inserção em diversas funções até o cargo maior de faraó. No decorrer do terceiro até a metade do segundo milênio uma das funções por excelência atribuída ao faraó era a guerreira, definida como uma característica centrada no equilíbrio cósmico do cargo de faraó o qual detinha o poder de manutenção da ordem social defendida vigorosamente contra todos aqueles que não o reconheciam como tal. A partir do Segundo Período Intermediário e da dominação estrangeira sobre o Egito, os valores guerreiros serão também direcionados para o conjunto dos homens que constituíam a força do faraó formando uma nova base de legitimação e reconhecimento para os que se destacassem nesta função que adquire, a partir de então, uma nova semântica social.

A bravura, a perícia no campo de batalha e a lealdade ao faraó passam a representar uma nova modalidade de destaque social permitindo que um grupo de homens ascenda ao patamar mais alto da sociedade através dos aspectos militares de suas funções. Ao mesmo tempo, estes valores passam a integrar os discursos laudatórios que legitimam o *status* diferenciado daquele mesmo grupo dominante. Pode-se perceber uma nova ideologia social com a formação de uma tropa de caráter permanente a partir do final do Segundo Período Intermediário e a decorrente especialização de um grupo de homens de caráter militarizante. A ascensão social e a legitimação de sua posição social perante os demais integrantes da sociedade relaciona-se diretamente com sua formação militar específica.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette étude c'est d'identifier et éclairer quelques aspects de l'identité social à l'ancienne Égypte caractérisées par l'idéologie militariste au moyen de l'analyse de certains textes biographiques originaires du Nouvel Empire, période connue par l'expansion territoriale et par une politique extérieure agressive.

L'ancienne Égypte a été une société fort hiérarchisée, où un groupe mineur, identifié à la noblesse, formait l'structure politique et administrative centrée à la figure du Pharaon qui symbolisait l'État. Ce petit groupe était la classe hégémonique dominante par rapport à la société égyptienne. Pour être en évidence devant ce groupe il fallait prendre des fonctions diverses à l'intérieur de l'État jusqu'à la place centrale qui était le titre de Pharaon. Pendant le troisième millénaire jusqu'à la moitié du deuxième, la fonction guerrière était attachée à la figure du Pharaon, lequel entraînait la fonction de maintenir l'ordre cosmique et social contre tous les autres que n'en reconnaissent pas. À partir de la Seconde Période Intermédiaire et de la domination étrangère sur l'Égypte, les valeurs du guerrier ont été entraînés par un groupe d'hommes soumis au Pharaon lesquels formaient la force du Pharaon avec une nouvelle base de légitimation sociale et la reconnaissance sociale par ceux qui assumaient cette fonction avec une nouvelle sémantique.

Le courage, la précision aux batailles et la loyauté par rapport au Pharaon sont, dès cette époque la nouvelle base de se faire reconnaître dans la société égyptienne. C'est-à-dire que la fonction militaire devient une profession socialement reconnue. Au même temps les nouveaux discours militaires font l'apparition aux groupes dominants. On peut vérifier une nouvelle idéologie que se forme avec cette professionnalisation militaire dès la Seconde Période Intermédiaire. L'ascension sociale et sa légitimation ont été directement liées.

ABSTRACT

This study is an attempt to identify and to delimitate some aspects of the social identity in the ancient Egypt directly characterized for the militaristic ideology by means of biographical texts from the time of the New Kingdom, period of expansion of the territorial domination and of an aggressive external policy.

The ancient Egypt society had a rigid hierarchy where a very little group, identified as a noble class, formed the administrative and political structure whose center was the pharaoh, that symbolized the State himself. This group was the dominant class. The distinction inside this group was reached by means of several administrative functions until the *supreme* distinction of being Pharaoh. During all the third millennium one of the most important functions of the pharaoh was that of being warrior. This was based upon his power over the cosmic balance of the universe. From the Second Intermediate Period on with the Hyksos domination over the Egypt, the warrior function and its values went to a new group which had based the war power of the pharaoh, making a new base of social legitimation.

The courage, the specialty and loyalty to the pharaoh were the new values for the social distinction and offered a possibility of ascension for the professional group of militaries. At the same time, these values were incorporated by the upper class and repeated in its discourses. We can see that a new ideology was formed by the new social function of the professional militaries.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

No presente estudo procuramos delinear os aspectos militares que definem a identidade social do guerreiro egípcio do início do Reino Novo, fase de intensa atividade militar da qual dependia, em primeiro lugar, a existência de um grupo de homens preparados de forma permanente na sociedade.

Nesta fase da história egípcia os feitos militares passam a se constituir como ações definidoras de um grupo social que se caracterizava como guerreiro profissional, ou seja, um grupo identificado por sua especialização militar. As crescentes campanhas militares dos faraós a partir de fins do Segundo Período Intermediário possibilitaram o desenvolvimento de uma ideologia militarista. Para tanto utilizamos fontes de caráter biográfico que se constituem como local privilegiado de apresentação dos valores socialmente reconhecidos e refletem em sua estrutura o elemento ideológico organizacional do contexto histórico no qual esta inserido.

A idéia central da tese surgiu como resultado de pesquisas particulares sobre a organização da estrutura militar no Egito faraônico, pesquisa esta iniciada com nossa dissertação de mestrado. O título da monografia é *O Reinado do Faraó Kamés, o forte. Um estudo sobre a ideologia monárquica no Egito faraônico (1555-1550 a.C.)*. Neste estudo realizei uma análise interpretativa do discurso atribuído ao faraó Kamés, responsável pela luta inicial bem sucedida contra os estrangeiros hicsos que dominaram o Egito por todo o Segundo Período Intermediário. Utilizei como base a metodologia de Tzvetan Todorov e o aporte teórico de Lucien Goldman para elucidar os aspectos específicos da ideologia militarista no discurso

de Kamés quando da luta pelo poder e expulsão dos hicsos. Como conclusão pude demonstrar que já no reinado de Kamés a ideologia militarista organizava o discurso sócio-político refletindo a existência de um grupo armado profissionalmente que passou a ter um peso social crescente, fato evidenciado pela historiografia tradicional com a identificação de um exército profissional permanente no Egito do Reino Novo.

Do estudo do mestrado passamos a nos interrogar sobre a característica específica do guerreiro do Reino Novo que o diferenciava dos demais períodos da história egípcia. Assim, surgiu a questão central de saber como a sociedade egípcia identificou o novo grupo social formado pelo guerreiro especializado e quais as características deste novo ator social que legitimavam sua posição perante esta sociedade. As fontes biográficas relativas aos feitos militares de seus autores nos forneceram as primeiras informações, mas abriram também um leque de problemas teóricos e metodológicos que nos fizeram aprofundar o estudo e formular a proposta de trabalho do qual esta tese é o resultado.

As biografias aqui utilizadas já foram amplamente analisadas pela historiografia preocupada com o tema da guerra no Egito faraônico. Ahmés, o filho de Ibana e Ahmés pen-Nekhbet são fontes únicas referentes às atividades militares de início do Reino Novo. Nossa leitura, o entanto, parte da premissa de que, além das informações textuais diretas, a estrutura ideológica inerente a estas fontes ilumina a própria construção da imagem dos militares perante a sociedade do Egito do Reino Novo, por isso uma releitura da fonte com base em uma análise textual axiológica.

Como um dos objetivos do trabalho é identificar os efeitos sociais da participação das atividades guerreiras sobre os elementos sociais diretamente envolvidos, acrescentamos às fontes biográficas uma fonte de origem similar a estas – inscrita no túmulo narrando o feito específico do escriba de nome Més perante um problema jurídico – mas cujo centro não são os feitos militares. A aproximação desta fonte com o tema é que a ação judicial se dá sobre uma parcela de terra ganha como pagamento e recompensa por feitos de origem militar. Neshi, o proprietário original era o Chefe dos Marinheiros e ganhou seu lote como pagamento por seus

serviços prestados. A inscrição nos permite acompanhar a herança deste lote de terras de origem militar por pelo menos duzentos e cinquenta anos.

As duas primeiras fontes datam do início do Reino Novo, entre a luta contra os hicsos sob o reinado de Ahmés I até a expansão egípcia para a Síria-Palestina sob Tutmés III. A fonte de caráter judicial engloba dados do período de Ahmés I até o reinado de Ramsés II sendo sua elaboração realizada sob o reinado deste último.

Para o tipo de análise pretendida optamos por uma tradução própria das fontes, visto que é nosso objetivo identificar conceitos e definições, bem como termos de carga identitárias e axiológicas específicas para a análise textual das fontes. Tal análise reivindica uma compreensão mais próxima dos termos egípcios para uma tradução devida a nossa linguagem atual. Além disso, a tradução de fontes egípcias para o português é uma das tarefas a que nos propomos como objetivo de carreira como pesquisadora.

O trabalho está dividido em duas partes: a primeira, *As Fontes*, engloba os dois primeiros capítulos da tese. O primeiro capítulo subdivide-se em dois sub-itens; o primeiro apresenta nossa aproximação conceitual ao tema, as premissas teóricas iniciais e a compreensão do tema referente ao contexto específico da sociedade egípcia antiga; no segundo apresentamos o contexto histórico geral das fontes e um específico sobre o tema militar na história egípcia até a estrutura do Reino Novo.

O segundo capítulo apresenta as fontes inicialmente em termos de sua tipologia. Tivemos a preocupação de inserir uma pequena contextualização de caráter teórico antes do contato direto com as fontes de forma a nos aproximarmos destas com uma visão mais direcionada para o objetivo do trabalho. Em seguida apresentamos as fontes com um pequeno histórico sobre suas descobertas seguindo-se suas traduções e os comentários relativos à estas.

A segunda parte da tese, denominada *Feitos Militares e Identidade Social*, se ocupa com a análise tanto das informações retiradas das fontes como a busca pela estrutura que lhes subjaz e organiza de forma a esclarecer as relações sociais destacadas anteriormente. Abrange os capítulos III e IV que se constituem, respectivamente, por uma discussão dos conhecimentos atuais sobre a estrutura

militar do Egito faraônico e a análise das fontes e sua utilização para esclarecer os aspectos da História social aqui delimitados.

Finalizamos com a conclusão e os anexos do trabalho que se constituem por fontes complementares ao estudo que se demonstraram de grande pertinência para o esclarecimento do tema proposto.

PRIMEIRA PARTE:

AS FONTES

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZANDO AS FONTES

I.1- DISCUSSÃO CONCEITUAL.

I.1.1 - Militar e Guerra Como Conceitos Históricos Universais.

A história da sociedade do Egito no Reino Novo é inseparável da sua política externa, plena de campanhas militares e da imagem dos faraós em seus carros de guerra a frente de um enorme grupo de guerreiros. Logo, a história desta fase confunde-se com a idéia de guerra, exército e dos representantes sociais que correspondem a esta imagem, os militares. O objetivo deste estudo não é descrever estes *tipos sociais*, mas sim responder a questão em que esta estrutura sócio-econômica se desenvolve no Egito do Reino Novo tal qual se nos apresenta: qual é a base de legitimação do *status* social dos grupos ligados à estrutura militar dos faraós que surgem como nova instituição social e qual é o impacto desta na sociedade como um todo? Não pretendemos descrever as batalhas nem o estado da arte militar desse período, trabalho já elaborado e muito bem apresentado recentemente por Anthony J. Spalinger em seu estudo sobre a guerra no Antigo Egito¹.

Outros estudos, como o de Andrea Gnirs², ocuparam-se da relação com a sociedade devido à crescente presença de títulos de natureza essencialmente militar na organização administrativa egípcia, preenchendo uma lacuna há muito existente nos trabalhos que se ocuparam com o levantamento dos títulos militares na história do antigo Egito, analisando não apenas da estrutura militar como também da relação desta com a sociedade do Reino Novo. O papel social do guerreiro especializado

¹ SPALINGER, A. *War in Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell Publishing. 2005. (Col. Ancient World at War)

² GNIRS, A.M. *Militär und Gesellschaft: Ein Beitrag zur Sozialgeschichte des Neuen Reiches*. Heidelberg: Orientverlag (Studien zur Archäologie und geschichte Altägyptens; Bd. 17), 1996.

deste período e a imagem que se constrói sob os novos valores que dele se desenvolvem ainda não estão, no entanto, bem delimitados pela historiografia.

Nosso estudo começa confrontando o problema de conceitos supra-históricos ou a-históricos uma vez que são pensados como fora do tempo-espço pelo sua carga de universalidade. Referimo-nos mais especificamente ao uso de termos ligados à noção guerra e de militar.

O estudo da violência nas sociedades humanas sempre esteve presente na historiografia e nos trabalhos de sociologia e etnografia. Aliás, o tema percorre todos os campos de análise social. Hobbes já afirmava que o homem era naturalmente violento visto que, em estado selvagem – leia-se sem o Estado – o homem vivia em uma guerra constante. A guerra, os militares e os conceitos a eles relacionados compreendem um campo de estudo assaz antigo nos domínios da História, tão antigo quanto a própria concepção do termo História se lembrarmos que o próprio Heródoto tinha por objeto principal de sua *investigação* a análise das causas da guerra entre o Império persa e a Grécia.

A guerra nas sociedades antigas ou modernas apresenta características diversas e os conceitos e fatos a ela ligados modificam-se de uma sociedade para outra. Nesse sentido, o conceito de guerra não é, de forma alguma, algo que se entenda por si mesmo. Em seu sentido metafórico pode ser usada amplamente e ser compreensível como nas expressões “guerra de palavras”, “guerra dos sexos”, etc. Mas, o que a torna de difícil tradução para outras sociedades é justamente o seu sentido específico. Se a guerra pode ser compreendida em sentido lato como um fenômeno humano, em análises específicas este conceito universal não é de muita ajuda. A guerra é um fato social que existe como uma das instituições das sociedades constituídas; é um fenômeno histórico e não parte da natureza humana. Pode ser analisado e descrito historicamente em suas mudanças e permanências, bem como em sua função social. Carrega consigo as características do momento histórico no qual se insere.

O conceito pressupõe uma especificidade histórica que deve ser sempre analisada em seu contexto. A própria utilização do vocábulo deve ser levada em conta. Diferentemente da maioria esmagadora de nosso vocabulário, a palavra

portuguesa *guerra* não se origina do latim, nem do grego. É consenso entre os etimólogos³ que guerra deriva do vocábulo *Werra*, de origem germânica, cuja língua era de limitada abrangência territorial no ocidente medieval, ou antes, no que os especialistas denominam latinidade⁴. Mesmo assim, este vocábulo foi substituindo, por volta do século XII a.C.⁵, os substantivos latino “*bellum*” e seu par grego “*polemos*” nas línguas neo-latinas. Embora não tenham desaparecido do vocabulário, estes termos ocuparam o espaço da adjetivação do substantivo guerra, no caso de *bellum* (belicoso, bélico, beligerante), ou de especificação de confronto no plano das idéias, no caso de *polemos* (polêmica, polemizar). Certamente, esta “escolha” de uma nova denominação indica uma melhor adequação do termo para um fenômeno social que se caracterizava como novo em relação aos termos clássicos.

Não deve ter passado despercebido o período no qual o termo *guerra* faz seu *début*: final da Idade Média, fase das transformações que culminaram na formação dos Estados Nacionais da Idade Moderna. Tanto *guerra* quanto *militar* dependem, em última instância, deste terceiro conceito que marca tão profundamente o mundo contemporâneo: o *Estado*. Este ‘conceito’ não apenas delimita como é, praticamente, a base sobre a qual os conceitos de militar e exército são definidos em nossa sociedade. É justamente sobre a concepção de Estado nacional que realizamos plenamente a noção de guerra moderna, que se constitui basicamente como um confronto armado entre as *nações*. Nesse ponto chegamos a definição clássica de Clausewitz⁶ sobre a guerra que marca de forma decisiva nossa compreensão moderna desta: “A guerra é uma simples continuação da política por outros meios”.⁷ Não se constitui como a única definição de guerra, mas apresenta, nesta simples afirmação, os elementos básicos de *interrelação* dos terrenos da política e da guerra que se misturam conformando esta em uma ação planificada daquela.

³ Cf. p. ex. o verbete *guerra* em CUNHA, A. G. da – Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2a. Edição e 5a. Reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. pg. 400.

⁴ Sobre este conceito e sua utilização cf. DUBY, Georges. *A Civilização Latina, dos tempos antigos ao mundo moderno*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1989, principalmente “Abertura”, pág 11-22.

⁵ Dicionário etimológico Houaiss

⁶ Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz, Burgos 1780-Breslau 1831. Autor da obra clássica, postumamente publicada, *Vom Kriege* (Da Guerra) que influenciou profundamente o pensamento militar contemporâneo.

⁷ CLAUSEWITZ, Carl Phillip Gottlieb von. *Da Guerra*, São Paulo: Martins Fontes, 2003, Livro I, 24, p.27.

Tal definição é, por si, extremamente complexa do ponto de vista da análise histórica, pois, integra em sua compreensão conceitos carregados de historicidade como as idéias de *Pátria* e *Nação*. Portanto, ao levarmos os termos ‘exército’ e ‘militar’ para uma análise de uma sociedade antiga devemos procurar a especificidade desta em sua organização sócio-política e ter em mente que a função guerreira aí assume formas que não necessariamente correspondem à nossa.

Partimos, no entanto, do presente, de nossa sociedade atual. No diálogo que fazemos com o passado sempre teremos como referência nossos conceitos e nossas idéias que o que nos leva ao perigoso, mas inevitável terreno das generalizações. Aqui vale lembrar as palavras de Finley:

Obviamente, não se pode exigir de nenhum historiador que esclareça cada termo, conceito, pressuposto ou inter-relação que emprega e muito menos que faça um estudo pessoal sistemático dos mesmos. Se ele o fizesse, nunca poderia realizar nada.⁸

O importante é estarmos consciente de tal limitação a fim de evitar generalizações excessivas perdendo assim, a especificidade do contexto histórico-social que está sendo analisado. Voltemos, portanto, a questão inicial da construção da imagem do guerreiro egípcio do Reino Novo que é identificado previamente nas análises históricas como militar.

I.1.2 – Guerra e função militar no Antigo Egito.

Partindo de uma pré-conceituação - *militares* - nos aproximamos do nosso objeto de estudo, a sociedade egípcia do Reino Novo, com a imposição de uma representação social que é nossa. Isto posto, a representação social que os próprios egípcios possuíam de seus integrantes não seria mais o elemento definidor. Conseqüentemente, procuraríamos a imagem social “feita à nossa imagem e semelhança”. No intuito de tentar minimizar o impacto dessa aproximação inicial e

⁸ FINLEY, Moses. “Generalizações em História Antiga” *In: Uso e Abuso da História*, São Paulo : Martins Fontes, 1989. P.72

desse pré-conceito escolhemos as fontes por serem registros de uma época de confronto não apenas físico, como também ideológico visto que os líderes de Tebas, fortalecidos no decorrer do Segundo Período Intermediário, iniciam o processo de *damnatio memoriae* dos estrangeiros hicsos a fim de legitimar a ascensão ao poder. Nesse momento a imagem do faraó guerreiro e de seus soldados é moldado no suporte ideológico do militarismo. É esta a estrutura que buscamos nas fontes para podermos definir através do próprio texto egípcio quais os valores e ações que identificam para a sociedade egípcia o guerreiro profissional.

Nossas fontes foram escolhidas tendo por base o recorte temático sobre ações militares e os efeitos sociais destas, mais particularmente sobre o impacto que tais ações tiveram no seio da sociedade egípcia. Este enfoque nos auxilia a delinear a idéia que a sociedade egípcia antiga do Reino Novo fazia da função militar e dos elementos sociais a ela relacionados. O contexto histórico acima indicado foi delimitado devido ao maior grau de atividades de cunho militar conforme ficou demonstrado. No entanto, a existência da função militar na sociedade egípcia pode ser percebida muito anteriormente a essa fase como uma das diversas funções dos integrantes desta sociedade sem se constituir como um elemento de diferenciação de base ocupacional, como se verá a seguir.

A função guerreira é, por exemplo, uma das principais características do Faraó como combatente maior do Egito. Em várias representações ele encarna esta imagem garantindo a ordem cósmica. Suas qualidades guerreiras formavam um tema constante nas representações pictóricas do antigo Egito. A concepção político-ideológica formou-se muito cedo. Quando se tem o início da unificação (por volta de 3.150 a.C.)⁹, esta já continha todos os seus principais elementos¹⁰ que no decorrer de sua história três vezes milenar se modificarão quanto a dominância e significação social. Nesta concepção política o Faraó é a própria encarnação do deus e concentra todas as funções responsáveis pela manutenção da ordem e pela integridade do Egito, concebido como o centro do mundo.

⁹ Todas as datas deste trabalho devem ser consideradas daqui em diante como anteriores a Cristo, salvo indicações em contrário.

¹⁰ CARDOSO, Ciro. *Antiguidade Oriental, política e religião*. SP : Contexto, 1990. p. 41. (Coleção Repensando a história geral)

Esses elementos político-ideológicos podem ser identificados de forma embrionária na surpreendente pintura parietal de 4,5m de comprimento por 1,5 de altura do túmulo 100 de Hieracômpolis¹¹ (datado do período de Nagada II - *circa* 3.300) que representa cenas de caça e outras atividades cotidianas, tendo por motivo principal uma série de seis barcos, dentre os quais destaca-se um pela cor mais escura e a proa elevada. O que aí chama a atenção são representações menores, espalhadas pelo mural, que se constituirão convencionais na representação do faraó ao longo da história egípcia, quais sejam, um homem brandindo uma clava perante leões (ao alto a esquerda), um guerreiro dominando um provável inimigo pendurando-o de ponta-cabeça e, à extrema esquerda inferior do mural, um homem segurando uma clava com uma mão e com a outra três prisioneiros, na clássica 'pose faraônica' de 'massacrar os inimigos'. Assim, na Paleta de Narmer (3.000), um dos objetos mais conhecidos do período pré-dinástico, vemos, em um dos lados deste documento, o faraó em escala maior que os demais e portando os símbolos do poder – a coroa e a hacha - na atitude de golpear os inimigos, simbolicamente representados como dominados por Hórus, o falcão sagrado, símbolo maior da realeza. Essa mesma pose triunfante pode ser encontrada na representação de todos os faraós posteriores. Da mesma forma, a atividade cultural do Faraó, sacerdote por excelência do Egito e único elemento da sociedade a quem era permitido dirigir-se diretamente aos deuses, destaca-se no decorrer da história egípcia.

Ora, sabemos que pelo fato de não poder estar em todos os templos egípcios ao mesmo tempo para as atividades de sacerdócio, o Faraó tinha nos sacerdotes egípcios comuns os seus representantes legítimos aos quais era permitido realizar o culto em seu nome¹². Certamente, a função guerreira e protetora exercida pelo Faraó também necessitava de seus representantes terrenos e isso desde o início de sua organização administrativa, cujo caráter centralizador já transparece sob suas primeiras dinastias.

Devemos também notar que essa função protetora do guerreiro faraó nada mais significa do que a atribuição de legitimidade social do uso da violência por parte

¹¹ Vide figura 1, p. 23.

¹² CARDOSO, C.F.S. *Deuses, múmias e Ziggurats. Uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.68.

do Estado egípcio, simbolizado no faraó. O faraó não apenas defende, ele também *mantém* a ordem social o que implica em uma imposição de normas e critérios que configuram esta ordem social por ele imposta sobre o contingente populacional do Egito Antigo. As representações do faraó guerreiro empunhando as armas e massacrando seus inimigos era feita para a leitura de seus pares antes de se constituir como aviso para seus opositores externos.

A função guerreira confundia-se, assim, com a própria natureza do Estado egípcio cujo símbolo maior era o faraó. Logo, somente na figura do faraó este aspecto era realçado como legitimador social. Ao longo da história egípcia verificava-se uma crescente complexificação do sistema burocrático-administrativo, ampliando os quadros funcionais do Estado. O poder absoluto do faraó do Reino Antigo, cujos complexos piramidais-templários são seu testemunho, aos poucos se dilui na esfera administrativa modificando os atributos dos diversos integrantes da classe dominante.

No Reino Novo a ampliação do setor dominante da sociedade egípcia correspondeu à ampliação do espaço territorial a ser administrado quando da formação do império. A função guerreira serviu de base para um novo grupo social que passou a se legitimar por sua especificidade ocupacional devido à formação de uma força militar mais ostensiva, o que demandava um contingente permanente de soldados e um aparelhamento do Estado que permitisse uma resposta rápida para as ações de cunho militar. Esta característica da sociedade egípcia no Reino Novo é que baseia a identificação por parte da historiografia da formação de um exército profissional permanente no Egito.

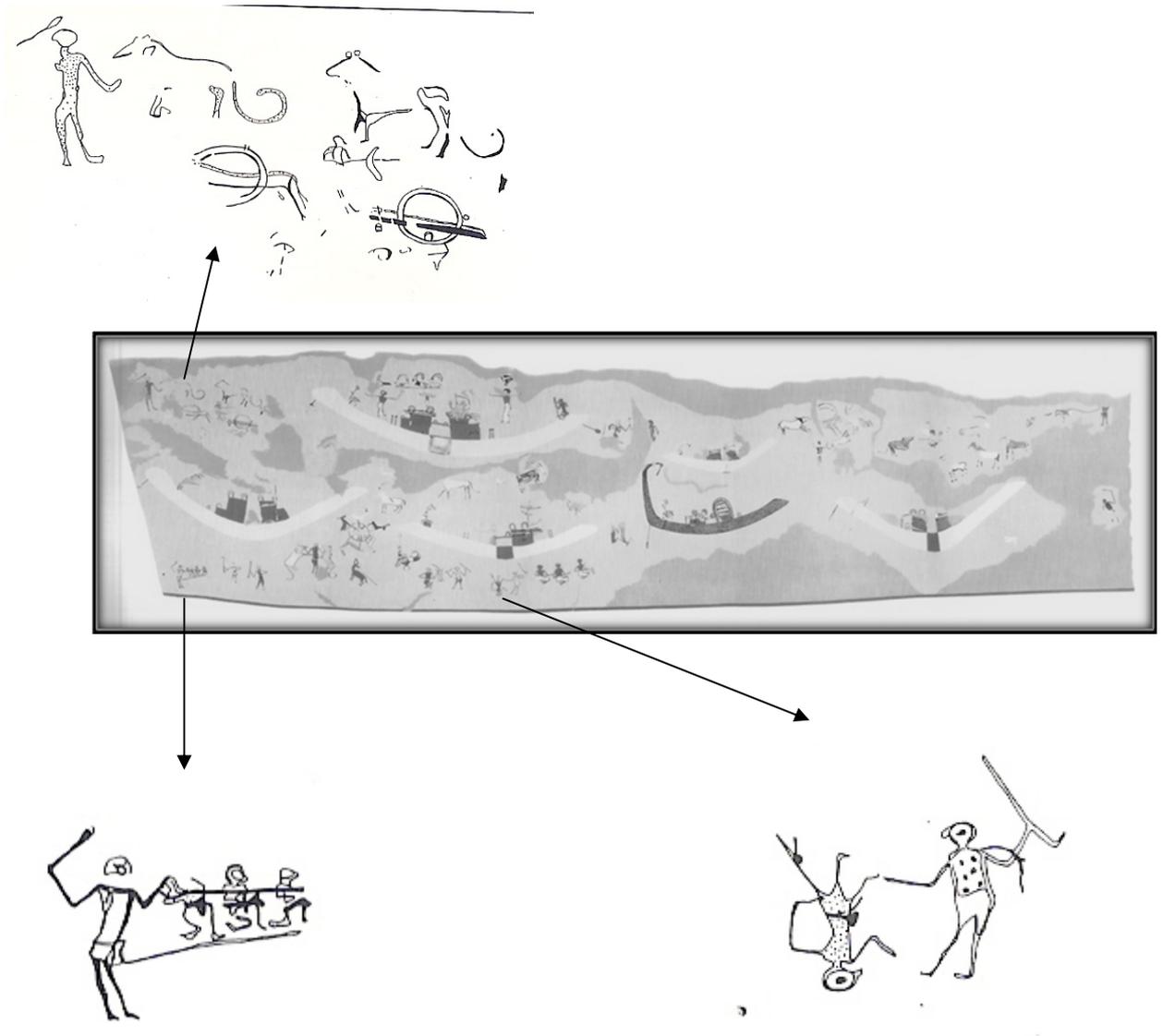


Figura 1 : pintura parietal encontrada no túmulo de número 100 em Hieracôpolis. Período pré-dinástico (Nagada II) cerca de 3.300 a.C. Imagem principal retirada de SCHULZ, R. e SEIDEL, M. *Egipto, o mundo dos faraós*. Colônia: Könemann, 2001.p.21, e detalhes de SPENCER, A.J. *Early Egypt: the rise of civilisation in the Nile Valley*. Norman: University of Oklahoma Press, p.36-37.

I.2 – CONTEXTO HISTÓRICO GERAL

I.2.1 - Do Fim Do Segundo Período Intermediário Ao Reino Novo

As três fontes aqui trabalhadas inserem-se no período do Reino Novo (1550-1069) que compreende 32 faraós distribuídos em três dinastias, quais sejam, XVIII, XIX e XX. O início desta fase da história egípcia é marcado na historiografia antiga e moderna pelo processo de reunificação política com a retomada do controle territorial após o período da chamada dominação estrangeira que foi o Segundo Período Intermediário (1650 – 1550) e o seu término com a dissolução do domínio egípcio sobre a Ásia ocidental, no corredor sírio-palestino, e a progressiva saída da Núbia de sob o tradicional controle egípcio. Mais exatamente, nossas fontes inserem-se no recorte temporal de 1550-1213, de acordo com as indicações dos faraós reinantes nos documentos estudados. Este período corresponde ao reinado de 17 faraós sendo o primeiro Ahmés I (Neb-pekhety-Rá 1550-1525), fundador da dinastia XVIII, e o último Ramsés II (User-Maat-Rá Setep-em-Rá), também denominado o Grande, de meados da XIX^a dinastia.

O Reino Novo é a fase mais conhecida da História egípcia representando o auge desta civilização em refinamento cultural e de riqueza material. É também o período para o qual dispomos de maior documentação, tanto em escrita quanto em vestígios materiais, portanto, de um maior número de informações sobre a vida social deste povo. São provenientes desta fase os nomes dos faraós mais conhecidos pelo grande público. Um dos destaques deste período é a já citada expansão territorial do domínio faraônico sobre as áreas imediatamente próximas à Ásia Menor, particularmente o corredor sírio-palestino, com uma breve incursão até as bordas do Eufrates¹³. Dada esta característica expansionista o período é também conhecido como a fase “imperialista” do antigo Egito, nomenclatura que convém especificar.

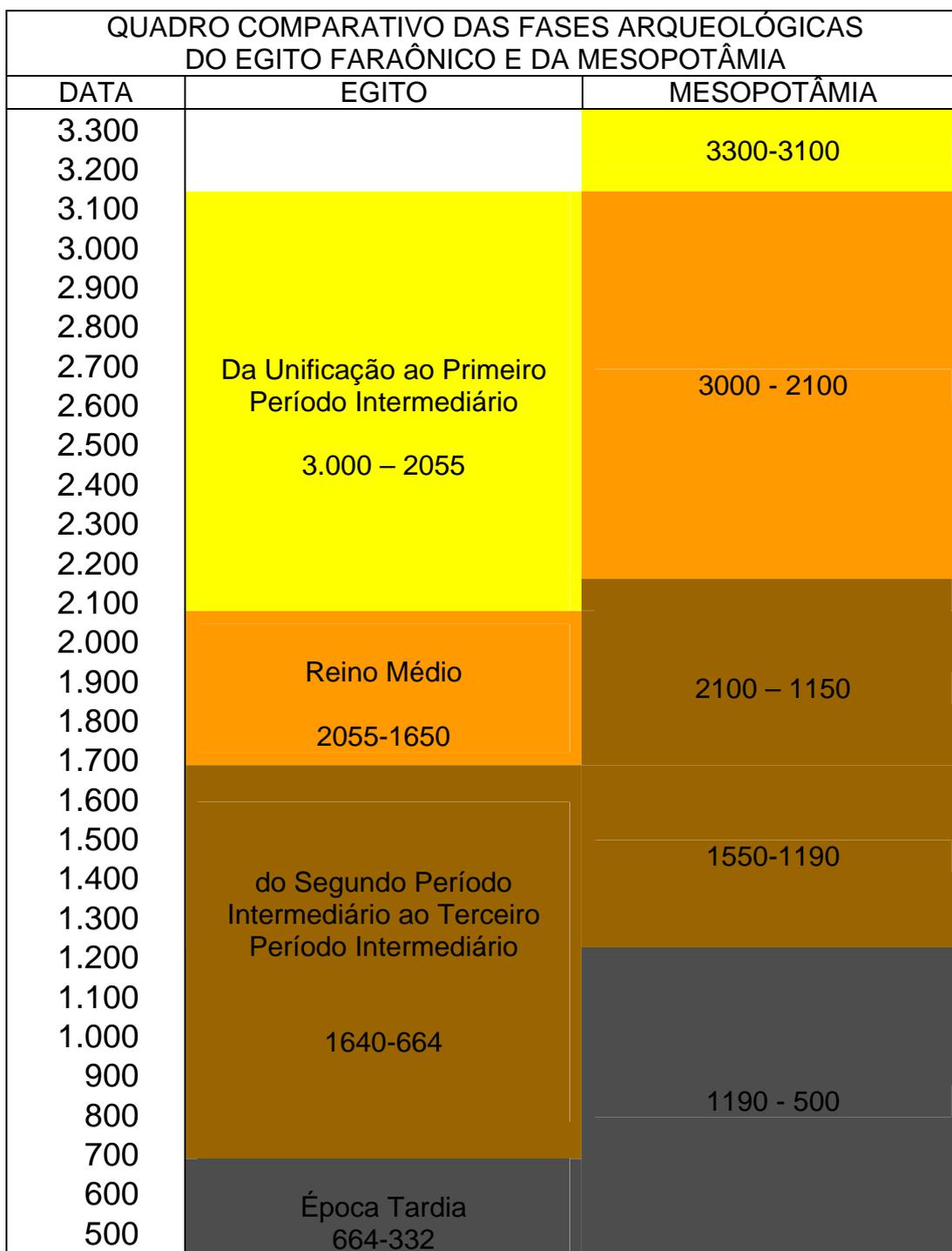
¹³ Tomamos como maior extensão do domínio egípcio no Reino Novo a fase de Tutmés III da XVIIIa dinastia do Reino Novo que incluía os atuais territórios da Líbia e o corredor Sírio-Palestino (Retjenu) incluindo a região do Sinai, bem como a Nubia até Kurgus (entre a 4a e 5a cataratas). Cf. *The Euphrates Campaign of Tuthmosis III* R. O. Faulkner *The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 32, (Dec., 1946), pp. 39-42

O termo *Império*, do nosso ponto de vista, remete à idéia de expansão territorial de uma entidade política estatal através da violência, materializada na força militar, com a conseqüente anexação de terras e subordinação de povos vizinhos como foi característico, por exemplo, nos casos assírio e persa. Barry Kemp¹⁴ demonstra em seus estudos que a denominação Império assenta-se bem no que se refere à dominação egípcia sobre a Núbia, região efetivamente ‘colonizada’ pelos egípcios nessa fase. No entanto, em relação ao corredor sírio-palestino, as relações político-administrativas são bem diversas e implicam mais em um equilíbrio de forças na região entre os diversos reinos do que uma inserção efetivamente imperialista por parte do Egito¹⁵. Portanto, o emprego do termo imperialismo ou imperialista neste estudo deve ser considerado sob este prisma específico e não com as conseqüências conceituais do uso do termo com o sentido moderno. O Reino Novo é marcado por grandes mudanças na sociedade egípcia dentre as quais se destacam inovações no sistema técnico e a abertura político-cultural de suas tradicionais fronteiras.

As mudanças relacionam-se diretamente à dominação estrangeira de origem asiática que marcou a fase histórica imediatamente anterior, o Segundo Período Intermediário. Acima de tudo, esta fase possibilitou ao Egito uma equiparação tecnológica com seus vizinhos asiáticos nunca antes conseguida (vide tabela de fases arqueológicas) que se prolongou até a chamada invasão dos “povos do mar”(por volta de 1.200), marco do início do uso do ferro na Oriente Próximo Asiático e da retração da influência egípcia nessa região.

¹⁴ KEMP, B. Imperialism and Empire in New Kingdom Egypt. In: GARNSEY, P.D.A. and WHITTAKER, C.R. *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge : Cambridge University Press, 1978

¹⁵ Quanto a esta área específica, a análise de Mario Liverani - LIVERANI, Mario. *Antico Oriente: Storia, Società, Economia*. Roma: Editori Laterza, 5ª ed., 2000. e no livro *International Relations in the Ancient Near East, 1600-1100 BC*. England : Palgrave, 2001- realça bem o mapa político ao referir-se a um equilíbrio regional de forças engendrando um contato mais estreito entre as regiões com a formação de uma rede de ‘relações inter-palaciais’, baseadas na noção de igualdade entre os diversos grupos dominantes da região.



Legenda:



FIGURA 2 : Dados retirados principalmente de CARDOSO, Ciro F.S. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. SP: Ática, 1986; e da obra de LIVERANI, Mario. *Antico Oriente: Storia, Società, economia*. Roma: Editori Laterza. 2000.

Politicamente, esta retração do poderio egípcio corresponde a ascensão da XX^a dinastia a qual, com a exceção do reinado de Ramsés III (User-maat-Ra Meriamon 1184-1153), foi marcada por uma decadência do poder central com a perda progressiva de domínio sobre a Palestina e a Núbia até a sua dissolução completa abrindo o caminho para a fase de descentralização que se denomina o Terceiro Período Intermediário (1069-664). O domínio hicsu no Egito ocorreu após a fase de conturbação política que marcou o fim do Reino Médio. Sobre este povo de origem asiática as informações são esparsas. A mais conhecida fonte proveniente da antiguidade é Maneton, sacerdote egípcio que viveu no século III a.C. e escreveu uma *História do Egito* em grego ‘koiné’ por volta do ano 295 a.C.¹⁶. A obra foi, infelizmente, perdida, mas temos acesso a parte dela principalmente por outros autores da Antiguidade como Flávio Josefo, Júlio Africano, Eusébio de Cesaréia e Jorge, o Monge, mais conhecido como Sincelo. É de Maneton a tradicional divisão dos faraós egípcios em dinastias que tem sido mantida pela egiptologia, mesmo se com algumas correções e adendos.

De acordo com o sacerdote, os hicsos invadiram violentamente o Egito seguindo-se destruições de templos e a escravização do povo egípcio (§§ 75-78¹⁷). Logo após um dos líderes invasores, por ele denominado Salitis, assumiu o trono e impôs pesados tributos ao povo. Este rei mandou reconstruir e fortificar a cidade de Avaris no Delta (a cidade egípcia de Hut-uaret  *hwt- w^crt*) que se constituiu como a capital do domínio hicsu. Maneton explica a origem do nome hicsos como “Reis Pastores”, etimologia, no entanto, errônea pois a palavra hicsu foi originada da forma grega da palavra egípcia heka-khasut  (*hk3w h3swt*) título dado aos invasores cuja tradução seria “Governantes das terras estrangeiras”. A tradução como reis pastores aproximava os hicsos dos povos nômades, talvez por Maneton tê-los associado aos hebreus¹⁸ como se infere de sua afirmação na qual

¹⁶ Sobre Maneton e sua obra cf. WADDELL, W. *Manetho. Aegyptiaca*, London: Loeb Classical, 1940 e HELCK, Hans Wolfgang. "Manethon (1)". In: ZIEGLER, Konrat (*et alii*) *Der kleine Pauly: Lexikon der Antiek, auf der Grundlage von Pauly's Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, München: Alfred Druckenmüller Verlag. 1975, Vol. 3, 952–953, bem como o excelente artigo de DILLERY, J. The first Egyptian Narrative history: Manetho and greek historiography. In: ZPE, Dr. Rudolf Habelt : Bonn, 1999, Band 127, pp.93-116.

¹⁷ Os parágrafos referem-se a obra de Maneton da coleção Loebli acima referida (WADDELL, 1940).

¹⁸ Sobre este tema cf. MORO, Caterina. L'identificazione tra Ebrei e Hyksos nelle fonti alessandrine, pp. 71-88. In: *Definirsi e Definire: Percezione, Rappresentazione e Ricostruzione Dell'identità* (Atti Del

ele indica que os “pastores” foram expulsos do Egito e se fixaram na região da Judéia, fundando a cidade de Jerusalém (§§89-90). A correção da etimologia é importante, pois, indica que os hicsos não se constituíram apenas por grupos nômades, como também por sedentários.

A invasão hicsa deve ser nuançada e o caráter de *violento* deve ser compreendido pela construção da memória em torno do primeiro domínio estrangeiro sobre o Egito. Maneton representa o ápice de uma tradição negativa egípcia sobre os hicsos, tradição esta que se inicia com o texto de Kamés, faraó tebano da XVIIª dinastia o qual empreendeu a luta contra os dominadores estrangeiros. Nesse texto ele afirma que o povo era “despojado pelos impostos dos asiáticos” e apresenta um quadro de sofrimento dos egípcios que permanecerá como base de memória desse período sob as dinastias seguintes como “época de destruição”, “quando os deuses nos abandonaram” e “quando não se vivia sob as ordens de Rá”. Pesquisas arqueológicas como as iniciadas por Petrie¹⁹ em Avaris, bem como as mais recentes de Bietak²⁰, e estudos diversos sobre o Oriente Próximo asiático que possibilitaram comparações de dados com os povos asiáticos e o Egito²¹ demonstram que a dominação dos hicsos foi muito mais resultado de uma infiltração do que de uma invasão militar. Liverani²² chama a atenção para os nomes dos reis estrangeiros que são constituídos, sobretudo, de características semíticas (amorreus) e hurritas. Para este autor as inovações tecnológicas dominadas pelos egípcios nesta fase e que possibilitaram a equiparação com os asiáticos demonstram muito mais uma difusão cultural do que uma migração em massa ou fruto de uma dominação violenta.

O domínio hicsa resultou não somente de uma desagregação política interna como também do aparato técnico superior dos asiáticos. Conforme indicamos anteriormente o Egito sempre esteve em defasagem no tocante ao domínio da metalurgia em relação aos seus vizinhos asiáticos. O domínio estrangeiro possibilitou uma maior troca cultural entre as duas áreas e trouxe para o Egito

³⁰ Incontro «Orientalisti», Roma, 23-25 Febbraio 2004), ROMA: Associazione Orientalisti, 2005. Disponibilizado pela internet. http://purl.org/net/orientalisti/atti_2004.htm

¹⁹ PETRIE, W. M. Flinders, *Hyksos and Israelite Cities*, London. 1906.

²⁰ BIETAK, M. F. K. *Avaris: the Capital of the Hyksos. Recent Excavations at Tell el-Dab'a*, London. 1996.

²¹ LIVERANI, Mario. *Antico Oriente: storia, società, economia*. Roma: Laterza, 2000.

²² *Idem*. pp.400.

inovações importantes. Do ponto de vista técnico é bem conhecido o aperfeiçoamento na área militar nesse período: o carro de guerra, o arco composto, a armadura, um escudo menor e mais leve e adagas mais práticas, bem como a espada em forma de cimitarra²³.

O período compreendido entre a virada da XVIIª para a XVIIIª dinastia foi marcado pela progressiva retomada do controle sobre o território egípcio com a conseqüente expulsão dos invasores hicsos para as fronteiras da Ásia Menor. A luta em si teve início nos últimos reinados da XVIIª dinastia tebana particularmente nos de Sequenrá Taá (c.1560) e de seu sucessor Kamés (Uadj-kheper-rá 1555-1550). Destes breves reinados originam-se os textos mais importantes para a compreensão da luta de libertação do Egito.

Sobre Sequenrá Taá o texto é conhecido como a *Querela de Apopi e Sequenrá*²⁴. É possível perceber neste pequeno conto a situação do Egito sob o domínio hicsos como demonstra o trecho inicial:

Ora aconteceu que o Egito estava na miséria e não existia um senhor (vida, força e saúde) como rei nesse tempo. Então aconteceu que o rei Sekenenré (vida, força e saúde) era o regente (vida, força e saúde) da cidade do Sul. Mas a miséria reinava na cidade dos Asiáticos, estando o príncipe Apopi (vida, força e saúde) na cidade de Auaris. Entretanto todo o país lhe fazia oferendas com tributos, e o Norte levava-lhe todos os bons produtos do Delta.²⁵

O Egito está dividido entre o governante hicsos, senhor das terras ao norte, e o representante de Tebas, dominando as terras ao sul. A situação de desordem é transmitida pelo escriba ao afirmar que não havia um faraó único neste tempo estando a autoridade dividida entre os estrangeiros e os reis tebanos. O domínio do rei hicsos era tido como legítimo uma vez que o seu nome é representado em cartucho real seguido da saudação característica para um faraó (vida, força e saúde) assim como o nome de Sequen-ré.

²³ Sobre as mudanças tecnológicas resultantes desta fase cf. SHAW, Ian. Egyptian, Hyksos and military technology: causes, effects or catalysts? In: SHORTLAND, A. *The Social context of technological change. Proceedings of a conference held at St Edmund Hall, Oxford 12-14 September 2000*. Oxford: Oxbow Books, 2000.

²⁴ Papiro Sallier I (British Museum 10185).

²⁵ Apopi e Sekenré In: ARAÚJO, Luís Manuel de. *Mitos e Lendas do Antigo Egito*. Lisboa: Livros e Livros. 2005.pp.191-194.

Não foi encontrado o final deste conto que nos relata uma possível contenda entre os dois governantes iniciada por Apepi (Aauserra, c. 1555) o qual manda uma mensagem a Sequenrá reclamando do barulho do tanque de hipopótamos que não o deixava dormir, numa clara intenção de iniciar um conflito com o sul já que as cidades eram distantes. Não sabemos se a luta resultante desta querela se realizou, mas a múmia de Sequenrá foi encontrada com o crânio esfacelado e com sinais de morte em combate²⁶.

Se houve combate entre os reinos, então, certamente os egípcios foram derrotados já que o sucessor de Sequenrá Taá, Kamés, ainda aparece submetido ao domínio dos asiáticos como vemos no início do texto de sua época que, em tese, relata o próprio discurso do faraó:

Sua Majestade falou em seu palácio ao Conselho dos notáveis de seu séquito:

- Que eu compreenda isto: para que serve o meu poder? **Há um chefe em Hutuaet, um outro em Kush. Eu permaneço associado a um asiático e a um núbio, cada homem possuindo a sua fatia do Egito, partilhando comigo o país!** A lealdade ao Egito não vai além dele (= não ultrapassa os domínios do rei hicsa Apepi) até Mênfis [que seja], já que ele está de posse de Khemenu. Nenhum homem tem repouso, despojado pelos impostos dos asiáticos. Mas eu lutarei contra ele, abrir-lhe-ei o ventre, pois meu desejo é libertar o Egito e golpear os asiáticos.²⁷

Neste documento a postura do governante egípcio é outra. O texto inicia-se com os cinco títulos atribuídos a um faraó legítimo além de referir-se ao rei hicsa sem as devidas saudações como no caso do texto de Sequenrá Taá e sem o cartucho real para proteger o nome do rei estrangeiro. Além destes dados, Kamés nega a autoridade de Apepi diretamente no trecho abaixo:

Teu discurso é mesquinho ao fazeres de mim um mero chefe e de ti um governante real,²⁸

Estes elementos textuais indicam uma situação de maior organização por parte dos egípcios ainda que o contexto inicial do discurso indique uma superioridade por parte dos hicsos, uma vez que os egípcios pagam tributos aos estrangeiros. A partir de Kamés, a luta contra os invasores tem realmente início. Seu

²⁶ SEELE, K.C. e STEINDORFF, G. *When Egypt Ruled the East*. Chicago: University of Chicago Press, 1991. pp.28-29.

²⁷ Segunda Estela de Karnak. Tradução gentilmente cedida pelo Professor Dr.Ciro F.S. Cardoso.

²⁸ *Idem*. Linhas 42-43.

curto reinado pode denotar que o faraó morreu em combate e o título de “rei bom” (*nsw mnḥ*) presente no texto referindo-se a Kamés reforça esta tese, pois é geralmente atribuído a um faraó morto. Ele não conseguiu retomar o poder por completo, mas, sua luta foi decisiva para o processo de retomada do controle do território egípcio. Um dos relatos mais significativos é o da tomada da capital hicsa, Avaris.

Eu atraquei em Perdjedquen, o coração feliz porque por minha causa Apepi conhecia um momento difícil: aquele chefe de Retenu de fracos braços que planejava em seu foro íntimo atos de bravura incapazes de acontecer para ele. Chegando a Inytnekhenet, eu atravessei em direção aos habitantes (lit. eles) para dirigir-lhes a palavra. Fiz então pôr em ordem a frota, um barco atrás do outro; fiz com que pusessem [cada] proa encostada a [cada] popa. Alguns de meus Bravos (= um corpo militar de elite) voaram sobre o rio. Como se fosse um falcão, o meu navio dourado os precedia; e eu os precedia como um falcão. Fiz com que o valente barco líder inspecionasse as terras ribeirinhas, seguindo-o “A próspera” (nome da frota?), como se se tratasse de crocodilos (?) arrancando plantas nos pântanos de Hutuaret.

Eu [já] vislumbrava as suas mulheres (= de Apepi), no topo de seu palácio, olhando de suas janelas em direção à margem, seus corpos imóveis, pois viam-me ao olhar por cima de seus narizes, no alto de suas muralhas, como filhotes cercados no interior de suas tocas. E eu dizia: - É um ataque! Eis que eu vim e terei êxito! O resto [do país] está comigo. Minha sorte é

afortunada. Como perdura o bravo Amon, não te darei trégua, não permitirei que pises os campos sem que eu caia sobre ti! Tua resolução falha, ó vil asiático! Eis que eu beberei do vinho de teu vinhedo, que será espremido para mim pelos asiáticos de meu butim. Eu arrasarei teu lugar de residência, cortarei tuas árvores depois de lançar tuas mulheres à carga dos barcos e me apossarei dos carros de guerra!

Não deixei uma prancha [sequer] nos trezentos barcos de pinho novo cheios de ouro, lápis-lazúli, prata, turquesas, incontáveis machados de bronze, sem contar o azeite de árvore, o incenso, o óleo de untar, suas diversas madeiras preciosas de todo tipo e todos os bons produtos do Retenu. Apoderei-me de tudo, não deixei coisa alguma: Hutuaret foi esvaziada!²⁹

Pelo relato das batalhas vemos que o porto de Avaris, sede do poder hicsa, foi saqueado. A descrição do butim de guerra indica a existência de artigos de origem asiática aos quais é dada uma grande importância pelo escriba, pois, este os descreve de forma minuciosa. Estes artigos indicam um fluxo comercial entre o Egito e a Ásia que será preservado pela expansão do poderio egípcio no corredor sírio-palestino. O conflito entre os hicsos e os egípcios, sob a direção da XVIIª dinastia de Tebas, continuou no reinado de Ahmés I, sucessor de Kamés e fundador da XVIIIª dinastia que abre o Reino Novo.

²⁹ Tradução gentilmente cedida pelo Professor Dr. Ciro F.S. Cardoso.

Ahmés I (Neb-pekhety-rá) continua e aprofunda a luta contra os hicsos expulsando-os definitivamente do Egito. De acordo com as fontes para este período - as biografias aqui trabalhadas – a expulsão dos hicsos não significou o total controle por parte dos tebanos sobre o território Egípcio. Os levantes internos e as várias lutas para controlar a região da Núbia demonstram uma constante tensão pelo menos sob os cinco primeiros faraós: Ahmés I, Amenhotep I, Tutmés I, Tutmés II e Tutmés III que englobam os anos de 1550 a 1425.

Dos nomes acima citados, o de Tutmés III (Men-Kheper-rá 1479-1425) destacou-se e ficou conhecido como o grande faraó guerreiro desta dinastia³⁰. Os primeiros vinte anos de seu reinado foram marcados por intensa atividade militar, documentada nos chamados *Anais de Tutmés III*³¹, inscrição constituída por excertos de seus diários de guerra. Sob seu cetro o domínio egípcio atingiu sua extensão máxima: desde as bordas do Eufrates, nos limites de Mitani (eternizados em estelas demarcatórias) no corredor sírio-palestino até a quarta catarata ao sul do Egito, na região da Núbia, na qual fundou a cidade de Napata, além da influência sentida nas ilhas do Egeu e nos longínquos oásis do deserto líbio, consolidando o império egípcio. As origens da expansão imperialista do Egito estão, como vimos, fortemente ligadas ao movimento de expulsão dos hicsos de seu território. A tomada da cidade de Sharuhen (atual Tell El-Fara) no sul da Palestina por Ahmés I pode ser considerada o marco inicial desse movimento expansionista e pode muito bem ser entendida como necessária para assegurar as fronteiras egípcias e evitar novos ataques.

Para a maioria dos autores citados neste estudo, o ponto de mudança na estrutura militar e política egípcia seria, como vimos, o domínio estrangeiro que despertaria nos egípcios a necessidade de um exército para igualar-se às ameaçadoras forças externas com o fim de evitar uma nova dominação externa. Ilustrativa desta tendência é a análise de Jan Assmann³².

Para Assmann e os adeptos de uma análise culturalista, a história do Egito pode ser compreendida do ponto de vista das mudanças de visão de mundo

³⁰ Sobre a personalidade guerreira de Tutmés III, cf. SCHNEIDER, T. *Lexikon der Pharaonen*. Zürich : Artemis & Winkler, 1997, pp.291-296

³¹ Inscrição encontrada nas paredes norte e oeste do entorno da câmara central do grande templo de Amon-Rá em Karnak, constituída por 225 linhas de texto.

³² ASSMANN, Jan. *Ägypten, eine Sinngeschichte*. München: Fischer, 2000.

baseadas em pontos críticos de resposta à novos enfrentamentos sociais. Assim, o Egito teve, ao longo de sua história, momentos de viragem marcados por acontecimentos cruciais. A guerra de liberação contra o domínio hicsu marcou a política do Reino Novo, da mesma forma que a anarquia do Primeiro Período Intermediário determinou a política do Reino Médio; neste último, o caos construiu a idéia de Maat (*Mḥt* ) como articuladora da justiça e da solidariedade vertical e toda uma organização cultural se realizou em detrimento dessa idéia de caos anterior. No Reino Novo, a experiência da guerra contra o estrangeiro trouxe a idéia de ameaça externa que ampliou a visão egípcia do mundo. Nos períodos anteriores esta visão se baseava na concepção egípcia de forças caóticas (ligadas ao deus do caos, Seth) e de forças organizadoras (ligadas a Hórus, legitimador da ordem faraônica) que explicavam o mundo egípcio fechado em si mesmo sujeito a períodos de organização (centralização) e desorganização (descentralização). A leitura da expulsão dos hicsos a luz do mito de Hórus e Seth no Reino Novo se dá sob uma nova base e liga o processo de liberação ao sentido de fundação do Estado egípcio mesmo, mas, desta vez, o mundo exterior é incorporado ao mundo egípcio. A conversão de Seth como deus dos estrangeiros significou não o seu banimento do Egito, mas sim, a incorporação do estrangeiro ao universo egípcio. O mundo externo não se constituiu mais como lugar do caos e sim como local passível de controle e, portanto, destinado a dominação pelo faraó, representante das forças de organização universal. O Egito passou a apresentar uma política expansiva agressiva e de fundo religioso³³.

Seguindo o seu raciocínio, o autor afirma que os reis do Reino Novo inspiraram-se nos reis da 12^a dinastia, mas, no caso desse período a relação com o momento crítico, o Segundo Período Intermediário, é de continuidade de transmissão cultural, em oposição ao corte cultural entre o Primeiro Período Intermediário e o Reino Médio. A mudança marcante, do ponto de vista cultural, se dará somente no período de Amarna (1352-1336) completando-se no período raméssida inicial (*circa* 1186). Sob esta dinastia, Seth passou a ser visto como deus guerreiro implementando uma concepção militar-aristocrática no período.

³³ *Idem, ibidem.* pp. 225-231.

Com base nessa nova semântica desenvolvem-se no Egito do Reino Novo um militarismo e um imperialismo nunca antes vivenciados. O rei como vitorioso líder militar domina as representações monumentais e a expansão das fronteiras torna-se o objetivo máximo da política. A liderança da guerra se dá sob o cetro de Amon, deus dinástico. A fundamentação religiosa das ações militares intensifica-se ao longo do Reino Novo e a concepção da história afirma-se como um plano divino (*Geschichtstheologie*), com uma ligação institucional de base. Segundo o autor, a guerra era financiada pelos templos e o botim acumulado no tesouro destes mesmos templos³⁴. Assim, o período é marcado por duas funções sociais principais: a função militar e a religiosa ou sacerdotal. No Reino Novo a predominância de um sobre o outro é difícil de definir, mas, o que caracterizaria o Terceiro Período Intermediário seria, justamente, a luta entre sacerdotes e militares.

A base explicativa da argumentação do autor em questão, bem como de toda linha de pensamento histórico a ele ligado, reside no que ele denomina de *Theologie des Willens*, ou seja, uma teologia da vontade. Até que ponto, no entanto, toda essa transformação ideológica representou, de fato, uma ruptura radical com o modo anterior de organização social?

Partimos do pressuposto de que toda mudança em uma estrutura social seja conseqüência de condições materiais históricas específicas que fazem parte do complexo processo histórico de uma civilização o qual nunca pode ser pensado monocausalmente. Desse ponto de vista a inserção de uma lógica militar e expansionista é conseqüência não apenas da traumática dominação estrangeira, mas também da mudança sócio-econômica específica daquele momento na sociedade egípcia que permitiu o desenvolvimento material e cultural necessário para tal empreendimento. Vale lembrar aqui a posição do teórico especialista em temas militares, Friedrich Engels, que já afirmava:

[...]a violência não é um simples ato de vontade, supõe, pelo contrário, condições prévias muito reais para que possa manifestar-se, ou sejam *certos instrumentos*, dos quais o mais perfeito domina o menos perfeito; supõe também que esses instrumentos têm de ser produzidos, o que significa que o produtor dos instrumentos de violência mais perfeitos, ou seja das armas, triunfa sobre o produtor dos instrumentos menos perfeitos. Numa palavra, o triunfo da violência baseia-se na produção das armas, e

³⁴ *Idem, ibidem*, pp. 230.

esta produção, por sua vez, baseia-se na produção em geral e, portanto, no 'poder econômico', na 'situação econômica', nos meios *materiais* que estão à disposição da violência.³⁵

Entendemos assim que a mudança na estrutura interna da sociedade egípcia não foi realizada de fora para dentro, ou seja, apenas como resultado de uma invasão estrangeira que impulsionou, por medo de uma nova invasão, a reestruturação social a ponto de estabelecer um novo grupo social, os militares e toda a nova estrutura político-social que este grupo engendra. A análise de Ian Shaw resume bem esta perspectiva teórica:

“... o processo de inovação – ou o processo de adoção de uma nova tecnologia – é invariavelmente muito mais complicado, envolvendo não só meramente a aquisição de ‘pacotes’ tecnológicos ou invenções mas, também, em cada caso a emergência de um conjunto simpatético de condições sociais e econômicas.”³⁶

Conforme ficou demonstrado, o Reino Novo foi um período marcado por uma forte aproximação com o Oriente Próximo Asiático, não apenas pelo viés diplomático como também de troca cultural e comercial. O comércio realizado pelos invasores hicsos do período imediatamente anterior foi mantido e ampliado pelos faraós do Reino Novo. De forma paralela as inovações tecnológicas já mencionadas no início do texto significaram não apenas a compra de novos produtos como também uma transferência de tecnologia, possibilitando aos egípcios uma apropriação e desenvolvimento das técnicas de forma adaptada a sua estrutura social, ou seja, todas estas inovações certamente resultaram de um aperfeiçoamento técnico geral da sociedade egípcia, constituindo-se como conseqüências e não como causas.

A própria expansão egípcia teve seus limites estabelecidos pelo contexto tecnológico interno bem como pelo contexto externo. As áreas ocupadas pelo Egito na sua fase expansionista eram marcadas pela existência de pequenas cidades-estados e não por grandes estados territoriais ou reinos de grande porte. A expansão também se ateve a áreas próximas a locais que serviriam de base. Sharuhén, a primeira cidade a ser tomada não ficava muito longe do Delta egípcio.

³⁵ ENGELS, Friedrich – *Temas militares*. Lisboa : Editorial Estampa . 1976. p.33.grifo meu

³⁶ SHAW, Ian. *Op. cit.* , 2000, p. 60.

Qualquer aventura em outras áreas pressupunha uma boa retaguarda: comida, água, suprimento de armas e homens. Todas estas condições limitavam a expansão a áreas próximas ao Egito. A ascensão dos grandes impérios do ferro e o atraso tecnológico do Egito em relação a este metal foi uma dos aspectos de peso na retração do poderio egípcio sobre a Ásia Menor. Outro fator importante foi a desorganização interna que levou ao fim do Reino Novo abrindo o caminho para o Terceiro Período Intermediário.

I.2.2 - O Reino Novo e a estrutura militar: complexificação e Profissionalização

I.2.2.1 – A Estrutura Militar Egípcia antes do Reino Novo.

Como o objetivo do trabalho consiste em demonstrar a especialização da estrutura militar egípcia no Reino Novo, assim como identificar a ideologia que gerou novos valores sociais tendo por base os feitos militares na distinção de novos grupos sociais, torna-se necessária uma análise comparativa da estrutura militar deste período com as fases que o antecederam.

As representações no túmulo 100 de Hierakômpolis (vide fig.) e diversas outras representações sob as primeiras dinastias demonstram a constância do tema guerreiro na instituição do Estado faraônico favorecendo uma interpretação sobre a origem deste como decorrente de conflitos armados entre as populações ribeirinhas ao longo do Nilo³⁷. Não nos atendo a um único fator causal para a origem de uma estrutura complexa como foi o Estado egípcio, parece-nos que o conflito e o domínio com base no uso da violência foram essenciais para a estruturação deste

³⁷ Sobre o tema da guerra como elemento básico para a formação do Estado a tese de Robert Leonard Carneiro conhecida como "Environmental Circumscription Theory" (CARNEIRO, R. L. 1970. A Theory of the Origin of the State. *Science* 169: 733–738) influenciou todo um debate em torno da questão da relação entre a guerra e os recursos naturais disponíveis pelas populações envolvidas. Segundo o autor, grupos que lutavam em locais de pouca disponibilidade de terras eram favorecidos quando de suas vitórias pelo domínio sobre os demais grupos vencidos uma vez que estes eram obrigados a permanecer no local sob o a autoridade dos vencedores o que resultaria na formação do Estado organizado. No caso egípcio a falta de terras é questionável mas a presença do conflito é determinante. Sobre esta discussão Cf. CLAESSEN, H. J. M., and SKALNÍK, P. (eds.), *The Early State* (pp. 533–596). The Hague: Mouton.1978 e HOFFMANN, Michael. *Egypt Before the Pharaohs: The Prehistoric Foundations of Egyptian Civilization*. Londres: Routledge & Kegan, 1980.

permanecendo a figura do faraó guerreiro como uma de suas representações mais constante ao longo da história egípcia.

O ato de guerrear, contínua ou esporadicamente, e a presença da figura guerreira não implicam necessariamente em formação militar específica. As forças armadas institucionalmente criadas pressupõem profissionalização que significa na prática a dedicação a uma única atividade, o preparar-se para a guerra, seja ela de origem interna ou externa. Esta por sua vez, pode ou não ocorrer, sem com isso descaracterizar a instituição militar e sua função a qual se mantém na e pela sociedade. Tendo por base estes pressupostos, podemos identificar e distinguir a função guerreira de um camponês, quando da necessidade de proteção de seu território, da função guerreira do profissional de um exército, distinção básica, mas fundamental para o estudo que aqui se propõe.

Uma análise da estrutura militar no Egito antigo, assim como das demais estruturas sociais, apresenta uma dificuldade característica, a falsa imagem de continuidade formada por uma lista de governantes conhecidos que abrange todos os períodos de sua história. Afora estes dados, as lacunas de documentação são, em geral, a regra. A natureza dos documentos também limita em muito as investigações. Em sua grande maioria, os eles provêm da esfera administrativa com pouca ênfase em aspectos sociais específicos como a estrutura familiar e comunal que seriam de grande relevância para a compreensão das lógicas sociais de parentesco e de organização política primária sobre as quais, certamente foram sobrepostas pelas lógicas político-administrativas do Estado.

A escrita geradora de documentos era utilizada inicialmente para fins específicos de controle burocrático. As principais fontes da primeira fase da história egípcia constituem-se por textos de caráter religioso como o *Texto das Pirâmides* e um pequeno número de inscrições funerárias provenientes dos túmulos do reduzido grupo de funcionários ligados a administração central³⁸. Dentre os dados que são possíveis de se retirar destas fontes, o trabalho de levantamento dos títulos dos funcionários é utilizado como um indicador para a compreensão da hierarquia administrativa desta fase.

³⁸ LOPRIENO, A. *Ancient Egyptian: a linguistic Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press. 1995. p.5.

No plano administrativo central havia a figura do faraó e todo o círculo da corte que compreendia as famílias reconhecidas como nobres. Um cargo diretamente ligado ao do faraó era o denominado Vizir, exercido também por um integrante da nobreza. Neste grupo residia o cerne da política faraônica visto que o cargo central era exercido necessariamente por um de seus integrantes. O sustento da corte era garantido pela legitimação do faraó como supremo proprietário do solo egípcio, assim, os recursos agrícolas eram a base de sua riqueza. As terras eram possuídas e administradas diretamente pela coroa ou indiretamente através da dotação de grandes parcelas aos templos³⁹ e ainda por poucas parcelas nas mãos de particulares. Todas as instituições rendiam tributo ao palácio conformando a característica rede redistributiva do Estado egípcio. O centro do controle era exercido por nobres aos quais eram atribuídos títulos que os identificavam como superiores hierárquicos (grande Chefe do Tesouro, Escriba real) frente a um grande número de funcionários menores formados dentro um grupo social diretamente dependentes da estrutura estatal e que se diferenciavam da massa da população camponesa⁴⁰.

Uma segunda grande área do controle administrativo residia na atribuição da norma social mantenedora, a qual identificamos como lei e justiça, também tendo o faraó como referência central. Esta parte da administração também era controlada pelos integrantes da corte. Não havia uma divisão entre o judiciário e o administrativo, logo, muitos responsáveis por esta área também agiam no primeiro setor acima citado. Geralmente, os títulos deste grupo contém uma referência a deusa Maat que personificava a justiça-verdade e era a base da ética jurídico-religiosa do Egito antigo⁴¹.

Os títulos atribuídos a funcionários servem como identificadores das diversas funções exercidas pelos mesmos. O problema do título engloba o problema da tradução das fontes. Muitos dos títulos egípcios não tem para nós nenhum sentido possível por falta de maiores informações sobre o cargo em si, já que, para a sociedade que o emprega, o título descarta a explicação de sua função; sua

³⁹ *Idem*, p.89 ff. Cf. Também MALEK, J. The Old Kingdom. In: SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press.2003.

⁴⁰ TRIGGER. B. *Early Civilizations: Ancient Egypt in context*. CAIRO: The American University in Cairo Press. 1995. P.64,ff.

⁴¹ KEMP. B. *Op.cit.* p. 83.

tradução é, assim, sempre arbitrária. É difícil identificar e delimitar as diversas funções e o alcance e área de atuação de um título como os que procuramos para identificar as funções militares, por exemplo, pois eles se esvaecem no meio social com a atribuição de vários sentidos funcionais ao seu vocábulo perdendo assim, para nós, sua nitidez. Nessa sociedade a divisão tanto das tarefas, quanto dos órgãos administrativos, não ocorre de forma explícita⁴². É o que podemos observar na enumeração dos títulos de um funcionário da sexta dinastia de nome Uni  cuja biografia nos é bem conhecida e famosa pelo relato de uma campanha de cunho militar. Eis como são apresentados seus títulos inicialmente:

O nobre, Governador do Alto Egito, Chanceler real, Administrador de Nekhen, Prefeito de Nekheb, Único Companheiro...Uni⁴³

A divisão entre as diversas áreas da sociedade, como Administração, Religião e Economia apresenta-se de uma maneira geral, frouxa, não havendo fronteiras nítidas de separação entre si, sendo mesmo comum a interação das diversas instâncias da sociedade e de diversas funções num mesmo indivíduo. Nossa compreensão sobre a estrutura administrativa como já observamos depende em muito de uma interpretação destes títulos⁴⁴. Ainda tendo a biografia de Uni como exemplo, podemos ver no trecho abaixo a falta de especialização funcional na descrição de sua carreira na corte:

Uni, ele diz: Quando ainda portava a trança da juventude sob a majestade de Teti, meu cargo era o de Guardião do Depósito. Então tornei-me Inspetor dos arrendatários do Palácio...Quando fui indicado para Inspetor do Guarda-Roupa sob a Majestade de Pepi, sua Majestade favoreceu-me com posto de Companheiro e Inspetor da cidade de sua Pirâmide.⁴⁵

Uni perpassou diversos setores da administração faraônica sem apresentar qualquer inconveniente entre o exercício de uma ou outra função, mesmo quando assumiu o cargo tão importante quanto o de 'Inspetor da cidade da Pirâmide' do faraó. O complexo piramidal se constituía como um dos centros da organização econômica no Antigo Egito e o trabalho de administração nesta área era um dos de

⁴² Cf. TRIGGER, Bruce. *Op. cit.*, 1995. principalmente páginas 46-48.

⁴³ BREASTED, James H. *Ancient Records of Egypt*. 5 volumes; republished by LTD: London, 1988 Part I, §§ 293ff. livre tradução.

⁴⁴ KEMP, B. From Old Kingdom to Second Intermediate Period. In: TRIGGER, B. (org.). *Ancient Egypt, a social History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p.80.

⁴⁵ BREASTED, *Op.cit.idem. livre tradução*

maior destaque na hierarquia egípcia. Muitos recursos eram direcionados para a organização da Pirâmide Real conformando toda uma lógica econômica que ultrapassa em muito a simples visão moderna de ‘obra de fé’⁴⁶.

Uni também é conhecido como ‘General’, título assim traduzido pela historiografia moderna, visto que foi indicado como o organizador de uma campanha militar de grande porte. Esta tradução para o título reflete uma especificidade de função que não pode ser vista no seu original em egípcio. Em verdade Uni é identificado como aquele que está à frente do exército organizado pelo faraó apenas quando de sua nomeação para recrutar forças egípcias contra um ataque de beduínos asiáticos. É uma de suas funções como administrador.

Sua majestade atacou os asiáticos do deserto (beduínos) e sua majestade formou um exército de muitas dezenas de mil homens. (...)



h3b wi hm.f hr-h3t mšc pn

Sua majestade me colocou à cabeça (lit. o que está na frente) de seu exército...⁴⁷

Antes de tudo Uni é um alto funcionário da organização faraônica com títulos que lhe conferem um grande poder, incluindo o de “único companheiro real” e de governador do alto Egito. Sua biografia possui um grande valor informativo sobre a organização e utilização das tropas neste período da história egípcia, tão escasso em fontes para nosso tema. É claro que, como qualquer escrito histórico, a fonte não deve ser tomada como um documento em si; é preciso atentar para a diferença entre os textos que narram fatos reais (ou históricos no nosso sentido) daqueles que enumeram feitos dignos de nota ou exaltados pela sociedade. O texto de Uni não é

⁴⁶Sobre a importância e o peso das construções das gigantescas pirâmides do Reino Antigo cf. KEMP, B. *Op.cit.*86-87, cuja discussão aponta as diversas implicações econômicas destas, de tal forma que o autor afirma ser esta “indústria” como essencial para o crescimento e a continuidade da civilização faraônica.

⁴⁷ SETHE, K. *Urkunden des ägyptischen Altertums*. Leipzig: J.C.Hinrichs'sche Buchhandlung, 1926 Urk.I, 98-110.

escrito militar *stricto sensu* e nem poderia sê-lo na medida em que não há uma denominação egípcia para os escritos militares.⁴⁸

As principais informações sobre ações de caráter militar deste documento dizem respeito ao vocabulário. Por ele temos contato com os termos que indicam uma função militar como *mesha* (em egípcio *mšc* ) , que possui uma grande variedade de significados além do de “tropa” ou “exército” - entendido aqui como o contingente de homens recrutados para uma expedição guerreira. A utilização deste mesmo vocábulo para expedições comerciais em outros documentos do mesmo período traduz a compreensão de que esta organização de caráter coletivo era utilizada tanto para trabalhos “civis” quanto militares⁴⁹. O ideograma ou determinativo da palavra utilizado para este grupamento consiste em um arqueiro () , elemento guerreiro básico nos conflitos e nas missões de maior envergadura que necessitavam de proteção armada como as expedições de caráter mercantil em longas distâncias ou nos campos de trabalhos como as pedreiras. O arco simboliza o confronto, sendo a expressão “os nove arcos”, a denominação tradicional para a identificação dos inimigos do Egito⁵⁰. A pena na cabeça também é um dos símbolos rituais para o confronto.⁵¹

O documento nos permite deduzir que Uni organizou o exército em dois grandes flancos, subindo paralelamente o corredor palestino (um por terra e outro por mar). A enumeração dos títulos dos diversos líderes que o auxiliam na organização das tropas nos demonstram que o exército era composto por vários grupos liderados por personagens da corte. Vemos também a presença de um bom

⁴⁸ A nomenclatura de Hermann de *Königsnovelle* como um gênero literário, onde a coragem do rei é descrita como o elemento básico que conforma os textos (cf. HERMANN, Alfred. *Die ägyptische Königsnovelle*. Glückstadt, New York : J. J. Augustin, 1938), já foi designada como escritos militares mas é atualmente encarada mais como um tema de determinados escritos da época faraônica para retratar o mito do poder divino do faraó do que propriamente um gênero literário. Anthony Spalinger propõe uma classificação com base na função comum de um determinado grupo de textos tendo por base a descrição do *nekhetu* (*nhtw*, feitos ou bravura real) que pode ser aceita apenas para o período do Reino Novo (cf. SPALINGER, Anthony, *Aspects of the Military Documents of the Ancient Egyptians*. New Haven: Yale University Press, 1982.)

⁴⁹ Para uma análise das diversas utilizações do termo cf. SCHULMAN, Alan R. – *Military Rank, title and organization in the Egyptian New Kingdom*. Berlin : Bruno Hessling, 1964. II, §§1-8.

⁵⁰ Cf. VALBELLE, Dominique. *Les neuf arcs l'Égyptien et les étrangers de la préhistoire à la conquête d'Alexandre*. Paris: A. Colin, 1990

⁵¹ BETRO, Maria Carmela. *Heilige Zeichen. Das Land der Pharaonen im Spiegel seiner Schrift*. Bergisch Gladbach: Gustav Lübbe Verlag, 1996.

número de estrangeiros de origem núbia arrolados no texto: *Iritiet, Medjai, lam, Uauat e Kaau*.

Uni nos conferiu também o que parece ser uma dos mais antigos poemas da literatura egípcia que pode ser apresentado como um cântico de vitória, o qual narra o retorno das tropas egípcias entremeando as ações realizadas com a frase “Este exército retornou em segurança”, repetida como uma espécie de refrão.

Este exército retornou em segurança
após arrasar as terras dos povos da areia;
Este exército retornou em segurança
Após aplinar as terras dos povos da areia;
Este exército retornou em segurança
Após saquear suas fortalezas;
Este exército retornou em segurança
Após derrubar suas figueiras e vinhas;
Este exército retornou em segurança
Após incendiar suas casas;
Este exército retornou em segurança
Após bater suas tropas de dez mil homens;
Este exército retornou em segurança
Trazendo uma multidão de cativos.⁵²

Uni relata também uma reorganização das tropas de forma a debelar qualquer indisciplina quanto aos saques e pilhagens. Infelizmente a fonte não fornece nenhum dado específico sobre a forma de recrutamento de manutenção deste corpo de soldados. Todos os termos utilizados para as funções militares são polissêmicos, o que indica que não havia uma organização especificamente militar nos quadros ocupacionais aí relatados.

De uma forma geral, para o Reino Antigo, parece não ter havido conflitos com o exterior em número suficiente que gerasse uma série documental significativa sobre o tema por parte da administração central egípcia. Muito pouco pode ser inferido no tocante ao recrutamento e a vida militar. A conclusão dos historiadores para esta fase é de ausência de uma estrutura militar e a existência apenas de grupos armados delimitados como uma espécie de guarda pessoal do Faraó ou tropas de pequeno porte submetidas a este ou aos nomarcas, governadores dos *nomos*. A exceção a esta posição é a de Raymond Faulkner no seu artigo de 1953⁵³, no qual afirma que o argumento da ausência das fontes seja uma conclusão

⁵² SETHE, K. *Op. cit.* Urk.I, 98-110

⁵³ FAULKNER, Raymond. “Egyptian Military Organization”, JEA 39, 32-47. London:1953

perigosa para negar elementos da sociedade egípcia e defende não uma ausência de uma estrutura militar, mas sim a possível existência de uma estrutura mínima.

Assume-se, usualmente, que não há um exército permanente durante o Império Antigo, e é verdade de que não evidência de sua existência, mas é difícil acreditar que não haja nada do tipo; a pobreza do material encontrado em comparação com o que deve ter um dia existido, torna o argumento *ex-silentio* perigoso.⁵⁴

No entanto, pelos documentos disponíveis sobre este tema específico, não nos é possível identificar esta estrutura mínima de forma acabada. O que transparece é a falta da especialização dos funcionários para o exercício de funções de caráter militar. Wolfgang Helck⁵⁵ arrola alguns títulos para este período que indicam funções civis e as possíveis funções militares, como pode ser visto no quadro abaixo:

TÍTULO EGÍPCIO	TRADUÇÃO APROXIMADA
<i>sd3wti ntr imi-r m^cs</i>	Chefe de Expedição / General
<i>3pri-wi3 imi-irti imi-r3 š</i>	Supervisor das Pedreiras / Capitão (marinha)
<i>Imi-r3 sšw</i>	Chefe dos Escribas
<i>Imi-irti imi-r3 33w</i>	Supervisor das tropas estrangeiras/ Oficial da Marinha
<i>Wi3i imi-irti imi-r3 srw</i>	Oficial Marinha / Supervisor dos funcionários
<i>s3b sš</i>	Escriba
<i>hpr 3pr nfrw</i>	líder dos marujos

Essencialmente podemos identificar algumas forças de combate e segurança como grupos de homens armados que constituíam o que hoje denominamos por infantaria. A utilização de cavalos nos carros de guerra só será empreendida parcialmente a partir do Segundo Período Intermediário e plenamente somente no Reino Novo.

O que podemos identificar na biografia de Uni como força naval não poder ser pensada em separado como nas organizações militares atuais. O Estado egípcio se formou com base em guerras entre as diversas regiões ao longo do Nilo. O

⁵⁴ *Idem, ibidem*, p.33.

⁵⁵ HELCK, W. Militär. In: : *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz : Wiesbaden, 1980. 128-134.

deslocamento pelo rio seria um caminho natural e altamente seguro e conhecido desde os tempos mais antigos. Os títulos ligados a força naval indicam uma possível utilização como transporte de tropas nos períodos de guerra e de transporte de trabalhadores nos de paz.

Uma das mais antigas representações de soldados egípcios encontrada, data do fim do Primeiro Período Intermediário ou início do Reino Médio. Trata-se de um conjunto em miniatura proveniente da tumba de Meseheti, um nobre da região de Assiut, que representam arqueiros e um conjunto de homens portando lanças e escudos. Apresentam-se divididos em dois grupos de 40 homens cada; um grupo que, pelas características apresentadas tais como a cor da pele em negro, os arcos e flechas e a estatura mais baixa, representa os arqueiros do Medjai, núbios, que comprovam o emprego destes como força complementar pelos egípcios desde muito cedo; o outro grupo representa um pelotão cujas características nos permitem identificá-los como egípcios. A diferença entre os grupos é nítida, inclusive a altura dos egípcios que os distingue dos núbios representados em tamanho menor. Mesmo que a representação possa indicar o uso formal das imagens entre os grupos - como a do tamanho diferenciado entre nobres egípcios e seus subordinados onde estes são sempre menores do que aqueles - a representação dos homens em quatro filas de dez e divididos entre arqueiros e lanceiros indica uma organização de tipo militar.

Representações de soldados datando deste mesmo período foram identificados por Jacques Vandier em uma série de estelas tumulares⁵⁶. Nestas representações os soldados identificam-se por portarem armas (arco e flecha) ao invés da representação padrão que seria portando um bastão e o cetro \overline{hrp} . A maior parte dos soldados possuem uma faixa na cabeça que pende para trás e que parece ser indicativo da função militar. Nas tropas representadas no túmulo de Ankhtyfy⁵⁷, todos os combatentes a utilizam. Infelizmente não há qualquer relato sobre a vida militar em si: as estelas desenvolvem os temas das virtudes sociais e domésticas e outros valores que não os de origem militar. Salvo a representação em

⁵⁶ VANDIER, J. Quelques stèles de soldats de la Première Période Intermédiaire. *Chronique d'Égypte*. Fondation Reine Elisabeth, n° 35, janvier, 1943.

⁵⁷ VANDIER, Jacques. Mo'alla, la tombe d'Ankhtyfy et la tombe de Sebekhotep, *BdE*, Le Caire, n° 18, 1950.

si, as estelas não se diferenciam de outras elaboradas por funcionários comuns ou outras profissões.

O Primeiro Período Intermediário parece representar a perda do equilíbrio entre o poder central e os poderes locais. O longuíssimo reinado de Pepi II (2245-2180) fecha a sexta dinastia e é seguido por uma série de reis cuja sucessão ainda nos é desconhecida. Dos documentos desta época o mais famoso, conhecido como os “Ensinamentos para o rei Meri-Ká-Rá” é de valor histórico ainda muito controverso⁵⁸. De qualquer forma, o texto reflete o precário equilíbrio de poder da dinastia heracleopolitana que caracteriza o período como descentralizado. Alguns autores analisam esta fase como palco de uma possível revolta social, mas, a escassez de fontes não nos permite afirmá-la⁵⁹. Há indícios de uma invasão no Delta e o estudo de alguns cemitérios⁶⁰ indica um crescimento do poder provincial nesta fase, destacando algumas tumbas como a de Ankhtyfy e Sebekhotep da região Mo’alla⁶¹. A tumba de Ankhtyfy é particularmente interessante para o tema militar uma vez que narra as ações deste nomarca e de suas tropas como mantenedor da ordem nos domínios sob sua administração. Ao que parece, Ankhtyfy estendeu seu poder por três nomos e acumulou cargos sacerdotais de alto prestígio. Em sua biografia o nomarca assume o título de ‘chefe das tropas de Armant’ que, de acordo com Goedicke⁶², deve ser entendido como o grupo que emergiu na XIª dinastia.

É importante destacar aqui a figura destes nomarcas na organização administrativa e na formação e manutenção de tropas que possibilitavam o controle interno da sociedade egípcia. Com efeito, a consolidação do poder faraônico sobre os poderes locais será um crescente na história egípcia e os períodos de enfraquecimento do poder central deixam entrever bem a tensão entre este e os poderes locais.

Em todos os aspectos administrativos acima destacados pode ser percebido um aparato de tipo militar considerável, mas ainda não identificado como um

⁵⁸ Cf. TRIGGER, *Op.cit.* 1995, p. 113.

⁵⁹ Cf. CARDOSO, C.F.S. *Sete Olhares sobre a Antiguidade*. Brasília: Editora da UNB, 1994, p.80.

⁶⁰ *Idem, ibidem*.

⁶¹ VANDIER, J. *Op.cit.* 1950.

⁶² GOEDICKE, Hans. Ankhtyfy's Fights. CdE, fasc. 145, 29-45, 1998.

exército permanente. A ausência da estrutura militar é comumente relacionada pela historiografia à política externa levada a cabo pelo Estado egípcio até o Segundo Período Intermediário. Os interesses do Estado egípcio nos Reinos Antigo e Médio, ao se falar em termos de expansão e conquista, voltavam-se basicamente para a Núbia, região ao sul do país, fornecedora de metais preciosos. É contra ela que temos os principais feitos militares do Reino Médio, principalmente sob Senuosret III (1837-1818 - 12ª dinastia), com intensas campanhas⁶³ e construção de fortalezas⁶⁴. Aliás, os grupos que, desde o Reino Antigo, servem como soldados e encontram-se sempre “a disposição” da administração egípcia são, como vimos, os núbios, freqüentemente empregados como exército auxiliar. Quanto à defesa territorial, o Egito encontra-se localizado de forma privilegiada em relação aos outros povos do Oriente Próximo; Isolado pelo Mediterrâneo ao Norte e os desertos líbico e arábico a leste e oeste respectivamente, o Egito nunca enfrentou graves conflitos externos até a invasão dos *hicsos*, povo de origem asiática que dominaria o Egito por mais de duzentos anos na fase conhecida como Segundo Período Intermediário. O maior problema no tocante à defesa do território eram as incursões de beduínos estabelecidos nos arredores do Delta – como na invasão do Primeiro Período Intermediário acima mencionado - o que exigia apenas algumas medidas de contenção por parte do Estado egípcio, como a construção do chamado “muro do príncipe” erigido sob o reinado de Amenemhat I (1938-1909)⁶⁵.

Em todo o caso, no início do Reino Médio podem ser identificados contingentes sob o comando de nomarcas e, é claro, do faraó. Faulkner identifica dois grupos básicos nas forças egípcias desse período⁶⁶: os Djamu

( *d3mw* – lit. os jovens) que parece indicar os ‘recrutas’ mas que também poderia se referir a guerreiros em geral, estes geralmente diferenciados pela pena na cabeça; e Menefat () termo que parece indicar

⁶³ São conhecidas pelo menos quatro campanhas militares empreendidas por Senuosret III, das quais amplia-se o domínio egípcio até a região da Segunda Catarata de forma permanente. Senuosret III era visto como o deus protetor da Núbia e conquistador desta região, pelo menos até a 18a. Dinastia. Cf. SCHNEIDER, Thomas. *Lexikon der Pharaonen. Die altägyptische Könige von der Frühzeit bis zur Römerherrschaft*. Zürich : Artemis, 1994.

⁶⁴ As impressionantes fortalezas da região das cataratas – algumas infelizmente cobertas pela atual barragem de Assuã - são em sua maioria datadas da 12a dinastia, fase considerada como auge deste tipo de construções.

⁶⁵ CARDOSO, C. *O Egito Antigo*. SP : Editora Brasiliense. (Col. Tudo é História) p.59

⁶⁶ FAULKNER, R. *Egyptian Military Organization*, JEA, 1953, vol 39. p.40.

uma tropa de choque. Dentre uma série de outros títulos que compreendem funções tanto administrativas quanto militares, estes dois termos são os mais próximos de uma especialização com base em uma função de tipo militar.

É verdade que podemos identificar alguns grupos armados permanentes nos Reinos Antigo e Médio⁶⁷. Os *neferu* (*nfrw*) ou guarda real do palácio no Reino Antigo⁶⁸ e “aqueles que vivem na mesa do rei” formavam uma espécie de polícia⁶⁹. Existiam também unidades de caráter militar bem organizadas a partir do Reino Médio que utilizavam-se, sempre que necessário, de tropas auxiliares não-egípcias, como os núbios citados anteriormente. Todavia, estes grupos não podem ser considerados como exército *stricto sensu*. Não há uma carreira militar, nem um número suficiente de recrutas que caracterizem um exército no sentido amplo de uma força territorial sob o cetro do faraó. Há aí um conjunto de ideais militares ligados à defesa do rei, do território ou do grupo dominante, mas não uma estrutura formada e plenamente inserida na sociedade, caracterizada pela carreira militar.

1.2.2.2 – A Estrutura Militar Egípcia do Reino Novo

Para o Reino Novo a situação das fontes que lancem luz sobre o elemento militar amplia-se nitidamente. O ponto de viragem na história militar egípcia encontraria-se no já mencionado Segundo Período Intermediário. Há um grande desenvolvimento do armamento e de uma organização estratégica e tática resultantes do contato mais próximo entre o Egito e as sociedades do Antigo Oriente Próximo devido a origem do povo hicsu então no poder. Os hicsos, como destacamos na primeira parte deste capítulo, trouxeram várias novidades referentes a armas, entre elas, o carro de guerra e o uso mais disseminado de cavalos. Um dos fatores decisivos para a dominação do Egito foi a especialização guerreira desse povo. Os egípcios não possuíam até então, um exército profissional. Para empreender a luta contra os dominadores asiáticos, uma das necessidades mais

⁶⁷ Para uma listagem de títulos relacionados aos grupos armados do Egito faraônico ver HELCK, Wolfgang – “Militär” In : *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz : Wiesbaden, 1980.

⁶⁸ YOYOTTE, Jean – *Égypte Ancienne In: Histoire Universelle I (des origines à l'Islam)*. Paris : Gallimard, 1956.

⁶⁹ Sobre o tema ver ANDREU, Guillemette – *Polizei In: : Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz : Wiesbaden, 1980.

prementes foi a equiparação não apenas de nível técnico, como também no nível militar. Após a luta contra os hicsos o exército egípcio, *a partir de então profissional e permanente*, foi presença constante na sua história. Juntamente com os sacerdotes, os militares aparecem como uma nova força social. Podemos falar inclusive de uma ideologia militar ou militarismo uma vez que há um grupo social formado cuja influência política está baseada em sua *condição específica de militar* havendo a participação efetiva do mesmo no Estado.

Esta presença ou existência do elemento militar e, mais precisamente, de uma estrutura de exército pode ser sentida já no final do Segundo Período Intermediário no já citado discurso do faraó Kamés da XVIIª dinastia tebana. Na estela que reproduz o seu discurso, é possível constatar a menção ao exército de forma diferenciada do que nas menções das forças militares das épocas anteriores. Comparamos abaixo o discurso real do Reino Médio do faraó Senuosret III em sua Estela de Semna⁷⁰ sobre a vitória na Núbia e a expansão das fronteiras geográficas do Egito com o texto da Segunda Estela de Kamés em Karnak:

Estela de Semna:

“Eu sou um rei que fala e executa. O que meu coração concebe, minhas mãos fazem.[...] Eu capturei suas mulheres, me apossei de suas coisas e de seus bens, apreendi seu gado. Eu destrocei seus grãos e pus fogo em tudo.”⁷¹

Estela de Karnak

“Então eu naveguei corrente abaixo na qualidade de um vitorioso, com a finalidade de repelir os asiáticos conforme a ordem de Amon, famoso por seus conselhos. Meu exército corajoso estava diante de mim, semelhante à chama do fogo. Os arqueiros de Medjau puseram-se em cima de nossas cabanas para procurar os asiáticos e fazê-los recuar de suas posições. O Oriente e o Ocidente traziam azeite de untar para a tropa, o exército era provido de alimentos e bens em toda parte.

[...] Passei a noite em meu barco, estando alegre meu coração. Ao alvorecer, caí sobre ele como se fosse um falcão. Ao chegar o momento da refeição da manhã eu o repeli, derrubei a sua muralha e massacrei a sua gente. Eu é que fiz a sua esposa descer para a margem [do rio]. Meus soldados, semelhantes a leões, estavam carregados do produto de seu saque, na posse de servos, gado, leite, azeite de untar e mel, partilhando os seus bens, estando alegre o seu coração.”⁷²

⁷⁰ A Estela de Semna aqui referida é a estela do ano 16, uma das três estelas encontradas na região da Núbia ao sul da 2ª catarata e marca a expansão do domínio egípcio nesta área. Sobre Senuosret III e sua campanhas cf. CALLENDER, G. *The Middle Kingdom Renaissance*. In: SHAW, I. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003, pp. 154-155.

⁷¹ BREASTED, J. H. *Op. cit.*, 1988, §§ 656ff.

⁷² Tradução gentilmente cedida pelo professor Ciro F.S. Cardoso.

A referência ao exército e seu papel na força de ação do faraó é evidente no segundo texto. No seu conjunto, essa mudança da estrutura militar parece apontar para um processo de amadurecimento de uma estrutura simples de organização do recrutamento e uso da estrutura militar no Reino Antigo e Médio para a formação de um exército profissional permanente do Império egípcio no Reino Novo. A especialização transparece nas fontes através dos títulos que, diferentemente dos períodos anteriores, passam a designar funções especificamente militares. Para os títulos mais destacados Helck⁷³ propõe a seguinte tradução:

TÍTULO EGÍPCIO	TRADUÇÃO APROXIMADA
<i>Mr m^cs wr</i>	Supremo Comandante (generalíssimo)
<i>Mr m^cs</i> <i>Mr ssmwt</i>	General Superintendente dos carros de guerra
<i>sš m^cs</i>	Escriba do exército
<i>Indw n m^cs</i> <i>Indw n tint-ḥti</i>	Supervisor das tropas Supervisor dos carros de guerra
<i>ḥrj-pdwt</i>	Comandante da tropa / do forte
<i>ṯs-srīt</i>	Porta-estandarte
<i>Jdnw ...</i>	Título geral dos responsáveis pela manutenção da unidade
<i>Mr ḥtmw</i>	Comandante de forte
<i>ʿ3 n diw</i>	“Sargento”
<i>sš</i>	Escribas diversos
<i>W^cw</i>	soldado

Uma fonte importante para a identificação do novo grupo profissional na sociedade egípcia é o Papiro Wilbour. O Papiro possui 10m 42cm, está escrito em hierático e sua redação foi realizada por funcionários fiscais da administração faraônica (Bernadette Menu identifica dois autores). A datação do papiro se baseia nas informações internas do próprio que nos permitem associá-lo ao período raméssida sob reinado de Ramsés V (1.158 a.C), quarto faraó da XX^a dinastia. O conteúdo do papiro são os rendimentos oriundos da exploração das terras sob o controle das instituições egípcias, massivamente dos templos. É, portanto, um documento de controle fiscal da administração central.

⁷³HELCK, W. *Op.cit.* 1980

O primeiro grande estudo e trabalho de decifração do papiro foi elaborado por Sir Alan Gardiner, que resultou em uma publicação de três volumes⁷⁴. Esta obra tornou-se referência para todos os que precisam trabalhar com este documento. A divisão e organização do documento seguem as referências elaboradas por Gardiner. O papiro é dividido em dois grandes textos: O texto A e o B. O *corpus* conhecido como Texto B do papiro Wilbour diz respeito a terras *khata* do faraó, consistindo em um inventário destas terras. No primeiro texto – texto A de Gardiner – temos as informações apresentadas resumidamente a seguir:

Medição e fixação do imposto sobre as terras entre as cidades de Crocodilópolis e El-Miniah, que perfazem aproximadamente 140 km;

A região supra-citada é dividida em quatro divisões topográficas mas somente o final da primeira divisão está no papiro;

Cada divisão é formada por uma série de parágrafos – identificados assim por Gardiner - que são organizados de acordo com o tipo de taxa utilizada levando em conta o tipo de rendimento, seja em produto líquido do arrendamento, seja sobre a renda recebida sobre os colonos.

O tipo de taxa é colocado a frente da designação das instituições possuidoras.

Na enumeração dos templos registrados parece haver uma hierarquia. Essa hierarquia não seria invenção do escriba visto que outro papiro de um período próximo, o papiro Harris⁷⁵, também possui a mesma organização. Em primeiro lugar temos os templos de Tebas, seguindo-lhe sucessivamente os de Heliópolis, Mênfis e

⁷⁴ GARDINER, Alan. *The Wilbour Papyrus*. Oxford (1941-1948). Os dois primeiros volumes (Comentários) são dedicados a análise minuciosa do papiro, incluindo várias discussões sobre interpretações e símbolos de difícil interpretação. O terceiro volume apresenta a tradução em si. Raymond Faulkner foi o responsável pela elaboração de um quarto volume em 1952 consistindo em um Index de grande auxílio para os estudiosos.

⁷⁵ O papiro Harris atualmente no British Museum, é datado do reinado de Ramsés IV e tem como objetivo registrar as obras de Ramsés III em relação aos templos egípcios. É um texto funerário destinado a exaltar os feitos do pai de Ramsés IV e para isso o autor registra os bens possuídos pelos templos e os que foram delegados pelo faraó. O papiro foi analisado e publicado por ERICHSEN, W. *Papyrus Harris I*. Bruxelas: Fondation Egyptologique reine Elisabeth. (Biblioteca Aegyptiaca). Um resumo do conteúdo do papiro pode ser encontrado em MENU, Bernadette. *Le Regime Juridique des Terres ect du Personnel Attaché à l aTerre dans le papyrus Wilbour*. Lille : Faculté de Lettres et Sciences Humaines de l'université de Lille, 1970, p.5.

templos menores secundários organizados geograficamente – do sul para o norte. Logo a seguir vem as instituições seculares (portos do faraó, haréns reais, terras *mine* e *khata*, tesouro, etc.).

Cada parágrafo representa um conjunto de campos (*rmnit*) situados em relação a uma localidade. As parcelas de terras destes campos são medidas e avaliadas de acordo com o imposto a ser cobrado. Outras entradas adicionais dizem respeito a terras dos deuses do faraó. Pastos consagrados a instituições possuem parágrafos a parte.

No papiro é possível identificar cerca de 4.000 (quatro mil) lotes agrícolas pertencentes institucionalmente a região do Médio Egito. Dentre estes lotes cerca de 2.240 (dois mil duzentos e quarenta) são caracterizados como entradas *pš* (*apportioning paragraphs* de Gardiner). Estas entradas identificam por nome e ocupação os arrendatários dos lotes e seus respectivos tamanhos. Os lotes são cultivados sob a gerência de uma instituição religiosa ou secular.

Dada sua característica preponderantemente administrativa com ênfase no controle dos rendimentos da exploração das terras é possível reunir os dados fornecidos para a construção de quadros estatísticos que servirão para a elaboração de um quadro social indicativo da divisão territorial egípcia, como identificou Sally Katary:

O vasto número de dados quantitativos econômicos fornecidos pelo Papiro Wilbour permitem-nos identificar parâmetros que definem aspectos do arrendamento de terras em meados da XX dinastia.⁷⁶

Nossa hipótese relaciona o acesso ao controle da terra ou ao poder de taxaçoão como a forma que a sociedade egípcia separa os grupos dominantes e dominados. Assim, ao pretendermos identificar o grupo privilegiado como aquele que possui o domínio de terras, o indicativo deste diferencial deverá transparecer nos dados estatísticos que o papiro nos fornece.

Uma primeira identificação que se faz necessária para a análise que pretendemos se refere ao controle do imposto. Qual é a identidade do poder que fixa

⁷⁶ KATARY, Sally L.D. "Cultivator, Scribe, Stablemaster, Soldier: The Late-Egyptian Miscellanies in the light of *P. Wilbour*", *The Ancient World*, 6, 1983, .pp. 75-76.

o imposto? Na tabela abaixo é possível ver a relação dos lotes controlados por tipo de instituição – se secular ou religiosa ou seja, terras controladas diretamente pelo palácio e terras sob o controle direto dos templos.

TIPO INSTITUCIONAL	FREQUÊNCIA ABSOLUTA	FREQUÊNCIA RELATIVA
RELIGIOSA	2062	91,8%
SECULAR	183	8,2%
TOTAL	2245	100%

Tabela 2: Organização do Controle direto da terra por Instituição

A primeira vista o controle está sob as mãos dos templos uma vez que os lotes sob administração direta da coroa representam um número ínfimo. No entanto, a questão que colocamos ao documento refere-se a origem do controle do imposto e não da administração direta do cultivo da terra. Parece-nos claro que a imposição da taxa, e o controle do rendimento de cada lote estabelecido pelos escribas no papiro demonstram a intervenção eficaz do governo central. Os cálculos apresentados no papiro⁷⁷ indicam que a mensuração das terras aráveis e seus possíveis rendimentos eram a base do cálculo de sacos de sementes a serem distribuídos. Logo, o governo central não apenas regulava o fornecimento de sementes para o cultivo como também a colheita esperada. Identificado o poder que organiza os dados, resta-nos a identificação da forma de distribuição destas terras.

Desde o Reino Antigo, o controle da terra no Egito era, não apenas a base do poder político, como também a da distinção entre aqueles que recebem ou pagam tributos, portanto da própria ordem social. O faraó tem o controle teórico sobre toda a terra do Egito, mas, como foi evidenciado acima, este controle não significa a posse efetiva de todo o território. O faraó delega, através de doações reais, o controle da terra e de seu cultivo a instituições, bem como a particulares uma vez que o exercício de cargos públicos eram pagos com doações de terras. Estas últimas tinham muitas vezes o caráter vitalício e mesmo hereditário, como vimos no caso de Neshi.

⁷⁷ Sobre o problema do símbolo \rightarrow e seu significado ver a discussão proposta por Katary.

É preciso lembrar que o Estado egípcio apresenta em sua evolução política uma grande diferença em relação às demais sociedades antigas a sua volta: a centralização foi um processo presente desde o início, o que significa um forte controle por parte da administração central sobre os processos sociais. Os primeiros faraós estabeleceram uma administração real capaz de manter todo o território do Egito de então. Este padrão foi fundamentalmente seguido posteriormente. Sob um forte governo central todas as instituições sociais nascentes tornaram-se subordinadas ao controle e autoridade reais. Esta interpretação do Estado faraônico como árbitro no tocante às instituições e grupos sociais desde os primórdios da história egípcia está bem resumida na formulação de Bruce Trigger⁷⁸ sobre a unificação e a formação do modelo faraônico:

O governo central, de forma direta ou através dos funcionários mais importantes, tornou-se o empregador de soldados, criados, burocratas e artesãos, cujos bens e serviços beneficiavam as classes altas e os deuses do Estado.(...) este modelo cultural tornou-se o fator majoritário na promoção da estabilidade da nova ordem política.

Esta formação sócio-política favoreceu a característica sociedade egípcia formada por uma classe dominante ínfima em termos quantitativos em comparação com o grande número de habitantes que constituíam o restante da população excluída deste grupo. Disto resulta uma diferença marcante entre o Egito e outras sociedades antigas como a mesopotâmica, ainda Trigger:

Os frutos da civilização mesopotâmica foram divididos entre várias cidades-estados e entre vários grupos dentre estes centros urbanos. Em contraste, os frutos da civilização egípcia foram absorvidos no interior da corte real e, de forma mais contrastante, tal como a ênfase nos complexos mortuários reais demonstram, na pessoa do rei.

Este quadro modificou-se muito pouco no decorrer da história egípcia. Será justamente no Reino Novo que o grupo dominante irá se tornar maior e apresentará uma crescente complexidade de cargos ligados ao governo central. O estudo dos títulos oficiais deste período o comprovam⁷⁹. Esta nova organização do grupo

⁷⁸ TRIGGER, *Op. cit.* 1989, p.50

⁷⁹ As principais obras sobre prosopografia militar aqui consultadas foram CHEVEREAU, Pierre-Marie – Contribution à la Prosopographie des Cadres Militaires de L’Ancien Empire et de la Première Période Intermediaire *In: RdE* 38, 1987 e a continuação de seu trabalho em Contribution à la Prosopographie des Cadres Militaires du Moyen Empire. *In : RdE* 42, 1991; Também SCHULMAN, Alan R. *Military Rank, title and organization in the egyptian New Kingdom*. Berlin : Bruno Hessling.

dominante coincide com a formação do efêmero império egípcio (entre os séculos XVI-XIV a.C.) que necessitou de novas funções após a criação de um exército permanente e a aquisição de recursos mais abundantes.

David O'Connor⁸⁰ sugere uma esquematização da estrutura do governo deste período com base nos documentos da época. Ressaltando a simplificação necessária na construção de um modelo interpretativo como este ele propõe a seguinte estrutura para o Reino Novo: abaixo da esfera de poder dominada pelo faraó, uma grande divisão em três unidades; a) governo interno; b) governo das conquistas e c) o que ele denomina de dinastia, ou seja, a esfera restrita do círculo dos integrantes da família real. Sem entrar nos detalhes da divisão de poder em si, esta divisão já nos serve como indicativo da complexidade da classe governante face às conseqüências do poderio egípcio sobre outras áreas. O controle faraônico é ainda assim realçado. O'Connor afirma que este controle pode ser visto na nomeação dos quadros principais de poder,

Somente os membros da dinastia com interesse em manter a lealdade ao rei governante recebia postos importantes: o príncipe real – designado herdeiro – era, frequentemente, o ‘grande general do exército’, controlando os militares em nome do rei; e a esposa real principal, a ‘Grande Esposa Real’.⁸¹

A centralização era mantida pelo pequeno número de oficiais de grande poder que dirigiam cada departamento administrativo, os quais eram nomeados diretamente pelo faraó e só a ele se reportavam. A divisão entre as atribuições de poder das esferas civil e militar também conformam uma garantia de controle:

O militar possui um papel mínimo nas operações normais de governo, sendo prioritariamente ocupados com registro e treinamento daqueles aptos para o serviço militar, administrando as pequenas tropas no Egito e no exterior, regulando o estoque da pilhagem e despachando provisões, e mobilizando em larga escala quando necessário.

O governo civil dizia respeito primariamente com a regulagem da agricultura, a coleta de taxas, a administração da justiça e mantendo a ordem cívica através de uma relativamente fraca força policial, os Medjai⁸².

1964. e GNIRS, Andrea Maria – *Militär und Gesellschaft: Ein Beitrag zur Sozialgeschichte des Neuen Reiches*. Heidelberger Orientverlag (Studien zur Archäologie und geschichte Altägyptens; Bd. 17), 1996

⁸⁰ TRIGGER, *Op. cit.* 1989, p.208

⁸¹ *Idem* p.209

⁸² *Idem* p.209-211

Com a intensificação de uma atividade de cunho eminentemente militar no Reino Novo, a formação de um grupo social cujo meio de vida depende desta atividade é uma das conseqüências que mais se refletem na sociedade. Nesse sentido, o exército permanente se constitui como uma possibilidade de atingir certa ascensão social. Fora do círculo de poder a sociedade egípcia do Reino Novo vê-se ampliada em termos de profissão com o surgimento do militar de carreira. O que anteriormente era mais uma função do camponês será então função de um grupo que se identifica pela atividade especificamente guerreira, como os títulos que identificam esta função deixam perceber no papiro Wilbour.

Ao relacionar os diferentes títulos ocupacionais para qualificação de função dos arrendatários dos lotes a serem controlados, o papiro nos permite identificar os títulos de natureza eminentemente militar. Ao todo são identificados os seguintes títulos:

TÍTULO EGÍPCIO	TRADUÇÃO POSSÍVEL
<i>kt</i>	Auriga
<i>ḥry šmsw n ḥm.f</i>	Capitão dos Serventes de Sua Majestade
<i>ḥry kn Pr-ᜪ</i>	Capitão dos Porta-escudos do Faraó
<i>idnw n tnt-ḥtr</i>	Auxiliar de Carruagem
<i>mḏy</i>	Medjay
<i>ist mnšw</i>	Membro da tripulação de navio
<i>ᜪtw</i>	Oficial da Intendência
<i>šmsw</i>	Servente
<i>ᜪy sryt</i>	porta-estandarte
<i>ḥry iḥ</i>	Chefe de Estábulo
<i>šrdn</i>	Sardana
<i>škt</i>	Oficial-Skt
<i>wꜥw</i>	Soldado
<i>kn (krꜥ)</i>	Porta-escudos
<i>ḥp</i>	Batedor
<i>ḥpšy</i>	Porta-espadas
<i>tk</i>	'Tjuk'
<i>ᜪ thr</i>	Chefe dos guerreiros Thr

Há dúvidas sobre a exatidão na interpretação de alguns títulos como é o caso do servente de Sardana, ou criado, ligado ao Sardana, oficial de origem estrangeira. Um problema maior de interpretação reside no cargo de Chefe de Estábulo. Geralmente, esta função é interpretada como de cunho militar por ser o cavalo, um

animal ligado diretamente ao exército. De acordo com Sally Katary,⁸³ no entanto, o Chefe de Estábulo é aparentemente uma função administrativa e não diretamente militar. A própria autora porém, ressalta que há aparentemente dois cargos sob este título: um sem epíteto ou qualquer indicativo de relacionamento de destaque que apresenta uma condição social menor; o outro é sempre identificado por um epíteto como o 'Chefe do Estábulo do farão' ou 'Chefe do Estábulo da Residência', função que denota poder e destaque social. Esta última estaria realmente no âmbito civil, sem uma conotação militar direta. O cargo de 'Chefe de Estábulo' menor é que teria uma ocupação militar direta ao identificar o responsável pelos animais utilizados em combate.

Sally Katary identificou nove categorias ocupacionais na atribuição dos lotes por profissão em um universo de 2245 lotes. A tabela que elaboramos sobre estes dados utilizou os números relativos a sete destes grupos uma vez que as categorias *outros* e *dados inválidos* (missing cases), aos quais foram atribuídos 404 lotes, não nos oferecem possibilidade comparativa por função.

GRUPO OCUPACIONAL	frequência absoluta	frequência relative(c/ajuste)
Artesãos qualificados	8	0,5
Religiosos	345	20
Administração Doméstico	123	8
Criadores Militar	18	1,5
Agricultura	691	33
	451	25
	205	12
	1841	100%

Tabela 3 : Quadro das profissões citadas no Papiro Wilbour.

Esta tabela nos permite selecionar as categorias ocupacionais que são majoritária no tocante ao arrendamento das terras. Como as categorias *doméstico* e *artesãos qualificados* apresentam uma frequência menor que 2%, trabalharemos as próximas tabelas nos restringindo às cinco categorias restantes que representam 98,5% dos dados quantificáveis significativos para nossa análise. Nosso universo de lotes ficou reduzido assim a 1815 lotes, que corresponde a 80% dos lotes trabalhados em conjunto por Katary.

⁸³ KATARY, S. *Op.cit.* 1983.

GRUPO OCUPACIONAL	frequência absoluta	frequência relativa
Religiosos	345	19
Administração	123	7
Criadores	691	38
Militar	451	25
Agricultores	205	11
	1815	100%

Tabela 4: Quadro das profissões mais destacadas.

Destaca-se nesta tabela o grupo classificado como *criadores*. Representam no total quase 40% dos lotes sendo seguidos pelo grupo *militares* com 25%. No entanto, é necessário atentar para o fato de que a autora considerou o título de Chefe de Estábulo como compondo o de criadores pelo fato lógico da relação com a criação de animais. De acordo com os dados, dos 691 criadores cerca de 471 são classificados como Chefes de Estábulo. A autora considera que pelo menos mais da metade destes 471 podem ser classificados como ligados a estrutura militar. Com base nesta informação poderíamos apresentar uma tabela acrescentando cerca de 250 componentes ao grupo militar o que resultaria no seguinte quadro:

GRUPO OCUPACIONAL	frequência absoluta	frequência relativa
Religiosos	345	19
Administração	123	7
Criadores	441	25
Militar	701	38
Agricultores	205	11
	1815	100%

Tabela 5: Quadro do percentual de militares na sociedade incluindo os Chefes de Estábulo.

Lotes por categoria ocupacional



Tabela 6: representação gráfica da divisão da terra por categoria ocupacional.

De qualquer forma, o percentual dos militares em relação ao total dos lotes é significativo ao ocupar pelo menos um quarto das terras arrendadas. Isto evidencia de forma concreta a efetiva participação dos militares na vida social do Reino Novo, apoiando os discursos que exaltam o exército como importante para o poderio do faraó.

Em estudo recente e bastante completo sobre a estrutura militar no Reino Novo Anthony Spalinger⁸⁴ aponta as principais características desta em relação aos períodos anteriores. Para este autor as mudanças básicas já são possíveis de se notar logo no início da XVIIIª dinastia. De acordo com sua interpretação há uma grande variação na qualidade e na especialização entre as tropas de Kamés e as de seu sucessor Ahmés indicando uma rápida modificação dos estilos de guerrear entre estes dois reinados tão próximos.

Utilizando a mesma fonte aqui citada, o discurso do faraó Kamés, Spalinger aponta que este último ainda apresentava a estrutura básica das forças armadas do Reino Médio com uma “tropa anfíbia” e cuja base seria a frota naval⁸⁵. A organização sob Ahmés ainda de acordo com o autor, tendo por base desta vez os relatos das fontes biográficas aqui trabalhadas, já evidenciaria uma nova forma de guerrear mais ao *estilo* do Reino Novo que seria baseada sobre as tropas em terra com pouco uso da força naval, a qual passou a ser apenas uma força de apoio, e tendo por principal arma o carro de guerra⁸⁶. A causa básica desta mudança estaria no objetivo da guerra nesta fase:

Somente a formação de uma divisão separada do exército forte e baseada em terra poderia conseguir uma conquista permanente.⁸⁷

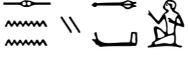
Em outros termos, a conquista dos territórios da região do Levante só poderiam ser feitas pela infantaria. A força naval, tão útil no deslocamento pelo Nilo, não seria de muita ajuda na conquista destas áreas. A grande inovação na força militar do Reino Novo reside na utilização mais ampla do cavalo como arma de guerra. Os condutores dos carros de guerra necessitavam de treinamento específico e dedicação à atividade. É aqui que encontramos termos especificamente atribuídos

⁸⁴ SPALINGER, A. *War in Ancient Egypt. The New Kingdom*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

⁸⁵ *Idem*, p.6

⁸⁶ *Idem*, *ibidem*.

⁸⁷ *Idem*, *ibidem*.

à ocupação de caráter militar. O condutor do carro (ketjen *ktn*  ou kedjen *kdn* ) era acompanhado de um guerreiro Senen (*snn* ) armado de arco e flecha, lanças, escudo e, em algumas representações, espadas curtas. Os carros estavam organizados em grupos de vinte e cinco, cada grupo comandado por um 'Condutor da Residência'. Vários títulos ligados a este setor das forças armadas representam cargos de destaque na organização militar tais como o 'primeiro condutor de Sua Majestade', e o 'Mestre dos Cavalos'⁸⁸.

Os carros de guerra se tornam no Reino Novo, não apenas uma arma de guerra eficaz como também um símbolo. A imagem do faraó guerreiro por excelência é marcada pelas inúmeras representações suas sobre o seu carro. Com o advento dos carros de guerra, a organização militar contou, então, com um corpo de guerreiros especializados na condução dos mesmos. Os membros da nobreza egípcia destacam-se então no uso destes carros que se tornam a marca distintiva de *status* perante a sociedade⁸⁹. A atividade de criação e manutenção dos cavalos por si só necessita de trabalhadores em tempo integral. A fabricação das armas e, em especial, do carro de guerra redireciona mais um grupo de trabalhadores para a produção em relação aos conflitos. Assim, direta ou indiretamente, o uso do carro de guerra representou não apenas uma mudança de tática militar como também, e principalmente, uma nova atividade econômica.⁹⁰

Se, por um lado, os carros de guerra se constituíram como uma nova força de ataque, por outro, não poderiam ser a única. A necessidade de um contingente de guerreiros efetivo, em grande número e disponível para ação, originou *de facto* uma organização militar dos guerreiros que anteriormente eram utilizados em diversas outras funções. Os grupos de apoio armado já conhecidos no Reino Médio como o *menefat* e os *neferu* passam a identificar funções especificamente militares, representando o primeiro grupo os guerreiros de maior experiência, os veteranos, e

⁸⁸ FAULKNER, R. *Op. Cit.* 1953 p. 43.

⁸⁹ SPALINGER, *Op.cit.* 2005, p.32.

⁹⁰ Sobre a importância do uso do carro de guerra, as implicações econômicas bem como algumas estatísticas gerais no antigo Egito cf. SPALINGER, A. *Op.cit, passim*.

As tropas eram divididas em grupamentos ou divisões. De acordo com o Decreto de Horemheb⁹⁴, último faraó da XVIIIa dinastia, havia duas grandes guarnições: uma ao norte e outra ao sul do Egito. Estas divisões irão variar em número no decorrer do Reino Novo. Assim, na Estela de Bethshan, na qual encontra-se a descrição da campanha asiática de Seth I, é possível identificar três divisões sob os nomes dos deuses tutelares de cada Amon, Rá e Seth⁹⁵. Logo a seguir, no longo *Poema de Pentaur*⁹⁶ e nos diários de guerra da famosa Batalha de Kadesh sob Ramsés II filho e sucessor de Seth I, é possível verificar a existência de quatro grandes divisões quando da formação para guerra, ainda sob o nome de um deus tutelar: a divisão de Amon, a divisão de Ptah, a divisão de Seth e a divisão de Rá.

Do ponto de vista da organização dos territórios dominados nesse período, a estrutura administrativo-militar egípcia se organiza em 'fortalezas' ou pequenas unidades regionais. Neste contexto o conceito de fronteira deve ser analisado tendo em conta não apenas o espaço físico como também o cultural e o étnico, como afirma Giuseppina Grammatico no trecho abaixo que foi pensado para a realidade grega, mas que serve de parâmetro também para a sociedade egípcia aqui analisada:

La noción de frontera abarca dimensiones de diversa índole y al menos dos direcciones, una mirando desde el limite que ella marca, hacia afuera, y la outra mirando desde el mismo limite, hacia adentro. Es precisamente esta mirada bidireccional, la que, a su vez, introduce el ámbito de lo étnico, permitiendo definirlo y comprenderlo.⁹⁷

De uma forma geral eram três as regiões compreendidas como fronteiriças: A Núbia, ao sul; o deserto líbico a oeste e a região da Síria-Palestina para a qual os egípcios utilizavam a nomenclatura *Os caminhos de Hórus* o que indicam bem a familiaridade da administração egípcia para com esta área.

⁹⁴ MURNANE, William, J. *Texts from the Amarna Period in Egypt*. Atlanta: Scholars Press, 1995. 235-240.

⁹⁵ FAULKNER, R. *Op.cit. idem*.

⁹⁶ Inscrição monumental narrada em forma poética pelo escriba Pentaur, gravada nas paredes da sala hipostila do templo de Karnak e em papiro (Papiro Salier III).

⁹⁷ GRAMMATICO, Giuseppina. La noción de frontera em la antigua Hélade. Análisis de algunos fragmentos heraclíteos. SBEC, *Fronteiras & etnicidade no mundo antigo*. Anais do Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, Pelotas – 15 a 19 de setembro de 2003. Canoas: ULBRA, 2005, p.179.

A relação com as fronteiras apresenta novas características no Reino Novo. Com a formação do Império a partir da XVIII^a dinastia as tropas egípcias são organizadas em fortalezas ou guarnições do exército. A análise do tipo e da função destas fortalezas foi objeto de um estudo elucidativo de Ellen Morris⁹⁸. De acordo com esses critérios podem-se identificar⁹⁹:

Khetem (*h₁tm*) – denominação mais comum de fortalezas no Reino Novo. Identifica de forma geral aquelas instaladas em locais estrategicamente escolhidos para monitorar e controlar a entrada do Vale do Nilo. Pode ser compreendida como fortaleza de fronteira.

Menenu (*m₁n₁n₁w*) – tipo não encontrado arqueologicamente, portanto, de estrutura física desconhecida. Presente porém em algumas referências textuais, inclusive do Reino Antigo. Referem-se especialmente as fortalezas localizadas na região da baixa Núbia, sobretudo no Reino Médio. Podem ser identificadas como cidades-fortalezas.

Demi (*d₁m₁i*) – denominação mais comum para cidade ou vila, mas que é utilizada nos documentos também para designar fortalezas nas três regiões fronteiriças do Egito e que identificam nomeadamente cidadelas, i.e., cidades amuralhadas.

Mekeder ou Meketer (*m₁k₁d₁r / m₁k₁t₁r*) – também conhecida pela palavra semítica migdol. Indicam torres ou estruturas fortificadas, portanto de modestas proporções. Possui poucas alusões no Reino Novo mas parecem delimitar-se a região do Delta e somente duas construções no corredor sírio-palestino. Algumas cidades incorporaram a sua denominação como *demi-mekeder* talvez indicando a origem mesma do assentamento. Estrutura mais próxima da concepção moderna de forte.

⁹⁸ MORRIS, Ellen F. *The Architecture of Imperialism Military Bases and the Evolution of Foreign Policy in Egypt's New Kingdom*. Leiden/Boston : Brill, 2005 (Probleme der Ägyptologie, 22)

⁹⁹ A tipologia apresentada pela autora apresenta a problemática de não ser possível uma classificação definitiva. Muitas denominações aqui expostas podem ser flexíveis e algumas fortalezas são denominadas por um ou mais tipos dependendo da época analisada. Isso não invalida uma visão geral como a que a autora propõe em sua conclusão sempre lembrando que um tipo não exclui o outro mas pode predominar pelas suas características gerais e maior incidência nos documentos. A denominação SGR (*segor*) não foi arrolada aqui por ser identificada pela própria autora mais como uma tradução do termo *khetem* para o acádio, indicando um 'estrangeirismo' para designar uma estrutura fortificada em geral.

Bekhenen (*bhn*) – Termo do Reino Novo de difícil compreensão, mas que parece indicar uma cidade ou um vilarejo pertencente a um nobre ou a um rei, portanto, não constitui um termo de origem eminentemente militar mas que incorpora a idéia de proteção e de base de abastecimento como os modernos quartéis-generais.

A noção de expansão geográfica no pensamento egípcio deve levar em conta a distinção entre termos reais e ideais no discurso faraônico sobre o controle territorial que ele reivindicava. No discurso dos Textos das Pirâmides, existe uma identificação dos limites universais do domínio faraônico:

O Ocidentais que estão na terra são para Uni (...) Os Orientais que estão na terra são para Uni (...) Os Meridionais que estão na terra são para Uni (...) Os Setentrionais que estão na terra são para Uni (...) Os que estão no céu inferior são para Uni.¹⁰⁰

Em tese, o domínio de faraó se estendia ao universo. Sendo a força criadora e mantenedora da ordem, o faraó possui um domínio cósmico cujo limite ou área de abrangência é indicada pela palavra egípcia *djer* (*dr*, ); assim, o faraó controlava livremente esse território cósmico em toda sua extensão – mesmo a eternidade tinha limites no pensamento egípcio. Outra era a visão do espaço territorial geográfico como podemos encontrar no texto da estela de Semna, um dos vários marcos territoriais do reinado faraó Senuosret III do Reino Médio (1870-1831):

Ano 16, terceiro mês da segunda estação (peret), Sua Majestade estabeleceu a fronteira sul distante como Khekh (Semna). ‘Eu estabeleci minhas fronteiras além da de meus pais; eu acrescentei ao que me foi transmitido.’¹⁰¹

O termo usado para fronteiras neste caso é a palavra egípcia *tash* () que determina uma fronteira geográfica que pode ser estabelecida por um deus ou por homens¹⁰².

¹⁰⁰ ALLEN, James P. *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005, p.34.

¹⁰¹ Tradução baseada no texto de J. H. Breasted, *Op. Cit.*, 1988, I, §§ 656ff. Original egípcio baseado nos desenhos de Lepsius, Richard ; 1897, *Denkmäler aus Aegypten und Aethiopien*, J.C.Hinrichs'sche Buchhandlung, Leipzig.

¹⁰² SHAW, Ian. Egypt and the outside world. *In: The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University press. 2000.

A crescente mobilização para as batalhas e as campanhas vitoriosas trouxeram ao Egito um grande influxo de prisioneiros de guerra e grande parte destes eram mobilizados para lutar em conjunto com a força militar egípcia, muitas vezes comandados por seus antigos dirigentes então tornados escravos do faraó.¹⁰³ Dentre os numerosos grupos de estrangeiros destacam-se os Shardana ou Sherden (um dos povos do mar) e os núbios, conhecidos como Medjai ou arqueiro, estes já utilizados desde o Reino Antigo. A utilização crescente de mercenários levanta uma série de questões sobre a característica mesma desta categoria. No antigo Egito ao serem pagos em terra da mesma forma que os soldados nativos, como demonstra o papiro Wilbour do reinado de Ramsés V, esses grupos acabavam por ser incorporados de forma permanente e não apenas temporária tanto no exército egípcio como na própria sociedade.

No período raméssida (XX^a dinastia 1190-1175), em um dos discursos do faraó Ramsés III (1187-1156), é possível, identificar o peso deste novo grupo na sociedade egípcia.

397. Disse o rei Usermare-Meriamon (Ramses III), Vida, Prosperidade, Saúde, o grande deus, aos príncipes e líderes do país, à infantaria e aos carros de guerra, os Sherden (**Sa – ra – da – na**), aos numerosos arqueiros e a todos os habitantes da terra do Egito¹⁰⁴.

O discurso ainda apresenta uma divisão social que nos chama a atenção pela ênfase dada ao grupo militar: é o único grupo que, entre os citados, é enumerado de forma mais detalhada, particularizando as funções mais importantes do exército ao invés da utilização de um termo único como exército ou militares, como foi feito para os nobres e a população em geral. Isso indica a importância desse grupo para o período.

As campanhas militares representavam um grande influxo também de riquezas como fica claro nas descrições pormenorizadas dos butins de guerra nos diversos relatos oficiais. A perícia militar tornou-se, a partir da XVIII^a dinastia uma das virtudes mais destacadas para os faraós. Andrea Gnirs chama a atenção para o fato de que os faraós do período raméssida ao passarem pelo título de Grande

¹⁰³ HUSSON, Geneviève et VALBELLE, Dominique. *L'État et les Institutions en Égypte: des premiers pharaons aux empereurs romains*. Paris: Armand Colin, 1992.p, 151.

¹⁰⁴livre tradução de BREASTED, James Henry. *Ancient Records of Egypt*, livro IV, § 397, Ramses III - Papiro Harris

general como co-regentes, demonstram que a ascensão ao cargo maior da administração egípcia baseava-se sobre uma qualificação também de cunho militar e não mais somente pela consaguinidade. De forma crescente estes títulos tornam-se o princípio legitimador para a sucessão ao trono.¹⁰⁵ O texto de coroação de Horemheb¹⁰⁶ permite-nos identificar esta conduta. O discurso legitimador de Horemheb foi formulado tendo por base sua conduta pessoal como escolhido de Hórus e Amon. As qualidades administrativas e militares são aí realçadas. No mesmo sentido, na falta de um herdeiro, ele designa para sua sucessão o seu general e anteriormente vizir, Paramessu, o qual foi fundador da 19ª dinastia sob o nome de Ramsés I, pai de Seth I e avô de Ramsés II.

No início de sua história e por todo o período que vai do Pré-dinástico ao Segundo Período Intermediário, a função militar não se distinguia das demais funções dos camponeses, era antes, uma condição temporária sua. Em caso de necessidade – guerras, expedições de grande envergadura ou de defesa do território – o Estado retirava contingentes da população rural¹⁰⁷. O Reino Novo tem como característica o expansionismo egípcio, fato freqüentemente jogado para as outras fases egípcias de forma inteiramente anacrônica. Os militares formam então uma estrutura social hierarquizada e influente no meio egípcio.

¹⁰⁵ GNIRS, Andrea. *Op.cit.* 1996, pp.27-28

¹⁰⁶ MURNANE, William, J. *Op.cit.*.pp. 230-233.

¹⁰⁷ Cf. HELCK, Wolfgang . *Op.cit.* 1980

CAPÍTULO II – AS FONTES: TIPOLOGIA E TRADUÇÃO

II.1 – AS INSCRIÇÕES TUMULARES BIOGRÁFICAS.

II.1.1- Biografia e Análise Histórica.

Dos gêneros literários do antigo Egito as biografias são os textos de maior Antigüidade, sendo encontrados desde a quarta dinastia¹⁰⁸ abrangendo assim, desde o Reino Antigo até o período greco-romano. As obras biográficas egípcias são relativamente pouco citadas nas análises da Antigüidade que, geralmente, iniciam as indicações deste gênero literário com Plutarco (Vidas Paralelas) e autores de períodos bem posteriores ao Egito faraônico. A própria palavra grega da qual provém a palavra latina, é utilizada somente a partir do séc. VI d.C.¹⁰⁹.

O conceito de *biografia*, ou seja, a descrição ou a história de vida de uma pessoa deve ser, antes de tudo, distinguido das demais denominações de gêneros e obras cujo objeto seja um sujeito social singular como o *encômio* e o *panegírico* - que correspondem de forma geral ao louvor ou elogio de alguma personalidade.¹¹⁰ Não será aqui realizada uma avaliação da biografia de forma universal, no sentido de se buscar uma teorização desta como gênero literário na história da literatura

¹⁰⁸ Otto, Eberhard – Biographien In: SPULER, B.(org.) *Ägyptologie : Literatur*, Leiden : E.J. Brill, 1952. (Handbuch der Orientalistik, vol.1).

¹⁰⁹ KIEL, Manfred . „Biographie.“ In: *Der Kleine Pauly : Lexikon der Antike in fünf Bänden*. Deutscher Taschenbuch Verlag : München, 1979. Col. 902-904.

¹¹⁰ O panegírico (do grego *panhgurikójs*) era entendido como um discurso solene, próprio da Assembléia geral. Assim é designado o discurso de Isócrates em 380. A associação com o encômio (do grego *egkwmiastikòjs*) data do final da Antigüidade. O panegírico ficou muito associado ao discurso laudatório em relação aos Imperadores romanos conhecidos como *Panegyrici Latini* (12 discursos) de diversos autores e se inicia aí a tradição de associação do panegírico como a vida de uma pessoa em particular. Cf. “Panegyrikos” In: *Der Kleine Pauly : Lexikon der Antike in fünf Bänden*. Deutscher Taschenbuch Verlag : München, 1979. Col.455-457.

mundial, mas, no intuito de esclarecer a especificidade do relato autobiográfico no antigo Egito, iremos empreender uma pequena discussão conceitual sobre este termo, tal como o utilizamos atualmente, para enfim realizar a análise da biografia egípcia em si.

Partiremos da caracterização deste conceito a partir de uma coletânea de estudos sob a organização da professora Ângela de Castro¹¹¹, lançada há alguns anos, na introdução da qual a autora explicita que a biografia ou “escrita auto-referencial” se compõem de um conjunto de modalidades de relato que se convencionou chamar *produção de si* no ocidente moderno. A análise deste gênero de escrita estaria assim de todo determinada pela formação e consolidação da idéia de *indivíduo* que marca as sociedades ocidentais a partir dos tempos modernos. Essa construção do sujeito social singular como indivíduo carrega consigo toda uma especificidade histórica. Isto significa que a noção de indivíduo, tão comum nos discursos atuais, não é uma idéia geral e universal na história da humanidade, mas, antes faz parte de uma transformação histórica muito bem resumida nas palavras da autora abaixo:

Um processo de mudança social pelo qual uma lógica coletiva, regida pela tradição, deixa de se sobrepor ao indivíduo, que se torna ‘moderno’ justamente quando postula uma identidade singular para si no interior do todo social, afirmando-se como valor distinto e constitutivo desse mesmo todo¹¹².

Esse “nascimento” de uma consciência auto-referencial pode ser constatado a partir do século XVII na Inglaterra quando o termo biografia passa a ser utilizado nesse sentido¹¹³. Portanto, estamos nos referindo a uma característica da sociedade capitalista na qual o individualismo é seu resultante. Está claro que não podemos pensar os relatos autobiográficos da sociedade egípcia antiga da mesma forma. A lógica social inerente a esta difere profundamente, principalmente quanto a própria concepção de sociedade, da lógica das sociedades atuais

¹¹¹ GOMES, Angela de Castro(org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

¹¹² *Idem*, p.11-12.

¹¹³ *Idem*, *Ibidem*.

Sociedades que separam o público do privado, a vida laica da religiosa, mas que, em todos os casos, afirmaram o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos.(...)É dos indivíduos que nasce a organização social e não o inverso¹¹⁴.

Disto resulta que a biografia de um indivíduo apresenta um valor aos olhos modernos que não podem ser encontrados nas sociedades antigas. Esse lugar especial do indivíduo moderno provoca problemas de avaliação da própria importância e do papel da biografia individual para a compreensão da sociedade em geral. Muitas discussões sobre a relação da biografia na História (ou para a História) se debatem especialmente em torno do valor documental da biografia¹¹⁵. A tendência a ver na biografia de um indivíduo a “verdade” histórica de época é um problema teórico que sempre deve ser analisado. Aliás, a própria noção de biografia como uma história linearmente construída e organizada, tal como se apresenta nos relatos biográficos, pressupõe uma realidade não condizente com a vida de uma pessoa. Aqui vale lembrar o que Bourdieu denomina de “ilusão biográfica”:

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que “se entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido* da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência)¹¹⁶.

Portanto, os relatos biográficos para serem analisados pelos historiadores devem ser avaliados levando em conta seu momento histórico – seja da personagem avaliada, seja do seu autor. O documento autobiográfico não diz o que houve – como nenhum documento em si – mas relatam sim, a experiência vivida pelo seu autor em relação aos acontecimentos escolhidos e narrados.

¹¹⁴ *Idem*, p.13

¹¹⁵ Sobre a problemática metodológica ver o bem articulado artigo de LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996 e a discussão conceitual de LEVILLAIN, Phillipe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

¹¹⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.184.

Em resumo, o conceito de biografia atual está intimamente ligado à idéia de que a vida individual possui uma história. Essa noção é historicamente recente, fruto da sociedade moderna na qual o individualismo é a característica básica. Escrever sobre vidas específicas sem lhes atribuir a pretensão de, com isso, resumir uma época histórica completa ou de em uma vida conter toda a explicação histórica de uma fase, esta é uma atividade antiga. Essa distinção entre história e biografia era reconhecida, sem dúvida, pelos autores antigos clássicos que não confundiam os campos de um e de outro: investigação do que ocorreu em coletivo com base em testemunhos orais para a primeira e, análise dos fatos de um determinado sujeito social para a segunda. Também quanto às formas de expressão se fazia a distinção do discurso narrativo para a História e o descritivo para a biografia¹¹⁷. Logo, o primeiro cuidado na aproximação de uma biografia antiga é compreender que sua elaboração e divulgação partiu de premissas e objetivos completamente diversos aos das publicações das biografias atuais.

II.1.2- A Biografia egípcia

Cabe lembrar aqui o universo ideológico da elaboração de uma biografia na sociedade egípcia faraônica, iniciando pela análise do que podemos conhecer sobre a concepção de mundo particular à esta sociedade.

Para os antigos egípcios os elementos do Universo eram consubstanciais¹¹⁸. Isso significa uma ausência de distinção entre o natural, o sobrenatural e o social¹¹⁹. O homem, as organizações sociais - como a monarquia divina - a fauna e o meio-ambiente, tudo fazia parte de um todo como em uma concepção holística ou monista do universo. Esta visão está muito bem resumida na análise de Ciro Cardoso:

Anterior a qualquer especialização de ciência, religião e filosofia como ramos separados de atividade intelectual, estranha mesmo a uma separação estrita entre as atividades intelectuais e as de outro tipo, a visão de mundo dos egípcios é ao mesmo tempo religião, cosmologia (e

¹¹⁷ LEVILLAIN, *Op cit.* p.145

¹¹⁸ WILSON, John "A função do Estado" In FRANKFORT, H. El pensamiento prefilosofico. México : Fondo de Cultura, 1980.

¹¹⁹ De acordo com Bruce Trigger, esta forma de conceber o mundo seria característico das chamadas "civilizações primevas" (Early civilizations) como a egípcia e a mesopotâmica cf. TRIGGER, p.7.

cosmogonia), psicologia, sociologia e teoria política – se quisermos usar etiquetas modernas. E absolutamente não fragmenta a realidade em esferas estanques.

Mundo humano (individual e social), mundo divino, mundo natural, são aspectos de um todo visto como tal, desprovido de barreiras intransponíveis¹²⁰.

Dentro desta visão de mundo, nada mais estranho para um egípcio do que a concepção de indivíduo conforme estabelecido mais acima. Mesmo a figura máxima da sociedade, o faraó, não é um indivíduo mas sim o Hórus. Todo sujeito social ao subir ao trono do Egito se torna Hórus, como todo morto um Osíris. Portanto, a idéia de integração é muito mais forte no pensamento egípcio do que separação, ou nesse caso, individualização.

Essa perspectiva não exclui, no entanto, a individualidade, ou seja, a noção de unidade do ser perante a comunidade. Talvez o conceito de individuação, i.e., a realização de uma idéia geral em determinado indivíduo, seja um conceito mais próximo da concepção desta idéia no Antigo Egito. As biografias como as que são aqui analisadas, seriam a forma pela qual esta idéia se expressa. Constituem assim um conjunto de documentos significativos tanto para a reconstrução dos períodos aos quais estão ligados como para a exploração das características individuais apresentadas. No dizer da pesquisadora Elizabeth Froom, as diversas formas nas quais o *self* egípcio pode ser moldado e apresentado¹²¹ nessa sociedade.

A escrita hieroglífica é ela própria parte deste universo de significados. Formada por símbolos que reproduzem os objetos reais - de forma estilizada ou mais aproximada do real – a escrita egípcia carrega consigo, no imaginário da sociedade, a mesma força que qualquer elemento do universo. Como o conceito de consubstanciação está inerente a esta visão de mundo, todos os elementos se tornam intercambiáveis: o elemento em si, a idéia deste elemento e a representação do mesmo. Isto significa que o que se representa por escrito é real para um egípcio, o que Wilson designa como “simbolismo efetivo”¹²². Por isso nos túmulos a pintura da vida cotidiana e as palavras para serem lidas (e, portanto, reanimadas) são tão importantes para reproduzir o universo do morto.

¹²⁰ CARDOSO, Ciro F.S. *Deuses, múmias e Ziggurates: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.24

¹²¹ FROOM, E. *Biographical Texts from Ramessid Egypt*. Atlanta: Society of Biblical Literature. 2007. p.1.

¹²² WILSON, *Op.cit, passim*.

Estas informações são essenciais para nos aproximarmos do primeiro elemento que une as biografias egípcias. São textos encontrados nos túmulos de seus proprietários e seguem um determinado padrão de apresentação. Estão presentes também em estelas e estátuas dos personagens mortos aos quais se referem. Isto significa que integram o que denominamos de escrita monumental no antigo Egito e seu conteúdo só é acessível para os que podem decifrá-la. Não se trata, portanto, de uso popular no sentido numérico, mas bastante presente nos meios burocráticos que englobam uma pequena parcela da população.

É importante destacar aqui a diferença entre a biografia de um egípcio comum e as inscrições monumentais em primeira pessoa por parte dos Faraós. Tutmés III (1479/67-1426 a.C.), sexto faraó da 18ª dinastia do Reino Novo, é conhecido como a grande personalidade guerreira do Egito faraônico¹²³. Há inúmeras inscrições suas sobre seus feitos apresentadas em primeira pessoa. A princípio poderia ser identificada como uma biografia. O problema está no próprio conceito de biografia que são os atos e momentos da vida de alguém. O Faraó não escreve uma biografia no sentido de história da vida de uma pessoa que termina com sua morte, pois, o Faraó não interrompe os seus feitos com esta, como acontece com os homens comuns. Em sua inscrição de Karnak¹²⁴ por exemplo, Tutmés apresenta seus feitos em diversas situações-modelo como “Senhor da Dupla-Coroa”, “Governante de Tebas e Heliópolis”, “O provedor dos deuses”, “Aquele que possui a Sabedoria e a Justiça”. O Faraó atualiza os temas recorrentes da sua função e os seus feitos são fixados nos *anais*¹²⁵ para serem relatados como os feitos de um deus e não como ações de um indivíduo que será julgado por essas mesmas ações no plano após a morte.

As primeiras inscrições nos túmulos dos nobres constituem-se por textos curtos de apresentação do morto complementada por representações iconográficas. Somente a partir da Vª dinastia as biografias compreendem textos mais extensos e

¹²³ Como é apresentado nas obras de Claire Lalouette e Wolfgang Helck, por exemplo.

¹²⁴ SETHE, Kurt. “Ehrenbezeichnungen König Thntmosis III” In: *Urkunden des ägyptischen Altertums*. Parte 4, volume 11, pp.549-557.

¹²⁵ Os “anais” ou *guenut* em egípcio são o que Ciro Cardoso interpreta como “o mais próximo que existe à idéia de uma História-disciplina ou mais extamente de um texto histórico” CARDOSO, Ciro F.S. *Um Historiador fala de Teoria e Metodologia*. SP: EDUSC, 2005, p.116.

complexos. Esta evolução dos documentos reflete a própria evolução da escrita egípcia.

A escrita hieroglífica aparece desenvolvida em torno do quarto milênio a.C. de forma paralela à escrita cuneiforme no oriente próximo e constituía-se por uma misto de símbolos fonéticos e ideográficos e assim permanece até o final do quinto século d.C. As primeiras inscrições apresentam um número limitado de símbolos que vão se desenvolvendo ao longo da história egípcia¹²⁶. Da mesma forma a complexidade das relações sintáticas vão “refinando” a representação escrita. Este desenvolvimento da língua de uma série mais simples de símbolos e de regras sintáticas, portanto de expressão mais restrita das idéias, para uma língua mais rica e que permitia um maior grau de complexidade na expressão do pensamento dos antigos egípcios pode ser observada na própria divisão histórica das fases da língua egípcia proposta pelos lingüistas. Estes a classificam em três grandes períodos:

- 1) o Egípcio Antigo ou arcaico que engloba das primeiras inscrições curtas e simples a textos mais desenvolvidos que conformam os textos clássicos da literatura religiosa além de outras modalidades de textos. Cronologicamente corresponde ao período entre as dinastias IV, por volta de 2.600, até a XIIa dinastia, em torno do ano 2.000;
- 2) o Egípcio Médio que se constitui como a fase de grande desenvolvimento de estilos e documentos escritos. A literatura egípcia por excelência, tem neste período o seu momento áureo que, por isso, é conhecido como fase clássica da língua;
- 3) O Neo-Egípcio ou egípcio do Reino Novo e do período tardio caracterizado como a língua de textos de caráter não-literário.

Estas fases da língua egípcia são perpassadas por uma impressionante manutenção da estrutura de vocabulário e do universo literário. Inúmeras obras perpassaram séculos pela sociedade como referência de estilo e linguagem.

¹²⁶ Sobre a estrutura e o desenvolvimento da língua egípcia ver o excelente estudo de SCHENKEL, Wolfgang. *Einführung in die Altägyptische Sprachwissenschaft*. Darmstadt : WBG, 1990. (Orientalistische Einführungen) e também SCHENKEL, Wolfgang. *Tübinger Einführung in die klassisch-ägyptische Sprache und Schrift*. Tübingen: Universität Tübingen, 1997 (Gedruckt als Vorlesungsskriptum).

Loprieno argumenta que, devido a natureza centralizadora dos modelos político-culturais do antigo Egito, muito dificilmente pode-se perceber diferenças dialetais em sua estrutura embora ele possa indicar que o sistema de escrita tenha se originado no sul do país. As origens do tipo linguístico inicial podem ser traçadas a partir da cidade de Mênfis, capital do país no Reino Antigo. Já o tipo linguístico tardio, teve como centro a região de Tebas, capital política, religiosa e cultural desta fase.¹²⁷

Dentro da tradição literária, as biografias são os mais antigos documentos da literatura egípcia. São chamadas de autobiografias em muitas análises por autores modernos, pois é o próprio morto que se apresenta em seus textos. No entanto, as biografias eram tradicionalmente feitas pelos descendentes de seus proprietários como uma das virtudes morais dos filhos que deveriam manter o culto aos seus antepassados o que incluía os funerais e se prolongava com culto funerário¹²⁸. Isso não exclui o fato de que o morto, provavelmente, ainda em vida já conversara com os seus sobre os textos e sua própria tumba. Esta última era uma das principais preocupações enquanto vivo.

A tumba de Ahmés, o filho de Ibaná contém um exemplo claro sobre esta condição de ter sido feita por um descendente. No caso, a figura de seu neto Pahery é retratada no túmulo como o responsável pelas inscrições funerárias. Pahery, ele próprio proprietário de uma tumba ao lado da de seu avô, se faz representar diante dele e da esposa de Ahmés, Ipu. A cena visa perpetuar o gesto de piedade filial e se apresenta da forma seguinte:

¹²⁷ LOPRIENO, A. *Ancient Egyptian, a linguistic introduction*. Cambridge: Cambridge university Press, 1996, p.5.

¹²⁸ Sobre o funeral e o culto aos mortos cf. SADDIK, W. El. O Enterro. In: SCHULZ, R. *Egipto: O mundo dos faraós*. Colônia: Könnemann, 1997., pp. 471- 489.

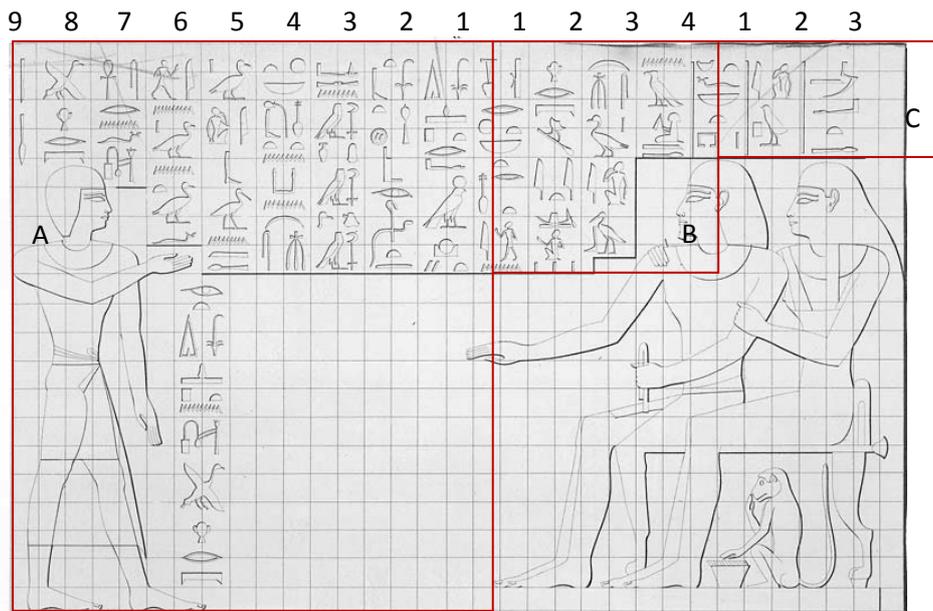


Figura 3: Imagem retirada de LEPSIUS, *Denkmäler aus Aegypten und Aethiopen*, 1842. El-Kab. Grab 5, Abth. III, Bl.12.

TEXTO A (os números em parênteses referem-se às colunas)

Leitura da direita para esquerda

(1) *ḥtp-di-nsw r^c-ḥr-ḏhty* (2) *nḥbt ḥdt nḥn Wsir ḥkḏ dt* (3) *di.sn ḥḏ m tḏ ḥnkt ḥḏ m iḥ ḏpd ḥḏ m* (4) *ḥt nb(t) nfrt w^cbt n kḏ n I^cḥ-ms* (5) *sḏ Ibnnḏ mḏ^c-ḥrw* (6) *in sḏ n sḏt.f* (7) *s^cnḥ rn.f sḏ* (8) *pḏ-ḥry* (9) *mḏ^c-ḥrw*(10) *irt ḥtp-di-nsw n sḏ pḏ-ḥry*

Tradução:

(1)Oferenda reais a Rá-Harakhty,(2) à Nekhbet, a Branca de Nekhen, a Osiris, Senhor da Eternidade (3) para que eles dêem: mil pães e cervejas, mil bois e aves e mil de (4) todas as coisas boas e puras para o Ka de Ahmés,(5) o filho de Ibana, justificado. (6)(Feito) pelo filho de sua filha(7) que faz viver o seu nome, o escriba (8) Pahery, (9)justificado.(10) Cumprir o rito da “oferenda real”, (feito) pelo escriba Pahery.

TEXTO B

Leitura da esquerda para a direita

(1) *smḏ r ḥt nbt nfrt in* (2) *ḥry ḥnyt* (3) *I^cḥ-ms sḏ I*(4)*bnnḏ mḏ^c-ḥrw*

Tradução:

(1)Reunindo todas as boas oferendas (2)o Superior dos Marinheiros Ahmés, o filho de Ibana, justificado.

TEXTO C

(1) *ḥmt.f nbt pr* (2) *Ipw* (3) *m3^ct-ḥrw*

Tradução:

(1)Sua esposa (de Ahmés), a Senhora da Casa (2) Ipu (3) justificada.

O próprio Pahery no momento da realização da inscrição nos túmulos já parece estar também falecido, uma vez que a menção de seu nome é sempre seguida pelo termo *justificado* que indica o morto nas inscrições egípcias.

As dotações funerárias eram dispendiosas, principalmente porque o que se esperava em termos de além era a continuação de seu estilo de vida no presente. Assim, a dotação de um nobre sempre exigia inúmeros bens e gastos de material. Por isso no início ou no final dos textos, sempre se evidenciava a construção da própria tumba como nos trechos abaixo retirados das biografias aqui analisadas.

Quando envelheci e atingi a idade proecta mantive minhas honrarias e poderei descansar **na tumba que eu mesmo fiz**.

Ahmés, o filho de Ibana.

Senhor de uma tumba graças ao favor real, o Chefe superior do tesouro

Ahmés, chamado Pen-Nekhbet.

Essas observações já nos demonstram que uma tumba tal como as que analisamos, eram um símbolo certo de distinção social. Os escritos funerários eram também uma forma de se comunicar com os vivos garantindo a proteção à tumba. Essa idéia de intercâmbio incluía pedidos e favores. Muitas cartas foram encontradas nos túmulos que eram deixadas pelos vivos que se dirigiam aos mortos para resolver problemas. O culto aos antepassados era parte integrante dos

monumentos funerários e muitos túmulos de particulares, principalmente sob a XVIIIa dinastia incluíam nichos para o culto aos antepassados familiares¹²⁹.

Diferenciando-se relativamente pouco entre si na forma, as biografias egípcias apresentam dados importantes sobre a estrutura social ao relatar o trajeto sócio-profissional do morto. A biografia egípcia comporta, de forma geral, duas variações de declarações: 1) apresentação da biografia ideal através da exaltação de suas qualidades morais; 2) aspectos mais destacados da carreira do funcionário¹³⁰. Em uma análise sobre as inscrições autobiográficas do Reino Antigo, Nicole Kloth consegue identificar e classificar, quanto ao conteúdo, quatro tipos¹³¹: a) Inscrições de cunho ritual que visavam à proteção do morto através da repetição de fórmulas e evocação do seu nome (Grabschutzinschriften) em primeira pessoa e contendo frases ideais (idealbiographischen Phrasen); b) Biografias que cumpriam o papel de relatório final da vida do morto (paraphrasierend-berichtende Biographien); c) Inscrições biográficas que relatavam a carreira e a condição social do morto (Laufbahn-Autobiographien) e d) as biografias modelo (Idealbiographie).

Não apenas os principais eventos de suas vidas eram ali imortalizados como também uma conduta moral reconhecida pela sociedade como a correta, regida pelo conceito de *Maat*, a Justiça-Verdade, que dava ordem ao mundo e afastava a iniquidade da sociedade egípcia. *Maat* era o ideal seguido pelo morto em vida. Era também o mais importante conceito do pensamento egípcio que baseava a conduta correta dos egípcios em relação ao mundo e em relação com o faraó e os deuses.

Este último ponto é essencial para a compreensão que podemos chamar de arcabouço ideológico das biografias. Toda a vida dos funcionários é moldada em função do Estado, simbolicamente representado na figura do faraó. O faraó era, assim, o centro da vida social e religiosa, logo o era também da própria vida dos funcionários. A característica central das biografias egípcias é a leitura de que a lógica de uma vida não se centrava no indivíduo, mas sim no Estado. Quando surge a biografia ela surge dentro da ideologia de Estado. O rei é que dá e presenteia, é

¹²⁹ BRYAN, Betsy M. The 18th dynasty before the Amarna Period. In: SHAW, I. *The Oxford history of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press. 2003, p. 226.

¹³⁰ HACKLÄNDER-VON DER WAY, Bettina – „Biographie“ In: *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz : Wiesbaden, 1980.

¹³¹ KLOTH, Nicole - *Beobachtungen zu den biographischen Inschriften des Alten Reiches*. Studien zur Altägyptischen Kultur (SAK 25) Hamburg : 1998, pp 189-205.

graças a ele que a carreira de um funcionário existe e se aperfeiçoa. O traço mais marcante das biografias egípcias é o seu referencial central. Apesar de conter dados do indivíduo, o centro das biografias sempre era o faraó. A vida dos biografados girava em torno de sua relação com o faraó, fosse sua vida direta ou indiretamente a ele ligada. Isso significa que as biografias dos funcionários egípcios apresentam aspectos da individualidade da personagem retratada – seu *cursus honorum* pessoal; como também os aspectos formais, que seguem uma espécie de cânone na apresentação de uma biografia oficial.

Nesse sentido, as biografias egípcias podem ser vistas como produto social e historicamente determinado. A relação entre a biografia e a identidade social transparece aí fortemente como uma forma particular da expressão ideológica de seu tempo. Em termos mais amplos é a própria relação entre a escrita e a fixação, por meio desta, das condições de uma existência particular no seio de um sistema social em contínuo desenvolvimento histórico.

Uma das características mais importantes das inscrições tumulares egípcias era a preocupação com a representação das principais atividades cotidianas da sociedade egípcia. O objetivo desta era demonstrar de forma mais completa possível o estatuto social do seu proprietário visto que o além, na concepção egípcia, tinha como referência a vida terrena¹³². Assim, a riqueza informativa das tumbas ultrapassa o domínio individual tornando-se um documento valioso para o conhecimento da sociedade de seu tempo.

As biografias aqui escolhidas, a de Ahmés, o filho de Ibana e a de Ahmés pen-Nekhbet, datam do início do Reino Novo, fase de profunda reestruturação ideológica, uma vez que se encontra no limiar de um período de centralização crescente do poder nativo que havia sido profundamente abalado pela dominação estrangeira no Segundo Período Intermediário. Ideologicamente, a classe dominante egípcia recuperou historicamente esta fase como um período negativo e impôs esta marca na sociedade resultando em uma memória coletiva de abominação contra a dominação estrangeira apesar da grande ‘egipcianização’ dos próprios *invasores hicsos* em sua permanência em solo egípcio durante mais de um século.

¹³² CARDOSO, C.F.S. *Op.cit.* 1999, pp.133ff.

II.2 – AS INSCRIÇÕES TUMULARES NÃO BIOGRÁFICAS

As inscrições tumulares, como já vimos, pretendiam retratar o mundo cotidiano egípcio para garantir a vida social do morto no Além. As inscrições de caráter biográfico representavam apenas uma parte do conjunto de textos encontrados nas tumbas.

Alguns elementos podem ser considerados básicos para uma sepultura¹³³ que asseguravam a vida do morto:

- 1) Inscrições como o “texto das oferendas”, conforme vimos no exemplo da dedicatória votiva de Pahery no túmulo de seu avô, Ahmés, o filho de Ibana, que garante o provimento ritual de todas as “boas coisas” necessárias para o sustento da vida no Além; Orações, fórmulas mágicas, o nome do morto (parte essencial do ser), o seu título, referências cronológicas (geralmente o faraó reinante) e a genealogia do morto;
- 2) Representações do morto no túmulo. Geralmente o morto é representado mais jovem (se houver atingido uma idade avançada) e em pleno vigor da força física garantindo “uma boa vida” no Além;
- 3) Mesa de oferendas coberta de alimentos variados no intuito de alimentar o morto no Além.

Grande parte das representações e textos referem-se às crenças religiosas com várias fórmulas e encantamentos para salvaguarda dos elementos essenciais do homem que sobreviveriam ao seu corpo como a força de manifestação, o *Ka* e o elemento espiritual, o *Ba*. Dependendo da época histórica estes escritos variavam de acordo com as crenças mais significativas do momento.

Alguns textos apesar de retratarem acontecimentos da vida do morto não apresentam a característica de relato biográfico. Nesse caso, os relatos ou

¹³³ SHEDID, Abdel G. Moradas para a Eternidade – os Túmulos dos Nomarcas e Funcionários. In: SCHULZ, R. *Egipto: O mundo dos faraós*. Colônia: Könemann, 1997.p.127.

documentos reproduzidos na tumba parecem ter o objetivo de garantir a perpetuação de direitos e *status* ganhos pelo morto durante a sua vida.

O caso do texto da capela funerária de Més, escriba do Tesouro de Ptah e nossa terceira fonte, insere-se na designação de texto não-biográfico. Em realidade, o texto é um relato de um processo de características jurídicas e que diz respeito a uma herança a qual o escriba teria direitos se fosse reconhecido como descendente de um Capitão de Navio da época de Ahmés (1150-1525). Més foi um descendente longínquo, quase duzentos anos depois e a briga pela herança entre os diversos descendentes é o centro do texto reproduzido por isso ficou conhecido na literatura egiptológica como o Texto Legal ou Jurídico da Capela de Més¹³⁴. A interpretação do documento no contexto dos escritos funerários da tumba de Més certamente deve ser entendido como um zelo do autor em garantir no Além o seu *status* adquirido pela herança ganha no processo.

Pelos dados do texto, Més viveu sob a XIXa dinastia (1292-1190) sob o reinado do faraó Ramsés-Meriamon, Ramsés II também conhecido como o Grande, terceiro faraó desta dinastia (1279-1213). Més havia sido escriba do tesouro de Ptah em Mênfis. De grande interesse para o conhecimento dos processos jurídicos no Antigo Egito, o texto legal narra uma desavença entre familiares sobre um benefício de origem militar dado a um antepassado de Mes de nome Neshi. Este teria vivido sob o reinado de Ahmés I (1550-1525), faraó fundador da XVIIIa dinastia (1539-1292), e teria exercido a função de Capitão ou Superior de Navio (*imy-r ḥw*  lit. "aquele que está à boca" = a frente). A terra foi ganha por Neshi sob o reinado de Ahmés I, mas seus descendentes não mantiveram a unidade administrativa ocorrendo problemas de reconhecimento entre herdeiros a partir do reinado de Horemheb. O texto narra as irregularidades na sucessão havendo mesmo acusações de falsificação de documentos nos registros de terras que acabou por deserdar a mãe de Més. Após longa batalha jurídica cuja base são depoimentos de testemunhas, Més consegue reaver o direito de posse dos lotes da região de Neshi.

¹³⁴ O texto foi editado primeiro por LORET, V, e MORET. ZAS 39, 1901, pp.1 ff. depois GARDINER, A.H. *The Inscriptions of Mes. A Contribution to the study of Egyptian Judicial Procedure*. Leipzig: Hinrich's Buchhandlung. 1905. (Untersuchungen zur Geschichte und Altertumskunde Ägyptens), vol 4/3. A publicação mais recente do texto foi feito por GABALLA, G.A. *The Menphite Tomb-Chapel of Mose*. Warminster: Aris & Phillips Ltd. 1977 o qual é a base para nossa tradução.

II.3 – AS BIOGRAFIAS: TEXTO E TRADUÇÃO

II.3.1 – As tumbas: breve histórico

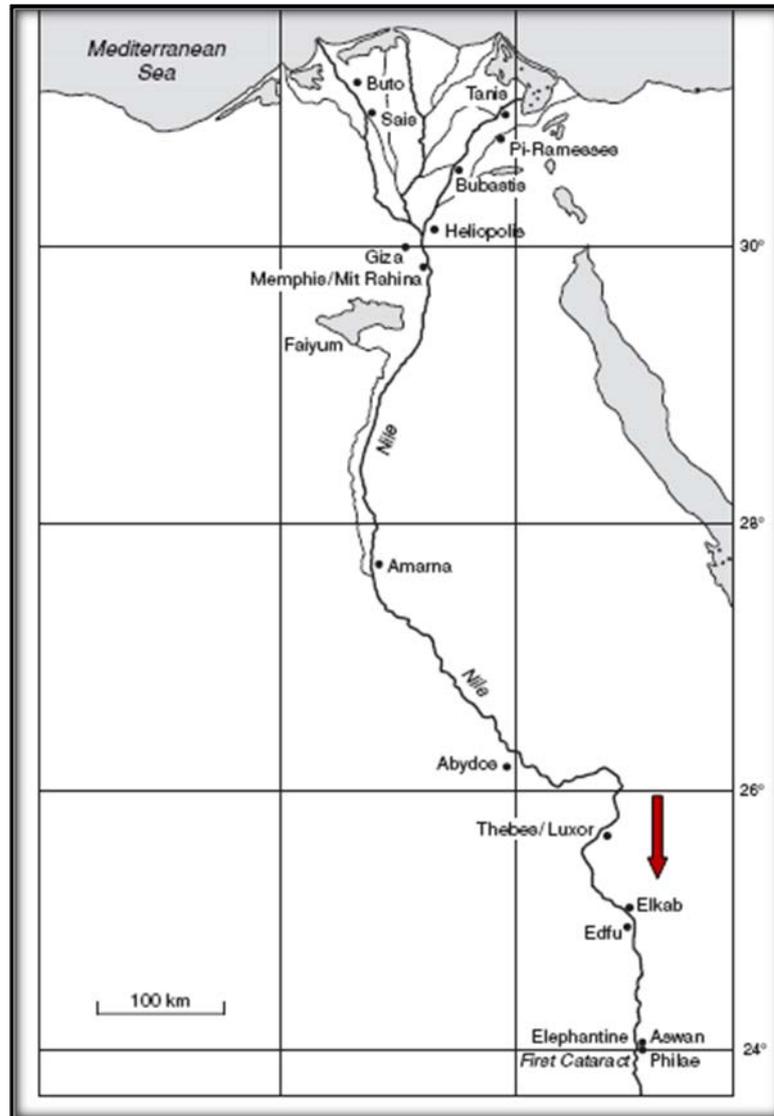
O primeiro contato do mundo moderno com as pinturas murais egípcias deu-se quando da expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito (1798-1799) a qual resultou na publicação da obra monumental *Description de l'Égypte*.¹³⁵ Ainda não era possível ler os textos, visto que a decifração da língua egípcia também seria resultante de um dos mais famosos achados da expedição francesa, a Pedra de Rosetta, trabalhada pacientemente por Jean-François Champollion a partir de 1808 até o ano de 1822, quando apresenta em sua célebre *Lettre à M. Dacier*, a chave para a leitura dos hieróglifos.

Era possível, no entanto, nessas pinturas murais, estabelecer um primeiro contato com o cotidiano dos antigos egípcios. Após a decifração e o trabalho meticuloso dos primeiros estudiosos, as tumbas de El-Kab tornaram-se famosas pelas primeiras narrativas biográficas do antigo Egito a serem estudadas sendo a tumba de Pahery, anteriormente citada, a tumba cujas inscrições haviam sido reproduzidas pelos estudiosos que haviam acompanhado Napoleão.

A antiga cidade de Nekheb (nome moderno *El-Kab*, nome clássico *Eileithyaspolis*) situa-se na região do Alto Egito meridional entre as cidades de Luxor e Assuão na margem oriental do Nilo. A cidade ficava no lado oposto a antiga cidade de Nekhen (nome moderno *Kom El-Ahmar*, nome clássico *Hieracômopolis*), muito conhecida por ser a cidade de referência do deus Hórus. Pesquisas arqueológicas comprovam a ocupação da área desde períodos pré-históricos¹³⁶ com particular realce à chamada indústria microlítica do período conhecido como *kabiano* (em torno de 6.000 a.C.) o qual é anterior às culturas neolíticas do Alto Egito.

¹³⁵ *Description de l'Égypte ou Recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Égypte pendant l'expédition de l'armée française*, Paris, Imprimerie impériale (puis royale), 1809-1822. El-Kab(Elethya)- A.vol.I, PL.66-69. A obra monumental foi reimpressa diversas vezes e apresenta versões completas em menor escala acessíveis nas livrarias. A versão consultada foi a da editora Taschen de Colônia, Alemanha, 2002.

¹³⁶ Cf. QUIBELL, J.E. *El-Kab*. London: 1898.



MAPA 1: mapa do antigo Egito no qual indicamos a localização de El-Kab, antiga Nekheb, onde se encontram as tumbas de Ahmés filho de Ibana e de Pen-Nekhbet. Fonte: SPALINGER, A. *War in Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005. P.XVIII.

A cidade foi ocupada por todo o período faraônico e, pelo menos até a 18ª dinastia foi uma das cidades prestigiadas pelo governo central. A povoação foi uma das mais importantes nos períodos pré-dinástico e dinástico primitivo sendo um dos primeiros núcleos urbanos destas fases. A importância da cidade pode ser comprovada pela particular devoção dos faraós à deusa principal da localidade, Nekhbet¹³⁷, a deusa-abutre que, juntamente com a deusa serpente Wadjet do Baixo Egito, ocupa o cargo de deusa tutelar dos faraós sendo incluída entre os títulos oficiais dos mesmos como o segundo de seus cinco nomes : o nome de *nebti*, Duas Senhoras (*nbtj* ). O título de *nebti* pode ser encontrado em inscrições muito antigas como na placa de identificação de um vaso de óleo pertencente ao faraó Aha¹³⁸ feita em marfim e datada de cerca de 3.100 a.C¹³⁹.

A cidade foi ocupada em todas as fases históricas do Egito e no Reino Novo tornou-se a capital do terceiro nomo do Alto Egito. No período ptolomaico foi denominada Eileithyápolis por associação com a deusa grega de origem creto-minóica Eileithya¹⁴⁰ associada aos nascimentos divinos, função esta exercida por Nekhbet entre os egípcios.

Os monumentos arqueológicos de El-kab aparecem documentados já no período napoleônico, como dissemos acima, na obra “Description de l’Égypte”¹⁴¹ a qual possibilita a localização da área urbana antiga, bem como a delimitação do complexo templário central cujo templo principal é dedicado a Nekhbet e Thot. As ruínas aí encontradas são datadas do Reino Novo, particularmente sob os reis da 18ª dinastia, mas, as pesquisas arqueológicas realizadas principalmente pelos belgas¹⁴² demonstram construções mais simples dedicadas a Nekhbet muito

¹³⁷ Sobre a divindade e a antiguidade de seu culto WILKINSON, Toby A.H. *Early Dynastic Egypt*. London/New York: Routledge, 1999 e HART, Georges. *The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*. London/New York: Routledge, 2005.

¹³⁸ 1º faraó da 1ª dinastia – Dinástico primitivo (aprox. 3100-2686 a.C.)

¹³⁹ SPENCER, A.J. *Early Egypt, the rise of civilization in the Nile Valley*. Norman: University of Oklahoma Press.p.63.

¹⁴⁰ Cf. Eileithya In: ZIEGLER, Konrat (*et alii*) *Der kleine Pauly: Lexikon der Antiek, auf der Grundlage von Pauly’s Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, München: Alfred Druckenmüller Verlag. 1979.

¹⁴¹ Vide nota 135

¹⁴² Cf. obra de DERCHAIN, P. e VERMERSCH, P. *Elkab*. Brussels/Louvain: 1971-8. 2 vols.

anteriores, datadas pelo menos do dinástico primitivo como sugere a placa de marfim, acima mencionada, e o bloco de granito com o nome de Khasekhemwy¹⁴³ aí encontrado. O estado das ruínas mais antigas é, no entanto, bastante deteriorado.

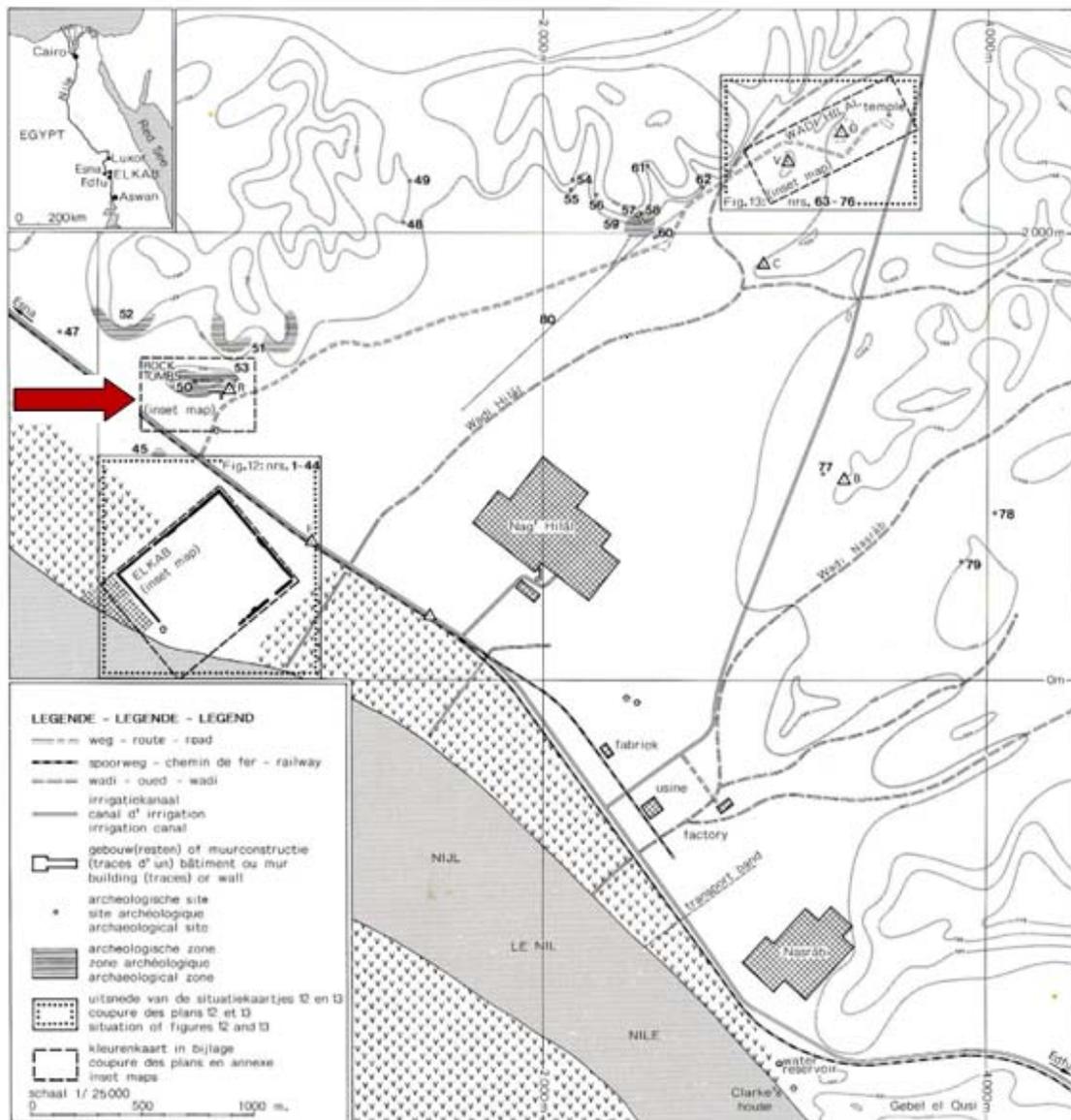
Além dos antigos templos de Nekhbet e Thot, cujas escavações ocuparam a maior parte das décadas de 60 e 70 pelos pesquisadores belgas, Nekheb é conhecida por várias inscrições nas rochas do deserto circundante que começaram a ser estudadas na década de 80 ainda pela escola belga. Foram catalogadas cerca de mais de 600 inscrições abrangendo desde o período pré-dinástico egípcio até o período islâmico¹⁴⁴.

A necrópole de Nekheb possui o maior interesse para nosso estudo pois, abriga os túmulos de vários nobres egípcios. Dentre eles destacam-se os túmulos de Ahmés, filho de Ibana, mas conhecido como o Almirante Ahmés, e de seu neto Pahery. Foi este último que teve suas inscrições reproduzidas pelos estudiosos que acompanharam Napoleão quando da expedição ao Egito e ficou conhecida por ser uma das primeiras representações da vida cotidiana egípcia a ser vista por um amplo público.

Os túmulos que nos interessam são os de classificação **EK2**, pertencente a Ahmés Pen-Nekhbet, um membro da corte egípcia que se destacou pelos seus méritos militares, e o **EK5** de propriedade do conhecido Almirante Ahmés, o filho de Ibana. Nas paredes destes túmulos estão as chamadas autobiografias de seus donos que nos relatam os principais feitos de suas vidas que foram escolhidos para serem aí inscritos, lembrando-os para a sonhada eternidade.

¹⁴³ Último faraó da 2ª dinastia, por volta de 2740

¹⁴⁴ Sobre as atividades da escola belga ver o artigo LIMME, Luc. *Elkab, 1937-2007: seventy years of Belgian archaeological research*, **British Museum Studies in Ancient Egypt and Sudan 9 (2008): 15–50**, acessível na internet no endereço <http://www.britishmuseum.org/pdf/Limme.pdf>. Último acesso 10/01/2010.



MAPA 2: o mapa acima permite visualizar as tumbas em relação ao templo da cidade e ao rio Nilo.
 Fonte: Depuydt, F., *Elkab IV. Topographie, 1. Archaeological-Topographical Surveying of Elkab and Surroundings*. Brussels: Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1989. Apud LIMME, Luc. *Elkab, 1937-2007: seventy years of Belgian archaeological research*.



Figura 4: A entrada para os túmulos de Ahmés-filho de Ibana, Pahery, neto de Ahmés, Setau, Ahmés Pen-Nekhbet, e Reneny. A escadaria e a plataforma são construções recentes que permitem o acesso dos visitantes as tumbas, agora abertas ao público.

II.3.2 - A Biografia De Ahmés, Filho De Ibana.

II.3.2.1- *Introdução*

A biografia de Ahmés, filho de Ibana é utilizada de há muito pelos egiptólogos que trabalham com o tema militar. O título de Almirante tornou-se conhecido pela tradução de Kurt Sethe e Georg Steindorff que reproduziram o texto da biografia na clássica coleção *Urkunden des ägyptischen Altertums*¹⁴⁵, uma seleção de peso com as mais variadas inscrições e textos de cunho histórico-biográficos e religiosos que tinha por objetivo divulgar e ampliar a área de estudos do antigo Egito, facilitando o acesso a essas fontes.

Ahmés serviu como chefe dos marinheiros sob três faraós: Ahmés I, fundador da XVIIIa dinastia, a primeira do Reino Novo; Amenhotep I e Tutmés I, englobando aproximadamente os anos de 1580-1520. Os relatos das batalhas são, em conjunto com a biografia de Ahmés Pen-Nekhbet, as únicas descrições pormenorizadas da expulsão dos hicsos do Vale do Nilo e da retomada do poder nativo nas mãos de um faraó. A estela de Kamés, outro documento importante para a o conhecimento da luta contra os hicsos, retrata apenas o início da revolta.

¹⁴⁵ Coleção publicada por J.C. Hinrichs'sche Buchhandlung, Leipzig, 1932.

Pelo relato de Ahmés, filho de Ibana, à tomada de Avaris sucedeu-se a perseguição aos hicsos até Sharuhen (cidade situada ao sul de Canaã). Após seis anos de cerco a cidade caiu em poder dos egípcios que tomam o controle da região. Ahmés retorna ao Egito e precisa pacificar a região da Núbia, ao sul do vale, que havia se tornado independente durante o domínio estrangeiro. Revoltas internas também parecem ainda sacudir o Egito. Ahmés nomeia dois líderes, Aata e Tetian que teriam sido derrotados. Não se pode precisar a origem destes líderes, se nativos ou estrangeiros. Sob Amenhotep I, Ahmés e as tropas retornam à Núbia e mais uma vez sob Tutmés I, o que parece indicar uma tensão constante na região. É sob este faraó que Ahmés é nomeado “Chefe dos Marinheiros”. A expedição à Síria de Tutmés I é a última relatada por Ahmés. Nesta expedição as tropas egípcias atingiram a cidade de Naharina, na região da Mesopotâmia.

A inscrição original encontra-se ainda nas paredes de seu túmulo em El-Kab (EK 5), onde pode ser vista atualmente, embora apresente muitas lacunas no texto resultantes da deterioração desde sua descoberta. A tradução que será aqui realizada tem por base o texto egípcio retirado de Kurt Sethe¹⁴⁶ e comparado com os desenhos de Richard Lepsius, um lingüista e arqueólogo alemão que viajou com Ippolito Rosellini ao Egito e à Núbia. Em sua expedição de 1842 realizou estudos e escavações nas pirâmides de Gizé, Abusir, Sakara e Daschur. resultando suas investigações na publicação de uma obra de grandes proporções o *Denkmäler aus Aegypten und Aethiopien (Monumentos do Egito e da Etiópia)*¹⁴⁷, em doze volumes, com mapas e desenhos de templos e túmulos, dentre estes os que serão aqui estudados.

O túmulo de formato retangular apresenta diversas inscrições como fórmulas e encantamentos para o morto e escritos em honra aos deuses. O texto biográfico original está escrito em hieróglifos nas paredes do túmulo em colunas organizadas da seguinte forma (entre parênteses indicamos a reprodução do monumento na obra de Lepsius):

¹⁴⁶ Sethe, *Op.cit.* Urk.IV, 1-11.

¹⁴⁷ Esta importante obra era de difícil acesso mas fez parte de um projeto da Universidade de Sachsen-Anhalt e encontra-se disponibilizada na internet no endereço eletrônico: <http://edoc3.bibliothek.uni-halle.de/lepsiuss/start.html>.

Colunas 1 – 31 : parede direita (Denkm. III 12 d.)

Colunas 32 – 40 : na metade esquerda da parede da porta de entrada (Denkm. III 12 b)

Colunas 41 – 66: na metade direita da parede da porta de entrada (Denkm. III 12 c)

O texto foi transcrito por Kurt Sethe na horizontal de forma a facilitar sua reprodução e sua leitura. Ele segue a divisão das colunas de Lepsius(vide fig.), numerando as 66 linhas agrupadas em 11 tópicos organizados por Sethe de acordo com o tema tratado no relato biográfico:

1. Introdução (linhas 1-4)
2. Infância (linhas 4-6)
3. A expulsão dos Hyksos (linhas 6-16)
4. A Campanha contra a Núbia sob Ahmés I (linhas 16-19)
5. Submissão do rebeldes (linhas 19-22)
6. Extermínio dos rebeldes (linhas 22-24)
7. Campanha contra a Núbia sob Amenhotep I (linhas 24-29)
8. Campanha contra a Núbia sob Tutmés I (linhas 29-36)
9. Campanha contra a Síria sob Tutmés I (linhas 36-39)
10. Velhice (linha 40)
11. Lista dos bens recebidos por Ahmés ao longo de sua vida (linhas 41-66)

II.3.2.2- Texto Hieroglífico, Transcrição Fonética e Tradução

1
hri hnyt I^chms s3 Ib3n3 m3^c-hrw

O Superior dos marinheiros [Almirante], Ahmés, filho de Ibana, justo de voz [o morto]

2
dd.f dd.i n tn rmt nbt.d.i rh.tn hswt hpr(w)t n.i

Ele diz: Eu falo a vós, a todos os homens. Darei a conhecer todas as recompensas que recebi [lit. que ocorreram a mim]

iw^c.kwi m nbw sp 7 hft-hr-n b r-dr.f hmw hmwt r-mitt iry

eu que fui recompensado sete vezes com ouro diante do país inteiro e fui também munido de servidores e servidoras.

s3h.kwi m 3hwt c3w(t) wrt

Dotaram-me também de numerosas terras.

iw m n kn m irt.n.f nn htm.(w) m b pn dt

É por suas ações / seus feitos que o nome de um bravo é glorificado/reconhecido e não será jamais esquecido neste país

dd.f r-ntt ir.n.i hprw.i m dmi n nhb

Ele diz: Cresci na cidade de El-Kab.

iw it.i m w^c w n nsw-bit sknn-r^c m^c3-hrw b3b3 s3 r-int rn.f

Meu pai era soldado do rei do Alto e do Baixo Egito Sequenré, justo de voz, e chamava-se Baba, filho de Rainet.



h'c.n.i hr irt w'w r-db3.f m p3 dpt n(t)p3 sm3

Tornei-me soldado [marinheiro] em seu lugar no navio “Touro Selvagem”



m-h3w nb 3wy nb-ph3t-r'c m3'-hrw iw.i m šri n irt.i hmt

no tempo do Senhor das duas terras Neb-Phty-Ra, justo de voz. Eu era ainda muito jovem: não tinha mulher



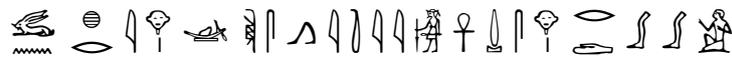
iw sdr.i m smt šnw hr m-h3t grg.n.i pr

dormia ainda na rede de dormir das crianças. Depois de construir um lar,



h'c.n.i it.kwi r p3 dpt mhty hr knn.i

fui convocado para o barco “Setentrional”, devido a minha coragem.



wn.hr.i hr šms ity 'nh wd'c sab hr rdwy.i

Eu acompanhei o soberano sobre a terra firme (sobre meus dois pés),



m-h3t swtw.t.f hr wrrt.f

seguindo suas saídas sobre o seu carro.



iw hms.tw hr dmi n hwt-w'rt

A cidade de Avaris foi sitiada.



wn.hri.i hr knt hri rdwy.i m-b3h hm.f

Provei meu valor diante de Sua majestade.



h'c.n.i dhn.kwi r h'c-m-mn-nfr

Depois fui designado para o barco “Aquele que brilha em Mênfis”.

wn.in.tw hr h3 hr mw m p3 ddkw n hwt-w'rt

Combatemos então no canal Padjedku de Avaris.

h'c.n h3f'c.n.i in.i d'rt

Tomei meu butim e uma mão

smi.t(w) n whmw-nsw wn.in.tw hr rdt n.i nbw n knt

o fato foi relatado ao arauto real e fui agraciado com o ouro da coragem.

h'c.n whmw h3 m st tn

Depois recomeçamos a luta neste mesmo local

wn.in.i hr whm h3f'c im ini.i d'rt

e tomei novamente meu butim e trouxe outra mão

wn.in.tw hr rdit n.i nbw n knt m whm-c

e fui agraciado mais uma vez com o ouro da coragem.

wn.in.tw h3 m t3 kmt n dmi pn

Combatemos depois no Egito, ao sul desta cidade.

h'c.n ini.n.i skr-c'nh s h3.n.i r p3 mw

De lá trouxe um prisioneiro, um homem: eu entrei na água,

13

mk in.tw.f m mh hr t wzt dmi db.n.i hr.f hr mw

vejam, eu o trouxe como uma captura feita a caminho da cidade. Eu atravessei a água carregando-o



smi.(t)w n whm-nsu hc.n.tw mk iw.i m nbw hr snnw sy

e este fato foi contado ao arauto real. Então fui recompensado mais uma vez com ouro.



wn.in.tw hr h3k hwt-wrt

Depois Avaris foi tomada;



Wn.in.i hr int h3kt im s l st hmt 3 dm r tp 4

trouxe prisioneiros: um homem e três mulheres perfazendo um total de quatro cabeças.



wn.in hm.f hr rdit st n.i r hmw

Sua majestade mos deu como escravos.



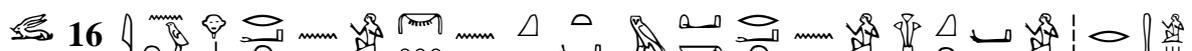
wn.in.tw hr hmst hr s3-r-h3-n3 m rnpwt 6

Em seguida Sharuhem foi sitiada durante 6 anos.



Wn.in hm.f hr h3k.s hc.n in.n.i h3kt im st-hmt 2 drt

Sua Majestade a tomou. Então eu trouxe de lá duas mulheres e uma mão



Wn.in.tw hr rdt n.i nbw n knt mk rd.tw n.i h3kt.i r hmw

e, novamente o ouro me foi ofertado e os prisioneiros me foram dados como escravos.



hr m-ht sM3.n hm.f mntyw stt

Após massacrar os asiáticos,

17 

Wn.in.f hr hntyt r hnt-hn-nfr

Sua majestade subiu o rio em direção à Khent-em-nefer



r sksk iwntyw styw

para destruir os núbios.



wn.in n hm.f hr irt h^t ^st im.sn

Foi um grande massacre

18 

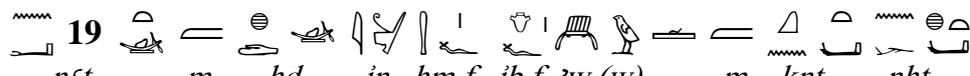
h^c.n in.n.i h3kt im s 2 nh drt 3

Eu trouxe de lá meu butim: dois homens vivos e três mãos.



wn.in.tw hr iw^i m nbw hr sn-nw sy mk rd.t(w) n hmt 2

Fui novamente recompensado com ouro; duas servas me foram entregues

19 

n^t m hd in hm.f ib.f 3w.(w) m knt nht

Sua majestade desceu então o rio em direção ao norte, o coração feliz, forte e poderoso, pois



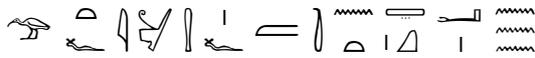
it.n.f rsyw mhtyw h^c.n 3B iw.(w) n rsy

havia conquistado os países do sul e do norte. Então Aata dirigiu-se para o sul (do Egito)

20 

stkn š^w.f m(w)t.f ntrw šm3w hr 3m.f

seu destino desde então estava perto de seu fim. Os deuses do Alto Egito o bateram???


gm.t(w) in hm.f m ti-nt-ḫ-c

Sua majestade o encontrou em Tent-taa-mu


wn.in hm.f hr intw.f m skr-nh rmt.f nb m is-h3k

o trouxe prisioneiro e todo o seu povo foi tomado como butim


h-c.n in.n.i m(c)g3 2 m mh m p3 dpt n 333

Eu trouxe dois soldados, prisioneiros, oriundos do barco de Aata


wn.in.tw hr rdt n.i tp 5 hr dniw

Foi-me dado cinco cabeças e muitas extensões de terra


3ht st3t 5 m niwt.i irw n 3 hnyt r-3w.s m-mitt

– cinco aruras – em minha cidade. O mesmo foi feito com todos os marinheiros.


h-c.n hr(w) pf iw.(w) tti-cn rn.f

Veio então um inimigo vil de nome Teti-an.


shwy.n.f n.f h-ckw-ib wn.in hm.f hr sm3.f

Ele reuniu consigo homens maus de coração. Sua majestade o matou

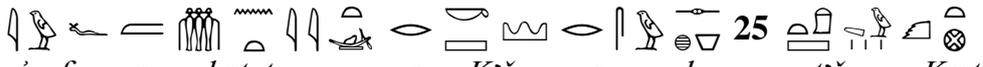

iswt.f m tmt hpr h-c.n rd.n.i tp 3 3ht st3t 5 m niwt.i

suas tropas ficaram como se nunca houvessem existido. Foi-me dado três cabeças e campos – cinco aruras em minha cidade.



wn.in.i hr hnt nsw-bit dsr-k3-r^c m3^c-hrw

conduzi por barco o rei do Alto e do Baixo Egito Djoserkara



iw.f m hntyt r K3š r swsh tšw Kmt

quando este retornou ao país de Kush para ampliar as fronteiras do Egito



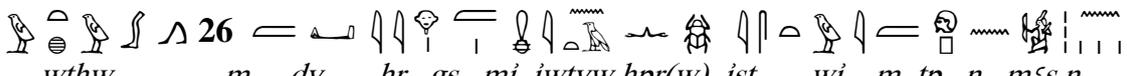
wn.in n hm.f hr skr iwnty pf m-hr-ib mš^c.f

Sua Majestade atingiu este núbio [vil] no meio de seu próprio exército e ele foi conduzido acorrentado



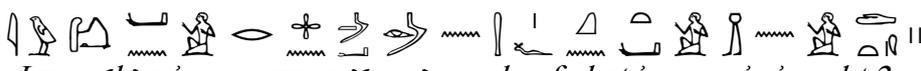
Inw m gw3gw3 nn nhw.sn

Do seu exército nada sobrou



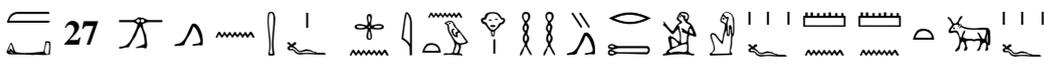
wthw m dy hr gs mi iwtyw hpr(w) ist wi m tp n m^c.n

Os que fugiam eram derrubados para os lados como se não existissem. Eu estava a frente de nosso exército



Iw h3.n.i r-wn-m3^c m3n hm.f knt.i in.i drt 2

e lutei bravamente. Sua Majestade presenciou minha bravura. Eu trouxe duas mãos



ms n hm.f wn.in.tw hr hhy rmt.f mnmnt.f

as entreguei a Sua Majestade. Depois buscamos o povo e o gado do inimigo vencido



h^c.n in.n.i skr-nh ms n hm.f

Trouxe um prisioneiro e o ofereci à Sua Majestade

Ini.i hm.f m hrw 2 r Kmt m hnt hrw

Em dois dias conduzi o rei de volta ao Egito partindo do poço de abastecimento superior (=Núbia)

h.c.n.tw hr iw.c.i m nbw h.c.n in.n.i hnt 2 m h3k

Fui recompensado com ouro. trouxe duas escravas como butim

hrw-(r) nn n ms.n.i n.i n hm.f

além daquele oferecido á Sua Majestade

wn.in.tw hr rdt.i r h3wty n h3k3

Fui nomeado “Guerreiro do Rei”

wn.in.i hr hnt nsw-bit 3-hpr-k3-r.c

Eu conduzi por barco o rei do Alto e do Baixo Egito, Aakheperkare

Iw.f m hntyt r hnt-hn-nfr r ssw n h3cy ht h3swt

quando ele subiu o rio em direção a Khent-khen-nefer para reprimir uma insurreição nas montanhas

r dr bs n h3st

afastar uma invasão das terras desérticas.

wn.in.i hr knt m-b3h-f m p3 mw bin

Eu demonstrei bravura em presença do rei sobre águas difíceis

m p3 s3s3 p3 h.c.w hr t pn.cyt

quando o barco enfrentou uma passagem perigosa nas cataratas



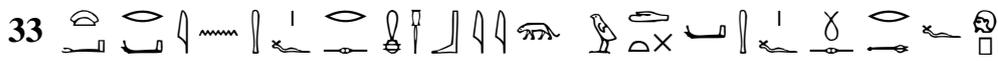
wn.in.tw hr rdt.i r hr(y) hnyt

Por isto fui nomeado Chefe dos Marinheiros



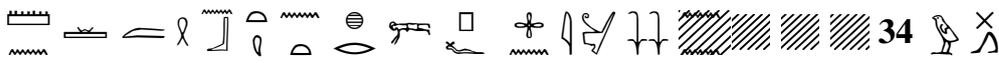
wn.in hm.f nh wd snb

por sua majestade, vida, prosperidade e saúde.....

33


hr.in hm.f r.s mi 3by wdt hm.f šsr.f tp

Então Sua Majestade enfureceu-se como uma pantera. Ele atirou sua primeira flecha



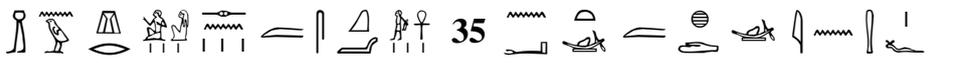
mn m šnbt Nt hr(w) pf wn.in nn

ficou encravada no peito deste vil inimigo



bdš.n nsrt.f irw im m 3t hbyt

sem forças perante seu Uraeus inflamado; Em um instante houve um massacre



inw hrw.sn m skr-nhw n't m hd in hm.f

conduzimos todos os seus habitantes prisioneiros. Sua Majestade desceu então em direção ao norte



h3swt nb m 3mmt.f

tendo o controle sobre todos os países estrangeiros



iwnty pf hs m shd m h3t bik n hm.f

um núbio vil estava pendurado de ponta cabeça na proa do navio real.



dw r b m ipt-swt

Desembarcamos em Karnak.



m-h3t nn wd3.(f) r r3nw r i'c ib.f ht h3swt

Após estes acontecimentos partimos para o Retenu para alegrar { lit.= lavar] o seu coração [o de sua Majestade] em terras estrangeiras



spr hm.f r nh3ryn3

Sua Majestade atingiu Naharina e encontrou o

37


gmt.f hm.f nh wd3 snb hr(w) pf ts.f skw

encontrou o inimigo recrutando tropas



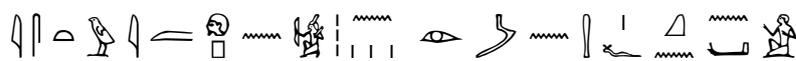
wn.in hm.f hr irt s3t 3t im.sn

Ele fez um grande massacre no meio deles e

38


nn tnw m skr-nhw inn hm.f m nhtw.f

não pudemos contar o número de prisioneiros que ele trouxe de suas vitórias.



ist wi m tp n m's.n m3 n hm.f knn.i

eu estava a frente do exército e sua Majestade pode constatar minha bravura

39

in.n.i wryt ssm.s nty hr.s m skꜣr-ꜥnh

eu trouxe um carro de guerra seus cavalos e prisioneiros

ms n hm.f wn.in.tw hr iwꜥ.i m nbw hr šn-nw-sy

os ofereci ao rei. Novamente fui recompensado com ouro

40

Quando envelheci e atingi a idade provectora

ḥswt.i mi htp.i m ḥrt irt.n.i ds.i

mantive minhas honrarias e poderei descansar na tumba que eu mesmo fiz. Poderei descansar na tumba que eu mesmo fiz.

41

44

45
m bḥy

em Behy

wḥm rd.t(w) in nsw-bit.....

De novo, o rei do alto e do Baixo Egito me recompensou ...

46
sḥt 60 m ḥꜣdꜥ dmd sḥt

60 aruras em Hadyaa. No total, ... aruras.

Listagem dos escravos ganhos

47
Imy-rn.f n t n ḥmw ḥmtw n ḥꜣkt n.i

Eis os nomes dos escravos e escravas que me foram dados no butim

48 | | 
hm p3 m-di-d'y

O escravo Medidjai

49 | | 
hm p3y 3bw
O escravo Payabu

50 | | | 
hm snbnbf

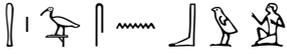
O escravo Sebenef

51 | | 
hm p3

O escravo

52 | | 
hm knh3ip3hk

O escravo Kenekhai-Pahek

53 | | 
hm dhwti- snbw

O escravo Djehut-Senebu

54 | | | 
hm sbkms

O escravo Sobekmés

55 | | 
hm h3-rny

O escravo Khareny

56 | | 
hm p3km3m

O escravo Pakhamam

57 | | 
hmt t33

A escrava Taá

58 
hmt sdmni

A escrava Sedjemeni

59 
hmt b3kt

A escrava Baket

60 
hmt k3 isy

A escrava Kaisy

61 
hmt 3m 3mtw

A escrava Tamametju

62 
hmt bn3hrpht

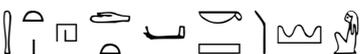
A escrava Beneta-Kherep-Khet

63 
hmt ist3 riwmdi

A escrava Ise-Ta- Remedi

64 
hmt itnfr

A escrava Itnefer

65 
hmt hdth3i-kš-ḳm3ḥ3st

A escrava Khedet- Kaikush-Kemakhaset

66 
hmt imn hr ssnb

A escrava Amenher-Seseneb

II.3.2.3 - *Texto Traduzido*

O chefe (superior) dos marinheiros, Ahmés, filho de Ibana, justo de voz, diz: “Eu falo a vós, a todos os homens. Descreverei as honras que recebi; eu que fui recompensado sete vezes com ouro diante do país inteiro e fui também munido de servidores e servidoras. Dotaram-me também de numerosas terras. É por suas ações que o nome de um homem é reconhecido e não será jamais esquecido neste país.

Ele continua: “Cresci na cidade de El-Kab. Meu pai era soldado do rei do Alto e do Baixo Egito Sequenré, justo de voz, e chamava-se Baba, filho de Rainet. Tornei-me marinheiro em seu lugar no barco “Touro combatente” no tempo do Senhor das duas terras Neb-Phty-Ra, justo de voz. Eu era ainda muito jovem: não tinha mulher e dormia ainda na rede de dormir das crianças.

Depois de construir um lar, fui convocado para o barco “Setentrional”, devido a minha coragem. Eu acompanhei o soberano sobre a terra firme, seguindo suas saídas sobre o seu carro. A cidade de Avaris foi sitiada. Provei meu valor diante de Sua majestade. Depois fui designado para o navio “Aquele que brilha em Mênfis”. Combatemos então no canal Padjedku de Avaris. Tomei meu butim e uma mão, o fato foi relatado ao arauto real e fui agraciado com o ouro da coragem.

Depois recomeçamos a luta neste mesmo local e tomei novamente meu butim e trouxe outra mão e fui agraciado mais uma vez com o ouro da coragem. Combatemos depois no Egito, ao sul desta cidade. De lá trouxe um prisioneiro, um homem: eu entrei na água, vejam, eu o trouxe como uma captura feita a caminho da cidade. Eu atravessei a água carregando-o e este fato foi contado ao arauto real. Então fui recompensado mais uma vez com ouro.

Depois Avaris foi tomada; trouxe prisioneiros: um homem e três mulheres perfazendo um total de quatro cabeças. Sua majestade nos deu como escravos.

Em seguida Sharuhem foi sitiada durante 6 anos. Sua Majestade a tomou. Então eu trouxe de lá duas mulheres e uma mão e, novamente o ouro me foi ofertado e os prisioneiros me foram dados como escravos.

Após massacrar os asiáticos, Sua majestade subiu o rio em direção à Khent-em-nefer para destruir os núbios. Foi um grande massacre. Eu trouxe de lá meu

butim: dois homens vivos e três mãos. Fui novamente recompensado com ouro e as duas mulheres me foram entregues. Sua majestade desceu então o rio em direção ao norte, o coração feliz, forte e poderoso, pois havia conquistado os países do sul e do norte.

Então Aata dirigiu-se para o sul (do Egito); seu destino desde então estava perto de seu fim. Os deuses do Alto Egito o bateram???. Sua majestade o encontrou em Tent-taa-mu e o trouxe prisioneiro e todo o seu povo foi tomado como butim. Eu trouxe dois soldados, prisioneiros, oriundos do barco de Aata. Foi-me dado cinco cabeças e muitas extensões de terra – cinco arouras – em uma cidade. O mesmo foi feito com todos os marinheiros.

Veio então um inimigo vil de nome Teti-an. Ele reuniu consigo homens maus de coração. Sua majestade o matou e suas tropas ficaram como se nunca houvessem existido. Foi-me dado três cabeças e campos – cinco arouras em minha cidade.

Eu conduzi por barco o rei do Alto e do Baixo Egito Djoserkara quando este retornou ao país de Kush para ampliar as fronteiras do Egito. Sua Majestade atingiu este núbio vil no meio de seu próprio exército e ele foi conduzido acorrentado. Do seu exército nada sobrou. Os que fugiam eram derrubados para os lados como se não existissem. Eu estava a frente de nosso exército e lutei bravamente. Sua Majestade presenciou minha bravura. Eu trouxe duas mãos e as entreguei a Sua Majestade. Depois buscamos o povo e o gado do inimigo vencido. Trouxe um prisioneiro o qual ofereci à Sua Majestade. Em dois dias conduzi o rei de volta ao Egito partindo da cisterna??? superior. Fui recompensado com ouro e trouxe duas escravas como butim além daquele oferecido á Sua Majestade. Fui nomeado “Guerreiro do Rei” (*ḥꜣwty n ḥkꜣ*).

Eu conduzi por barco o rei do Alto e do Baixo Egito, Aakheperkare quando ele subiu o rio em direção a Khent-khen-nefer para reprimir uma insurreição nas montanhas e afastar uma invasão das terras desérticas. Eu demonstrei bravura em presença do rei sobre águas difíceis quando o barco enfrentou uma passagem perigosa nas cataratas. Por isto fui nomeado Chefe dos Marinheiros.

[passagem mutilada. Pelo contexto deve narrar a tomada de conhecimento pelo rei de uma nova insurreição]

Então Sua Majestade enfureceu-se como uma pantera. Ele atirou sua primeira flecha que ficou encravada no peito deste vil inimigo.

[passagem mutilada]

...sem forças perante seu Uraeus inflamado. Em um instante houve um massacre e conduzimos todos os seus habitantes prisioneiros. Sua Majestade desceu então em direção ao norte tendo o controle sobre todos os países estrangeiros enquanto que um núbio vil estava pendurado de ponta cabeça na proa do navio real. Desembarcamos em Karnak.

Após estes acontecimentos partimos para o para alegrar { lit.= lavar] o seu coração [o de sua Majestade] em terras estrangeiras. Sua Majestade atingiu Naharina e encontrou o inimigo recrutando tropas. Ele fez um grande massacre no meio deles e não pudemos contar o número de prisioneiros que ele trouxe de suas vitórias. Eu estava a frente do exército e sua Majestade pode constatar minha bravura. Eu trouxe um carro de guerra com seus cavalos e prisioneiros e os ofereci ao rei. Novamente fui recompensado com ouro.

Quando envelheci e atingi a idade provecta mantive minhas honrarias e poderei descansar na tumba que eu mesmo fiz.

Existe uma parte do texto final muito danificado e ainda uma lista dos escravos da propriedade de Ahmés.

... em Behy. De novo, o rei do alto e do Baixo Egito me recompensou ...60 aruras em Hadyaa. No total, ... aruras.

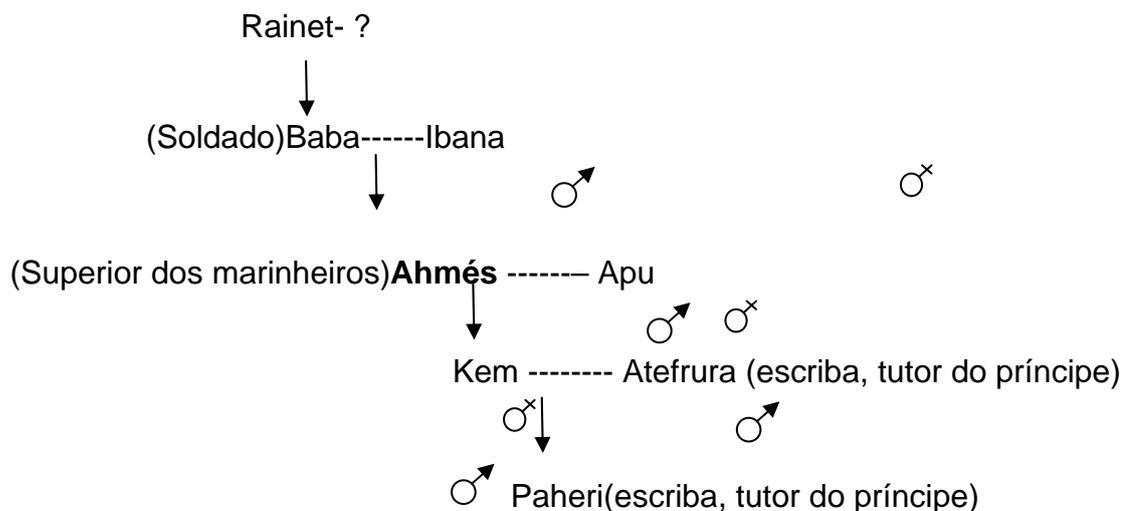
II.3.2.4- Comentários À Tradução

O chefe (superior) dos marinheiros, Ahmés, filho de Ibana(1), justo de voz(2), diz:

- 1) Ao fazer sua apresentação pessoal, Ahmés identifica-se como o filho de Ibana, o nome de sua mãe. Este epíteto, no entanto, não nos deve induzir a idéia de que no Egito a filiação fosse matrilinear. Os antigos egípcios citavam o nome de seu pai ou de sua mãe indistintamente¹⁴⁸. Tanto a mulher quanto o homem na sociedade egípcia tinham estatuto legal próprio, podendo ambos administrar heranças, embora não herdassem os bens um do outro¹⁴⁹. Apesar das aparências, a filiação era patrilinear¹⁵⁰. Parece que Ahmés continua uma tradição encontrada já em estelas funerárias do Reino Médio de se identificar como filho da 'senhora da casa'.

Outras informações familiares podem ser retiradas de textos menores provenientes da tumba de Ahmés. O seu neto Pahery, detentor de uma tumba no mesmo local foi o descendente responsável pela elaboração dos textos da tumba de Ahmés.

A árvore da família de Ahmés, o filho de Ibana, pode ser traçada da seguinte forma:



¹⁴⁸ TRIGGER, Bruce. *Early Civilizations*. pp.35-36

¹⁴⁹ THEODORIDES, Aristides. *O Conceito de Direito no Antigo Egito*. In: HARRIS, J. (org.) *O Legado do Egito*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1993. p. 305.

¹⁵⁰ CARDOSO, Ciro. *Hekanakht: pujança passageira do privado no antigo Egito*. P.168.

- 2) A expressão *justo de voz* (*mꜣꜥ-hrw*) constitui-se como um epíteto comum e refere-se ao morto que foi justificado no tribunal do outro mundo, ou seja, obteve êxito no julgamento perante os juízes do além.

“Eu falo a vós, a todos os homens(3).

- 3) Neste prólogo Ahmés se identifica aos que entram em seu túmulo. A tumba era também um lugar de socialização uma vez que o culto aos mortos era parte da vida no antigo Egito. Desde os primórdios de sua civilização o túmulo se constituía como a casa do morto, na qual ele continuaria a viver¹⁵¹. Por este fato as tumbas apresentavam uma estrutura básica que consistia em uma câmara (poço ou sala, conforme a estrutura tumular) lacrada após o funeral onde se resguardava a múmia do morto e a parte disponibilizada ao público que poderia consistir de uma ou várias salas, muitas vezes contendo uma espécie de capela ou estátuas votivas. A construção de uma tumba era também um sinal de distinção social e a complexidade e requinte da mesma correspondia ao status social de seu proprietário o qual, ainda em vida, ocupava-se de sua construção. No caso de Ahmés a tumba é escavada na rocha¹⁵², como o são a grande maioria dos túmulos do Reino Novo, e contém em sua parte pública a biografia do morto para que a leitura desta pelos vivos mantenha a lembrança do morto.

Descreverei as homenagens que recebi(4), eu que fui recompensado sete vezes com ouro(5) diante do país inteiro(6) e fui também munido de servidores e servidoras(7).

¹⁵¹ Sobre o culto aos mortos ver CARDOSO, Ciro. **Deuses, múmias e Ziggurats**. Uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. VERHOEVEN, Ursula. *O Culto aos Mortos*. In: SCHULZ, Regine (org.) Egito. **O Mundo dos Faraós**. Colônia: Könnemann Verlagsgesellschaft, 2001.pp. 480-489. ARNOLD, Dieter. **Lexikon der ägyptisch Baukunst**.

¹⁵² Sobre a tipologia das construções egípcias cf. ARNOLD, Op. Cit. Passim.

- 4) Ahmés relata aqui, resumidamente, recompensas ganhas em sua vida para demonstrar que destacara-se em seu tempo, perante os seus e os governantes. O texto dirige-se a todos os que entram no túmulo de Ahmés, particularmente seus familiares e descendentes que possuem o dever de manter o culto aos seus antepassados.
- 5) A recompensa em ouro refere-se ao prêmio por excelência dos homens que demonstravam coragem e se destacavam nas lutas. Geralmente o 'ouro de valor' era agraciado sob a forma de colares.
- 6) Conforme as representações iconográficas no palácio havia o chamado balcão de aparições do qual o faraó oferecia os prêmios aos seus heróis guerreiros. A cena é muito conhecida nas representações de Horemheb, último faraó da XVIII dinastia que se distinguiu, antes de sua ascensão ao trono, como general de Akhenaton. Pela descrição de Ahmés e pelas representações murais, essas premiações tinham caráter público.
- 7) A premiação também era feita através da dotação de escravos oriundos do butim de guerra.

Dotaram-me também de numerosas terras(8).

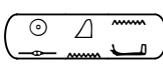
- 8) A terra é o elemento básico de remuneração no Egito Antigo. O tamanho dos lotes e a quantidade de dotações variavam de acordo com a situação social do beneficiado.

É por seus feitos que o nome de um homem é reconhecido e não será jamais esquecido neste país(9)

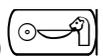
- 9) O nome era um dos componentes de imortalidade do ser que era composto pelo *ka*, o *Ba*, o *Akh*, o Nome e a Sombra; a preocupação maior de todo egípcio é que seu nome seja sempre lembrado e pronunciado pois, o que é falado vive. Apagar o nome de alguém é condenar este ao esquecimento, arriscando a sobrevivência de sua essência que vive no mundo dos mortos.

Ele continua: “Cresci na cidade de El-Kab (10). Meu pai era soldado do rei do Alto e do Baixo Egito Sequenré (11), justo de voz, e chamava-se Baba, filho de Rainet. Tornei-me soldado [marinheiro] em seu lugar (12) no navio “Touro Selvagem” no tempo do Senhor das duas terras Neb-Phty-Ra (13), justo de voz. Eu era ainda muito jovem: não tinha mulher e dormia ainda na rede de dormir das crianças.

10) Nekheb , atual El-Kab, pertencente ao terceiro nomo do Alto Egito.

11)  Sequenre-Taá, penúltimo faraó da XVIIIa dinastia tebana. Dividia o domínio sobre o Egito com o dominador hicso. A chamada *A Querela de Apópolis* é atribuída a uma possível desavença entre os dois. Devido ao estado de sua múmia com inúmeras fraturas e um grande buraco em seu crânio, Sequenré teria morrido em uma violenta luta. A historiografia tende a interpretar o seu reinado como o começo da revolta contra o domínio estrangeiro que terá no reinado de seu sucessor,  Kamés (1555-1550), um início efetivo, embora a expulsão completa do povo hicso só aconteça no início da XIXa dinastia com Ahmés I.

12) No Egito antigo a profissão é, geralmente, hereditária.

13)  *Nb-phty-Ra*, nome de trono de Ahmés I (1530-1539 / 1539-1564), fundador da XIXa dinastia que inicia o Reino Novo.

Depois de construir um lar(14), fui convocado para o barco “Setentrional”, devido a minha coragem. Eu acompanhei o soberano sobre a terra firme, seguindo suas saídas sobre o seu carro(15).

14) A infância e a adolescência variavam de acordo com o sexo. Para as meninas a maturidade era atingida por volta dos 12 / 14 anos. Para os meninos, de acordo com ensinamentos variados, a maturidade se dava somente em torno dos 20 anos quando, então, poderiam obter

independência econômica e formar uma família. Por isso, no caso do relato de Ahmés, ele passa tematicamente da infância na rede para a construção do lar.

- 15) O faraó seguia a frente de seu exército em seu carro. Os carros egípcios foram introduzidos após o domínio hicsu e davam destaque aos seus condutores. Diversos modelos de carros foram recuperados e suas inúmeras representações podem ser vistas nas grandes construções murais do Reino Novo.

A cidade de Avaris(16) foi sitiada. Provei meu valor diante de Sua majestade. Depois fui designado para o barco “Aquele que brilha em Mênfis”. Combatemos então no canal (17) Padjedku de Avaris. Tomei meu butim e uma mão(18), o fato foi relatado ao arauto real e fui agraciado com o ouro da coragem.

- 16) Avaris, em egípcio Hutuaret  *ḥwt- wꜣrt*, capital dos hicsos localizada no Baixo Egito.
- 17) A biografia de Ahmés fornece informações importantes não apenas sobre as lutas contra os hicsos como também as formas de combate. Os relatos de batalhas sempre se referem a lutas em terra, mas neste parágrafo a alusão a uma luta no canal ilustra a participação da força naval nos combates demonstrando a efetiva ação dos marinheiros nas guerras.
- 18) Mão decepada do inimigo. Inúmeras representações murais demonstram a contagem das mãos decepadas dos inimigos mortos. Os soldados egípcios eram recompensados de acordo com o número de mortes que infligiam ao exército inimigo. O controle era feito pelo número de mãos e falos que cada soldado trazia aos escribas responsáveis¹⁵³. A mão cortada era sempre a direita.

¹⁵³ GUTGESELL, Manfred. *O exército*. In: SCHULZ, R. e SEIDEL, M. *Egipto, o mundo dos faraós*. Colônia: Könemann, 2001, p.368.

Depois recomeçamos a luta neste mesmo local(19) e tomei novamente meu butim e trouxe outra mão e fui agraciado mais uma vez com o ouro da coragem. Combatemos depois no Egito, ao sul desta cidade(20).

19) Aqui temos o indício de que a libertação do Egito se deu de forma gradual e as lutas eram interrompidas e reiniciadas.

20)Os combates contra os hicsos tiveram início contra Avaris, capital destes invasores. A tomada da cidade não se deu de assalto de acordo com este relato indicando uma guerra de longa duração.

De lá trouxe um prisioneiro, um homem: eu entrei na água, vejam, eu o trouxe como uma captura feita a caminho da cidade(21). Eu atravessei a água carregando-o e este fato foi contado ao arauto real. Então fui recompensado mais uma vez com ouro.

21)Nesta passagem, Ahmés procura demonstrar como era superior aos seus inimigos, narrando a luta e o domínio do inimigo de forma despretensiosa, indicando que foi uma luta fácil. Aqui Ahmés trouxe o inimigo prisioneiro como escravo para o faraó. A recompensa em ouro indica que o Estado ficou com o escravo recompensando Ahmés de outra forma.

Depois Avaris foi tomada (22); trouxe prisioneiros: um homem e três mulheres perfazendo um total de quatro cabeças. Sua majestade mos deu(23) como escravos.

22)Após uma série de batalhas o controle da capital hicsa é conseguido. Este fato não representou, no entanto, a tomada completa do controle do território. Ahmés inicia aqui o relato de várias outras batalhas necessárias para o domínio efetivo do faraó.

23)Ahmés relata aqui a tomada de homens e mulheres como escravos o que indica a realização do saque da cidade e a realização do butim. Nesse momento os escravos são dados como recompensa indicando, talvez, que

esta seja um padrão para o contentamento dos soldados que participaram do exaustivo cerco a cidade e da luta para derrotá-la.

Em seguida Sharuhen foi sitiada durante 6 anos (24). Sua Majestade a tomou. Então eu trouxe de lá duas mulheres e uma mão e, novamente o ouro me foi ofertado e os prisioneiros me foram dados como escravos.

24) Sharuhen, cidade situada na região fronteira entre o Egito e o corredor sírio-palestino. Foi uma importante fortaleza para os hicsos no Segundo Período Intermediário. A ida de Ahmés para esta região parece indicar uma perseguição aos líderes hicsos que sobreviveram ao ataque anterior o que explicaria o longo cerco a cidade. A tomada de Sharuhen é vista como o início da expansão egípcia sobre a Ásia Menor.

Após massacrar os asiáticos, Sua majestade subiu o rio em direção à Khent-em-nefer(25) para destruir os núbios. Foi um grande massacre. Eu trouxe de lá meu butim: dois homens vivos e três mãos. Fui novamente recompensado com ouro e duas mulheres me foram entregues.

25) Região da Núbia ao sul da segunda catarata. Após expulsar os hicsos ao norte, Ahmés se dirige para a Núbia, região tradicionalmente sob influência egípcia que se tornara independente com o domínio hicsos sobre o Egito. A ida de Ahmés indica a relação entre núbios e hicsos. Esta aliança está atestada desde o reinado de Kamés, o último faraó da XVIIIa dinastia tebana que iniciara a luta pela expulsão dos hicsos. O relato de suas batalhas foi documentado em duas estelas encontradas em Karnak (Segunda Estela de Karnak e Tabuinha Carnavon I). Por este documento tomamos ciência de um mensageiro do dominador hicsos, preso por Kamés, que carregava consigo uma proposta de aliança para os núbios. A carta de aliança foi reproduzida integralmente na estela.

Sua majestade desceu então o rio em direção ao norte(26), o coração feliz, forte e poderoso, pois havia conquistado os países do sul e do norte.

26) Deve-se lembrar que o rio Nilo corre para o norte, por isso os egípcios se referiam ao norte com o verbo descer.

Então Aata(27) dirigiu-se para o sul (do Egito); seu destino desde então estava perto de seu fim. Os deuses do Alto Egito o bateram. Sua majestade o encontrou em Tent-taa-mu e o trouxe prisioneiro e todo o seu povo foi tomado como butim. Eu trouxe dois soldados, prisioneiros, oriundos do barco de Aata.

27) Aata parece ser de origem núbia pois Tent-taa-um refere-se a um canal desta região. A passagem indica novamente um combate nos canais, portanto, realizado pela força naval. Indica também que a luta contra os invasores hicsos e seus aliados foi retomada inúmeras vezes. A tomada da cidade e 'todo o seu povo' pode ser interpretada como um massacre exemplar, de forma a intimidar futuras novas rebeliões.

Foram-me dadas cinco cabeças e muitas extensões de terra – cinco aruras(28) – em minha cidade. O mesmo foi feito com todos os marinheiros.(29)

28) Primeira recompensa em forma de terras. A arura é uma palavra de origem grega (campo semeado) utilizada como medida agrária e tomada pelos egiptólogos como base de correspondência ao termo egípcio *sḥt*. Considerando a adaptação e uma margem de inexatidão a medida corresponde a $\frac{1}{4}$ de hectare. O valor médio com que se trabalha para a medida egípcia é em torno de 2.700 m². Assim a quantidade de terras ganhas por Ahmés seria em torno de 14.000 m².

29) A mesma recompensa para todos os marinheiros parece indicar a tomada de uma região como a da Núbia na qual ocorreu o massacre e a divisão de terras poderia ser uma estratégia de manutenção de tropas favoráveis ao faraó na região em conflito.

Veio então um inimigo vil de nome Teti-an(30). Ele reuniu consigo homens maus de coração. Sua majestade o matou e suas tropas ficaram como se nunca houvessem existido. Foram-me dados três cabeças e campos – cinco aruras em minha cidade(31).

30) Novamente o texto nos relata uma insurreição, o que confirma a tese de que a pacificação de todo o território egípcio não se deu apenas com a expulsão dos hicsos e que os elementos internos de descentralização política foram controlados *manu militari* com várias incursões do poder central sobre as regiões rebeladas. No caso de Teti-an destaca-se a interpretação de W. Helck segundo o qual esse seria um representante do clã Teti, originário de Dendera, um dos ramos da família de Sequen-ré que reivindicava o poder central contra os descendentes de Kamés.¹⁵⁴

Eu conduzi por barco o rei do Alto e do Baixo Egito Djoserkara (31) quando este retornou ao país de Kush(32) para ampliar as fronteiras do Egito. Sua Majestade atingiu este núbio vil (=isto é, o chefe da rebelião)(33) no meio de seu próprio exército e ele foi conduzido acorrentado. Do seu exército nada sobrou. Os que fugiam eram derrubados para os lados como se não existissem.- Eu estava a frente de nosso exército e lutei bravamente.

31)  Amenhotep I, segundo faraó da XVIIIa dinastia c. 1525-1504.

32) Uma nova rebelião na Núbia após a ascensão de Amenhotep I, indicando uma possível tentativa de libertação da região no período delicado de transmissão do poder real. A pronta resposta de Amenhotep indica que a sucessão foi tranqüila sem maiores problemas de legitimação de seu poder.

¹⁵⁴ HELCK, SAK 13 (1983), 125-133.

33) *iwnty pf* ...este núbio. O uso do demonstrativo *pf* carrega um sentido de desprezo ou de admiração sendo o contexto essencial para defini-lo. No caso, o texto refere-se ao levante núbio, logo algo repulsivo para os egípcios. Não há nomeação do líder mas, o demonstrativo refere-se a uma figura particular e a continuação da frase permite identificá-lo como o chefe do levante.

Sua Majestade presenciou minha bravura. Eu trouxe duas mãos e as entreguei a Sua Majestade. Depois buscamos o povo e o gado do inimigo vencido (34). Trouxe um prisioneiro o qual ofereci à Sua Majestade.

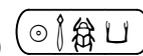
34) Nesse trecho Ahmés faz referência a uma pilhagem na cidade. Isso indica uma razia sobre os insurrectos podendo indicar uma punição exemplar que incluía a produção local. Como há uma referência de massacre do exército local pode ter havido também uma expatriação dos habitantes, política que foi comum no Reino Médio.¹⁵⁵

Em dois dias conduzi o rei de volta ao Egito partindo da cisterna superior. Fui recompensado com ouro e trouxe duas escravas como butim além daquele oferecido á Sua Majestade. Fui nomeado “Guerreiro do Rei”.

35) Local de abastecimento. Estação de abastecimento de água na Núbia.

36)  *ḥꜣwty n ḥꜣꜣ* Não indica um título militar específico mas um título geral para os guerreiros de maior destaque.

Eu conduzi por barco o rei do Alto e do Baixo Egito, Aakheperkare(37) quando ele subiu o rio em direção a Khent-khen-nefer(38) para reprimir uma insurreição nas montanhas / terras estrangeiras¹⁵⁶ e afastar uma invasão das terras desérticas.

37)   Aa-kheper-ka-ra Djehutmes (Tutmés I) 1504-1492.

¹⁵⁵ Cf. GUNDLACH, Rolf. *Die Zwangumsiedlung Auswärtiger Bevölkerung als Mittel ägyptischer Politik bis zum Ende des Mittleren Reiches* Fraz Steiner Verlag: Stuttgart, 1994..

¹⁵⁶ Lalouette traduz por terras estrangeiras e Breasted por montanha.

- 38)  Khent-khen-nefer, Região da Núbia ao sul da segunda catarata.

Eu demonstrei bravura em presença do rei sobre águas difíceis quando o barco enfrentou uma passagem perigosa nas cataratas. Por isto fui nomeado Chefe dos Marinheiros(39).

- 39)  *hry-hnyt* Título militar específico da força naval. Há muitas considerações sobre este e outros títulos navais. A força naval não deve ser vista como uma força separada do exército. Os egípcios compreendiam as forças armadas como um conjunto. Algumas especificações podem ser, no entanto, indicadas. *hnyt* refere-se a um conjunto que pode ser traduzido por tripulação de um navio. Todos os títulos que apresentam o termo *hnyt* como componente, porém, referem-se tanto a grupos de soldados de um navio que atuam como infantaria, combatendo em terra, e acompanhando os carros de guerra¹⁵⁷ portanto soldados, quanto ao grupo dos componentes do navio especificamente marinheiros. Isto permite-nos confirmar a unidade das forças de combate para o Egito antigo. O título de Ahmés refere-se a uma especialização no manejo do barco, o que o distingue dos demais, mas, sua carreira militar passou pela infantaria como soldado no início até o cargo de Chefe dos marinheiros. Outras biografias permitem-nos ver carreiras que se iniciam na marinha e terminam em terra. É o caso de Dedu (Urk. IV, 995) que serviu sob Tutmés III.

Nossa tradução do título de Capitão ou Chefe dos Marinheiros, leva em consideração o fato de que Ahmés foi indicado a Capitão de um navio e não de uma esquadra ou do conjunto de barcos do faraó, como a tradução de Almirante poderia nos levar a pensar.

[passagem mutilada]

¹⁵⁷ SCHULMANN, Alan. *Military Rank, Title and Organization in the Egyptian New Kingdom*. Berlim: Verlag Bruno Hesslig, 1964. §§ 23-27.

Então Sua Majestade enfureceu-se como uma pantera. Ele atirou sua primeira flecha que ficou encravada no peito deste vil inimigo.

[passagem mutilada]

...sem forças perante seu Uraeus inflamado. Em um instante houve um massacre e conduzimos todos os seus habitantes prisioneiros(40).

40) Uma nova insurreição na Núbia pode ser aqui identificada. A série de lutas e de revoltas descritas por Ahmés permite-nos ver quão difícil foi a reconquista do território sob o cetro do faraó.

Sua Majestade desceu então em direção ao norte tendo o controle sobre todos os países estrangeiros enquanto que um núbio vil estava pendurado de ponta cabeça na proa do navio real. Desembarcamos em Karnak(41).

41)Karnak, Ipet-sw^t *Ipt-sw^t*  principal lugar de culto da tríade tebana, tendo Amon como deus tutelar. O templo de Amon em Karnak foi a mais importante instituição templária já a partir do Reino Médio,mas ganhou especial relevo com a ascensão da XVIIIa dinastia tebana.

Após estes acontecimentos partimos para o Retenu (42) para alegrar { lit.= lavar} o seu coração [o de sua Majestade] em terras estrangeiras(43).

42)Retjenu  , Síria-Palestina.

43)A expressão ‘lavar o coração’ tem o sentido de fazer algo agradável. Esta frase inserida no contexto de ida ao norte no corredor Sírio-Palestino parece indicar que a região já estava sob controle egípcio, pois não há a clássica referência de “ampliar as fronteiras” ou qualquer declaração de combate planejado. É conhecida uma caçada de elefantes nesta região na qual Tutmés I teria participado o que reforça a idéia de uma viagem não intencionalmente de caráter militar, embora não se descarte a ‘visita’ de controle por parte do faraó.

Sua Majestade atingiu Naharina (44) e encontrou o inimigo recrutando tropas(45). Ele fez um grande massacre no meio deles e não pudemos contar o número de prisioneiros que ele trouxe de suas vitórias.

44)Naharina  , Mitanni. O Império de Mitanni de origem ainda incerta, foi o Estado mais importante entre os séculos XVI e XIV a.C. dominando a região ao norte Palestina e estendendo-se a oeste para uma parte Anatólia e a leste até Nuzi. O centro do Império, embora ainda não localizado, era a região da bacia do Rio Habur um dos braços do Eufrates ao norte. Foi o principal opositor do Egito no controle da região do Levante até a ascensão dos Hititas. O relato de Ahmés parece indicar um confronto não programado por Tutmés I. Spalinger argumenta que o texto de Ahmés parece indicar o encontro ao acaso, talvez por Tutmés ter se aproximado demais da região de Mitanni, ou mesmo ter atingido o próprio território destes quando de suas caçadas a elefantes¹⁵⁸.

Eu estava à frente do exército e sua Majestade pode constatar minha bravura. Eu trouxe um carro de guerra com seus cavalos (45) e prisioneiros e os ofereci ao rei. Novamente fui recompensado com ouro.

45)Ahmés menciona pela primeira vez o uso do carro de guerra em combate. Não fica claro se ele o traz conduzindo, o que necessitaria de um mínimo de preparação para tal, ou se ele o fez trazer e depois o ofereceu de próprias mãos. De qualquer forma, o carro de guerra já anuncia uma nova fase de técnica de guerra com ênfase agora no deslocamento terrestre.

Quando envelheci e atingi a idade propecta mantive minhas honrarias e poderei descansar na tumba que eu mesmo fiz.(46)

46)Um dos grandes diferenciais dos alto funcionários do Egito Antigo era a possibilidade de possuir sua própria tumba. Somente o grupo privilegiado da sociedade conseguia construir e manter sua tumba por isso a ênfase de Ahmés em afirmar ter mandado construir sua própria tumba.

¹⁵⁸ SPALINGER, A. *War in ancient Egypt*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 51.

... em Behy. De novo, o rei do alto e do Baixo Egito me recompensou(47)
...60 aruras em Hadyaa. No total, ... aruras.

47)A lacuna do texto nos faz perder informações importantes sobre estes novos dados fornecidos por Ahmés. A recompensa em 60 aruras é uma medida significativa de terras e parece ter sido dada após a 'aposentadoria' de Ahmés. Isto talvez indique o alto *status* atingido por ele o que o fez permanecer no setor privilegiado da nobreza, ganhando mais terras por sua posição.

II.3.3 - A Biografia De Ahmés Pen-Nekhbet

II.3.3.1- *Introdução*

A inscrição de Ahmés Pen-Nekhbet está localizada em sua tumba (EK2) como a de Ahmés, filho de Ibana. Infelizmente o estado de conservação desta não favoreceu a preservação dos textos de forma integral apresentando muitas lacunas. O texto autobiográfico, no entanto, pode ser reconstituído em boa parte.

Aparentemente contemporâneo de Ahmés, filho de Ibana, mas possivelmente mais jovem, Pen-Nekhbet serviu sob quatro faraós sucessivos Ahmés, Amenhotep I, Tumés I, Tutmés II. Sua biografia menciona ainda Tutmés III e Hatschepsut, mas não nomeia esta última pelo título de faraó e sim pelo seu pré-nome real, a divina consorte. Provavelmente, Pen-Nekhbet morreu sob o início do reinado nominal de Tutmés III, antes da plena tomada de poderes por parte de Hatschepsut.

A carreira militar de Pen-Nekhbet parece ter se iniciado em fins da XVIIa dinastia tebana quando ainda ocorria a luta pela libertação do Egito. Não há menções de condecoração de Pen-Nekhbet até o reinado de Amenhotep I. Em seu relato as campanhas militares se iniciam sob Ahmés ao norte da Palestina (Djahi); seguem-se as campanhas da Núbia sob Amenhotep I e Tutmés I. Em seguida Pen-Nekhbet acompanha Tutmés I até a expedição a Naharina e, sob Tutmés II, contra povos nômades do Sinai (Shasu).

Diferentemente da biografia do filho de Ibana, seu relato inclui premiações por feitos de bravuras sem, no entanto, incluir recompensa em terras. É um texto importante para o estudo das campanhas militares do Reino Novo assim como serve de contraponto à ascensão social do filho de Ibana: ao contrário deste, Pen-Nekhbet não recebe terras mas, vive no círculo fechado do palácio real, sendo mesmo tutor de uma das princesas¹⁵⁹. Ao longo de sua carreira, ele acumula títulos que lhe garantem honrarias como a de estar inserido no círculo da corte do faraó.

¹⁵⁹ LALOUETTE, Claire. *Thèbes (ou la naissance d'un Empire)*, Paris : Fayard, 1988, p.127-155.

Como no caso da biografia de Ahmés, filho de Ibana, a tradução que será aqui realizada tem por base o texto egípcio retirado de Kurt Sethe¹⁶⁰ e comparado com os desenhos de Richard Lepsius¹⁶¹.

A divisão do texto por Sethe apresenta-se classificada por temas. O texto biográfico em si é complementado por uma série de relatos recuperados das inscrições e de estátuas encontradas no túmulo. Uma parte dos textos são indicados por Sethe pelas letras C e D.

1. Introdução (linhas 1-10)
2. A inscrição biográfica (linhas 10-20)
 - C. Relato das batalhas
 - D. Relato sobre as recompensas ganhas por Ahmés durante sua carreira.

¹⁶⁰ Urk.IV, 33-39.

¹⁶¹ Denk. Abt. III, Bl. 43.

II.3.3.2- Texto hieroglífico, transcrição e tradução

A) Títulos sobre a entrada

..... n-^c tn mn^h.f hr-ib

.... por sua eficácia no coração de...

n gmwt (?) hr šnwt

não há (livre de) fraqueza...Junto à corte (aos notáveis)

šf^cw kf^cw hr h³st nbt

(que) perseguiu e tomou o butim (pilhou) em todo o deserto (ou em todos os países estrangeiros)

tm tšt r nb bwy hr pri

(e)que nunca abandonou o senhor das duas terras (o faraó) no campo de batalha

nb k^rst m h^swt ns^w Imi-r³ sd³w, I^chms dd.tw n.f pn Nhbt

senhor de uma tumba graças ao favor real. O Chefe superior do tesouro (ou dos tesoureiros) , Ahmés, chamado Pen-Nekhbet

B) Inscrição Biográfica geral na lateral esquerda da porta.

1. Introdução

Prt m hrw dw³ R^c
 Sair à luz do dia (lit. ao dia) louvar Rá

htp.f m ^cnh m šht n(y)t pt

(Que) ele repouse em paz no horizonte do céu

¹⁶² Dificil reconstrução mas a sugestão de Sethe nos locais indicados sob rasura parecem indicar tratar-se da palavra gmwt que significa fraqueza e não ao verbo gmi que significa encontrar.

por fim este deus perfeito, o rei do Alto e do Baixo Egito Men-kheper-rá (Tutmés III), dotado de vida para sempre.

 16
iw ph.n.i i'wt nfit iw.i m 'nh n hr-nsu

Eu envelheci bem ,vivi em presença do rei

 17
iw m hswt hr hmw.sn iw mrwt.i m stp-s3 'nh, wd3, snb

sob os favores de suas majestades sendo amado no palácio, vida, prosperidade, saúde

 18
whm.n n.i hmt-ntr hswt nswt wrt M3't-k3-r' m3'-hrw

A consorte real renovou os favores para minha pessoa, a grande esposa real Maat-ka-rá (Hatshepsut), justo de voz.

 19
iw šd.n.i s3(t).s wrt nsw s3t Nfrw-r'-m3't, m3'-hrw

Eu eduquei sua filha mais velha (=sua grande filha) , a princesa Neferura-Maat, justo de voz

 20
iw.s m hrd imy mnd

quando ela era ainda uma criança de peito

 21
Imy-r3 sd3wt whmw kf'w, I'hms, dd.tw pn Nhbt

O chefe do tesouro real, arauto do botim, Ahmés, chamado Pen-Nekhbet

C) Relatos das Batalhas

 22
Iry-p'(t) h3ty-' htnw bity smr w'ty Imy-r3 sd3w(t) whmw kf'w I'hms

O príncipe, governador, chanceler do Rei do Baixo Egito, único companheiro; Chefe do tesouro real, Arauto do butim, Ahmés

iw šms.n(i) nsw-bity 3-hpr-n-R^c m3^c-hrw in.n.tw hr ššsw škr-ḥnh šš wrt

Eu segui o rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-en-Rá, justo de voz. Inúmeros prisioneiros foram trazidos por mim do país de Shasu

n ḥsb.n.i st

não os contei

D) Relato sobre as recompensas ganhas por Ahmés durante sua carreira.

1 Iry-p^{ct} ḥḥty-^c smr w^{cty} s³(w) n nsw

O príncipe, governador, companheiro único, promovido pelo rei do Alto Egito

škr n bity k³

Que enriqueceu o rei do Baixo Egito.....

Mn mrt m nswt nb ḥswt m stp-s³ ḥnh wd³ snb

Estável no amor na Residência Real. Senhor de louvores no palácio, vida , saúde e força

3 ḥ³ ḥšwt ... wḥm.f r bity n sḥw.f

sobressair... muitos... ele repetiu ... rei para seus cortesãos

Imy-r^ḥ sd³wt wḥmw kfḥw Iḥms ḏdw.n.f pn Nkhbt ḏd.f

O chefe do tesouro real, o arauto do butim, Ahmés chamado Pen-Nekhbet. Ele diz

w3ḥ p³ ḥk³ ḥnh dt

Pelo soberano que ele viva eternamente

Iw n tš.i r nsw hr priw

Eu nunca abandonei o rei no campo de batalha

š3c m nsw-bity Nb-Phty-Rc m3c-hrw nfiyt r nsw-bity 3-hpr-n-rc m3c-hrw

Do tempo do rei do Alto e do Baixo Egito Neb-Pekhety-Rá, justo de voz, até o rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-em-Rá, justo de voz

Iw.i m hst ny hr-nswt nfiyt r nsw-bity Mn-hpr-rc nh dt

Eu estive sob o favor real até o rei do Alto e do Baixo Egito Men-kheper-rá, que ele viva eternamente

rd.n n(i) nsw-bity dsr-k3-rc nbw 2 cw cw 2 šbw 1 msktw

O rei do Alto e do Baixo Egito Djoser-ka-rá me deu em ouro dois colares e um bracelete

b3gsw mdht mht mhtbt

uma adaga, um enfeite de cabeça, uma veste e uma jóia

rdi.n n(i) nsw-bity 3-hpr-k3-rc nbw 4 cw cw 4 šbw 1 msktw

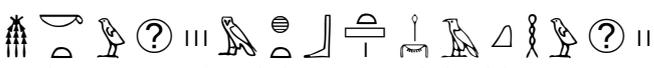
O rei do Alto e do Baixo Egito, Aa-kheper-ka-rá me deu em ouro quatro enfeites, quatro colares e um bracelete

3ff 6 3i 3 nbw 3khw 2

Seis moscas, três leões e duas machadinhas de ouro

Rdi.n n(i) nsw-bity 3-hpr-n-rc nw 4 cw cw sbw 6

O rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-em-rá me deu em ouro quatro enfeites, seis colares


Msktw 3 mhtbt ḥd ʾkḥw 2

Três braceletes, uma jóia e duas hachas de prata

II.3.3.3 - *Texto Traduzido*

.... por sua eficácia no coração de...não há (livre de) fraqueza...

Junto à corte (aos notáveis)(que) perseguiu e tomou o butim (pilhou) em todo o deserto (ou em todos os países estrangeiros) (e)que nunca abandonou o senhor das duas terras (o faraó) no campo de batalha. Senhor de uma tumba graças ao favor real, o Chefe superior do tesouro (ou dos tesoureiros) , Ahmés, chamado Pen-Nekhbet.

A) Inscrição Biográfica geral na lateral esquerda da porta.

1. Introdução

Sair à luz do dia (lit. ao dia) -----louvar Rá

(Que) ele repouse em paz no horizonte do céu

em todas as suas festas no céu e na terra

----- Infantaria

(uma) boca que apazigua a terra inteira (epíteto)

....(?) seguir seus deslocamentos para qualquer lugar

Sobre água, terra, nos países estrangeiros ao sul e ao norte

-----De acordo com seus planos

Ele comandou-----

-----Ao longo do dia

????

...todas as incumbências sob sua autoridade, o Chanceler real do Baixo Egito

(um) bravo do rei, Ahmés, justo de voz [o morto], chamado pen-Nekhbet

Ele diz:

2. A narrativa biográfica

Eu segui os reis do Alto e do Baixo Egito, os deuses, eu fiquei junto a eles em suas viagens aos países estrangeiros do sul e do norte, em todos os lugares que percorreram.

O rei do Alto e do Baixo Egito Neb-pekhty-rá (Ahmés I), justo de voz.

O rei do Alto e do Baixo Egito Djser-ka-rá (Amenhotep I), justo de voz.

O rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-ka-rá (Tutmés I), justo de voz.

O rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-en-ra (Tutmés II), justo de voz.

(E) por fim este deus perfeito, o rei do Alto e do Baixo Egito Men-kheper-rá (Tutmés III), dotado de vida para sempre.

Eu envelheci bem, vivi em presença do rei, sob os favores de suas majestades, sendo amado no palácio, vida, prosperidade, saúde!

A consorte real renovou os favores para minha pessoa, a grande esposa real Maat-ka-rá (Hatschepsut), justo de voz.

Eu eduquei sua grande filha, a princesa Neferura-Maat, justo de voz, quando ela era ainda uma criança de peito.

O chefe do tesouro real, arauto do botim, Ahmés, chamado Pen-Nekhbet.

B) Relatos das Batalhas

O príncipe, governador, chanceler do Rei do Baixo Egito, único companheiro, Chefe do tesouro real, Arauto do butim, Ahmés chamado Pen-Nekhbet. Ele diz:

Eu segui o rei do Alto e do Baixo Egito Neb-Pekhety-Rá, justo de voz. Eu capturei para ele um (prisioneiro) vivo e uma mão.

Eu segui o rei do Alto e do Baixo Egito Djser-ka-rá, justo de voz. Eu capturei para ele no país de Kush um prisioneiro.

Servi novamente ao rei do Alto e do Baixo Egito Djser-ka-rá, justo de voz. Eu trouxe para ele do norte de Imau-Kehek três mãos.

Eu segui o rei do Alto e do Baixo Egito Aa-Kheper-Ka-Rá, justo de voz. Eu capturei para ele no país de Kush dois prisioneiros vivos, além dos prisioneiros sem conta que eu trouxe de Kush.

Servi novamente o rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-ka-Rá, justo de voz. Eu capturei para ele no país de Naharina, 21 mãos, um cavalo e um carro.

Eu segui o rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-en-Rá, justo de voz. Inúmeros prisioneiros foram trazidos por mim do país de Shasu; não os contei.

C) Relato sobre as recompensas ganhas por Ahmés durante sua carreira.

O príncipe, governador, companheiro único que educou o rei do Alto Egito [e] enriqueceu o rei do Baixo Egito. Estável no amor na Residência Real e Senhor de louvores no palácio, vida , saúde e força!

ele repetiu ... rei ----- para seus cortesãos

O chefe do tesouro real, o arauto do butim, Ahmés chamado Pen-Nekhbet. Ele diz: Pelo soberano! que ele viva eternamente!

Eu nunca abandonei o rei no campo de batalha!

Do tempo do rei do Alto e do Baixo Egito Neb-Pekhety-Rá, justo de voz, até o rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-em-Rá, justo de voz, eu estive sob o favor real até o rei do Alto e do Baixo Egito Men-kheper-rá, que ele viva eternamente!

O rei do Alto e do Baixo Egito Djoser-ka-rá me deu em ouro dois colares e um bracelete, uma adaga, um enfeite de cabeça, uma veste e uma jóia

O rei do Alto e do Baixo Egito, Aa-kheper-ka-rá me deu em ouro quatro enfeites, quatro colares e um bracelete, seis moscas, três leões e duas machadinhas de ouro.

O rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-em-rá me deu em ouro quatro enfeites, seis colares, três braceletes, uma jóia e duas hachas de prata.

II.3.3.4 - Comentários à Tradução

.... por sua eficácia no coração de...não há (livre de) fraqueza...

Junto à corte (aos notáveis)(que) perseguiu e tomou o butim (pilhou) em todo o deserto (ou em todos os países estrangeiros) (e)que nunca abandonou o senhor das duas terras(1) (o faraó) no campo de batalha. Senhor de uma tumba graças ao favor real (2), o Chefe superior do tesouro (ou dos tesoueiros) , Ahmés, chamado Pen-Nekhbet.

- 1) A designação, *Tauí*, ou seja, as duas terras ( *tꜥwy*) deixa transparecer a dualidade espacial característica do pensamento egípcio. Os egípcios referiam-se ao seu território como *Ta*, a terra por excelência ( *ṯ* frequentemente empregando o demonstrativo *este* ou o pronome possessivo *nosso*), em oposição aos territórios denominados *haseti*, ou terras das montanhas ( *ḥstj*) que identificava as terras estrangeiras. A unidade territorial subentendia uma dualidade presente na designação das duas grandes divisões territoriais que marcam a geografia egípcia: o alto Egito *Shemau* ( *šmꜥw*) geograficamente localizado ao sul e o baixo Egito *Ta-Mehu* ( *ṯ-mḥw*) na região do Delta do Nilo. Esta visão dual é um dos aspectos que marcam fortemente o pensamento egípcio e deve ser entendida como complementaridade e não oposição. O espaço físico também se distinguia pela terra fértil, da qual dependia a civilização egípcia, dos seus arredores áridos e sem vida: o Egito era *Kemet* ( *kmt*), a terra fértil negra em oposição à *Desheret* ( *dšrt*) a terra vermelha do deserto circundante.
- 2) A tumba era elemento de distinção social e sua construção e manutenção exigia muitos recursos os quais a maioria da população não tinha acesso. Estes geralmente possuíam um enterro mais simples, diretamente nas areias

do deserto como os seus antepassados. Como Ahmés pen-Nekhbet pertencia ao círculo da corte foi-lhe garantida a construção de sua tumba e a manutenção de sua posição social no além.

A) Inscrição Biográfica geral na lateral esquerda da porta.

1. Introdução

Sair à luz do dia (3) (lit. ao dia) -----louvar Rá

(Que) ele repouse em paz no horizonte do céu

em todas as suas festas no céu e na terra

- 3) As inscrições tumulares apresentam tanto textos de apresentação do morto, como as biografias, como também fórmulas que tinham o objetivo de conduzir o morto no seu caminho para o ‘Ocidente’, o local onde o sol se põe e com o qual os antigos egípcios identificavam o Além. O chamado *Livro dos Mortos*, denominação derivada da obra de Lepsius baseada no Papiro Real de Turin editada em Berlim em 1842, era composto por uma série de provérbios e fórmulas mágicas que auxiliavam a caminhada do morto para o Além. Em egípcio estas fórmulas começam geralmente pela expressão “Sair à luz do dia...”

----- Infantaria

(uma) boca que apazigua a terra inteira (epíteto)

....(?) seguir seus deslocamentos para qualquer lugar

Sobre água, terra, nos países estrangeiros ao sul e ao norte

-----De acordo com seus planos

Ele comandou-----

-----Ao longo do dia

...todas as incumbências sob sua autoridade, o Chanceler real do Baixo Egito

(um) bravo do rei, Ahmés, justo de voz [o morto], chamado pen-Nekhbet

Ele diz:(4)

- 4) Esta parte do texto está bem danificada mas permite-nos identificar um contexto de apresentação das atividades de caráter militar por parte do morto. O título de chanceler real é precedido pela expressão ‘bravo do rei’ utilizado apenas neste trecho de sua biografia.

2. A narrativa biográfica

Eu segui os reis do Alto e do Baixo Egito, os deuses, eu fiquei junto a eles em suas viagens aos países estrangeiros do sul e do norte, em todos os lugares que percorreram.

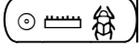
O rei do Alto e do Baixo Egito Neb-pekhty-rá (5) (Ahmés I), justo de voz(6).

O rei do Alto e do Baixo Egito Djoser-ka-rá (Amenhotep I), justo de voz.

O rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-ka-rá (Tutmés I), justo de voz.

O rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-en-ra (Tutmés II), justo de voz.

(e) por fim este deus perfeito(7), o rei do Alto e do Baixo Egito Men-kheper-rá (Tutmés III), dotado de vida para sempre.

5) Neb-pekhty-rá (Ahmés I)		Nb- <i>pḥti-R</i> (1550-1525)
Djoser-ka-rá (Amenhotep I)		(1525-1504)
Aa-kheper-ka-rá (Tutmés I)		(1504-1492)
Aa-kheper-en-ra (Tutmés II)		(1492-1479)
Men-kheper-rá (Tutmés III)		(1479-1425)

6) O morto era identificado como 'justo de voz' ou justificado como vimos na observação de número 2 do texto de Ahmés, filho de Ibana. Aqui a expressão identifica os faraós aos quais Ahmés pen-Nekhbet serviu e que já morreram em oposição a expressão 'dotado de vida para sempre'  do faraó sob o qual ele serviu até sua morte, Tutmés III.

7) A lista dos faraós apresentada por Ahmés Pen-Nekhbet não inclui o nome de Hatshepsut (1473-1458) entre estes, indicando que, logo após a morte desta, Tutmés III já teria iniciado a *Damnatio memoriae* de sua tia e co-regente. O início desta perseguição ainda é debatido entre os especialistas, mas, a biografia de Ahmés pen-Nekhbet indica que foi logo após a morte de Hatshepsut. No início da sucessão ao trono Tutmés III era ainda muito jovem e ela se colocou como regente, inicialmente ainda com os títulos de Grande Esposa Real apenas, mas logo assumiu a titulação completa dos faraós



Maat-Ka-Rá Hatshepsut e efetivamente reinou por mais de vinte anos apesar da co-regência com Tutmés III.¹⁶³

Eu envelheci bem, vivi em presença do rei, sob os favores de suas majestades, sendo amado no palácio, vida, prosperidade, saúde!(8)

8) *stp-s3* refere-se ao palácio também escrito como *Pr 3* a “Grande Casa”. No Reino Antigo o termo referia-se ao palácio fisicamente, mas, a partir da XII dinastia e, principalmente no Reino Novo o termo foi se tornando uma designação respeitosa à própria pessoa do Rei como a fórmula de bons auspícios “Vida, Prosperidade e Saúde” indica.¹⁶⁴

A consorte real renovou os favores para minha pessoa, a grande esposa real Maat-ka-rá (Hatshepsut)(9), justo de voz. Eu eduquei sua grande filha(10), a princesa Neferura-Maat, justo de voz, quando ela era ainda uma criança de peito. O chefe do tesouro real, arauto do botim, Ahmés, chamado Pen-Nekhbet.

9) Ahmés refere-se à Hatshepsut como “Grande Esposa Real” embora apresente o seu nome de trono. A perseguição de Tutmés III à memória da Rainha fez com que o escriba responsável pelo texto suprimisse a regência dela do histórico de Ahmés que, no entanto, esteve muito próximo do trono como a sua nomeação de tutor da filha de Hatshepsut deixa entrever.

10) Para designar a filha mais velha é empregado o adjetivo *wrt* grande, no sentido de maior.

B) Relatos das Batalhas

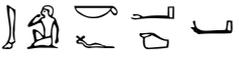
O príncipe herdeiro, governador, chanceler do Rei do Baixo Egito, único companheiro, Chefe do tesouro real, Arauto do butim(11),

¹⁶³ Sobre a ascensão de Hatshepsut cf BRYAN, B. M. The 18th Dynasty before the Amarna Period In: SHAW, I. *The Oxford History of Ancient Egypt*.

¹⁶⁴ Sobre os títulos ver GARDINER, A. *Egyptian Grammar*. Oxford: Griffith Institute, 1994. § 55 e Excursus A. pp. 71-76.

Ahmés chamado Pen-Nekhbet. Ele diz:

11) Ahmés utiliza aqui vários títulos iniciando por *Iry Pct h3ty-c* , geralmente traduzido príncipe hereditário o que não é totalmente correto. Seguindo a interpretação de Strudwick¹⁶⁵ Pat é o termo que define a nobreza em oposição a rekhyt que definiria o povo em geral Iry-pat seria mais literalmente o que está a frente dos nobres. Este título é quase sempre seguido por *h3ty-c* de caráter honorífico que não deve ser confundido com um cargo efetivamente administrativo o qual seria indicado quando seguido por um nome de cidade ou região. Portanto, a tradução de príncipe governador assume feições totalmente honoríficas no caso de Ahmés pen-Nekhbet.

O título de ‘companheiro único’ *smr w3ty* geralmente utilizado para distinguir os membros da corte. No Reino Antigo era um título de destaque mas, como o tempo passou a ser utilizado de forma geral pelos cortesãos; também apresenta-se como Arauto do Butim , o que permite inseri-lo em um dos quadros administrativos do campo de batalha. O Arauto, de acordo com a biografia de Ahmés, filho de Ibana, era o responsável pelo reconhecimento dos feitos e da premiação dos que se destacassem na luta.

Eu segui o rei do Alto e do Baixo Egito Neb-Pekhety-Rá, justo de voz. Eu capturei para ele um (prisioneiro) vivo e uma mão.(12)

12) Provavelmente Ahmés pen-Nekhbet acompanhou Ahmés I em suas últimas campanhas militares. Comparada a carreira de Ahmés, o filho de Ibana, pen-Nekhbet parece ainda ser muito novo quando da tomada de Avaris, a qual ele não faz nenhuma menção.

Eu segui o rei do Alto e do Baixo Egito Djser-ka-rá, justo de voz. Eu capturei para ele no país de Kush um prisioneiro.

Servi novamente ao rei do Alto e do Baixo Egito Djser-ka-rá, justo de voz. Eu trouxe para ele do norte de Imau-Kehek três mãos.(13)

¹⁶⁵ STRUDWICK, N. *Texts from the Pyramid age*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005p. p.27.

13) Aqui Ahmés já se encontra sob o reinado de Amenhotep I e ratifica a campanha da Núbia, citada por Ahmés, o filho de Ibana.

A região de Imau-Kehek é desconhecida. A palavra Imau (*Imꜣw*) é o plural de um tipo de árvore (a árvore Ima) e era o topônimo de uma cidade no Delta na fronteira do deserto líbico,  um dos locais de culto de Hathor.

No entanto, o símbolo  pressupõe que a cidade citada no documento é estrangeira. Outros lugares na Núbia também apresentam a denominação Imau com algumas variações. Como Amenhotep I fez campanhas ao sul e ao norte do Nilo fica difícil determinar em qual região esta cidade localiza-se.

Eu segui o rei do Alto e do Baixo Egito Aa-Kheper-Ka-Rá, justo de voz. Eu capturei para ele no país de Kush dois prisioneiros vivos, além dos prisioneiros sem conta que eu trouxe de Kush.

Servi novamente o rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-ka-Rá, justo de voz. Eu capturei para ele no país de Naharina, 21 mãos, um cavalo e um carro.(14)

14) As campanhas de Tutmés II na Núbia e em Naharina são reiteradas aqui. Como no texto do filho de Ibana, é a primeira menção ao carro puxado por cavalos utilizado como carro de guerra o que reforça a idéia de ter sido na expansão para a região da Palestina a primeira vez que os egípcios utilizaram esta tecnologia de forma efetiva.

Eu segui o rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-en-Rá, justo de voz. Inúmeros prisioneiros foram trazidos por mim do país de Shasu; não os contei.(15)

15) após confirmar as campanhas narradas na biografia de Ahmés filho de Ibana, pen-Nekhbet acrescenta aquelas realizadas sob o reinado de Tutmés III. É possível ver o mesmo padrão das campanhas militares: uma série de lutas ao sul e ao norte, indo da Núbia aos limites de Mitanni.

O termo *shasu*  citado como um dos povos trazidos prisioneiros, na época de Tutmés II poderia se referir tanto a povos nômades da Palestina como da Núbia. A referência a etnia *shasu* específica do Levante ocorrerá

mais tarde, principalmente no Terceiro Período Intermediário. Levando-se em consideração a época do relato é mais provável a localização desse grupo na Núbia.¹⁶⁶

C) Relato sobre as recompensas ganhas por Ahmés durante sua carreira.

O príncipe, governador, companheiro único, promovido pelo rei do Alto Egito [e] enriqueceu o rei do Baixo Egito. Estável no amor na Residência Real e Senhor de louvores no palácio, vida , saúde e força!ele repetiu ... rei ----- para seus cortesãos

O chefe do tesouro real, o arauto do butim, Ahmés chamado Pen-Nekhbet.(16)

16) Ahmés Pen-Nekhbet reafirma aqui sua trajetória como integrante da Corte Real,

Destacando os louvores e as manutenções dos favores reais à sua pessoa.

Ele diz:Pelo soberano! que ele viva eternamente!

Eu nunca abandonei o rei no campo de batalha!

Do tempo do rei do Alto e do Baixo Egito Neb-Pekhety-Rá, justo de voz, até o rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-em-Rá, justo de voz, eu estive sob o favor real até o rei do Alto e do Baixo Egito Men-kheper-rá, que ele viva eternamente!(17)

17) A vida ativa de Ahmés pen-Nekhbet parece ter sido efetivamente até Hatshepsut, não mencionada aqui conforme notamos anteriormente. Com a ascensão de Tutmés III, parece-nos que Ahmés continuou com sua regalias de corte, mas não participou efetivamente de nenhuma campanha ou cargo militar neste período, correspondente à sua velhice. Por isso não há menção de presentes e honrarias por parte de Tutmés III para Ahmés. No caso do período de Hatshepsut a menção à nomeação como tutor da princesa corresponde já a uma grande deferência.

¹⁶⁶ Cf. BRYAN, B.M. *Op. cit.* pp.227. Sobre a relação do termo Shasu com Israel cf. MUNIZ, A. e ADAM, Russell B. *Archaeology and the Shasu Nomads:Recent Excavations in theJabal Hamrat Fidan, Jordan. In: Le-David Maskil: A Birthday Tribute for David Noel Freedman, 63-89. Biblical and Judaic Studies from the University of California, San Diego, 9. Eisenbrauns: Winona Lake.2004*

O rei do Alto e do Baixo Egito Djoser-ka-rá me deu em ouro dois colares e um bracelete, uma adaga, um enfeite de cabeça, uma veste e uma jóia

O rei do Alto e do Baixo Egito, Aa-kheper-ka-rá me deu em ouro quatro enfeites, quatro colares e um bracelete, seis moscas, três leões e duas machadinhas de ouro.

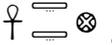
O rei do Alto e do Baixo Egito Aa-kheper-em-rá me deu em ouro quatro enfeites, seis colares, três braceletes, uma jóia e duas hachas de prata.(18)

18) As jóias e os adornos eram grandes distintivos de classe no antigo Egito. Ahmés pen-Nekhbet descreve com grande cuidado as diversas jóias por ele ganhas ao longo da vida. Os egípcios em geral usavam bijuterias e amuletos, mas, a maioria da população utilizava materiais mais baratos. O ouro, a prata (esta em muitos casos mais rara que o ouro) eram destinadas à nobreza e a metalurgia dependia de mão-de-obra especializada que trabalhava para a corte e o faraó.

II.3.4 - A Inscrição Jurídica de Més

II.3.4.1- *Introdução*

Mênfis, forma helenizada do nome da pirâmide de Pepi I (2295-2250) *Mennefer-Pepi*  em Sakara. A partir da 18ª dinastia o nome da pirâmide passou a designar a cidade no entorno do templo de Ptah, sendo posteriormente empregada pelos gregos para designar a cidade como um todo¹⁶⁷. A região de Mênfis é uma das áreas mais antigas de influência política do Egito faraônico, tendo sido a sede da residência real, portanto, a capital no Dinástico Primitivo e no Império Antigo e sempre esteve entre as cidades principais desta civilização, sua fundação é atribuída à lendária figura de Menés, conhecido como primeiro farão do Egito. A denominação mais antiga parece ter sido *Inebw-khedji* , “o muro branco”, provável alusão ao aspecto do palácio fortificado. Este termo era utilizado para designar todo o nomo, unidade administrativa básica a que pertencia a cidade, o primeiro do Baixo Egito¹⁶⁸.

A localização da cidade a colocava em um lugar estratégico entre as duas grandes regiões do Egito Antigo, o vale e o Delta. Uma das denominações de sua necrópole é sugestivo quanto a esta localização *ankh-tauí* , “que faz viver as duas terras”. Foi o centro religioso e administrativo e sua tradição se manteve por toda a história egípcia. Os templos aí localizados eram conhecidos já na antiguidade principalmente pelas grandes pirâmides de Gizé que dominam a sua paisagem.

Durante o domínio hicsos, Mênfis parece ter ficado sob domínio estrangeiro, favorecendo o fortalecimento da cidade de Tebas, cidade de origem dos reis da XVIIIa dinastia do Reino Novo. As escavações de Bietak¹⁶⁹ entre as décadas de 1980 e 1990 demonstraram a retomada da cidade com novas áreas de plantio e estabelecimento de novos assentamentos já no início do reinado de Ahmés I, fundador do Reino Novo.

¹⁶⁷ SCHNEIDER, Thomas . *Lexikon der pharaonen*. P.192.

¹⁶⁸ HANNIG, Rainer. *Grosses Handwoerterbuch*.

¹⁶⁹ Bryan, B.M. The 18th dynasty before the Amarna Period. In: SHAW, I *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press,2003, pp.208-209.

Em seu ressurgimento político Mênfis afetou toda a área circundante e a necrópole vizinha à cidade, Sakkara, passou a ter maior atividade. Muitos túmulos do Reino Novo foram construídos ao redor das famosas pirâmides do Reino Antigo, como a de Unas. Os complexos funerários de Sakkara eram em sua maioria construções de superfície, o que facilitou não apenas a deterioração natural como também a retirada do material das construções, consequência do hábito de reutilização do material de construção para outros monumentos ao longo, tanto da história egípcia faraônica, quanto dos períodos históricos posteriores. . As tumbas e construções dos períodos mais antigos da história egípcia estão em melhor estado de conservação do que os túmulos e templos provenientes do Reino Novo.

Como centro religioso Mênfis é a sede do culto de Ptah, um dos deuses primordiais da antiga cosmologia egípcia. Na *Teologia menfita da criação*¹⁷⁰, Ptah era o demiurgo criador e as bases de sua criação eram a palavra e o pensamento. Suas *insignia* eram o cetro Was , o pilar Djed  e a cruz ansata  Ankh , todos símbolos de poder. Ptah era intimamente associado à constituição da realeza. Como rei-deus portava o mesmo título do faraó “Senhor das Duas Terras. Sua associação com a força criadora é vista no seu título de patrono dos artesãos. Sob o período raméssida Ptah, Amon e Rá formam a tríade religiosa mais importante. Em Mênfis, Ptah era associado à deusa Sekhmet, representada como sua esposa, e seu filho Neferten cujo símbolo, a flor de lótus, era um dos elementos da criação. Ptah também era associado a Ta-Tenen, o montículo original de terra que emergiu do oceano primordial na criação do mundo.

A cidade antiga em si está quase desaparecida devido à contínua habitação sobre sua área. A região compreende um vasto complexo de ruínas e de pirâmides que dão o devido destaque à necrópole menfita. As áreas pertencentes à esta região são os povoados de Mit Rahina, Dashur, Sakara, Abusir e Abu Ghurab, Gizé e Abu Rawash. A exploração sistemática da área foi realizada através de expedições organizadas pela Egypt Exploration Society.

¹⁷⁰ O texto principal desta teologia foi transcrito em uma placa de basalto, atualmente no museu britânico. A cópia data do reinado de Shabaka 716-702, mas remete-se a uma antiga tradição visto que foi retirada de uma inscrição do próprio templo de Mênfis.

A descoberta da tumba de Més deve-se a Victor Loret quando da escavação da pirâmide de Iput na região norte de Sakara. Loret encontrou seis túmulos datados do Reino Novo. Dentre estas estava a chamada Tumba-Capela de Més.

Os túmulos de particulares no Egito Antigo eram compostos de duas partes independentes: por um lado a área onde fica a sepultura propriamente dita, muitas vezes subterrânea, inacessível aos vivos, visto que era lacrado e protegido contra violações; por outro lado havia o lugar de acesso público onde os vivos visitavam, faziam oferendas e queimavam incenso em honra ao defunto.¹⁷¹ Ao longo da história egípcia esta estrutura básica permanece com alterações nos padrões decorativos e nas formas arquitetônicas de apresentação. A partir do período amarniano os túmulos de particulares passaram a apresentar aspectos cada vez mais próximos aos templos. Esta característica é particularmente observada em Mênfis¹⁷². Internamente, os túmulos deste período apresentam temas mais variados do que as cenas domésticas das tumbas anteriores. Ainda que a vida do funcionário continue sendo demonstrada em cenas esparsas, o centro dos motivos se constitui pela adoração dos deuses, principalmente Ra e Osiris.

Como a grande maioria dos monumentos de Mênfis, a tumba de Més foi vítima do desmantelamento gradual por parte de outros proprietários de tumbas que reutilizavam os materiais. Além do mais, muitos monumentos sofreram por séculos com as ações dos ladrões de pedras e dos antiquários do século XIX. O conjunto arquitetônico da tumba sofreu graves danos e o trabalho de reorganização do material ainda se encontra incompleto. O trabalho de reconstrução da Capela foi feito aos poucos.

Mas, o texto de características jurídicas que passou a ser conhecido como o *texto legal* da Capela de Més foi, desde o início, o que mais chamou a atenção dos especialistas. Loret e Moret publicaram o texto em 1901¹⁷³ e Alan H. Gardiner, trabalhou-o em 1905¹⁷⁴. Em 1977, Gaballa publicou não apenas o texto jurídico

¹⁷¹ Sobre os elementos arquitetônicos das sepulturas ver LEBEAU, R. *Pyramides, Temples, Tombeaux de l'Égypte Ancienne*, Paris: Éditions Autrement, 2004.

¹⁷² DIJK, J. van The Amarna Period and later New Kingdom. In SHAW, I. *Op.cit*, 2003, p. 279-280.

¹⁷³ LORET, V, e MORET. ZAS 39, 1901, pp.1 ff.

¹⁷⁴ GARDINER, A.H. *The Inscriptions of Mes. A Contribution to the study of Egyptian Judicial Procedure*. Leipzig: Hinrich's Buchhandlung. 1905. (Untersuchungen zur Geschichte und Altertumskunde Ägyptens), vol 4/3.

como também uma tradução de todos os textos possíveis de se identificar na tumba¹⁷⁵, tanto os de características religiosas quanto as referências pessoais e da família de Més. O texto jurídico foi por ele reproduzido em hieróglifos e é a base de nossa tradução.

¹⁷⁵ GABALLA, G.A. *The Menphite Tomb-Chapel of Mose*. Warminster: Aris & Phillips Ltd. 1977.

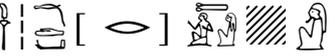
II.3.4.2- Texto Hieroglífico, Transliteração Fonética e Tradução

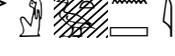
Nota: O signo destacado em vermelho corresponde a uma figura humana masculina que não existe na lista de Gardiner, não sendo comportado pelo programa por nós utilizado que reproduz os hieróglifos com base nesta lista. A figura existe na lista estendida de Hannig (A76a). Optei por utilizar a figura A1 de Gardiner em vermelho já que a idéia corresponde ao uso deste signo sem maiores implicações para o texto.

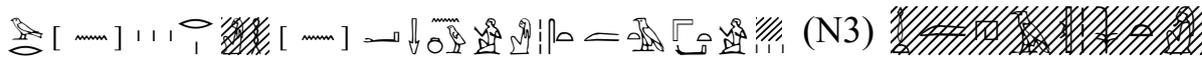
A maior parte do texto encontra-se nas paredes norte e sul da tumba. A parede norte está quase totalmente no Museu do Cairo. O texto da parede sul está muito danificado e foram encontrados apenas alguns de seus blocos em Sakara. Para indicar a procedência, as linhas do textos estão identificadas de forma alfa-numérica, sendo N1, linha 1 da parede norte e S1 linha 1 da parede sul e assim sucessivamente.

(N1)  (N2) 
 [...] [nw ir] [...] sr hr ini
 ...fazer... ... oficial trazendo

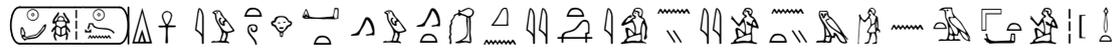
   
 nš [rmt-]š n pš [dmi] r sdm rn.sn ddt [...]
 os nobres (lit. os grandes do povo) da cidade para ouvir os pronunciamentos deles. O testemunho (lit. o que foi dito por) ...

    
 n šy-h^cw šdi r rmt [...] ... (R^c-msw-mri-Imn) ... ir ink
 o porta-armadura (armas) shedy do povo ... Ramsés-Meriamum ... Quanto a mim,

sic      
 ink šri n hwy šš Wr-n-šš šst Nši iw.tw hr psšt n
 eu (sou) o filho de Huy, filho de Urnera, [a filha] de Neshi. Eis que um lote foi arrendado para

 (N3) 
Wr-n-r3 hn^c snw.st m b knbt ʕt m h3w nsw

Urnera junto com seus irmãos e irmãs no Grande Tribunal (realizado) sob o rei


(dsr-hprw-R^c) di ʕnh iw.tw hr rdit iwt w^cb knyt ʕIny nti-m-srt n b knbt ʕt

Djserkheperu-Rá, Setepen-Rá (Horemheb) dotado de vida. Então foi enviado o Sacerdote da Liteira Any, o oficial do Grande Tribunal, para a


r b W3hyt Nši iw.tw hr psšt n.i hn^c snw.i iw.tw

Aldeia de Neshi. Um arrendamento foi feito para mim junto com meus irmãos e irmãs.


mwt.i ʕnh (n) niwt Wr-n-r3 m rwdw n snwt.st iw b-h3-rw

Minha mãe a cidadã (= moradora da cidade) Urnera foi indicada como encarregada por seus irmão e irmãs. Mas, Takharu,

 (N4) 
snt n Wr-n-r3 hr shnw hn^c Wr-n-r3 m b knbt ʕt

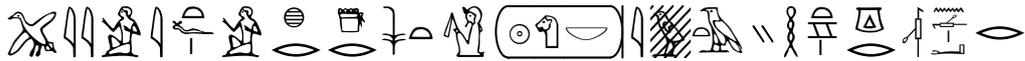
a irmã de Urnera, deu queixa contra Urnera no Grande Tribunal


w.tw hr rdit iwt sr n knbt iw.tw hr rdit th s nb psštw.f m p3 6 iw^cw

Então, foi enviado um oficial do tribunal. Foi notificado a cada um (sobre) o seu lote, aos seis herdeiros

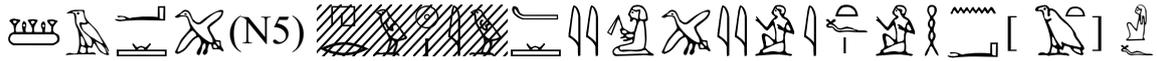

hr m nsw Nb-pḥti-R^c i.rdi 3hwt st3t m fk3 n Nši

[Foi] sob a majestade de Nebpekhety-Rá (Ahmés I) , [ele que doou ...aruras de terra como recompensa para Neshi



p3y it.i hr dr nsw Nb-phty-Rc iw t3y (3)ht gr w^c n w^c

o meu pai (ancestral). Desde o tempo sob a majestade de Nebpekhty-Rá, esta terra (passou) de um para outro



š3^c p3 hrw iw hwy p3y it.i hn^c mwt.f

desde o início (=desse tempo) até hoje. Então, Huy, meu pai junto com sua mãe



Wr-n-r3 hr šhn hn^c n3y snw m t3 knbt 3t

Urnera apresentou queixa contra seus irmãos no Grande Tribunal junto



t3 knbt Mnfr it.i hr mwt

ao tribunal de Mênfis meu pai morreu



w Nbw-nfrit t3y.i mwt hr ii r sk3 t3 psšt n

Então, Nebuneferet, minha mãe, veio para cultivar as terras de



p3y.i it.i iw.tw tm hr rdit sk3.st iw.st hr smi

Neshi meu pai [Mas], impediram-na de cultivá-lo . Ela reclamou contra



rwdw hcy iw.tw hr dit iwt.sn m-b3h t3ti iwnw m rnpt-sp 14 n nsw-bit

o encarregado Khay . [Compareceram perante] o vizir em Heliópolis no ano 14 do rei



(wsr-m3^ct-r^c stp n r^c) s3 r^c (r^c-msi-sw-mri-Imn) di ^cnh hr smi rdd p3-wn tw.i h3.kwi

Userma-rá Setepen-rá, Ramsés Meriamon, dotado de vida; e ela queixou-se dizendo :



r-bnr m t3i 3hwt n n3i p3y [it.i] [jw].st hr dd

fui retirada destas terras de meu pai Neshi. Então ela disse:



imm in.tw n.i t3 dni[t] m pr-hd mjtt t3 st t3 šnwt pr-3 ^cnh wd3 snb [iw]ib.i

Tragam a mim o registro da terra que se encontra no Tesouro e, igualmente, no Gabinete dos Grãos do faraó, Vida, Força e Saúde.



mḥ r dr ink šrit n n3j iw.tw hr psšt n.i ḥn^c.sn iw bw

Estou segura de que sou a filha de Neshi. O arrendamento foi feito para mim junto com eles.



rh.i rwdw ḥ^cy [...] m sn jw rwdw ḥ^cy hr smi m t3 knbt 3t

Não reconheço o encarregado Khay como irmão. O encarregado Khay queixou-se no Grande Tribunal, trazendo um registro falso em sua mão.



m mnpt-sp 18 iw.tw hr dit [iwt w^cb kn] it imn-<m>-ipt nti m sr n t3 knbt 3t r ḥn^c.f

no ano 18. O sacerdote da liteira Amenemope, que era o oficial da Grande Corte foi trazido com ele



hr w^c n dnit n [^cd3] w m-drt.f iw rwi.kwi m šrit n n3i

trazendo um registro falso em sua mão. Eu não descenderia de Neshi

iw.tw [hr dit rwdw h]ci m rwdw n snw.f r b st n p3i.i

O encarregado Khay foi designado como administrador por seus irmãos e irmãs sobre minha herança,

iwcw iw.i[im] iwcw n n3i p3i.i [it] hr ptr tw.i m

eu seja a herdeira de Neshi, meu (N9) pai.” Agora, vejam, eu estou

b wht n3i [p3i.i] it ntj b hnpt n n3i p3i.i it

na região/cidade de Neshi, meu pai, na qual está o Hunpet de Neshi, meu pai.

im.f imm smtr tw.i mtw.i ptr n3 ir wr-[n-b] [b] mwt n s3

Permita-me ser investigado para que eu possa descobrir se Urnera é a mãe do escriba

hy [p3i.i] it dd [...] n3i iw bn sw mn.ti

Huy, meu pai. Dizendo...de Neshi o qual não constava do registro

hr b dmit [ir.n rwdw h]ci r.i hn c p3 sr n knbt ii

que o encarregado Khay forjou contra mim juntamente com o oficial da corte que veio

irm.f iw.<i> hr smi r dd dnit n cdb b irt r.i hr iw.i

com ele. Eu dei queixa afirmando que esse era um registro falso feito por ele contra mim


smtr.kwi hr-ḥt tw.i gm.kwi hr w^crt imm smtr tw.i ḥn^c n³y.i

eu já examinara anteriormente e me encontrava inscrito no documento (o verdadeiro).


iw^cw m-bḥ-n rmt 3w n p³ dmi[t] [ptr n³ ink] š[r]i n Deixem-me

verificar juntamente com meus co-herdeiros perante os nobres da cidade (N11) se sou ou não o filho de


nšī n³ m-bḥ ddt.n rwdw ḥ^ci ink šri n rwdw wsr-

Neshi. Testemunho do encarregado Khay: “Eu sou o filho do encarregado Userhat,


ḥt s³ ḥwi [s³ p³]-r^c-ḥtp iw.f ḥr dit n.i [ḥ]i.f psšt 3ḥwt m sšw

o filho de Tiaui [o filho de] Prehotep, o qual me legou este lote de terras em documento


m ḥ³w nsw dsr-ḥprw-r^c-stp.n-r^c di ḥ^cnh m-bḥ mtrw iw ḥri iḥ(w) ḥy [s³ p³-r^c-

da época do rei Djserkheru-rá-Setepen-rá (Horemheb), dotado de vida, perante testemunhas. O chefe do estábulo Huy, (N12) filho de Prehotep


ḥ]tp p³ wnw ḥr sk³.s ḥ³w <nsw> [ḥr-m-ḥb-mri-Imn] di ḥ^cnh iw šsp.<i> n.[f m]

era um que cultivava oficialmente esta desde o tempo do rei ...dotado de vida. Então eu o sucedi



*h3w hr-m-hb-mri-Imn š3<-r p3 hrw iw sš hy <nh->-nwt nbw-nf[*t hr*]*

no tempo de Horemheb-Meriamun até hoje. O escriba Huy e a cidadã Nubnofret



t<i t psšt 3hwt iw.s hr dit ww n hmw h<y-iri iw.i hr smi

tomaram meu lote de terra e deram ao artesão Khairy.

Eu me queixei



n 3ti [m jwnw] [i]w.f hr dit shn.i hn< [nbw-nf]rt m-b3h 3tj m t [knbt

ao vizir (N13) em Heliópolis que enviou a mim e Nubnofret para comparecer perante o vizir na Grande Corte.



[iw.i hr] in n3y.i [mtr]w [...].i m-drt.i dr nb-phti-r< iw

Eu trouxe minhas [testemunhas] ...em minha mão, desde [o tempo de] Nebpekhetyrá



nbw-nfrit hr in n3y.s mtrw m-mitt iw.tw hr pg3.w m-b3h [3ti] m

Nubnofret trouxe também suas testemunhas e elas foram arroladas perante o vizir



t knbt 3t iw 3ti hr dd n.[s] iw nn sšw sšw w< m p3 s 2 iw

na Grande Corte. O vizir disse a ela: “(N14) quanto a estes documentos, eles foram escritos por um dos dois”.



nbw-nfrit hr dd n[3tj] [i]mm in.tw n.i t [dmit n pr-hd][n3 st t šnwt pr-<3 <nh wd3 snb [jw 3ti

Nubnofret falou ao vizir: tragam-me o [registro de terras que está no Tesouro e no Gabinete dos Grãos]. [O vizir



 hr dd] n.s nfr ikr p3i dd.t iw.tw hr it3 m] hd r pr r'-msi-sw-mri-Imn

disse a ela: excelente o que você disse. Então nós descemos pelo rio até Pi-Ramsés



 jw tw hr [c'k] r pr-hd n pr-3 'nh wd3 snb m-mitt t3 [st šnwt pr]-3 'nh wd3 snb iw.tw hr in t3

e entraram no Tesouro do faraó, vida, força e saúde e também no registro dos Grãos do (N15) faraó, vida, força e saúde.



 dnyt 2 m-b3h t3ti m knbt 3t iw t3ti hr dd n nbw-nfrit ny m p3y.t iw'w mm

Os dois registros de terra foram trazidos perante o vizir na Grande Corte e o vizir falou a Nubnofret:



 iw'w nty hr t3 dnit 2 nty m-drt.[n] iw nbw-nfrit hr dd n nn

“quem é seu herdeiro [dentre] os herdeiros que estão nos dois registros de terra que estão em nossas mãos? Nubnofret disse: “Não



 wnw iw'w im.sn hr tw.i m d3t.twi i.n.f[n.s] m t3ti [iw] sš nsw wd3hw há nenhum

herdeiro [meu] dentre eles.” Então, você está errada disse o vizir a ela. Então o escriba da mesa real,



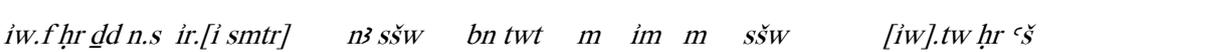
 h'w s3 mntw-mnw hr dd n t'3ti ih p3 shr ir.k n nbw-nfrit iw t3ti [hr] dd n

Kha, filho de Montuemmin, disse ao vizir “Qual a sua decisão quanto a Nubnofret? O Vizir disse

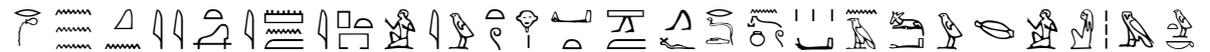


 h'w tw.k n hnw ih [šm].k r pr-hd mtw.k ptr p3y.s shrw iw h'w pri

a Kha: “Você pertence a Residência, vá você ao Tesouro e olhe nos documentos dela”. Então Kha saiu

 (N17) 
iw.f hr dd n.s ir.[i smtr] n3 sšw bn twt m im m sšw [iw].tw hr ʿš

disse a ela: “Eu examinei os documentos mas, você não consta neles.” Então o sacerdote


r w^cb knit Imn-m-ipt iw.tw hr dit šm.f[r] dd nw n3 iw^cw mtw.k

liteira Amenemope foi convocado e foi enviado dizendo: “reúna os herdeiros


dit [ptr.sn] n3 šhwt mtw.k psšt n.sn in.tw n.f hn^c ʿ knbt [mn-nfr] iw

mostre-lhes as terras e faça a divisão entre eles”. Assim ele foi instruído, junto com a corte de Mênfis

 (>) (N18) 
iw.i hr dit iwt w^cw rw-iniw-m^c [...]

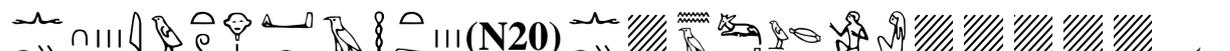
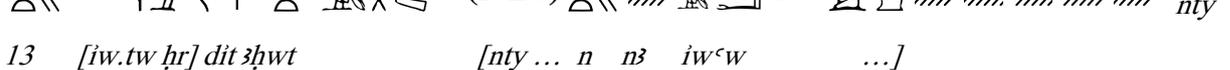
Então, eu trouxe o swa Ruiniuma


wnw imi-ʿ3 ssmwt iw wr n knbt [imn-m-jpt hr ʿš] r [ms-mn] r dd mi

o qual era supervisor dos cavalos; e o oficial da corte Amenemope convocou Mesmen dizendo:

(N19) 
[iw].t[w] hr ʿš n.fr ʿ3 ri3 imnt iw.tw hr dit n.i šhwt

“Venha (N19)...Ele foi convocado para a margem oeste. Eles me deram terras,

 (N20)  nty
13 [iw.tw hr] dit šhwt [nty ... n n3 iw^cw ...]

13 aruras, e terras foram dadas (N20) para os herdeiros

 (N21)

[...] n p3 rmt 3w n p3 dmit ddt n mniw [cñh]w ms-mn [...]

perante os nobres da Cidade.” Testemunho do criador de cabras Mesmen:

 (N22)

w3h imn w3h p3 hk3 i. dd.i m-m3'ct n pr-3 [cñh wq3 snb] bn dd.i c3w

“[Como Amon perdura e o soberano perdura], eu falarei a verdade ao faraó, vida, prosperidade, saúde; eu não devo mentir

 (N22)

mtw.i dd c3w ir hd [fnd.i msd.i iw.i r ks] ir sš

se eu mentir, (N22) que [minhas orelhas e meu nariz] seja cortados fora; que eu seja [banido] para Kush. Para o escriba

 (N23)

hy šri n Wr-n-3 tw.tw hr dd r dd šri n nši tw.i ptr [n3] ir

Huy, filho de Urnera, foi dito que ele é descendente de Neshi. Eu vi (N23)...Urnera...terras.”

 (N23)

[Wr-n-3...]

3hwt ddt.n rwdw hcy w3h

Testemunho do encarregado Khay:

 (N24)

imn w3h p3 hk3 i[r sš] hy šri n [Wr-n-3 s3t nši] [mtw...]

“Como Amon perdura e o soberano perdura. Quanto ao escriba Huy, ele é descendente de (N24) Urnera, a filha de Neshi

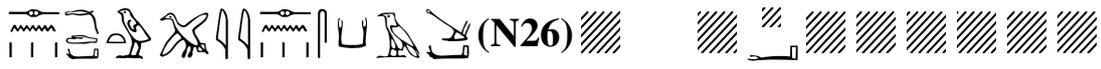
 (N24)

r dd bn m3'ct iwn3 iw.i 3<c.k<wi> w3h Imn w3h p3 hk3 iw bn

e [ele gritou?] dizendo: isto não é verdadeiro. Entrarei em acordo? Com você. Como Amon perdura e o soberano perdura, não

(N25) 
 [...] [...sk3] m-dí... tw.sn [...] [...] m h3w hr-r.sn

que eles não sejam ouvidos...além dos seus testemunhos.

 (N26) 
 šd.[tw p3]y.sn sk3 [...]

Para que o cultivo possa ser tomado.

 ddt.
 n.f w3h [imn w3h] p3 [h3k3] [m]tw.tw smtrw mtw.tw gm iw

...testemunho dele. “Como Amon perdura, e o soberano perdura, se for examinado e encontrado

 (N27) 
 sk3.i [B k3ht n...] psš n [...] hr.i iw 3^c.kwi ddt.n [w^cb que eu cultivei

(N27)...lote de...eu, entrarei em acordo com você.” Testemunho de

 (N28) 
 p3]-p3 n pr pth w3h [imn w3]h p3 h3k3 idd.i [m-m3^ct] [bn dd.i ^cdb

Papa, o sacerdote do Templo de Ptah: “Como Amon perdura e o soberano perdura, devo falar (N28) a verdade; eu não devo mentir.


 mtw].i dd ^cdb ir s3w [fnd.i msqr.i] iw.i r kš

Se eu mentir, que meu nariz e minhas orelhas sejam cortadas e que eu seja banido para Kush.

 (N 29) 
 tw.i rh.kwi [...] sš hy šri n Wr-n-r3] iw.f hr sk3 [n3y.f]

Eu conheci (N29)...[o escriba Huy, o descendente] de Urnera [o qual] cultivava suas


šhwt rnpt n rnpt iw [ir].f hr sk3.st r dd ink šri n Wr-n-r3

ano a ano. Ele foi encarregado de cultivá-lo dizendo: “Eu sou descendente de Urnera,

(N30) 
[sšt nši] [ddt n bitiw] hry pr-hd n pr-3 nh wdb snb w3h imm w3h p3 hk3 filha de Neshi”.

Testemunho de Hori, o guardião das abelhas do tesouro do faraó, vida, prosperidade, saúde: Como Amon perdura e como o soberano perdura,


mtw.i dd d3 ir s3w fnd.i msdr.i [iw.i r kš] [ir sš

se eu faltar a verdade que sejam cortados meu nariz e minhas orelhas, (N31) [e que eu seja banido para Kush. Quanto ao escriba


hy šri n] Wr-n-r3 hr ir wr-n-r šrit n nši dd[t].n hri ihw nb-nfr

Huy] (ele é o) descendente de Urnero, e Urnero era a filha de Neshi.”

Testemunho do Chefe de Estábulo, Nebnufer,


m-mitt r dd ir sš hy wnw.f hr sk3 n3y.f šhwt rnpt n rnpt] [iw.f irt] n p3 nty

ele disse: Quanto ao escriba Huy, ele (N32) costumava cultivar suas terras ano a ano. Ele agia de acordo


nb ib.f iw.sn hr.f 3tp n.f p3 sk3 [n3y.f šhwt rnpt n] rnpt hr wnw.f hr

com sua vontade. Traziam-lhe a colheita de seus campos ano após ano. Ele costumava

(N33) *shnt* [hn^c 'nh-niwt t3-h3r t3 mwt] n w^cw smn-t3wi hr shn.f

brigar (N33) com a cidadã Takharu, mãe do soldado Smentau; então ele brigou

(N34) *hn^c smn-t3wi p3y.st šri mtw.tw dit [n3 3hwt n hy*

com Smentau

(N34) *iw.sn] mn ddt n w^cw bw-ti-r-tw.f m-mitt r dd ir sš hy šri [n] Wr-n-t3* o filho dela,

de forma que as terras deviam ser dadas (N34) a Huy e eles confirmaram.

Testemunho do swa Butiartef, também dizendo: “quanto ao escriba Huy, (ele é o) descendente de Urnera,

(N35) *ir Wr-n-t3 [s3t nš3] [ddt.n 'nh-nt-niwt tnt]-p3-ihy w3h imn w3h* e Urnera

(N35) ela é filha de Neshi.”

Testemunho da cidadã Tentpaihay: “Como Amon perdura,

(N36) *p3 h33 mtw.i dd c3 [iw.i r p3wi pr] [ir sš nsy šri n Wr-n-t3]*

e o soberano perdura, se eu mentir, deixe-me ser banido para os fundos da casa.

Quanto ao (N36) escriba Huy, ele é o descendente de Urnera,

(N36) *hr ir Wr-n-t3 s3t nš3 ddt.n 'nh-nt-niwt py-pw-m-wi3 m-mitt ddt. [n e Urnera*

ela é filha de Neshi.” Testemunho da cidadã Pipuemwia: igualmente.

(N36)

'nh-nt- nwt twy m-mitt]

Testemunho da cidadã tuy: igualmente.

(S1) (S2)

ddt.n 'nh-nt-niwt m^ci3 m m-b3h knbt

(S1)...(S2)... Testemunho da cidadã Maia perante a Grande Corte

(S3)

 Wr-n-r^c By.f mwt šdw p³

no tempo de ... (S3)...Urnero, mãe dele tomou

(S4)

 h³y.n.i n³y iw.i init rwdw

...(S4)... entregar para mim meus grãos. Eu trouxe para mim mesma o encarregado...”

(S5)

 (S6)

 w³h Imn w³h p³ h³k³ m iw ...

(S5) Testemunho de X... “Como Amon perdura e o soberano perdura...”

iw.i šw.kwi psšt.tw.i irw m sny

eu fui desprovido de meu lote.” Uma cópia foi feita [e colocada na Sala] dos Julgamentos do faraó...

(S7)

 pr 3 ‘nh w³š snb iw imy rn.f iry tti iry

... os juízes. Lista dos nomes: Prefeito da cidade, o vizir, Iry...

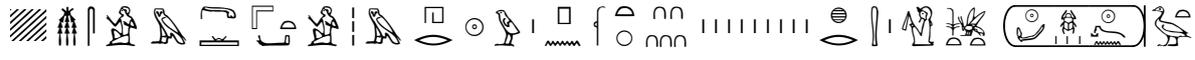
... Y^c hwy

...dos Carros de guerra. Supervisor da Tropa, lia. Comandante das Tropas, Huy...

(S8)

 Rwnryi^c Imn-n-ms

...(S8)...enviado real, Runeriya. Enviado real, Amenmose. O escriba do registro, ...


ms m-b3h knbt m hrw pn rnpt 59 hr hm nsw-bity (dsr-hprw-r^c stp-n-r^c) s3 r^c

O escriba do registro...mose. Perante a corte neste dia. Ano 59 sob a majestade do rei do Alto e do Baixo Egito Djserkhepru-rá-Setepen-rá, filho de Rá,


m-hb mri-Imn) mitt n p3 w^cb Iny nty m sr

Horemheb-meriamon. Cópia da investigação [feita pelo] (S9) sacerdote da liteira?

Aniy que era o oficial


knbt b hnpt n imi-b h^cw nši nty m b niwt nši rn.ty

da corte, do Hunpet do Capitão de navio Neshi, que está localizado na cidade de Neshi, como se segue:


r b niwt nši b st nty t^c hnpt im nty mdw nh niwt wr-

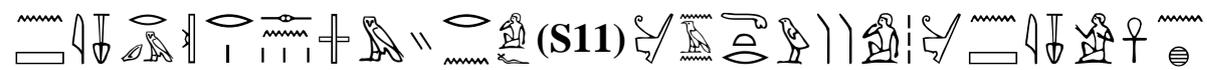
Eu cheguei a cidade de Neshi, o lugar onde se encontram as terras sobre as quais a cidadã (S10) Urnero


n-r^c nh-n-niwt bh3rw iw.sn hr n stp.n.nw n3 iw n nši

e a cidadã Takharu falaram. Elas reuniram os herdeiros de Neshi


hn^c rmt 3y n p3 dmi nty ir b hnpt n

junto com os nobres da cidade que fizeram...do Hunpet de


nši r sdm rn.sn imy rn.f n n3 mtrw n nši nh

Neshi para ouvir os pronunciamentos. Lista dos nomes (S11) das testemunhas de Neshi:


n-niwt k3-k3-y nḥ-n-niwt ḥwntwqbwwꜣw b3k3 ir.n.s 4

A cidadã Kakay, A cidadã Hunetudjebu,..... O soldado.....Baka,Total de quatro pessoas


imy m.f n r iny m p3 dmit r sn ḥrḥrnfrḥr

Lista dos nomes das testemunhas que vieram da cidade para prestar juramento: o lavrador Horiherneferher...

(S12) 
 ... *sn m r w3ḥ Imn w3ḥ p3 ḥk3 ḡd.n m mꜣt*

(S12)...o que eles disseram como uma só voz: “Como Amon perdura e como o soberano perdura, nós devemos falar a verdade...”

(S13) 
ink twi m p3 dmit hrw iw.i ḥr ptr ʔ

(S13)...quanto a mim, eu sou da cidade...hoje. Eu observei

 (S14) 
ḥnpt n nši iw.s hry n3

o Hunpet do Capitão de navio Neshi, que estava sob o controle de seus herdeiros...


m hrw p3 hrw n ʔḥt-Itn iw n ʔḥt-Itn nty tw tw im

(S14)..no tempo de inimigo proveniente de Akhetaton...Akhetaton[onde] estava.

 (S15) 
iw nḥ-n-niwt srit-rꜣ ʔ mwt n nḥ-n-niwt ʔḥrw

A cidadã Sheritre, a mãe da cidadã (S15) [Takharu]

rá, Ramsés Meriamon, dotado de vida; e ela queixou-se dizendo : “fui retirada destas terras de (N7) meu pai Neshi”. Então ela disse: “Tragam a mim o registro da terá que se encontra no Tesouro e, igualmente, no Gabinete dos Grãos do faraó, Vida, Força e Saúde. Estou segura de que sou a filha de Neshi. O arrendamento foi feito para mim junto com eles. Não reconheço o encarregado Khay como irmão. O encarregado Khay queixou-se na Grande Corte no ano 18. (N8) o sacerdote da liteira Amenemope, que era o oficial da Grande Corte foi trazido com ele, trazendo um registro falso em sua mão. (De acordo com este) eu não descenderia de Neshi. O encarregado Khay foi designado como administrador por seus irmãos e irmãs sobre minha herança, (embora) eu seja a herdeira de Neshi, meu (N9) pai.”

Agora, vejam, eu estou na região/cidade de Neshi, meu pai, na qual está o *Hunpet* de Neshi, meu pai. Permita-me ser investigado para que eu possa descobrir se Urnero é a mãe do escriba Huy, meu pai. Dizendo...de Neshi o qual não constava do registro (N10) que o encarregado Khay forjou contra mim juntamente com o oficial da corte que veio com ele. Eu dei queixa afirmando que esse era um registro falso feito por ele contra mim, pois, eu já examinara anteriormente e me encontrava inscrito no documento (o verdadeiro). Deixem-me verificar juntamente com meus co-herdeiros perante os nobres da cidade (N11) se sou ou não o filho de Neshi.

Testemunho do encarregado Khay: “Eu sou o filho do encarregado Userhat, o filho de Tiaui [o filho de] Prehotep, o qual me legou este lote de terras em documento da época do rei Djserkheru-rá-Setepen-rá (Horemheb), dotado de vida, perante testemunhas. O chefe do estábulo Huy, (N12) filho de Prehotep era um que cultivava oficialmente est desde o tempo do rei ...dotado de vida. Então eu o sucedi no tempo de Horemheb-Meriamun até hoje. O escriba Huy e a cidadã Nubnofret tomaram meu lote de terra e deram ao artesão Khairy.

Eu me queixei ao vizir (N13) em Heliópolis que enviou a mim e Nubnofret para comparecer perante o vizir na Grande Corte. Eu trouxe minhas [testemunhas] ...em minha mão, desde [o tempo de] Nebpekhety-rá. Nubnofret trouxe também suas testemunhas e elas foram arroladas perante o vizir na Grande Corte. O vizir disse a ela: “(N14) quanto a estes documentos, eles foram escritos por um dos dois”. Nubnofret falou ao vizir: tragam-me o [registro de terras que está no Tesouro e no

Gabinete dos Grãos]”. [O vizir disse a ela: excelente o que você disse. Então nós descemos pelo rio até Pi-Ramsés e entraram no Tesouro do faraó, vida, força e saúde e também no registro dos Grãos do (N15) faraó, vida, força e saúde. Os dois registros de terra foram trazidos perante o vizir na Grande Corte e o vizir falou a Nubnofret: “quem é seu herdeiro [dentre] os herdeiros que estão nos dois registros de terra que estão em nossas mãos? Nubnofret disse: “Não há nenhum herdeiro [meu] dentre eles.” Então, você está errada disse o vizir a ela.

(N16) Então o escriba da mesa real, Kha, filho de Montuemmin, disse ao vizir “Qual a sua decisão quanto a Nubnofret? O Vizir disse a Kha: “Você pertence a Residência, vá você ao Tesouro e olhe nos documentos dela”. Então Kha saiu e disse a ela: “Eu examinei os documentos mas, você não consta neles.” (N17) Então o sacerdote da liteira Amenemope foi convocado e foi enviado dizendo: “reúna os herdeiros e mostre-lhes as terras e faça a divisão entre eles”. Assim ele foi instruído, junto com a corte de Mênfis. Então, eu trouxe o *swa* Ruiniuma (N18)... o qual era supervisor dos cavalos; e o oficial da corte Amenemope convocou Mesmen dizendo: “Venha (N19)...Ele foi convocado para a margem oeste. Eles me deram terras, 13 aruras, e terras foram dadas (N20) para os herdeiros perante os nobres da Cidade.”

Testemunho do criador de cabras Mesmen: (N21) “[Como Amon perdura e o soberano perdura], eu falarei a verdade ao faraó, vida, prosperidade, saúde; eu não devo mentir e, se eu mentir, (N22) que [minhas orelhas e meu nariz] seja cortados fora; que eu seja [banido] para Kush. Para o escriba Huy, filho de Urnero, foi dito que ele é descendente de Neshi. Eu vi (N23)...Urnero...terras.”

Testemunho do encarregado Khay: “Como Amon perdura e o soberano perdura. Quanto ao escriba Huy, ele é descendente de (N24) Urnero, a filha de Neshi; e [ele gritou?] dizendo: isto não é verdadeiro. Entrarei em acordo com você? Como Amon perdura e o soberano perdura, não (N25)...que eles não sejam ouvidos...além dos seus testemunhos. Para que o cultivo possa ser tomado.(N26)...testemunho dele. “Como Amon perdura, e o soberano perdura, se for examinado e encontrado que eu cultivei (N27)...lote de...eu, entrarei em acordo com você.”

Testemunho de Papa, o sacerdote do Templo de Ptah: “Como Amon perdura e o soberano perdura, devo falar (N28) a verdade; eu não devo mentir. Se eu mentir, que meu nariz e minhas orelhas sejam cortadas e que eu seja banido para Kush. Eu conheci (N29)...[o escriba Huy, o descendente] de Urnero [o qual] cultivava suas terras ano a ano. Ele foi encarregado de cultivá-lo dizendo: “Eu sou descendente de Urnero, (N30) filha de Neshi”.

Testemunho de Hori, o guardião das abelhas do tesouro do farão, vida, prosperidade, saúde: Como Amon perdura e como o soberano perdura, se eu faltar a verdade que sejam cortados meu nariz e minhas orelhas, (N31) [e que eu seja banido para Kush. Quanto ao escriba Huy] (ele é o) descendente de Urnero, e Urnero era a filha de Neshi.”

Testemunho do Chefe de Estábulo, Nebnufer, ele disse: Quanto ao escriba Huy, ele (N32) costumava cultivar suas terras ano a ano. Ele agia de acordo com sua vontade. Traziam-lhe a colheita de seus campos ano após ano. Ele costumava brigar (N33) com a cidadã Takharu, mãe do soldado Smentai; então ele brigou com Smentai, o filho dela, de forma que as terras deviam ser dadas (N34) a Huy e eles confirmaram.

Testemunho do swa Butiartef, também dizendo: “ quanto ao escriba Huy, (ele é o) descendente de Urnero, e Urnero (N35) ela é filha de Neshi.”

Testemunho da cidadã Tentpaihay: “Como Amon perdura, e o soberano perdura, se eu mentir, deixe-me ser banido para os fundos da casa. Quanto ao (N36) escriba Huy, ele é o descendente de Urnero, e Urnero ela é filha de Neshi.”

Testemunho da cidadã Pipuemwia: igualmente.

Testemunho da cidadã tuy: igualmente.

(S1)...(S2)... Testemunho da cidadã Maia perante a Grande Corte no tempo de ... (S3)...Urnero, mãe dele tomou...(S4)... entregar para mim meus grãos. Eu trouxe para mim mesma o encarregado...”

(S5) Testemunho de X... “Como Amon perdura e o soberano perdura...(S6)... eu fui desprovido de meu lote.”

Uma cópia foi feita [e colocada na Sala] dos Julgamentos do faraó...(S7)... os juízes. Lista dos nomes:

Prefeito da cidade, o vizir, Iry...

...dos Carros de guerra.

Supervisor da Tropa, lia.

Comandante das Tropas, Huy...

...(S8)...enviado real, Runeriya.

Enviado real, Amenmose.

O escriba do registro, ...

O escriba do registro...mose.

Perante a corte neste dia.

Ano 59 sob a majestade do rei do Alto e do Baixo Egito Djserkhepru-rá-Setepen-rá, filho de Rá, Horemheb-meriamon. Cópia da investigação [feita pelo] (S9) sacerdote da liteira? Aniy que era o oficial da corte, do *Hunpet* do Capitão de navio Neshi, que está localizado na cidade de Neshi, como se segue: “Eu cheguei a cidade de Neshi, o lugar onde se encontram as terras sobre as quais a cidadã (S10) Urnero e a cidadã Takharu falaram. Elas reuniram os herdeiros de Neshi junto com os nobres da cidade que fizeram...do *Hunpet* de Neshi para ouvir os pronunciamentos. Lista dos nomes (S11) das testemunhas de Neshi:

A cidadã Kakay,

A cidadã Hunetudjebu,

.....

O soldado.....Baka,

Total de quatro pessoas

Lista dos nomes das testemunhas que vieram da cidade para prestar juramento: o lavrador Horiherneferher...

(S12)...o que eles disseram como uma só voz: “Como Amon perdura e como o soberano perdura, nós devemos falar a verdade...(S13)...quanto a mim, eu sou da cidade...hoje. Eu observei o *Hunpet* do Capitão de navio Neshi, que estava sob o controle de seus herdeiros...(S14)..no tempo de inimigo proveniente de

Akhetaton...Akhetaton[onde] estava. A cidadã Sheritre, a mãe da cidadã (S15) [Takharu]...no Hunpet cultivando...(S16)...Sheritre, a mãe de Takharu.

Depois...”

II.3.4.4- Comentários à Tradução

... um oficial trazendo os nobres da cidade para ouvir os pronunciamentos deles. Testemunho de ...o porta-armaduras e o shedy do povo(1)... Ramsés-Meriamum(2)....

- 1) A frase está bem danificada deixando o texto lacunar, mas é possível perceber uma reunião com os nobres da cidade, provavelmente para estabelecer a divisão dos territórios sob controle dos descendentes de Neshi. No antigo Egito as decisões judiciais eram registradas pelos funcionários do Estado e arquivados nos templos e registros do palácio. A execução dos atos era garantida pela presença de testemunhas nos relatos das decisões como no caso do conselho local convocado para ouvir a decisão do tribunal sobre as terras de Neshi.
- 2) O cartucho real com o nome de Ramsés II  identifica o faraó sob o qual Més viveu e sob o qual ocorreu o litígio judicial final que deu ganho de causa a Més e sua mãe.

Quanto a mim, eu sou o filho de Huy, filho de Urnero, [a filha] de Neshi.(3)

- 3) Neshi foi contemporâneo de Ahmés I (1550-1525), faraó ao qual serviu e que o recompensou com as terras que são o centro do litígio apresentado por

Més. Urnera e seus irmãos receberam a terra sob Horemheb (aprox.1323-1295) o que representa uma distância em torno de 170 anos e quase seis gerações – contando uma distância de 30 anos entre as gerações. Urnera não era filha direta de Neshi. A afirmação *filha de* ou *filho de*, dependendo do contexto, significa mais exatamente descendente legítimo, como deve ser aqui entendido.

Um lote foi arrendado para Urnero com seus irmãos e irmãs no (N3) [grande] Tribunal [no tempo do rei] Djser-kheperu-ra-Setepen-re, dotado de vida.(4) Então foi enviado o sacerdote da liteira Aniy, o oficial do Grande tribunal(5), para a região/aldeia de Neshi.(6)

- 4)  Djserkheperu-Rá Setepen-Rá, nome de trono do faraó Horemheb  último faraó da XVIIIa dinastia. O período de seu reinado ainda é controverso no meio egíptológico. De acordo com Donald Redford e sua interpretação sobre um grafito em uma estátua atestando o ano 27 de reinado¹⁷⁶ o período de Horemheb se estenderia de aprox.1323 a 1295.
- 5)  Kenebet é o nome egípcio para a reunião de altos funcionários, ou magistrados, responsáveis pela justiça local. Havia também o Grande Tribunal o *knbt ʿst*  presidido pelo Vizir e era realizado na residência deste. Como o vizirato no Reino Novo era duplo, o Grande Tribunal acontecia em dois locais, Tebas e um em Mênfis. O Grande Tribunal decidia quando da apresentação de recursos.
- 6)  Wahyt, pode ser traduzido por distrito ou circunscrição. O contexto nos passa a idéia de área sob o domínio de alguém, por isso a opção na tradução por Aldeia de Neshi. O uso deste termo implica em um território de tamanho considerável.

O arrendamento foi feito para mim junto com meus irmãos e irmãs. Minha mãe, a cidadã Urnera foi indicada como encarregada por seus irmão e irmãs.(7)

¹⁷⁶ REDFORD, Donald B. “New Light on the Asiatic Campaigning of Horemheb”, Bulletin of the American Schools of Oriental Research Number 211, 1973 nota 37.

- 7) O texto implica na noção de que a mulher no antigo Egito possuía os mesmos direitos que os homens no tocante a herança. A indicação de Urnera como encarregada permite a interpretação de que o conjunto das terras poderia ser administrado por uma pessoa e esta ficaria encarregada de dividir as rendas da terra com o grupo familiar ou doméstico¹⁷⁷ do qual fazia parte.

Mas, Takharu, a irmã de Urnera protestou contra Urnera perante o Grande Tribunal.(8)

- 8) O litígio entre os irmãos demonstra que as terras de Neshi não se constituíam mais como unidade administrativa e os herdeiros não se entendiam sobre os direitos de exploração da terra.

Um oficial do Tribunal foi enviado. Foi notificado a cada um (sobre) o seu lote, aos seis herdeiros. (9)

- 9) A frase indica que houve o julgamento do litígio e que as terras foram divididas entre os herdeiros como solução para o caso. O envio do funcionário para o local de litígio provavelmente resultou em uma nova reunião do conselho local com a entrega dos documentos de cada parte perante testemunhas.

[Foi] sob a majestade de Nebpekheti-Rá (Ahmés I) , [ele que doou ...aruras de terra como recompensa para Neshi meu (ancestral) [lit.pai] como também desde [o tempo] do rei Nebpekhtira, esta terra passou de um para outro até (N5)[hoje].(10)

- 10) Nesta parte do relato, Més informa que a terra que foi dada a Neshi foi herdada por seus descendentes, ao que parece, de forma conjunta até a

¹⁷⁷ Sobre o grupo doméstico e sua conceituação vide o Capítulo II da Segunda Parte deste trabalho.

geração de Urnera. Por isso a nomeação desta como encarregada no primeiro processo de herança tratado pelo texto.

Então Huy, meu pai, e sua [mãe] Urnero brigou [com seus] irmãos e irmãs no Grande Tribunal de Mênfis.....[meu] pai morreu.(11)

11) Há uma lacuna no texto que não nos deixa entrever o final do processo no qual Huy e Urnera se envolveram. A referência à Mênfis significa que o processo sofreu recursos e a decisão foi para o Grande Tribunal perante o Vizir.

Então, Nebuneferet, minha mãe, veio cultivar as terras de (N6) Neshi, meu pai. [Mas], impediram-na de cultivá-lo. Ela reclamou contra o encarregado Khay. [Compareceram perante] o vizir em Heliópolis no ano 14 do rei Userma-rá Setepenrá, Ramsés Meriamon, dotado de vida;(12)

12) Entre o início do processo, sob Horemheb, até a mãe de Més ser despojada de suas terras, passaram-se dois reinados, o de Ramses I (1295-1294) e de Sethi I (1294-1279), pai do faraó Ramsés II sob cujo reinado tem lugar o litígio entre a mãe de Més e o encarregado Khay que assumiu as terras. É de se supor que sob a gerência de Huy, as terras de Neshi ainda estavam sob controle da família de Més embora pendente de resoluções absolutas sobre o caso; o problema se agravou quando a mulher de Huy, mãe de Més, foi assumir as terras e não foi reconhecida como herdeira.

e ela queixou-se dizendo : “fui retirada destas terras de (N7) meu pai Neshi”. Então ela disse: “Tragam a mim o registro da terra (13) que se encontra no Tesouro e, igualmente, no Gabinete dos Grãos do faraó, Vida, Força e Saúde. Estou segura de que sou a filha de Neshi.

13)A menção ao registro de terras é um elemento importante para o estudo da administração egípcia. Nebuneferet se reporta a duas instituições do Estado

demonstrando que o registro era arquivado em vários níveis, incluindo a instância centralizadora maior do palácio. Da mesma forma que o vizirato, também o Tesouro era dividido administrativamente, um ao norte e outro ao sul. Sobre o Gabinete de grãos não temos informações precisas, mas o cargo de Supervisor do Gabinete de grãos era unificado, o que pode implicar em um único arquivo centralizado no palácio.

O arrendamento foi feito para mim junto com eles. Não reconheço o encarregado Khay como irmão. (14)

14) A referência ao reconhecimento como irmão diz respeito a estrutura da herança familiar. Após mais de duzentos anos da propriedade original de Neshi, seus herdeiros tinham dificuldades de reconhecer e comprovar os vários grupos familiares e seus colaterais.

O encarregado Khay queixou-se na Grande Tribunal no ano 18. (N8) o sacerdote da liteira Amenemope, que era o oficial da Grande Tribunal foi trazido com ele, trazendo um registro falso em sua mão. (De acordo com este) eu não descenderia de Neshi. O encarregado Khay foi designado como administrador por seus irmãos e irmãs sobre minha herança, (embora) eu seja a herdeira de Neshi, meu (N9) pai.”(15)

15) A acusação de falsificação de documentos por parte de funcionários não se constitui novidade na literatura egípcia. As confissões negativas que os mortos deveriam fazer perante o Tribunal no Além demonstram que crimes e abusos de poder ocorriam, por isso a necessidade de se negar estas falhas perante o Tribunal. A literatura gnômica egípcia também apresenta uma série de recomendações contra subornos e alterações de documentos.

Agora, vejam, eu estou na região/cidade de Neshi, meu pai, na qual está o Hunpet(16) de Neshi, meu pai.

- 16) *hnpt*  ¹ Hunpet ou Henpet. Este termo só foi encontrado neste texto não tendo outro exemplo de uso até o momento. Grapow¹⁷⁸ sugere a tradução como *área mensurada ou delimitada* e a aproximação desta palavra com *hnbt*  com o mesmo significado e tão raro quanto. Hannig¹⁷⁹ propõe a mesma tradução e também o significado de *lugarejo* ou *lote de terra*; propõe ainda o termo árabe Ezbet com o significado aproximado de fazenda. Pelo contexto da frase Hunpet é menor do que o termo *Wht* traduzido por cidade ou região o que permite a interpretação como ‘fazenda de Neshi’.

Permita-me ser investigado para que eu possa descobrir se Urnera é a mãe do escriba Huy, meu pai (17). Dizendo...de Neshi o qual não constava do registro (N10) que o encarregado Khay forjou contra mim juntamente com o oficial da corte que veio com ele. Eu dei queixa afirmando que esse era um registro falso feito por ele contra mim, pois, eu já examinara anteriormente e me encontrava inscrito no documento (o verdadeiro). Deixem-me verificar juntamente com meus co-herdeiros perante os nobres da cidade (N11) se sou ou não o filho de Neshi.(18)

- 17) Neste trecho Més parece assumir o processo retomando o discurso da mãe. A busca pelos registros e a segurança tanto de Nebuneferet quanto de Més é baseada no processo anterior da divisão da partilha das terras entre Urnera e seus irmãos.

- 18) Como vimos, o primeiro litígio tendo Urnera e Takharu como litigantes, gerou um documento de divisão das terras apresentado na frente das testemunhas locais. Por isso, Més insiste na busca dos processos e na certeza do registro falso de Khay.

Testemunho do encarregado Khay: “Eu sou o filho do encarregado Userhat, o filho de Tiaui [o filho de] Prehotep, o qual me legou este lote de terras em

¹⁷⁸ GRAPOW, H. und ERMAN, A. *Wörterbuch der Aegyptischen Sprache*. Leipzig: J.C. Hinrichs'sche Buchhandlung.

¹⁷⁹ HANNIG, R. *Grosses Handwörterbuch Ägyptisch-Deutsche* Mainz: Philipp von Zabern, 1995.

documento da época do rei Djserkheru-rá-Setepen-rá (Horemheb), dotado de vida, perante testemunhas.(19)

19)Khay é um dos pretensos descendentes de Neshi que recorre ao Grande tribunal para assumir os lotes devidos a mãe de Més. Em sua apresentação Não há uma descendência clara entre os encarregados que herdaram os lotes. O único nome que parece estar assegurado como descendente de Neshi é o de Prehotep que se torna a referência mais segura para o tronco familiar. No caso de Khay, a denominação dos encarregados anteriores a ele parece indicar que estes mantiveram a unidade administrativa até o reinado de Horemheb quando se iniciam as querelas judiciais contra os membros da família de Més.

O chefe do estábulo Huy, (20) (N12) filho de Prehotep era um que cultivava oficialmente este desde o tempo do rei ...dotado de vida. Então eu o sucedi no tempo de Horemheb-Meriamun até hoje.

20)A designação de “Chefe de Estábulo” *hri ihw*  apresenta uma característica importante no contexto do litígio familiar. Neshi foi pago com as terras pelo seu serviço como militar, Superior de Navio do faraó. A regra na sociedade egípcia é de seguir a profissão do proprietário inicial. Outros cargos e carreiras aparecem no documento, mas o caráter de terra doada a um militar deveria ser mantido, por isso, em cada geração pelo menos um integrante familiar deveria ser também militar. O cargo de Chefe de Estábulo ainda é discutido quanto a sua especialidade militar ou não,mas, o que pesa nas análises que assim o entendem é de que os cavalos do Reino Novo tornaram-se a principal arma de guerra, logo, os Chefes de Estábulo estariam ligados a estrutura militar direta ou indiretamente.

O escriba Huy e a cidadã Nubnofret tomaram meu lote de terra e deram ao artesão Khairy. (21)

21)Não há indicação no texto de Més deste litígio envolvendo diretamente as partes aqui indicadas. Provavelmente, foi o início do confronto entre as duas famílias. A menção ao arrendamento de terras a um terceiro, no caso Khairy,

pode ser um exemplo de que os herdeiros assumiam vários lotes, arrendavam e recebiam uma parte da colheita.

Eu me queixei ao vizir (N13) em Heliópolis que enviou a mim e Nubnofret para comparecer perante o vizir na Grande Corte. Eu trouxe minhas [testemunhas] ...em minha mão, desde [o tempo de] Nebpekhety-rá. Nubnofret trouxe também suas testemunhas e elas foram arroladas perante o vizir na Grande Corte. O vizir disse a ela: “(N14) quanto a estes documentos, eles foram escritos por um dos dois”.(22)

22) Neste trecho é possível identificar a alusão a uma falsificação. O desenrolar do caso perante testemunhas comprova que o direito egípcio baseava-se tanto em provas documentais como em depoimentos de testemunhas sob juramento¹⁸⁰.

Nubnofret falou ao vizir: tragam-me o [registro de terras que está no Tesouro e no Gabinete dos Grãos]”. [O vizir disse a ela: excelente o que você disse. Então nós descemos pelo rio até Pi-Ramsés(23) e entraram no Tesouro do faraó, vida, força e saúde e também no registro dos Grãos do (N15) faraó, vida, força e saúde.

23)Pi-Ramsés  capital do Egito durante a XXª dinastia, construída por Ramsés II, localizada na parte oriental do Delta próximo a atual Qantir.

Os dois registros de terra foram trazidos perante o vizir na Grande Corte e o vizir falou a Nebuneferet: “quem é seu herdeiro [dentre] os herdeiros que estão nos dois registros de terra que estão em nossas mãos? Nebuneferet disse: “Não há nenhum herdeiro [meu] dentre eles.” Então, você está errada disse o vizir a ela.(24)

24)Esta é a versão do julgamento dada por Khay. O contexto nos permite entender que não havia documento no Tesouro que indicasse a herança de Nebuneferet. Se a falsificação foi feita, então um dos funcionários do palácio devia estar envolvido visto que o grupo litigante deslocou-se até a administração central para comprovar os documentos. Aqui também está sendo indicado o registro das terras, o que implica possivelmente em cópias

¹⁸⁰ THEODORIDES, A. O conceito de Direito no Antigo Egito. In: HARRIS, J. R. *O Legado do Egito*. Rio de Janeiro: Imago,1993. p.322.

do original com a atualização dos herdeiros. Se o registro segue o mesmo modelo de registro do Papiro Wilbour já citado no primeiro capítulo, estas entradas identificam por nome e ocupação os arrendatários dos lotes e seus respectivos tamanhos.

(N16) Então o escriba da mesa real, Kha, filho de Montuemmin, disse ao vizir “Qual a sua decisão quanto a Nebuneferet? O Vizir disse a Kha: “Você pertence a Residência, vá você ao Tesouro e olhe nos documentos dela”(25). Então Kha saiu e disse a ela: “Eu examinei os documentos mas, você não consta neles.”

25) Nesse momento, Kha parece se referir a um documento diferente do registro das terras, pois o Vizir lhe indicara os documentos específicos de Nebuneferet. O que reforça esta tese é o fato de o vizir já ter visto os registros de terra.

(N17) Então o sacerdote da liteira Amenemope foi convocado e foi enviado dizendo: “reúna os herdeiros e mostre-lhes as terras e faça a divisão entre eles”. Assim ele foi instruído, junto com a corte de Mênfis. Então, eu trouxe o swa Ruiniuma (N18)... o qual era supervisor dos cavalos; e o oficial da corte Amenemope convocou Mesmen dizendo: “Venha (N19)...Ele foi convocado para a margem oeste. Eles me deram terras, 13 aruras, e terras foram dadas (N20) para os herdeiros perante os nobres da Cidade.”(26)

26) Mais uma vez é demonstrado que a decisão do tribunal é testemunhada, em sua execução, pelos nobres da cidade, ou seja, aqueles que também tem direito ao controle de terras no local. O tamanho do lote reivindicado por Khay corresponde a apenas uma parte da herança total de Neshi. Mesmo assim, o tamanho do lote quando comparado ao tamanho médio registrado no Papiro Wilbour é bem maior do que este e corresponderia aproximadamente a 35.110 m².¹⁸¹

Testemunho do criador de cabras Mesmen: (N21) “[Como Amon perdura e o soberano perdura], eu falarei a verdade ao faraó, vida, prosperidade, saúde; eu não devo mentir e, se eu mentir, (N22) que [minhas orelhas e meu nariz] seja cortados

¹⁸¹ Sobre a arura vide nota 28 do comentário da tradução da biografia de Ahmés, o filho de Ibana.

fora; que eu seja [banido] para Kush. Para o escriba Huy, filho de Urnero, foi dito que ele é descendente de Neshi. Eu vi (N23)...Urnero...terras.”(27)

27) Aqui se inicia uma série de testemunhos que deram ganho de causa a Més, pois confirmavam que Urnera era a possuidora daqueles lotes e que Huy era o seu descendente. Isso indica que o impasse sobre a herança teve como elemento diferencial a certeza da descendência de Urnera em relação a Neshi. Destacam-se nesses juramentos a fórmula ritual sobre falar a mentira perante o faraó, símbolo maior da palavra justa.

Testemunho do encarregado Khay: “Como Amon perdura e o soberano perdura. Quanto ao escriba Huy, ele é descendente de (N24) Urnero, a filha de Neshi; e [ele gritou?] dizendo: isto não é verdadeiro. Entrarei em acordo com você? Como Amon perdura e o soberano perdura, não (N25)...que eles não sejam ouvidos...além dos seus testemunhos. Para que o cultivo possa ser tomado.(N26)...testemunho dele. “Como Amon perdura, e o soberano perdura, se for examinado e encontrado que eu cultivei (N27)...lote de...eu, entrarei em acordo com você.”(28)

28) Esta réplica de Khay ao pronunciamento das testemunhas de Més demonstrar que ele não conseguiu apresentar tantas testemunhas quanto este. Como o texto está muito lacunar não é possível perceber nitidamente se houve algum acordo entre os litigantes.

Testemunho de Papa, o sacerdote do Templo de Ptah: “Como Amon perdura e o soberano perdura, devo falar (N28) a verdade; eu não devo mentir. Se eu mentir, que meu nariz e minhas orelhas sejam cortadas e que eu seja banido para Kush. Eu conheci (N29)...[o escriba Huy, o descendente] de Urnero [o qual] cultivava suas terras ano a ano. Ele foi encarregado de cultivá-lo dizendo: “Eu sou descendente de Urnera, (N30) filha de Neshi”.

Testemunho de Hori, o guardião das abelhas do tesouro do faraó, vida, prosperidade, saúde: Como Amon perdura e como o soberano perdura, se eu faltar

a verdade que sejam cortados meu nariz e minhas orelhas, (N31) [e que eu seja banido para Kush. Quanto ao escriba Huy] (ele é o) descendente de Urnera, e Urnera era a filha de Neshi.”

Testemunho do Chefe de Estábulo, Nebnufer, ele disse: Quanto ao escriba Huy, ele (N32) costumava cultivar suas terras ano a ano. Ele agia de acordo com sua vontade. Traziam-lhe a colheita de seus campos ano após ano. Ele costumava brigar (N33) com a cidadã Takharu, mãe do soldado Smentau; então ele brigou com Smentau, o filho dela, de forma que as terras deviam ser dadas (N34) a Huy e eles confirmaram.(29)

29) Este trecho do texto permite-nos recuperar mais um ramo familiar de Més. Não há a definição específica da relação de parentesco, mas a alusão a ‘briga’ entre estes indica que já havia problemas em relação ao lote de terra e quem deveria administrá-lo.

Testemunho do swa Butiartef, também dizendo: “ quanto ao escriba Huy, (ele é o) descendente de Urnera, e Urnera (N35) ela é filha de Neshi.”

Testemunho da cidadã Tentpaihay: “Como Amon perdura, e o soberano perdura, se eu mentir, deixe-me ser banido para os fundos da casa. Quanto ao (N36) escriba Huy, ele é o descendente de Urnero, e Urnero ela é filha de Neshi.”

*Testemunho da cidadã Pipuemwia: igualmente.
Testemunho da cidadã tuy: igualmente.*

(S1)...(S2)... Testemunho da cidadã Maia perante a Grande Corte no tempo de ... (S3)...Urnero, mãe dele tomou...(S4)... entregar para mim meus grãos. Eu trouxe para mim mesma o encarregado...”

(S5) Testemunho de X... “Como Amon perdura e o soberano perdura...(S6)... eu fui desprovido de meu lote.”

Uma cópia foi feita [e colocada na Sala] dos Julgamentos do faraó...(S7)... os juízes. Lista dos nomes:

Prefeito da cidade, o vizir, Iry...

...dos Carros de guerra.

Supervisor da Tropa, lia.

Comandante das Tropas, Huy...

...(S8)...enviado real, Runeriya.

Enviado real, Amenmose.

O escriba do registro, ...

O escriba do registro...mose.

Perante a corte neste dia.

Ano 59 (30) sob a majestade do rei do Alto e do Baixo Egito Djserkhepru-rá-Setepen-rá, filho de Rá, Horemheb-meriamon. Cópia da investigação [feita pelo] (S9) sacerdote da liteira? Aniy que era o oficial da corte, do Hunpet do Capitão de navio Neshi, que está localizado na cidade de Neshi, como se segue: “Eu cheguei a cidade de Neshi, o lugar onde se encontram as terras sobre as quais a cidadã (S10) Urnero e a cidadã Takharu falaram. Elas reuniram os herdeiros de Neshi junto com os nobres da cidade que fizeram...do Hunpet de Neshi para ouvir os pronunciamentos. Lista dos nomes (S11) das testemunhas de Neshi:(31)

30) O documento de Més é um dos documentos mais intrigantes quanto a datação do reinado de Horemheb. A duração de seu reinado depende de pouquíssimos objetos com indicações dos anos de reinado. Os monumentos indicam até o oitavo ano de reinado, enquanto uma taça com uma inscrição apresenta a data do décimo terceiro ano. Com base nestes achados supõe-se um reinado curto de, no máximo, 13 anos. Uma inscrição em uma estátua indica um possível ano 27 de reinado. No entanto, a inscrição de Més não deixa dúvida quanto ao número 59. Alguns especialistas como Donald Redford e Kenneth Kitchen apresentaram várias interpretações. Uma delas refere-se ao texto de Més ser parte de uma tradição de forte negação quanto ao reinado de Akhenaton. Sendo assim, o ano 59 de Horemheb corresponderia a soma de seu reinado com os reinados anteriores ligados fortemente a Akhenaton. A dúvida ainda persiste mas a idéia de um erro por parte do escriba é praticamente descartada pela historiografia.¹⁸²

¹⁸² Sobre o problema de datação de Horemheb cf. SCHNEIDER, T. *Lexikon der Pharaonen*. Zürich: Artemis & Winkler, 1997.

31) Més reproduz aqui o documento que deu base ao seu processo: a resolução do Grande Tribunal quando do litígio entre Urnera e seus irmãos. Como ficou decidido e estipulado no documento a divisão das terras e tudo foi confirmado por testemunhas significou o reconhecimento social de que Urnera era herdeira legítima de Neshi e sendo Més seu descendente foi possível recuperar a posse do lote.

A cidadã Kakay,

A cidadã Hunetudjebu,

.....

O soldado.....Baka,

Total de quatro pessoas

Lista dos nomes das testemunhas que vieram da cidade para prestar juramento: o lavrador Horiherneferher...

(S12)...o que eles disseram como uma só voz: “Como Amon perdura e como o soberano perdura, nós devemos falar a verdade...(S13)...quanto a mim, eu sou da cidade...hoje. Eu observei o Hunpet do Capitão de navio Neshi, que estava sob o controle de seus herdeiros...(S14)..no tempo de inimigo proveniente de Akhetaton...Akhetaton (32) [onde] estava. A cidadã Sheritre, a mãe da cidadã (S15) [Takharu]...no Hunpet cultivando...(S16)...Sheritre, a mãe de Takharu. Depois...”

32) Akhenaton é aqui denominado como *inimigo*. Foi muito comum no período raméssida a negação da fase de Akhenaton com a conseqüente abominação de seu nome.

**SEGUNDA PARTE:
FEITOS MILITARES E
IDENTIDADE SOCIAL**

CAPÍTULO III – IDENTIFICAÇÃO SOCIAL DA FUNÇÃO MILITAR

III.1 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

III.1.1 – Grupos sócio-profissionais, hierarquia e Estado

A análise dos quadros sociais no Antigo Egito deve partir pela forma mesma que esta sociedade pensa a sua organização hierárquica. Os egípcios tinham idéia de ser diferentes perante outros povos, isto significa dizer que possuíam uma consciência de unidade ou uma autoconsciência (Selbstbewusstsein)¹⁸³. Já apresentamos no primeiro capítulo, as referências gerais dos egípcios em relação ao mundo externo ao seu. O quadro complica-se quando procuramos uma definição interna dos diferentes grupos sociais.

Cabe aqui uma questão sobre as nomenclaturas utilizadas para definir a divisão social. O fenômeno de diferenciação social entre distintos grupos de uma mesma sociedade é perceptível nos grupamentos humanos desde a antiguidade. Embora possam divergir no tocante a proporção exata entre aqueles que possuíam um acesso privilegiado a riqueza social gerada e os que ficavam de fora, os autores concordam em um ponto central: a parte privilegiada da sociedade egípcia antiga conformava um grupo mínimo em relação ao restante da população. Temos assim um problema sobre as definições de que termos utilizar para definir os diferentes grupos. Conceitos classificatórios como classe ou estratificação social implicam em posturas teóricas diferentes. A nosso ver é correta a posição de Ciro Cardoso e Hector Brignoli quando afirmam que:

¹⁸³ Cf. OTTO, Eberhard. Ägypten im Selbstbewusstsein der Ägypter. In: : *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz : Wiesbaden, 1980. 76-78.

[...]a estratificação social é o resultado das gradações de um *continuum*. Não se trata, como no caso das classes sociais, de uma dicotomia marcante entre proprietários e não proprietários dos meios de produção básicos, mas de *gradações* de uma só variável: os que têm muita ou pouca renda, os que têm prestígio alto, prestígio médio ou baixo prestígio, etc.¹⁸⁴

Assim, em nosso caso de estudo, ao utilizarmos as biografias como fontes documentais entendemos estas não como a referência a um indivíduo isoladamente – unidade de análise das estratificações – mas antes a classe social a qual o indivíduo pertence. A leitura que será feita parte do princípio de que o discurso biográfico seja produzido não pelo indivíduo e sim pelos grupos sociais – unidade de análise das classes sociais. A opção por categorização como classe tem por base a concepção de Marx que parte “essencialmente, da situação de grandes grupos de pessoas relativamente à propriedade ou não dos meios de produção”¹⁸⁵. A utilização do conceito de classe, no entanto, necessita de uma adaptação para as sociedades antigas.

Nem Marx nem Engels desenvolveram o conceito de forma sistemática¹⁸⁶. A grande divergência sobre este tema tem por base as definições de Marx de *classe em si* e *classe para si* que dizem respeito, respectivamente, a um grupo social economicamente determinado e o de grupo social com consciência de sua existência. O segundo conceito implica na idéia de que a luta de classes é que dá sentido pleno ao conceito de classe, visto que só uma classe com consciência de seu lugar no processo de produção e, portanto, de sua exploração, pode se opor a classe que lhe explora. Georg Lukacs¹⁸⁷, partindo desta constatação identifica uma divisão de base histórica afirmando que:

...para as épocas pré-capitalistas e para o comportamento no capitalismo de numerosas camadas sociais, cujas origens econômicas se encontram no pré-capitalismo, a consciência de classe não é capaz, por sua própria natureza, de assumir uma forma plenamente clara nem de influenciar conscientemente os acontecimentos históricos.

Isso ocorre sobretudo porque os interesses de classe na sociedade pré-capitalista nunca *conseguem* se distinguir claramente no que concerne ao aspecto econômico. A divisão da sociedade em castas, em estamentos etc.

¹⁸⁴ CARDOSO, Ciro F.S. e BRIGNOLI, H.P. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: GRAAL, 1983. p.378.

¹⁸⁵ *Idem*, p.375.

¹⁸⁶ Sobre o conceito e suas vertentes dentro do marxismo cf. BOTTOMORE, T. *A dictionary of Marxist thought*. Cambridge: Harvard University Press. 1983.

¹⁸⁷ LUKACS, Georg. *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. (trad. Rodnei Nascimento), São Paulo: Martins Fontes, 2003.

implica que, na estrutura econômica objetiva da sociedade, os elementos econômicos se unem *inextrincavelmente* aos elementos políticos, religiosos, etc. É somente com a hegemonia da burguesia, cuja vitória significa a supressão da organização em estamentos, que se torna possível uma ordem social em que a estratificação da sociedade tende à pura estratificação em classes.¹⁸⁸

Esta postura teórica não implica na negação das diferenças de base econômica entre os diversos grupos ou estamentos das sociedades pré-capitalistas visto que é em função de seu lugar como explorador ou explorado que o grupo será classificado. O que Lukács pretende é demonstrar que, enquanto nas sociedades capitalistas as classes tem consciência econômica de sua existência, nas sociedades pré-capitalistas o econômico não se distingue como o centro da organização social isto porque

...a forma de divisão em estamentos dissimula a conexão entre a existência econômica do estamento – existência real ainda que ‘inconsciente’ – e a totalidade econômica da sociedade. Ela fixa a consciência seja no nível do puro imediatismo dos seus privilégios (cavaleiros da época da Reforma), seja no nível da particularidade – igualmente imediato – daquela parte da sociedade à qual se referem os privilégios.(...) a consciência do próprio *status*, como fator histórico real, mascara a consciência de classe, impede que esta última possa mesmo se manifestar.¹⁸⁹

Em nossa análise partimos da visão do Egito como uma sociedade formada por uma classe dominante, cujo diferencial reside no controle do processo produtivo e uma classe dominada que se submete e é submetida a este controle. Esta posição não implica, no entanto, na idéia simplista de dominação por vontade política de uns e fraqueza de outros.

Em um artigo intitulado *Agriculture and the Origins of the State in Ancient Egypt*¹⁹⁰ Robert Allen propõe que o antigo Estado egípcio foi tão estável e perdurou por tão longo tempo (mais de 3000 anos) devido à habilidade da elite em extrair os rendimentos dos grupos subalternos produtores. Para este autor o sucesso do governo faraônico residia na própria geografia do Egito: confinada ao vale e tendo por fronteiras, desertos e o Mar Mediterrâneo. O controle egípcio sobre a população,

¹⁸⁸ *Idem*, pp. 148-149.

¹⁸⁹ *Ibidem*, pp.154-155

¹⁹⁰ Robert C. Allen *Agriculture and the Origins of the State in Ancient Egypt*. Explorations in Economic History, volume 34, Abril 1997, pp. 135-154

ainda de acordo com o autor, era muito mais simples do que em outras partes do mundo antigo, “razão pela qual o estado unificado foi criado e perdurou por milênios”. Tal explicação tem claramente como premissa a tese de Robert Leonard Carneiro conhecida como “Environmental Circumscription Theory”¹⁹¹, mas, desconsidera totalmente o complexo sistema de relações político-sociais que organizam a sociedade humana. A simples vontade de um grupo, “a elite”, não se impõe pela força ou pela mera aceitação dos subordinados. A determinação dos grupos sociais e a legitimação do poder e do papel de cada integrante da sociedade é uma consequência histórica do desenvolvimento das organizações sociais específicas.

A agricultura se constitui como o centro nervoso da economia das sociedades antigas. Resulta, assim, que o controle do solo e dos rendimentos provenientes do seu cultivo tornam-se condição necessária para o estabelecimento da relação de poder nessas sociedades. Entender a dinâmica do acesso ao solo é, conseqüentemente, entender a dinâmica da inserção e da ascensão social nesta sociedade, bem como da manutenção de sua ordem social. O solo egípcio é de propriedade do faraó, Hórus encarnado e detentor dos direitos de controle sobre a terra do Egito de forma legitimada perante a sociedade. Muito se discutiu sobre a estrutura de propriedade e controle pelo governo central egípcio e os diversos modelos de análise partem sempre da própria visão egípcia de pertencimento da terra ao faraó.

O Estado egípcio antigo pressupõe, na sua origem, uma diferenciação de funções dos membros que o integrarão¹⁹². A base econômica deste Estado é eminentemente agrícola, ou agropecuária, o que significa que há uma relação muito forte com o controle do excedente a ser produzido. Os funcionários responsáveis

¹⁹¹ Vide nota 25.

¹⁹² a diferenciação interna das antigas comunidades é vista como ponto inicial para a formação dos Estados antigos uma vez que a distribuição das tarefas pressupõe estratos da comunidade que não trabalharão diretamente no setor primário (administração, defesa, religião, etc.). A forma como se deu esta passagem e como formou-se o Estado egípcio ainda é tema de discussão dada às poucas informações e documentos da época. Sobre este assunto ver: MENU, Bernadette. Naissance du pouvoir pharaonique. In: **Méditerranées**, nº 6/7, Paris : Éditions Harmattan, 1996. TRIGGER, B. *Early Civilizations: Ancient Egypt in Context*. Cairo : The American University in Cairo Press, 1995; SPENCER, A. J. *Early Egypt - The Rise of Civilisation in the Nile Valley*. Norman : The University of Oklahoma Press, 1993; CARDOSO, Ciro F.S. *Sete Olhares sobre a Antiguidade*. Brasília : UNB, 1994 e ainda ASSMANN, Jan. *Ägypten: eine Sinngeschichte*. Frankfurt am Main : Fischer Taschenbuch Verlag, 1999.

pelo controle administrativo representam o grupo que não produz diretamente os bens para sua subsistência. São assim responsáveis pela organização que garantirá a produção e a redistribuição dos excedentes e para assegurar a reprodução da ordem social que, por sua vez, garante a sobrevivência tanto sua como dos integrantes do Estado que os comporta.

O que significa que a rede de relações que conforma aquilo a que chamamos Estado (ou plano político) pressupõe uma forma de pagamento. Esta geralmente é relacionada a distribuição de bens *in natura*. Mas a distribuição de bens pressupõe a organização da divisão das rações de cada grupo e, quanto mais complexa a hierarquia se nos apresenta (mais especialidades funcionais) maior será a extensão dessa rede de divisão de rações.

A forma como este Estado se apresenta e como justifica a sua formação e manutenção é a base do que identificamos como hierarquização social, ou seja, a divisão das tarefas e dos grupos que ocupam determinados lugares na sociedade. Este sistema tem por base, não apenas condições econômicas, mas também todo um sistema ideológico que se reflete nos direitos e deveres de cada elemento do grupo social. Num estudo sobre os princípios do direito no Egito Antigo¹⁹³, Bernadette Menu apresenta-os da seguinte forma:

- 1° O direito público repousa no jogo de dualidade que exclui a oposição, através da coexistência e complementaridade, *maat* (justiça-verdade) e *isefet* (iniqüidade). O faraó é o mantenedor do equilíbrio cósmico *maat*.
- 2° 'O rei é um deus e os deuses são reis';
- 3° O rei é proprietário por herança divina de 'um país único constituído por partes';
- 4° Só o rei é devedor de *maat*;
- 5° Justiça e justificação são quantificáveis na *vita et post-mortem* (má ou boa ação= saldo positivo recompensa do defunto).

Aqui nos interessa especialmente o terceiro princípio que legitima o título de faraó como único dono do solo egípcio. Ora, a terra é a primeira riqueza de todas.

¹⁹³ MENU, Bernadette. *Principes fondamentaux du droit égyptien. Chronique d'Égypte*, LXX(1995), fasc.139-140, Fondation Égyptologique Reine Élisabeth. Bruxelles. A autora desenvolve este mesmo argumento mas, no contexto histórico de formação do Estado egípcio no artigo MENU, Bernadette. Naissance du pouvoir pharaonique. In: **Méditerranées**, nº 6/7, Paris : Éditions Harmattan, 1996.

Se controlo a terra, controlo os que produzem e sobretudo o que é produzido. Imaginarmos que o Estado egípcio encarnado na figura do faraó é o início desta divisão é ocultarmos a verdadeira complexidade da rede de dependências que este Estado apresenta. O todo (O Estado faraônico) só se compreende se visualizarmos o complexo de relações menores que ele engloba, ou melhor que ele representa ideologicamente. O faraó possui a terra de direito mas não de fato¹⁹⁴. A posse de fato é dada aos membros que compõem o grupo dominante. Ao facilitar o controle de terras a um determinado grupo, o faraó concede também a remuneração deste grupo que consiste tanto em um montante de bens *in natura* quanto na legitimação do ato de apropriação de tributos. Tal quadro é composto por uma série de relações que se apresentam hierarquicamente constituídas. Assim, o membro subordinado entende a estrutura do Estado egípcio não pela sua forma final mas pela rede de relações representada pelas pessoas que o compõem.

A partir dos depósitos estatais, [os excedentes] eram manipulados num complexo sistema de redistribuição, que variava a nível de subsistência, distribuída a trabalhadores não-qualificados e às pessoas submetidas à corvéia, até remunerações muito mais substanciais atribuídas aos funcionários de todos os tipos (pessoal de corte, escribas, sacerdotes), a artesãos de alta qualificação que trabalhavam para a corte ou para os templos, etc.¹⁹⁵

A legitimidade de um cargo social e do direito de tributar ou não que é aceito na sociedade egípcia, está, portanto, contida então em uma visão de como a sociedade *deve* ser, o que implica na aceitação da hierarquia tal como ela se apresenta.

A análise da função militar mostra-se intimamente ligada à questão do Estado. Este é também composto pela forma de apropriação do território. A compreensão da idéia de território para os antigos egípcios deve partir de uma relativização de nossa parte sobre o conceito atual, filho direto dos Estados-Nações que condicionou muitas análises históricas¹⁹⁶. O território compreendido a partir de

¹⁹⁴ CARDOSO, Ciro F.S. *Uma interpretação das estruturas econômicas do Egito faraônico (3.000-322 a.C.)* Rio de Janeiro, 1987. Tese (Concurso para professor titular) – UFRJ. Pp.173-174.

¹⁹⁵ CARDOSO, Ciro F.S. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*, São Paulo: Ática, 1986, p. 69

¹⁹⁶ Sobre a historiografia e a visão de espaço vale ressaltar aqui a obra de Braudel que suscitou um cuidado maior, por parte dos historiadores, para com a geografia. Seguem-se vários autores como Pirenne e, atualmente, a grande contribuição dos geógrafos especializados. Um bom texto sobre a noção de espaço e a sua relação com a História é de autoria de Ciro Cardoso no seu artigo *Repensando a construção do espaço*.

uma instância jurídico-política prevaleceu sobre uma noção mais ampla do termo¹⁹⁷. O território embasado na visão de dominação política é, então, o sentido mais utilizado. No entanto, o território possui também uma conotação antropológica-cultural que diz respeito diretamente à estrutura, organização e funcionamento do grupo social que lhe corresponde. O território assim definido, liga-se à noção de territorialidade, intimamente conectada com o a cultura e com um vínculo mais fraco em relação ao espaço geográfico propriamente dito predominando a idéia da comunidade que lhe constitui.

Nas duas acepções há o vínculo com o poder, mas, não apenas ao tradicional campo do político. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. No intuito de aclararmos o conceito apoiamos-nos na posição de Henri Lefebvre¹⁹⁸ que distingue apropriação de dominação, conceito que tem por base a idéia de propriedade. O processo de apropriação, segundo o autor passaria por um campo muito mais simbólico, com forte carga do vivenciado que manifesta o seu *valor de uso*. O processo de dominação, a seu turno, se caracterizaria por uma maior concretude e funcionalidade que manifestaria seu *valor de troca*. Nas palavras do autor:

O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica “apropriação” e não “propriedade”. Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. **Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado** pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo *vivido*, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo¹⁹⁹.

Para nossa análise esta distinção entre a apropriação e a propriedade do espaço físico é de grande utilidade. A referência a espaço não implica em uma idéia física natural por parte do autor. A idéia de *espaço social* que se constitui como realidade relacional é que subjaz ao termo. Tal idéia nos remete a uma concepção territorial que se, por um lado, depende de uma base material, mensurável, por outro, não está confinada a esta, apresentado uma série de relações entre os grupos sociais que muitas vezes prescindem do próprio território.

¹⁹⁷ Não an

alisaremos o conceito de território ligado ao sentido biológico do termo.

¹⁹⁸ LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1986. pp. 411-412. Grifo meu.

¹⁹⁹ Lefebvre, 1986:411-412

III.1.2 – Controle territorial e domínio político

O Egito faraônico é descrito por Bruce Trigger²⁰⁰, como um “estado territorial”, ou seja, uma organização política que dominava de forma unificada um vasto território em contraste com as civilizações que surgiram no mesmo período na região da Mesopotâmia, estas baseadas em organizações políticas menores denominadas cidades-estados. A estrutura centralizadora do Estado faraônico pressupunha um controle que só poderia ser efetivo se houvesse grupos locais de poder que respondessem a este centro. A divisão da terra do Egito em regiões administrativas pode ser constatada já no pré-dinástico, portanto no momento mesmo da unificação do Estado egípcio. Ciro Cardoso²⁰¹ aponta que a estrutura administrativa básica, o nomos, formou-se já na pré-história como consequência da organização local das áreas de irrigação.

A palavra nomo é de origem grega tendo sido empregada pelos Lágidas para designar as divisões territoriais tradicionalmente identificadas pelo termo egípcio *spat* (, província administrativa), constituía-se como unidade territorial básica do Egito faraônico. Essas divisões administrativas tinham por base grupos organizados localmente ocupando uma região mais ou menos delimitada do território egípcio e que se distinguiam entre si tendo mesmo cada qual o seu deus principal. O registro destas províncias foi muito cedo uma preocupação por parte do Estado egípcio conformando listas com o objetivo de se manter um cadastro para controle. A lista de nomos mais antiga foi encontrada no templo solar²⁰² de Niuserrá da V dinastia (+/-2455-2420) na chamada “Câmara do Mundo” que possibilita uma visão completa das províncias do Egito e de suas respectivas riquezas²⁰³ nesse período.

²⁰⁰ TRIGGER, Bruce. *Early Civilizations. Ancient Egypt in Context*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2a.ed., 1995, pp. 10 ff.

²⁰¹ CARDOSO, Ciro F.S. *O Egito antigo*, 6ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 55.

²⁰² Local construído para aos deuses ligados aos Sol (Aton, Atum, Chepre, Harmachis, Rá, Rá-Haracti entre outros) encontrados no Egito desde as 2/3a dinastias. O templo solar de Niuserrá encontra-se nos arredores de sua pirâmide em Abu Ghurab e é constituído por um espaço de culto aberto com um obelisco central. O templo não era dedicado apenas ao culto dos deuses solares como também ao culto do faraó após sua morte quando este, filho de Rá, se unia ao seu pai o que explica a proximidade dos complexos funerários do faraó.

²⁰³ HUSSON, G. e VALBELLE, D. *L'État et les Institutions en Égypte: des premiers pharaons aux empereurs romains*. Paris: Armand Colin, 1992. P.51

Cada nomo possuía seu próprio emblema, um estandarte com um símbolo ou animal seguido de ideograma ou determinativo em forma de uma rede que representava os canais ou diques de irrigação e que pode ser traduzido como província administrativa, em egípcio spat (𓂏𓂏𓂏𓂏, *spꜣt*). Provavelmente os símbolos de cada nomos são reminiscências da fase anterior a unificação. A rede de canais denota uma nomenclatura mais generalizada que pressupõe uma necessidade de identificação de uma área perante a administração estatal.

A distribuição dos nomos obedece a divisão básica das duas grandes áreas do território egípcio classificando-se como nomos do alto e do baixo Egito. Os nomos do alto Egito fixaram-se em um número de vinte e dois desde a quinta dinastia. Já os do baixo Egito variaram de dezesseis até o número de vinte, este último sendo o número geralmente utilizado pelos historiadores conformando o total de quarenta e dois nomos. Sobre o significado deste número de províncias há várias hipóteses, a mais comum consiste em associá-lo ao fato de corresponder aos quarenta e dois juízes dos mortos, mas esta tradição é tardia (período greco-romano) e não deve ser utilizada para a totalidade da história egípcia. A lista de nomos que é utilizada como referência pela historiografia encontra-se no templo de Edfu que data da época ptolomaica²⁰⁴.

O controle do território passou necessariamente pelo controle destas regiões provinciais e a tensão entre os líderes locais e o governo central foi regulada ao longo da evolução política do Estado faraônico. A análise de alguns dos títulos atribuídos aos nomarcas indica uma mudança do status destes perante a administração faraônica, bem como uma diferenciação dos títulos atribuídos aos nomarcas das duas regiões do Egito: “Governador do Grande Domínio” (*ḥꜣꜣ ḥwt ꜣꜣ*); “Diretor do Nomo X” (*imy-r X*) e “Administrador” (*ꜣꜣ-mr*) para o baixo Egito e “Governador” (*ḥꜣꜣ*); “Guia do País” (*sšm-tꜣ*) e “Governador do Nomo” (*ḥꜣꜣ-spꜣt*) para os do alto²⁰⁵. Esses títulos são encontrados principalmente no Reino Antigo e no Primeiro Período Intermediário. Nesta última fase alguns nomarcas são designados

²⁰⁴ A lista do templo de Edfu encontra-se na chamada “Sala Trono-dos-deuses” e na “Sala Casa-dos-materiais”. Sobre o templo de Edfu e suas inscrições ver KURTH, Dieter. *Edfu: ein ägyptischer Tempel gesehen mit den Augen der alten Ägypter*. Darmstadt: WBG, 1994. A indicação de onde se encontra a lista está na página 51.

²⁰⁵ HUSSON, G. e VALBELLE, D. *Op.cit.* p.54.

pelo título mais expressivo de “Diretor do Alto Egito” o que indica uma expansão dos poderes destes perante a fraqueza do governo central.

As atribuições dos nomarcas eram variadas. Funcionários do Estado como qualquer outro – vale lembrar a não especialização de funções desta sociedade – deveriam, a princípio, ser nomeados e trabalhar para o governo central. Suas responsabilidades eram o controle da exploração da terra e de suas parcelas respeitando as fronteiras estabelecidas para sua província, com a recolha dos impostos devidos e uma rigorosa inspeção dos trabalhos de manutenção dos canais. Sua área de abrangência era variada. Em momentos de controle estatal, os nomarcas poderiam controlar várias províncias localizadas de forma não contíguas. A dominação de um nomarca sobre províncias contíguas surgia em caso de relaxamento do poder central, o que possibilitava uma ampliação de seus poderes frente ao mesmo gerando muitas vezes a transmissão hereditária deste cargo.

A partir do Reino Médio (1938-1539) verifica-se uma tendência ao esvaziamento do poder do nomarca e um maior controle do Estado egípcio. Neste período é possível acompanhar a transferência do foco administrativo local do nomos para a cidade, sendo o título honorífico de ‘príncipe’ ( *h3ty*) retomado mas então com o sentido de “prefeito”²⁰⁶, i.e., com a função diretamente relacionada aos núcleos urbanos que se destacam a partir de então na administração local. O início desse processo de reforma administrativa pode ser reconhecido na apresentação da lista de nomos no Reinado de Senuosret I (1919-1875), segundo faraó da XIII dinastia tebana, portanto, um dos responsáveis pelo fortalecimento do poder central após o primeiro período Intermediário. Este faraó teria reinado 45 anos²⁰⁷ e foi grande construtor e realizador de várias expedições de caráter militar na Núbia, principalmente para obtenção de material para construção. De acordo com a análise de Callender²⁰⁸, a profusão de estátuas e templos de Senuosret I foi responsável pela difusão e predomínio de um “estilo real” que prevaleceu sobre as representações regionais a partir de então. É também sob Senuosret I que tem início

²⁰⁶ *Idem, ibidem.*

²⁰⁷ A validade de sua suposta co-regência com seu pai Amenemhat I foi tema de discussão entre os especialistas o que poderia alterar os anos de seu reinado uma vez que essa co-regência perfaria 10 dos 45 anos de seu reinado, cf. CALLENDER, Gae “The Middle Kingdom Renaissance” In: SHAW, Ian, *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p.149.

²⁰⁸ *Idem, ibidem.*

a implantação de um programa de construções por parte do governo central nos principais locais de culto por todo o Egito o que ajudou a enfraquecer os poderes locais em proveito do poder central.

A lista de nomos encontra-se em sua famosa “Capela Branca” em Karnak, assim denominada devido ao calcário branco com o qual foi construída. Este monumento é um dos mais significativos na história da arquitetura faraônica, além de ser um dos poucos monumentos restaurados de forma completa provenientes do Reino Médio. Não se sabe o local preciso de sua edificação uma vez que seus blocos foram recuperados das bases da 3ª pilastra do templo de Karnak. O fato de estes terem sido cuidadosamente alocados pode indicar que seu lugar de origem fosse no entorno da pilastra. A decoração do monumento compreende diversos temas e entre estes destaca-se a lista de nomos do alto e do baixo Egito. O propósito da Capela era a comemoração do Festival Heb-Sed²⁰⁹, de Senuosret I. O elemento central da festa, além da demonstração da força física do faraó (não é certo se o próprio faraó ou um representante seu realizava feitos mais perigosos como a caça ao hipopótamo e outros) como se pode constatar nas representações das corridas rituais, era a elevação da pilastra de Osíris, representando o retorno da ordem. É significativo que neste festival emblemático o faraó apresente uma lista completa dos nomos do Egito, detalhando neste rol o nome do nomos, seu(s) deus(es) principal(ais), a cidade mais importante, e a extensão dos mesmos. É possível, a partir desta lista estabelecer um mapa topográfico ou do Egito deste período como propôs Helck em um estudo sobre os nomos do Egito²¹⁰.

Data do reinado de Senuosret III (1837-1818) uma reforma administrativa que enfraqueceu sobremaneira o poder dos líderes locais acabando temporariamente com a função de nomarca dividindo o Egito em circunscrições administrativas ou ‘uarets’ (𓂏 𓂏 𓂏 𓂏 *W^crt*). Ainda não se tem clareza sobre esta reforma, mesmo quanto ao número de circunscrições que foram então criadas. Stephen Quirke, propôs em um estudo sobre a administração egípcia no Reino Médio, que a divisão do país foi feita em duas regiões administrativas, uma ao norte, abrangendo o Delta

²⁰⁹ Festival Sed realizado no 30º ano de reinado e depois a cada três anos e visava renovar as forças físicas do faraó.

²¹⁰ HELCK, Wolfgang. *Die Altägyptischen Gaue*, Wiesbaden, 1974.

e a parte norte do Vale, e outra ao Sul, chamada “Divisão da Cabeça do Sul”²¹¹. Dominique Valbelle aponta, no entanto, a existência de três *uarets*: o do norte, englobando o delta, e o do sul dividido em circunscrição do sul propriamente dita e a denominada “Divisão da Cabeça do Sul”²¹². De qualquer forma, essa reorganização administrativa, reforça o poder central e desloca o foco de dominação política do nomos em sua extensão para a cidade, estabelecendo um novo parâmetro de organização dos poderes.

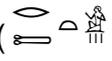
À essa divisão territorial correspondia a organização do Estado egípcio em termos administrativos. A estrutura deste pode ser pensada *grosso modo*, em dois níveis: a administração central e a administração regional. A separação destes níveis não é sempre clara mesmo porque uma das características dos cargos funcionais no Egito faraônico foi a grande mobilidade horizontal, ou seja, os funcionários não eram especializados como na administração moderna, podendo exercer diversas funções dentro dos quadros administrativos fosse no nível central, fosse no nível regional. Outrossim, a administração regional e a central apresentam características próprias dependendo do período em questão: em períodos de centralização algumas atribuições dos poderes regionais poderiam ser limitadas e dirigidas pela administração central ocorrendo uma inversão em caso de fraqueza do poder central, i.e., uma ampliação da influência dos chefes locais até as esferas mais altas do governo.

No nível central da administração a figura do faraó (𓄎 *pr ʿ3*) ocupa o cargo mais elevado na hierarquia, seguido imediatamente pelo vizir *tjati* (𓄎 𓄏 *tʿti*). No nível regional prevalece a figura dos nomarcas, chefes locais dos *spat* ou *nomos* (daí o termo nomarca). Essa atribuição de poderes não pode, no entanto, ser tomada como a determinante na divisão de poderes. A situação política poderia alterar a influência de grupos sobre esses cargos. Assim, sacerdotes, militares, e grandes proprietários, para mencionar apenas alguns elementos sociais, poderiam exercer pressão sobre os nomarcas e vizires enfrentando a autoridade destes.

²¹¹ QUIRKE, Stephen. *The Administration of Egypt in the Late Middle Kingdom*. New Malden: Sia Publ. 1990, p.4

²¹² HUSSON G. e VALBELLE, D. *Op.cit*, p.56

A forma como se apresentam a divisão e organização do território egípcio reforça a tese do caráter local de poder baseado nas comunidades aldeãs egípcias anteriores a unificação do Estado, sendo este, provavelmente, resultante de conflitos e contínuas conquistas por parte de chefes locais que estenderam seus raios de ação e dominação por várias comunidades até conformar-se a centralização em torno de um único líder, o faraó²¹³. A reminiscência de um poder local esparso entre diversos grupos – cada qual centrado em sua cidade – em contraste com um poder unificado que se sobrepõe a este, pode ser identificada nas fases de fraqueza deste último, típico dos períodos denominados intermediários na história do Egito nos quais ocorre uma fragmentação do poder central e uma luta entre as diversas regiões pela detenção deste poder formando verdadeiros estados provinciais. Os nomarcas, chefes locais destas comunidades eram então, figuras de destaque na organização político-administrativa do Egito devendo ser não apenas cooptados pelo faraó como também contidos na extensão dos poderes locais. O controle sobre estes membros da elite administrativa confunde-se com a própria formação do Estado egípcio e foi se firmando ao longo de sua história atingindo seu auge no período do Reino Novo.

Essas formas de ver o mundo e representá-lo refletem uma autoconsciência²¹⁴ dos egípcios a respeito de seu espaço geograficamente delimitado. Essa consciência de seu território específico era compreendida em conjunto com a concepção de humanidade mesma a qual os egípcios restringiam ao seu universo. Entendiam-se como os homens *Remetjet* ( *rmjt*) por oposição aos não egípcios ( *h3sti*), constituindo-se, portanto, como a humanidade em especial. Sua terra era o palco não apenas de suas vidas como o próprio centro da criação. Tal visão refletia o caráter monista do pensamento egípcio onde o mundo humano e o divino, bem como a natureza ao redor, não eram entendidos como setores diferenciados²¹⁵. Da mesma forma não havia barreiras entre a religião

²¹³ A discussão em torno da formação do Estado egípcio é antiga e inclui inúmeras hipóteses e não será objeto de análise neste artigo por razões de espaço.

²¹⁴ Sobre os elementos lingüísticos de autoidentificação egípcia cf. OTTO, Eberhard "Ägypten im Selbstbewusstsein der Ägypter." In: *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz: Wiesbaden, 1980. 76-78.

²¹⁵ Sobre a visão cosmológica dos egípcios cf. WILSON, J. "A função do Estado" In: FRANKFORT, H. *El Pensamiento prefilosofico. I. Egipto y Mesopotamia*. México: Fondo de Cultura, 5ª Ed. 1980 e ainda

e a política. O faraó, elo entre os deuses e os homens e, portanto, centro de referência para os egípcios e seu universo, era ele próprio um elemento na orientação espacial ao encarnar simbolicamente o Estado egípcio, sendo sua pessoa um dos indicadores de legitimidade de domínio territorial. O espaço é assim uma noção muito mais fluida do que a nossa atual visão de território fixa e geograficamente determinada.

III.2 – IDENTIDADE SOCIAL EGÍPCIA: A HIERARQUIA E A IDEOLOGIA FARAÔNICAS

“Se estiveres em uma antecâmara, levanta e senta como convém à tua posição (social), como a ti foi indicado desde o primeiro dia .”

(...)

“Curva as costas ao teu superior, a teu supervisor no palácio, (e assim) tua casa se preservará em prosperidade e tua recompensa virá como deve. Desventurado é aquele que se opõe ao seu superior, (pois) se vive tanto mais quando se é dócil, e não faz mal em estender o braço (em gratidão).”²¹⁶

Ensinamentos de Ptah-hotep

Considerando o grupo militar como participante e atuante na organização do aparelho de Estado, deve-se antes de tudo, identificar os seus componentes. Este pressuposto é essencial para a aproximação que se pretende das fontes, visto que utilizaremos os textos biográficos no intuito de evidenciar uma estrutura organizacional que, no nosso entendimento, pode demonstrar a posição social e a compreensão social do elemento militar. Isto nos leva a uma abordagem da fonte pela análise textual voltada para a explicitação da estrutura de um texto. A hipótese principal que orienta esta leitura é a de que um discurso é determinado por dois fatores principais: a) as condições de produção b) um sistema lingüístico.

CARDOSO, C.F.S. *Deuses, múmias e Ziggurats: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

primeiro dia = alusão à criação (nota do tradutor)

²¹⁶ Ensinamentos de Ptah-hotep, In: ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a Eternidade: a literatura no Egito faraônico*. Brasília : UNB, 2000,p.250.

O discurso está situado e determinado não só pelo referente como pela posição do emissor nas relações de força e também pela sua relação como o receptor. O emissor e o receptor do discurso correspondem a *lugares* determinados na estrutura de uma formação social.²¹⁷

Essa determinação do discurso não precisa necessariamente negar a participação do indivíduo na criação cultural, mas, o fundamental para a análise que propomos é o pressuposto de que o essencial reside em se identificar o grupo social ao qual o autor pertence, seguindo a concepção genética da literatura elaborada por Lucien Goldmann, uma vez que:

[...]quando se esforça por compreender a obra no que ela tem de especificamente cultural (literário, filosófico, artístico), o estudo que a vincula unicamente ou em primeiro lugar ao seu autor, [...] dá-se conta, *no melhor dos casos*, de sua unidade interna e da relação entre o todo e suas partes; mas não poderia, em caso nenhum, estabelecer de maneira positiva uma relação do *mesmo tipo* entre essa obra e o homem que a criou.

[**ao passo que**]

as relações entre a obra verdadeiramente importante e o grupo social – que por intermédio do criador – se conclui ser, *em última instância*, o *verdadeiro sujeito da criação*, são da mesma ordem que as relações entre os elementos da obra e o seu todo. Tanto num caso como no outro, encontramos-nos diante de relações entre os elementos de uma estrutura compreensiva e a sua totalidade, relações de um tipo ao mesmo tempo compreensivo e explicativo.”²¹⁸

Esse tipo de aproximação pede necessariamente uma análise da obra não pelo que ela tem de imediato em sua leitura, mas pelo viés de sua lógica estrutural. Não há uma homologia direta do conteúdo da obra com a realidade social, ou seja, a obra não se constitui em um mero reflexo da consciência do grupo social do qual ela se origina; a homologia se dá em nível das estruturas e não dos conteúdos.

O ponto de partida desta análise é identificar, então, o elemento militar como membro ativo da sociedade, cujas ações surtem um efeito de reconhecimento social e que, por isso, legitimam e justificam os valores a ele relacionados. Vimos que a função militar era exercida na sociedade egípcia desde o pré-dinástico e que podemos identificar guerreiros em várias representações pictóricas nas diversas fases da história egípcia sem, no entanto, visualizarmos uma estrutura social

²¹⁷ BARDIN, Laurence, *Análise de Conteúdo*. Lisboa : Edições 70, 1991. p.214.

²¹⁸ GOLDMANN, Lucien – *Sociologia do Romance*, Rio de Janeiro : Paz e Terra , 1976. pp. 205-207.

configurada como militar o que nos leva necessariamente a análise do elemento social que incorpora a função guerreira em seu aspecto “militar”, a figura do soldado.

Para nosso estudo é necessário corrigir a idéia de que a instituição militar e a profissão de soldado, logo o militar, sejam conceitos integrantes das sociedades humanas em todas as suas épocas. Não concebemos a função militar de forma a-histórica, portanto não nos propomos analisá-la a partir da idéia de um *Homo militaris*, ou seja, como um *fato humano*, categoria universal, baseado em um comportamento que vai muito além dos comportamentos históricos do ser humano. A função guerreira não traz consigo a noção de militar como uma classe funcional específica. O antigo Egito era uma sociedade fortemente hierarquizada constituída basicamente por duas classes distintas: uma minoria da população concentrada na classe dominante, em torno da figura do faraó, e uma grande massa da população constituindo a classe dominada. Nesta sociedade o controle da violência está concentrado e confunde-se com a classe dominante. Em nossa interpretação, o exercício da força armada é um aspecto de uma posição social hegemônica e não um atributo de uma dada classe funcional, logo, nossa hipótese inicial é de que não há uma classe militar específica no Egito antigo.

Por isso a importância de identificar e demonstrar a estrutura militar que só pode ser compreendida como uma das instituições sociais incorporadas a uma sociedade referida a um sistema político-econômico historicamente determinado: o Egito do Reino Novo. A partir da estrutura podemos compreender a função militar exercida por alguns de seus membros e identificar, então, o modelo desta função definido pela sociedade e expresso na forma de biografia. A hipótese de nossa análise é a de que é na estrutura do texto que está a base para sua classificação, do qual se extrai a moldura ideológica por trás do discurso objetivo da biografia, e a partir do qual podemos classificar o integrante do grupo como militar.

Nas máximas do sábio egípcio Ptah-hotep (provavelmente V^a dinastia, sob o reinado de Djed-Ká-Rá, 2410-2380), utilizadas por toda a história egípcia como modelo de literatura sapiencial, podemos apreender uma visão da hierarquia social egípcia, bem como sua legitimação : a base da diferenciação social reside no lugar dado a cada um desde o início dos tempos. Os Homens constituem-se como grei ou, literalmente, “o gado do deus” ( *wndwt nrt*) que fez o céu e a terra e

tudo o que existe para benefício deles. Assim como a organização da natureza é de origem divina, também o é a organização social e, antes de tudo, a instituição monárquica.

Ele [o deus] fez para eles [os homens] governantes (ainda) no ovo, guias para erguer as costas do fraco.²¹⁹

Como vimos na discussão inicial da contextualização histórica, a ideologia monárquica esteve presente desde o início da organização do Estado faraônico e tornou-se o eixo norteador da configuração hierárquica da sociedade.

Não há uma auto-denominação precisa dos grupos sociais que possam ser definidoras da hierarquia social egípcia. Heródoto, quando de sua estada no Egito (séc.V), tentou classificar esta sociedade em seu relato. Para o autor grego, ela apresentava a seguinte divisão²²⁰ :

Os egípcios estão divididos em sete classes distintas, cujos nomes são: sacerdotes, guerreiros, vaqueiros, porqueiros, negociantes, intérpretes e barqueiros. São essas as classes egípcias, e seus nomes provêm de suas atividades específicas.²²¹

Os próprios egípcios falavam de forma geral de seus quadros sociais e não faziam uma particularização por profissão. Podemos encontrar esboçado nos grandes textos religiosos algumas indicações sobre o tema. Nos escritos primordiais do Reino Antigo, o chamado *Livro das Pirâmides*²²² podemos já entrever uma distinção básica da população egípcia em três categorias :  p't (pat) = nobres, e  hnmmt (henememet) = povo de Heliópolis ou “povo solar” (Sonnenvolk)²²³  rhyt (rehet) = povo, subordinados, que podem ser interpretados respectivamente como nobreza, nobreza menor ou *gentry* e as

²¹⁹ Ensinaamentos para o rei Meri-Ka-Rá, In: ARAÚJO, Emanuel. *Op.cit.*, p.291

²²⁰ Heródoto utiliza o termo *genea*, ou seja, gênero, tipo

²²¹ HERÓDOTOS *História*, Tradução de Mário da Gama Kury, 2ª ed., Brasília : Editora UNB, 1988. Livro II Euterpe, 164.

²²² No final do Reino Antigo, as paredes das pirâmides foram preenchidas com uma série de textos rituais e mágicos os quais constituem os chamados *Textos das Pirâmides*. Os textos compõem o mais antigo corpo de escritos religiosos do antigo Egito, sendo, também, os mais antigos textos representativos de sua literatura. Foram encontrados nas pirâmides de dez reis e rainhas na necrópole de Mênfis, capital do Egito no Reino Antigo. O texto mais completo e conhecido é datado da 6ª dinastia do reinado de Unas 2375-2345 a.C., em cuja pirâmide foram encontradas as inscrições que certamente remetem-se a uma tradição anterior mas da qual não temos ainda nenhum registro mais antigo.

²²³ de acordo com o Wörterbuch de Grapow

peças comuns ou plebe²²⁴. Na literatura posterior estes termos parecem ser usados para designar a humanidade em geral, e ainda nos *Textos dos Sarcófagos*²²⁵ e no *Livro dos Mortos*, compilação religiosa do Reino Novo, é possível identificar esta mesma auto-representação dos egípcios quanto a constituição de sua sociedade²²⁶. Essas denominações gerais não excluíam as específicas referentes às profissões, mas eram utilizados de uma forma mais abrangente ao referir-se à sociedade como um todo.

Conforme descrevemos em nossas considerações teóricas, o Estado egípcio era, ao nosso ver, composto por duas classes bem distintas cuja hierarquia era definida pela tributação e apropriação dos excedentes. Isto não nos permite reduzir a divisão social à estas classes sem levar em consideração a extrema complexidade de sua organização social.

Uma das formas de se entender a hierarquia de uma sociedade parte da análise do quadro das profissões e os valores sociais a elas atribuídos. Neste sentido contamos com um texto modelar dos próprios egípcios. O autor deste texto, conhecido como Sátira das Profissões (XII^a dinastia – 1938-1759), orienta seu filho a caminho da escola de escribas apresentando um rol de calamidades que afetam as profissões que realizam o trabalho manual. Ao todo, ele compara dezoito profissões como ferreiros, marceneiros, colhedores de papiro, lavadeiro, passarinho, pescador, entre outras com a pretendida para seu filho: escriba. O tom satírico reside no exagero de todos os males reais das profissões a fim de exaltar a figura do escriba que é apresentado como o melhor caminho a ser seguido.

“Eis que não há profissão sem chefe, exceto a do escriba: ele é o chefe. Por isso, se souberes escrever, esta será para ti melhor que as outras profissões que te descrevi em sua desdita. Atenta para isso, não se pode chamar um camponês de ser humano. Em verdade eu te fiz para a Residência, em verdade fiz isso por amor a ti, (pois) um dia (que seja) na escola, será proveitoso para ti. Suas obras duram como as montanhas...”²²⁷

²²⁴ CARDOSO, C.F.S. *Op.cit.* p.20.

²²⁵ No final do Reino Antigo algumas cópias dos *Textos das Pirâmides* foram transcritas em sarcófagos de personagens da corte não ligados a família real. A coleção destes textos ficou conhecida como *Textos dos Sarcófagos*.

²²⁶ *idem*

²²⁷ Sátira das profissões, Tradução de Emanuel Araújo, 222-223.

As profissões, em regra, eram hereditárias, principalmente pelo fato de não haver escolas no sentido estrito da palavra. Gardiner indica que o ensino de uma profissão passava pela formação equivalente ao de um ‘aprendiz’ e de um ‘mestre’ o que tendia a uma manutenção dos mesmos grupos nos diversos ramos profissionais²²⁸. A cristalização dos ‘loci’ sociais tende a ser portanto a norma para esta sociedade. Uma das poucas brechas nesta regra era conseguida pela carreira de escriba. Por toda a história egípcia a profissão de escriba sempre foi vista como uma das únicas a oferecer certa possibilidade de ascensão social uma vez que poderia ser seguida por um jovem desde a tenra infância se os pais o inscrevessem nos locais de formação, as ‘casas da vida’²²⁹. Mesmo aqui, é necessário ater-se a regra de que a grande maioria da população egípcia era analfabeta, portanto, essa mobilidade atribuída à profissão de escriba não implica em um espaço aberto a todos.

Em uma estátua do ‘chefe Udjeharresnet’ analisada por Gardiner²³⁰ e datada da primeira dominação persa (XXVII^a dinastia – 525 - 402) é possível ler o seguinte trecho em seu relato sobre a missão de reconstruir a ‘casa da vida’ por ordem do rei Darius:

“Sua majestade o rei Darius ordenou-me voltar ao Egito...para restabelecer o(s) departamento(s) da casa da Vida (pr ʿnḫ ꜥꜣ ꜥꜣ) [...] Eu cumpri o que me foi ordenado por sua majestade, eu os equipei com todo seu quadro consistindo de pessoas de nível, nenhum filho de homem pobre entre eles.”
231

Como observa Alessandro Roccati em um capítulo dedicado ao escriba²³², a escolha dessa profissão para o filho – o pai decidia desde cedo o ingresso do filho na ‘casa da vida’ – pressupunha não apenas uma tendência ou uma propensão para a erudição e a cultura letrada mas antes, e isso era o mais importante, que a família possuísse rendimentos suficientes para ‘investir’ nesta formação. O serviço ‘público’ e seus dependentes, ou seja, os cargos diretamente ou indiretamente ligados ao

²²⁸ GARDINER, A. H. The House of life. In: **JEA**, vol 24, 1938,p. 157-179

²²⁹ A ‘casa da vida’ (pr ʿnḫ ꜥꜣ ꜥꜣ) é o termo utilizado pelos próprios egípcios para referir-se ao local no qual os escribas eram empregados ou treinados.

²³⁰ GARDINER, A.H. *Op. cit.*, pp.159

²³¹ GARDINER, A. H. *idem*.

²³² ROCCATTI, Alessandro. Lo Scriba. In: DONADONI, Sergio. *L’Uomo Egiziano*. Roma : Edit. Laterza, 1996. p.73.

setor administrativo do Estado egípcio distinguia alguns poucos da grande massa de trabalhadores, em sua maioria camponeses, que constituíam a base da sociedade egípcia.

Ser escriba era assim, uma das poucas opções de mobilidade vertical. O que não significa que mesmo dentre estes poucos não houvesse distinções. Sabe-se que, pela análise de várias inscrições sobre a profissão de escriba no tocante aos títulos, muitos eram na verdade copistas e não necessariamente sabiam ou entendiam aquilo que copiavam. O cargo de 'sacerdote-leitor' (*hri-ḥb* ) diferenciava-se dos demais escribas que escreviam e liam, mas não oficializavam os rituais, pois este cargo pressupunha um maior conhecimento dos textos sagrados e seus significados.²³³

O mais alto cargo da hierarquia egípcia é o faraó. Os membros imediatos de sua família consistiam no nível mais alto da hierarquia depois dele. Seguem-se os membros das famílias reais, ou nobreza e famílias importantes. Os funcionários destacados por suas habilidades podiam atingir favores reais que o colocavam no círculo restrito da corte. Uma vez conseguido o acesso, seguindo a prática egípcia, o cargo e a posição passavam para seus filhos. Isto fortalecia a prática de mobilidade horizontal que propicia a concentração dos privilégios em um grupo mínimo em relação ao resto da sociedade.

Trigger identifica em seu estudo comparativo entre as sociedades por ele denominadas primevas²³⁴, o que ele chama de especialistas dependentes os quais constituiriam, *grosso modo*, a classe média.

Os mais destacados membros desta classe seriam burocratas menores, aqueles que faziam registros e realizavam tarefas administrativas simples mas que não as definiam. Estão incluídos escribas, sacerdotes de tempo integral, artistas altamente especializados e engenheiros. Estes indivíduos, juntamente aos mais educados membros da nobreza, monopolizavam o conhecimento técnico especializado que existia nas civilizações primevas.²³⁵

Abaixo destes viria o grupo dos militares. Não seriam especialistas dependentes pois, "trabalhavam com as mãos", mas faziam parte da manutenção da

²³³ *Idem.*

²³⁴ TRIGGER, B. *Op.cit.* 1995.

²³⁵ *Idem*, p. 58.

ordem e da integridade do território. No Egito a partir do Reino Novo quando se caracteriza como profissão permanente, conforme já vimos, também passa a ser uma das pouquíssimas formas de ascensão social na sociedade egípcia.

III.3 - ANÁLISE DA BIOGRAFIA DE AHMÉS, O FILHO DE IBANA.

Ahmés o filho de Ibana, se apresenta no início de sua biografia como portador do título de ‘Superior dos marinheiros’ ( *hri hnyt*). Como é o único título que aparece no discurso introdutório de identificação pessoal, presume-se ser este o título mais alto por ele conseguido em vida. Comumente encontramos a tradução de Almirante. No entanto, nossa opção em traduzi-lo como Superior dos Marinheiros parte da interpretação de que o texto não nos deixa entrever em nenhum momento a participação de Ahmés em círculos de decisão estratégica. Seu reconhecimento se dá por suas habilidades específicas, no caso a excelência na navegação que o fez preservar o barco do faraó. As menções dizem respeito a coordenação de navio e talvez de uma esquadra o que o faria um oficial de nível superior como o título de Capitão-de-esquadra. O título de Almirante seria o cargo máximo correspondente a organização não de um barco mas, de toda a estratégia de ataque, cargos que se concentravam nos títulos de comandantes gerais do exército visto que a marinha era parte subordinada deste e estes cargos eram ocupados por integrantes da nobreza a qual Ahmés parece ter se integrado, mas não no limitado círculo direto do faraó.

A origem social de Ahmés fica explicitada logo no início quando se identifica como filho do soldado Baba do qual herdou a profissão. Isto o torna membro da comunidade pois apresenta um costume reconhecido por esta. O interessante é notar a nítida oposição de valoração entre o início de sua carreira e o final, apresentado antes disso. Vejamos uma análise mais detalhada do texto:

ELEMENTO AXIOLÓGICO CENTRAL

“É *por suas ações* que o nome de um bravo é reconhecido e não será jamais esquecido neste país.” (l.4-5)

As ações de bravura e coragem é que forneceram os elementos de reconhecimento social:

PELAS AÇÕES

Quando

da

- > recebi honras...
- > fui recompensado com ouro
- > fui munido de escravos
- >deram-me numerosas terras

apresentação de sua origem os elementos axiológicos se não podem ser classificados como negativos, demonstram-se nulos pela falta de atividade pessoal.

As frases que identificam esta condição são:

- > meu pai era soldado ...tornei-me marinheiro em seu lugar
- > eu era jovem
- > não tinha mulher

Como não há uma ação específica de Ahmés neste momento, não há significação social maior. É somente a partir dos atos pessoais que são conduzidos pelo elemento axiológico inicial de atos de coragem (ações de um bravo) que a carga positiva volta ao texto. Há um indício interessante de passagem entre a infância e a adultez. Parece que Ahmés só passa a ser reconhecido como socialmente significativo após o seu casamento

...Depois de construir um lar...

Entre o terceiro e o quarto parágrafo o conceito central é o de *coragem*.

DEVIDO A
CORAGEM...

MINHA

- >eu acompanhei o soberano...
- >provei meu valor...
- >fui designado...
- >tomei meu butim e uma mão...
- >fui agraciado...
- >eu o trouxe carregando-o...
- >fui recompensado...

Estes parágrafos apresentam o crescente reconhecimento das qualidades guerreiras de Ahmés. O relato de sua luta no canal e a tomada do prisioneiro, o qual é submetido e carregado por ele, se destaca perante as lutas anteriores.

De lá trouxe um prisioneiro, um homem: eu entrei na água, vejam, eu o trouxe como uma captura feita a caminho da cidade. Eu atravessei a água carregando-o ...

Poderíamos ver aí o momento que deve ter marcado Ahmés perante os seus companheiros, destacando-o perante os oficiais. Até aqui todos os reconhecimentos e recompensas foram intermediados pela figura do arauto real.

*o fato **foi relatado ao arauto real** e fui agraciado com o ouro da coragem.*

Apesar da referência à presença do soberano, a narrativa deixa claro que seus feitos não foram presenciados por ele, mas antes, foram levados ao conhecimento do arauto real que o recompensou por tal nas duas menções do ouro da coragem.

Até aqui a estrutura temática se concentra na figura do soldado Ahmés, filho de Ibana. Entre o 5º e o 9º parágrafos, que descrevem as batalhas principais do faraó Ahmés I na luta de libertação contra os hicsos (Avaris, Sharuhen, Núbia, luta contra Aata, luta contra Teti-an) o tema central passa a ser a figura do faraó. As ações do soldado Ahmés tornam-se secundárias na narrativa e são apresentadas como consequência das ações do faraó.

>Depois Avaris foi tomada...
>Sharuhen...Sua Majestade a tomou...
>Após massacrar os asiáticos, Sua Majestade subiu o rio para destruir os núbios...
>Sua Majestade desceu então o rio...o coração feliz, forte e poderoso, pois havia conquistado os países do norte e do sul...
>(Aata) Sua Majestade...o trouxe prisioneiro...
>(Teti-an) Sua Majestade o matou...

ENTÃO EU TROUXE /
ME FOI OFERTADO...

Esta parte do texto parece confirmar a hipótese de Spalinger²³⁶ que afirma que muitos textos privados, como a biografia de Ahmés filho de Ibana, podem ter tirado seus elementos centrais dos chamados *diários de guerra* típicos dos faraós do Reino Novo. Isto talvez explique o deslocamento do eixo temático da figura do soldado Ahmés para o faraó. No entanto, este deslocamento temático acontece simultaneamente a uma mudança de *status* do próprio soldado Ahmés.

Enquanto na primeira parte do texto, que corresponde ao início de sua carreira, ele toma o seu butim e entrega os prisioneiros aos seus superiores a partir deste trecho do relato (parágrafos 5 a 7) Ahmés passa a manter consigo os prisioneiros:

*...trouxe prisioneiros: um homem e três mulheres perfazendo um total de quatro cabeças. Sua majestade **mos deu como escravos**.*

*... eu trouxe de lá duas mulheres e uma mão e, novamente o ouro me foi ofertado e os prisioneiros **me foram dados como escravos**.*

*...Eu trouxe de lá meu butim: dois homens vivos e três mãos. Fui novamente recompensado com ouro e duas mulheres **me foram entregues**.*

No último caso ele capturou dois homens e recebeu duas mulheres, mas a equivalência numérica ainda corresponde. Outro elemento relevante em relação aos parágrafos anteriores é a ausência da figura do arauto real como intermediador entre os superiores e Ahmés. Isto pode denotar uma mudança de círculo hierárquico e maior proximidade dele com a esfera real.

O episódio das rebeliões internas protagonizadas pelos líderes mencionados (Aata e Teti-an) apresenta novos elementos importantes:

...Eu trouxe dois soldados, prisioneiros, oriundos do barco de Aata. Foi-me dado cinco cabeças e muitas extensões de terra – cinco arouras – em minha cidade. O mesmo foi feito com todos os marinheiros.

Veio então um inimigo vil de nome Teti-an. Ele reuniu consigo homens maus de coração. Sua majestade o matou e suas tropas ficaram como se nunca

²³⁶ SPALINGER, A.J. *Aspects of Military Documents of the Ancient Egyptians*. Yale Near Eastern Researches 9. New Haven: Yale University. 1982. p.129-131.

houvessem existido. Foi-me dado três cabeças e campos – cinco arouras em minha cidade.

Ahmés é recompensado com terras, forma de pagamento comum para militares do Reino Novo como a frase *O mesmo foi feito com todos os marinheiros* nos deixa perceber. Mas, na segunda vez o prêmio parece ter se dirigido especialmente a ele, ou pelo menos a um número menor de pessoas. Além da recompensa em terras o diferencial de Ahmés nestes trechos é o de receber cativos acima do número de apreensões por ele efetuadas ou mesmo, como no episódio de Teti-an, sem mencionar tê-las feito.

A ascensão de Ahmés pode ser confirmada pelo próximo trecho de sua narrativa. Nos parágrafos 10 e 11, suas ações de coragem voltam a ser cantadas, mas agora a presença real é muito mais próxima de tal forma que a estrutura temática está dividida entre as ações de Ahmés e as do faraó apresentadas de forma paralela:

>Eu conduzi por barco o rei...	Q U A N D O	...este retornou ao país de Kush
>Eu estava a frente de nosso exército...		...Sua Majestade atingiu esse núbio vil
>lutei bravamente...		...Sua Majestade presenciou
>conduzi o rei de volta...		

A proximidade do círculo real é mais patente na ação de oferecimento do butim por parte de Ahmés ao soberano Amenhotep I, ao invés, de mantê-los como anteriormente:

{	>Eu trouxe duas mãos ... > Depois buscamos o povo e o gado do inimigo vencido... >Trouxe um prisioneiro...	}	... OFERECI À SUA MAJESTADE
---	--	---	-----------------------------

Além de seu butim, Ahmés é presenteado com ouro e recebe o seu primeiro título de destaque: “Guerreiro do Rei”. Logo em seguida, sob o faraó Tutmés I, Ahmés recebe seu segundo título após demonstrar perícia na condução do barco real.

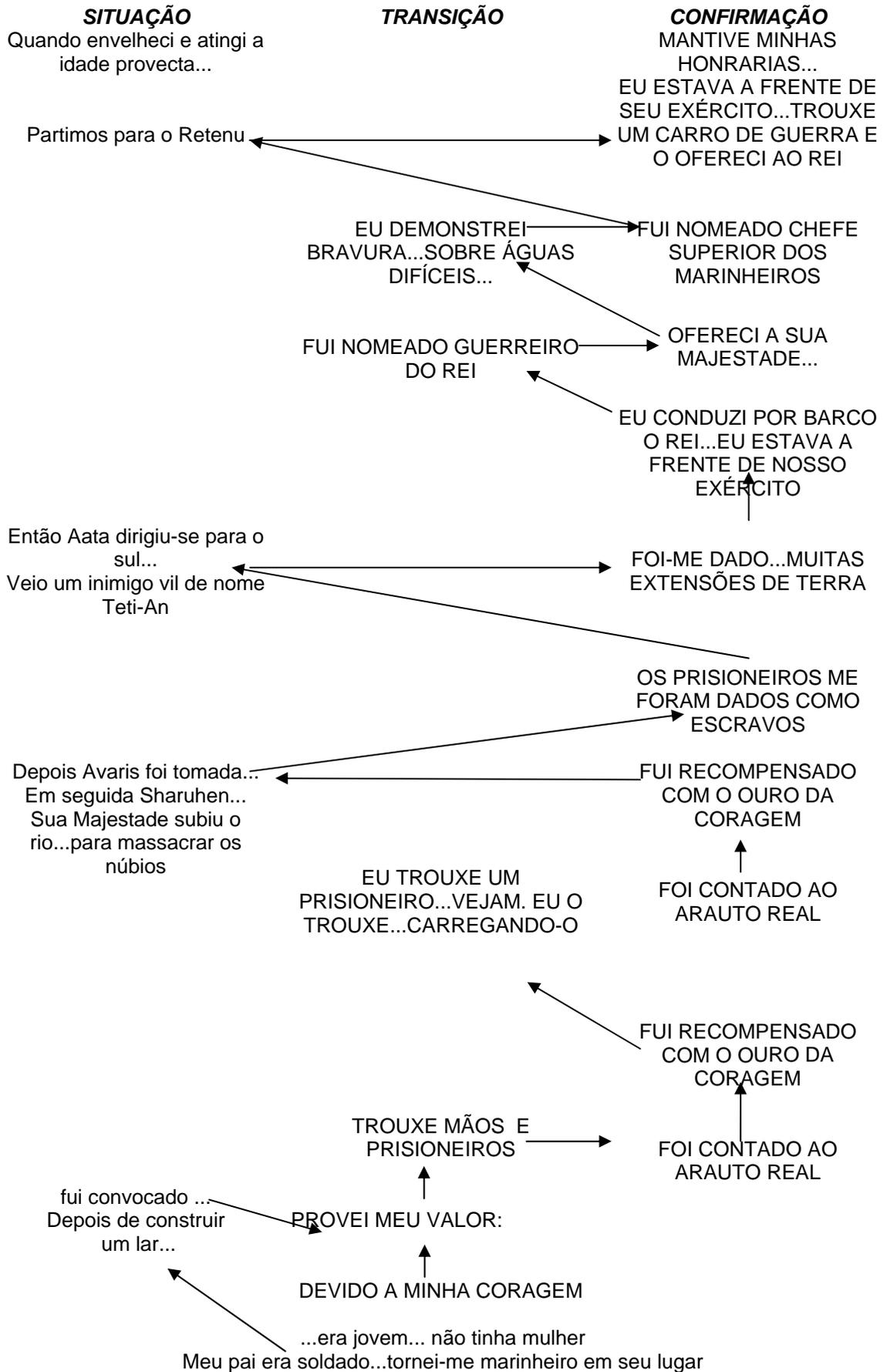
*Eu demonstrei bravura em presença do rei sobre águas difíceis quando o barco enfrentou uma passagem perigosa nas cataratas. **Por isto fui nomeado Almirante.***

O trecho danificado não nos permite identificar o palco preciso das ações mas situa-se na região da Núbia. Nos trechos onde a tradução se faz possível o elemento central é a figura e a ação do rei, particularmente a grande fúria do faraó que se traduziu em um massacre e o retorno com o corpo do inimigo pendurado de cabeça para baixo numa clara menção a uma medida exemplar contra qualquer sublevação.

Após o trecho danificado, o texto apresenta as ações de Ahmés quando da expedição à Naharina. Novamente a ação inicia-se centrada na figura do faraó, mas Ahmés também participa de forma ativa. Desta vez o butim consistiu em um carro de guerra com seus cavalos que foram ofertados a faraó.

A estabilidade de Ahmés no patamar superior da hierarquia militar que atingiu é indicada quando afirma que manteve suas honrarias.

GRADE DE LEITURA VERTICAL: AHMÉS, O FILHO DE IBANA



III.4 - ANÁLISE DA BIOGRAFIA DE AHMÉS PEN-NEKHBET

A inscrição de pen-Nekhbet está bem danificada, apresentando várias lacunas, como pode ser visto na tradução do texto.

A biografia de pen-Nekhbet retrata uma carreira bem diversa a de Ahmés, filho de Ibana, ao ser centrada na corte. Seus títulos e honrarias indicam uma vida ligada ao palácio desde o início. Na leitura e análise do texto o que mais nos chamou a atenção foi a falta de elementos que favorecessem uma idéia de transição ou de ascensão de seu *status* social.

Sua titulatura completa é apresentada antes do relato das batalhas:



Iry-p^c(t) ḥḥty-^c ḥtnw bity smr w^cty Imy-r3 sḏ3w(t) wḥmw kf^cw

O príncipe herdeiro, governador, chanceler do Rei do Baixo Egito, único companheiro, Chefe do tesouro real, Arauto do butim, (linhas 1-2)

Além destes, pen-Nekhbet obteve o privilégio de ser nomeado tutor da princesa Neferura-Maat, filha de Hatshepsut.

São títulos que denotam uma alta posição social e lhe conferem uma grande margem de poder. Se lembrarmos da biografia de Uni apresentada no capítulo inicial²³⁷, podemos notar a característica acumulação de funções dos funcionários da corte e o mesmo estilo de apresentação entre estes dois textos distantes quase oitocentos anos um do outro.

Diferentemente do texto do filho de Ibana, cujo tema central gira em torno de seus atos de coragem, pen-Nekhbet apresenta como marco axiológico de sua biografia a noção de lealdade.

ELEMENTO AXIOLÓGICO CENTRAL

“...nunca abandonou o senhor das duas terras no campo de batalha”,

²³⁷ Vide páginas 44 – 47.

Portanto, o conceito chave é o de LEALDADE e não de CORAGEM. Mesmo nos relatos de batalha, não há uma única exaltação a sua coragem ou bravura, apenas a menção de seus feitos. Tanto na sua apresentação quanto nos relatos de batalha, o eixo temático é sempre o faraó e a lealdade de pen-Nekhbet a este.

NO TEXTO DE APRESENTAÇÃO

>(aquele) que perseguiu e tomou o butim...

>(aquele) que nunca abandonou o senhor das duas terras no campo de batalha...

NA INTRODUÇÃO

>... seguir seus deslocamentos (do faraó) para qualquer lugar...

>...sobre água, terra, nos países estrangeiros do sul e do norte...

> Eu segui os reis...

> Eu fiquei junto a eles em suas viagens...em todos os lugares que percorreram...

> Eu eduquei sua grande filha...

RELATO DAS BATALHAS

> Eu segui o rei...(4x)

>Eu capturei para ele...(5x)

As recompensas enumeradas por reinados (e ele viveu sob cinco faraós), indicam objetos de luxo, símbolos do *status* de nobreza que se distinguem dos prêmios comuns dados aqueles que não pertenciam a ela²³⁸. Antes de iniciar o relato sobre suas recompensas, pen-Nekhbet repete o elemento axiológico central como que indicando o porquê de tais privilégios e presentes.

...eu nunca abandonei o rei no campo de batalha...

A leitura da biografia tem por orientação a idéia de permanência e afirmação que garantem o seu *status quo*.

> PERMANÊNCIA

²³⁸ Sobre símbolos de status, Cf TRIGGER, B. *Op.cit.* 1995, pp.66-69.

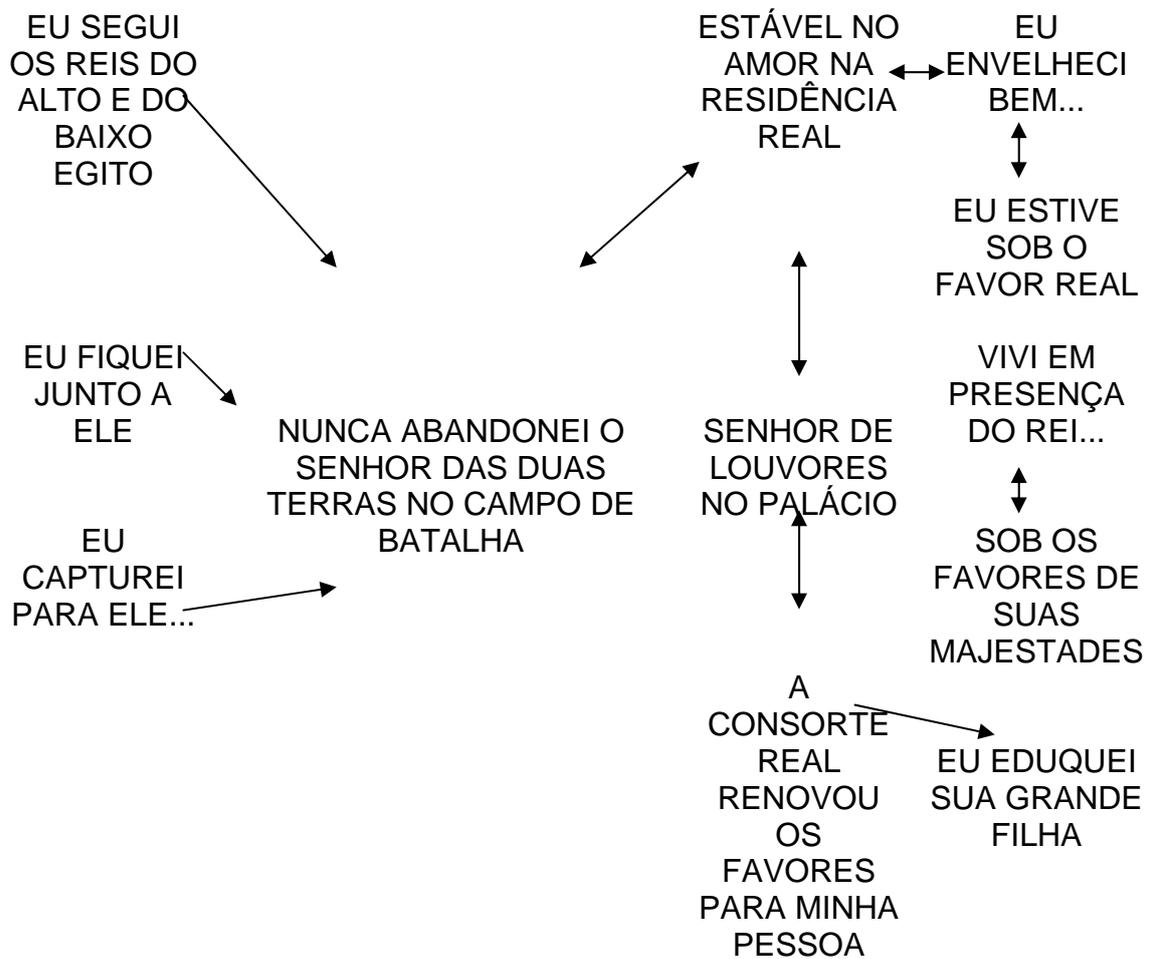
...eu envelheci bem, vivi em presença do rei, sob os favores de suas Majestades, sendo amado no palácio.

> *Estável na Residência Real e senhor de louvores no Palácio...*

>CONFIRMAÇÃO

...A consorte real renovou os favores para minha pessoa...

GRADE DE LEITURA HORIZONTAL: AHMÉS PEN-NEKHBET



III.5 - AS BIOGRAFIAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Tanto Ahmés, o filho de Ibana, quanto Pen-Nekhbet apresentam seus valores guerreiros e as batalhas que participaram, conforme vimos. O filho de Ibana, no início do texto apresenta-se como filho de Baba, também um marinheiro. É como substituto de seu pai que ele entra para a marinha segue, portanto o padrão de transmissão de função tão comum na sociedade egípcia antiga, aos poucos o seu círculo de convivência vai aproximando-o ao círculo de faraó. Já Pen-Nekhbet nos demonstra uma carreira toda centrada na corte. Seus títulos e honrarias indicam uma vida ligada ao palácio desde o início.

Esses e outros elementos nos permitem definir o *lugar* dos discursos na estrutura social egípcia, o que é essencial para nossa interpretação dos textos como fontes, uma vez que, em nossas hipóteses de leitura, a determinação de um discurso se encontra tanto em suas condições de produção como pelo sistema lingüístico no qual ele é gerado. Os *emissores* do discurso, Ahmés filho de Ibana e Ahmés pen-Nekhbet, apresentam-se para seus *receptores* que se constituem por membros da classe dominante faraônica. Os dois possuem uma tumba, o que já os distingue de uma grande maioria da população que não possuía recursos para tal e, ao dirigirem-se por escrito àqueles que pudessem ler suas biografias, já o fazem para um número ínfimo de pessoas que conheciam a arte da escrita. Aliás o próprio Ahmés, o filho de Ibana, mesmo ascendendo a este grupo reduzido não deveria ser capaz de ler ou escrever, visto que não há nenhuma menção disto e ser escriba também exigia uma especialização a qual o filho de Ibana não teve acesso.

Em termos de auto-apresentação o filho de Ibana inicia sua biografia pelo seu título mais alto, o de *Chefe Superior dos Marinheiros*, que seria equivalente ao nosso Capitão de esquadra. Esta forma de apresentação pelo título, apesar de ser uma fórmula básica nas inscrições egípcias de funcionários desde o início de sua história, evidencia uma novidade característica do Reino Novo: a definição de um título especificamente militar. Decorrem desta característica dois elementos de análise, o primeiro diz respeito a uma especificação profissional; o segundo a profissão militar.

O primeiro elemento, a especificação profissional, caracteriza uma especialização de função que não se constituía como prática comum no antigo Egito. Como a tendência nesta sociedade era cristalização de seu *status* social as pessoas não procuravam ascender, mas antes ampliar o seu próprio campo de ação. Por isso era comum o pronunciamento não de um, mas de vários títulos ao longo da vida de alguém. O que o filho de Ibana apresenta, no entanto, é uma melhora crescente de seu *status* conforme sua especialização guerreira aumenta. Esta especialização só pode ser realizada plenamente, na sociedade egípcia antiga, quando da existência de uma estrutura militar consolidada e diferenciada das outras funções, o que nos leva ao segundo elemento de análise citado.

Para que haja soldados de tempo integral necessário se faz uma estrutura que o utilize e o mantenha como tal. O treinamento e a formação de contingentes humanos para uma especialização guerreira necessitam de uma contrapartida econômica e social, pois significam o desvio de braços da lavoura que garante o alimento e, ao mesmo tempo, um maior número de dependentes do Estado, no sentido de que este deve prover as rações necessárias para que o grupo armado se mantenha e se coloque a sua disposição. A organização econômico-social do Egito faraônico favorecia o uso dos excedentes por parte do Estado, uma vez que sua característica redistributiva, permitia seu uso de acordo com as necessidades deste. O butim de guerra servia não apenas como recompensa, mas como o pagamento para todos aqueles que lutavam com o faraó e era uma forma de não sobrecarregar ou ameaçar a produção em geral. O pagamento em terras feito aos soldados, que se torna um crescente no Reino Novo, foi a forma de incluir os novos elementos sociais que compõem as forças militares do faraó na estrutura econômica egípcia garantindo ao soldado a possibilidade de se manter mesmo fora de períodos de guerra. O conjunto destes fatores estabeleceu a existência de um exército permanente a partir do Reino Novo.

Conforme evidenciamos anteriormente a sociedade egípcia era constituída por uma classe dominante ínfima em relação a maior parte da população, constituída em sua maioria esmagadora por camponeses. Na parte superior da hierarquia estavam o faraó e os nobres seguidos por aqueles que, sem se constituírem como uma classe a parte, eram responsáveis por todo o funcionamento

burocrático, classificados como dependentes especializados. O conjunto dos nobres e dos funcionários do Estado configura a classe dominante. Nesta comunidade superior a mobilidade social não se faz verticalmente, já que existe a barreira do sangue entre os nobres e os que não o são, mas sim horizontalmente. Ou seja, quanto mais cargos e títulos, que implicassem em funções diferenciadas no Estado, sejam elas subordinadas ou subordinantes, fossem anexados ao nome de alguém, tanto maior o seu prestígio social perante os seus pares. Como a tendência das funções primordiais era passada de pai para filho, a classe dominante garantia sua manutenção ao longo do tempo. A carreira militar se configura aqui como mais uma exceção, além da profissão de escriba, possibilitando a ascensão vertical de seus integrantes.

A biografia de Ahmés, filho de Ibana, ilustra bem esta nova possibilidade de ascensão. Filho de um soldado comum, Ahmés consegue galgar aos poucos as posições de destaque perante o grupo guerreiro até ser nomeado Chefe. O seu texto tem como elemento central organizador a perícia nas batalhas e sua coragem, tanto assim que a palavra ocorre nove vezes ao longo do texto. Claro que a linguagem e toda retórica deve ser considerada como *ideal*, não necessariamente real. Mas, os elementos estruturantes do texto permitem ver momentos de ruptura que conduzem uma leitura vertical de sua carreira. Essa leitura não é possível na biografia de Ahmés Pen-Nekhbet.

O texto de Pen-Nekhbet nos conduz a uma leitura de expansão de privilégios, logo a uma visão de horizontalidade na sua carreira. Mesmo considerando possíveis lacunas do texto, bem menos conservado do que o do filho de Ibana, ao fazer sua apresentação Pen-Nekhbet a inicia com uma sequência de títulos, dentre os quais o de origem militar não é o mais importante e nem destacado perante os outros. Seus títulos o identificam como integrante do círculo da nobreza que será cada vez mais aproximado à família real.

Não há uma especialização de função como a carreira de Ahmés, o filho de Ibana. Pen-Nekhbet exerceu a função de administrador, tutor da princesa, cortesão, chanceler entre outras, sempre fortalecendo o seu vínculo com o palácio configurando um típico perfil da nobreza *Estável na Residência Real e senhor de louvores no Palácio, vida, prosperidade e saúde*. Sua trajetória, em verdade,

aproxima-se mais da carreira de Uni, o “general” do Reino Antigo, do que da carreira do Superior dos Marinheiros, Ahmés.

Ahmés pen-Nekhbet faz um discurso de grande atividade militar, mas não se apresenta como militar de carreira e nem baseia os seus feitos com valores guerreiros como o de coragem, em verdade, esta palavra não ocorre uma única vez em sua biografia. O valor principal, exaltado de início ao fim do texto, é o de lealdade. Portanto, o eixo da leitura das ações não passa pela sua figura, mas pela do faraó ao qual ele é leal e por essa lealdade ele prospera em seu meio.

Em nenhum momento, pen-Nekhbet refere-se a qualquer pagamento por tomar parte das lutas ao lado do faraó. Como Arauto do butim, Ahmés era o responsável pelo estabelecimento das cotas a serem dadas aos soldados. Ele próprio não necessita tomar parte no butim, pois faz parte do círculo real que o sustenta e para o qual, afinal, são revertidos todos os ganhos de guerra. Não há também recompensas com terras. Todos os seus prêmios constituem-se em símbolos de *status* e a permanência no círculo real. Não há, portanto, nenhuma indicação de transição em sua carreira, mas sim de confirmação.

A distinção social, a qual os dois fazem alusão em suas biografias, ocorre no decurso de suas carreiras. A carreira identifica-os como funcionários do Estado e este, era simbolizado na figura do faraó, como já vimos. A ideologia do Estado reflete-se nos escritos aqui analisados pelo papel central do faraó nas duas biografias. Por isso nos dois relatos há a característica valorização social através da tomada de consciência por parte do faraó das qualidades de seus funcionários. Este é o ponto fulcral para a valorização dos feitos pessoais nesta sociedade.

O cargo social ou profissão era o campo de ação no qual um integrante da sociedade egípcia obtinha a aprovação real. Ele deveria contribuir para a organização social mantendo o centro de sua ação na figura do faraó. Só assim Maat poderia ser oferecida aos deuses²³⁹. Maat, a Justiça-Verdade, representava a ordem social, fortemente conectada ao próprio Estado faraônico, portanto ao próprio faraó. Os deuses necessitam de Maat, a qual só o faraó pode oferecer. Para que ele possa cumprir seu papel de fornecedor de Maat o Estado faraônico deve estar

²³⁹ HORNUNG, E. *Geist der pharaonenzeit*. München: DTV, 1992, pp. 123-137.

funcionando plenamente. Cabe aos funcionários agir pelo faraó para que Maat seja realizada.

O que se destaca nas biografias é principalmente a descrição da valorização do funcionário pelo faraó sob a forma de confiança ou lealdade pessoal. O funcionário de início da XVIIIª dinastia, como se pode retirar das biografias aqui analisadas, busca a contínua aproximação ao faraó, ficar sob “sua presença”. As premiações e recompensas pela realização de seu trabalho significavam socialmente a identificação de que seu cargo era importante para a manutenção da ordem social.

Um elemento importante para a apreciação correta da importância da biografia dos funcionários na sociedade egípcia é a devida avaliação do impacto social da mensagem deixada. As biografias encontram-se, em sua maioria, nos túmulos de seus proprietários. O túmulo, como já analisamos, era um local de convívio entre os vivos e os mortos, portanto, a biografia ser aí inscrita devia-se ao caráter de local de relacionamento social. O túmulo era local de culto ao morto e uma das funções do culto era pronunciar o nome do morto para ser lembrado e, assim, revivido.

CAPÍTULO IV - O QUADRO SOCIAL: MILITARES E SOCIEDADE

IV.1 – O ACESSO À TERRA E O STATUS SOCIAL.

Analisadas as biografias, partimos para a análise do documento jurídico que nos informa sobre a propriedade adquirida por um militar e o processo de herança desta propriedade. O objetivo da análise é retirar os elementos necessários para compreensão das conseqüências de uma premiação de origem militar para o seu ganhador que equivaleria a sua inserção social e de seus descendentes.

O texto da Capela de Més²⁴⁰ fornece dados importantes do ponto de vista dos processos legais no Egito os quais, inferindo-se do documento, tinham por base prova documental e depoimentos de testemunhas²⁴¹. O documento, conforme já apresentamos no início deste trabalho, nos possibilita acompanhar por um longo período do Reino Novo, a propriedade adquirida por um militar de nome Neshi e herdada por seus descendentes.

Sobre a identidade de Neshi, há uma discussão ainda pendente. Ele é identificado por Gaballa²⁴² como sendo o escriba homônimo responsável pela composição da Segunda estela de Karnak. O trecho desta Estela que identifica o seu autor segue abaixo em tradução do professor Ciro Cardoso

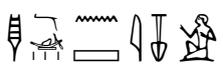
Sua Majestade ordenou ao nobre, príncipe, preposto aos segredos do palácio (= membro do conselho privado do rei), encarregado do país inteiro, tesoureiro do Rei do Baixo Egito, aquele que comanda as Duas Terras, primeiro capataz dos cortesãos, chefe dos tesoueiros, o poderoso, Neshi:

²⁴⁰ GABALLA, G. *The Menphite Tomb-Chapel of Mose*. Warminster : Aris & Philips, 1977.

²⁴¹ THEODORIDES, A. *Op.cit.* p.322

²⁴² GABALLA, G. A. *Op.cit.*

- *Faze com que todos os feitos que foram cumpridos por Minha Majestade vitoriosamente sejam relatados numa estela a ser instalada em seu lugar no templo de Karnak, em Tebas, eternamente e para sempre!*
Ele (= Neshi) então disse diante de Sua Majestade:
- *Farei tudo o que foi ordenado!*
Favores do rei foram ordenados (para) o chefe dos tesoureiros, Neshi.

Em uma sociedade como a egípcia os títulos de nobreza são extremamente importantes e são lembrados em qualquer evento desta sociedade, muito dificilmente se negligenciaria esses títulos em uma inscrição monumental. No texto de Més a única referência ao cargo ocupado por Neshi é a de Capitão de navio (*imi-r3 ḥꜥw nšī* ) cargo pelo qual ele recebeu o seu lote de terra e que o caracteriza como um militar e, ao que parece, não ocupou nenhum cargo de escriba em sua carreira.

[Foi] sob a majestade de Nebpekhethi-Rá [Ahmés I] , [ele que doou ...aruras de terra como recompensa para Neshi meu pai...

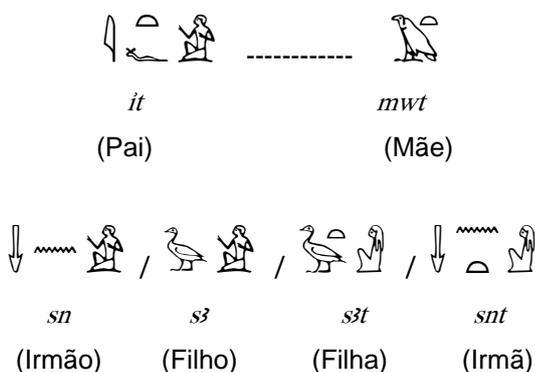
Para lembrar os seus elementos centrais, vamos apresentar de forma resumida o relato. O texto trata de um benefício dado em terras pelo faraó Ahmés I, o fundador da XVIII^a dinastia, a seu capitão de navio de nome Neshi que o havia acompanhado nas lutas contra o domínio hicsu e continuara servindo a corte nesta função. Após sua morte, o benefício foi herdado por seus descendentes até a geração da avó de Més, já sob o reinado de Horemheb, que entra em litígio sobre as terras com outros pretendentes a herdeiros. A luta jurídica permanece até Més entrar com uma queixa e acabar por ganhar o pleito perante o vizir, conseguindo assumir a posse de sua parte ao restituir a legitimidade de sua mãe como herdeira de Neshi. Para fixar sua vitória e reiterar sua ascendência legítima, manda gravar nas paredes de seu túmulo este documento.

Apesar das alusões aos reinados (orientação cronológica básica) e os documentos reproduzidos, a composição da lista de herdeiros é bem complexa. Um primeiro problema se coloca com a referência aos familiares que não incluem a família *stricto sensu* ou nuclear²⁴³. Para os egípcios, não há termos específicos de parentela fora deste grupo. Para se indicar ascendência ou descendência utilizam-se

²⁴³ Sobre parentesco conferir CAMPAGNO, Marcelo(org.) *Estudios sobre parentesco y Estado en El Antiguo Egipto*. Buenos Aires: Del Signo, 2006.

os termos nucleares superpostos: pai do pai (avô), mãe da mãe (avó), filho do filho (neto) e assim por diante.

FAMÍLIA NUCLEAR EGÍPCIA



A descendência direta de Neshi nos é desconhecida. Ele teria vivido sob o reinado de Ahmés I (1550-1525), portanto quase duzentos anos antes de Urnera, a avó de Més a qual recebeu as terras no reinado de Horemheb (1323 – 1295), último rei da XVIIIa dinastia de acordo com o documento. Urnera, personagem central da primeira batalha judicial, é denominada de *filha* de Neshi, mas a distância das gerações permite-nos afirmar que o termo deve ser entendido de forma ampla como *descendente legal*, da mesma forma que a referência deste como *pai* de Urnera deve ser entendida como *ancestral*. Esta interpretação dos termos permite-nos entender a frase que se repete no documento na fala de todo aquele que pretende se legitimar como herdeiro de Neshi, tal como o próprio Mes :

Então Nubnofret, minha mãe, veio cultivar o lote de Neshi, meu pai...

Més se denomina *filho* de Neshi mesmo sendo filho direto de Huy e Nubnofret, conforme ele próprio afirma no texto e como se pode ver nas imagens de sua tumba²⁴⁴.

O primeiro litígio no tribunal diz respeito à divisão entre os herdeiros das terras de Neshi. Pelo que podemos apreender do texto, a terra de Neshi passou por gerações como unidade administrativa, tendo a sua frente um encarregado responsável pelo controle da terra pelo conjunto de herdeiros. Esta estrutura

²⁴⁴ GABALLA, G. A. *Op. cit.* p. 9.

assemelha-se ao que, em sociologia denomina-se grupo doméstico ou *household*²⁴⁵ e não entra em contradição com a afirmação de que o Egito se caracterizava pela família nuclear²⁴⁶. O grupo ou grupamento doméstico é caracterizado pela união de indivíduos ou famílias que partilham do mesmo local de habitação e de onde retiram seu sustento em comum. Pode ser constituído por famílias ou pessoas sem laços de parentesco e se constituir como unidade econômico-administrativa por gerações.

No caso do grupo doméstico de Neshi tudo indica que esta unidade administrativa foi mantida e que os problemas de divisão começaram um pouco antes da geração de Urnera. O texto afirma que

...desde [o tempo] do rei Nebpekhtira, esta terra passou de um para outro até (N5)[hoje].

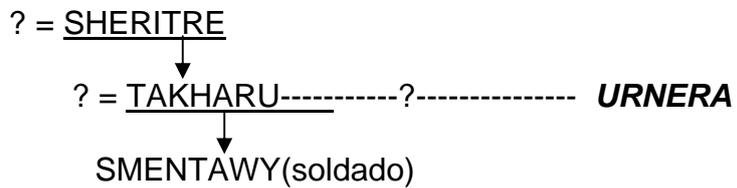
Como não há nenhuma referência de brigas anteriores, parece que é a partir de Urnera que ocorrem os problemas de reconhecimento entre herdeiros. Takharu, identificada como irmã de Urnera, contesta a decisão da corte de nomear esta última como administradora dos bens em nome de seus irmãos.

Aqui surge uma primeira dificuldade. Em nenhum momento o texto nos dá a conhecer o parentesco direto de Urnera, ou seja, seu pai e sua mãe. Assim, há dúvidas sobre a relação de parentesco com Takharu a qual é identificada como filha de Sheritre. Como o texto não faz nenhuma relação desta última com Urnera, abre-se a questão se esta é irmã de Urnera apenas por parte de pai, daí não mencionar a mãe de Takharu como a mesma para Urnera, ou o termo irmã está sendo empregado de forma mais ampla, como na referência a esposa do irmão ou algo próximo. Talvez Takharu não tenha aceitado ficar sob a tutela de Urnera por temer problemas de sucessão para seu filho, o soldado Smentawi. Um testemunho apresentado por Més do Chefe de Estábulo Nebnufer, nos informa de que Takharu costumava brigar com Huy, pai de Més e, ao que tudo indica após decisão conjunta

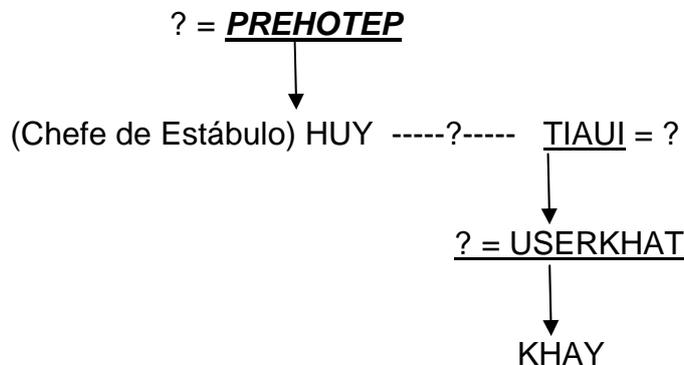
²⁴⁵ Sobre o conceito ver a discussão em SNELL, Daniel C. *Life in the ancient near East*. New Haven: Yale University Press. 1997, principalmente pp.154-158 e CARDOSO, C.F.S. As unidades domésticas no Egito faraônico. *Revista Cantareira* – Revista eletrônica de História, volume 3, nº 3, Ano 4, jul.2007, disponível em : <http://www.historia.uff.br/Cantareira>.

²⁴⁶ Em seu estudo sobre Hekanakht Cairo Cardoso demonstrou que o exemplo deste como chefe de uma família extensa citado por muitos autores não leva em conta o contexto histórico de dificuldades que possibilitou uma formação tão diversa da instituição socialmente difundida que era a família nuclear. Cf. CARDOSO, Cairo. *Hekanakht: Pujança passageira do privado no Egito Antigo*. Tese, UFF, 1993.

- O ramo familiar de Takharu



- O ramo familiar de Khay



O problema jurídico que se apresenta reside na confirmação da parentela dos envolvidos. A mãe de Més faz alusão a uma confirmação anterior através da conferência de documentos sobre a terra. Com base nesta conferência abre-se a questão de Khay ter apresentado um registro falso no qual não constava o direito de herança por parte da família de Més – e Nubnofret o acusa abertamente, assim como ao sacerdote Amenemope.

A certeza do registro das terras e do documento que confirmava a partilha destas terras entre os irmãos de Urnera, faz com que Més reabra o litígio apresentando justamente o documento reconhecido pelo registro de terras e pelos nobres da cidade que comprovava a afirmação de que Urnera e seus irmãos eram *filhos* de Neshi. Com efeito, todos os testemunhos ouvidos pelo tribunal enfatizavam a filiação de Huy e a legitimidade de Urnera como descendente de Neshi com a frase:

...Quanto ao escriba Huy, ele é o descendente de Urnera, e Urnera é filha de Neshi...

Não temos o final do texto mas é de se supor que o texto não estaria presente em seu túmulo a não ser que o resultado lhe tenha sido favorável. Além disso, Gaballa chama a aten o para as cenas que reproduzem a Grande Corte e nas quais M s aparece triunfante.²⁴⁷

O grande interesse do documento de M s para nossa pesquisa reside nas informa es sobre uma herança de origem militar e no grau de *status* que esses herdeiros apresentam. O tamanho do lote dado a Neshi em pagamento era considerável visto que forma uma unidade geográfica própria, o Hunpet, termo para o qual não temos tradu o possível, como vimos nos comentários a tradu o, por se tratar de um termo que aparece somente neste documento, além do mais, a quantidade de famílias que vivem destas terras parece ser grande. A própria dificuldade de se estabelecer quem   descendente de Neshi indica isto. Podemos ter uma idéia aproximada do tamanho deste lote pela quantidade de terras que Khay conseguiu obter no quarto julgamento que corresponderia a uma parte do total: 13 aruras conforme o documento. O termo arura corresponde a aproximadamente 2.736 m² o que perfazeria um total de 35.568 m², quase três hectares e meio de terras.

Outro elemento de grande importância para nossa pesquisa reside no fato de ser Neshi, Capitão de Navio, o que o aproxima da condi o social de Ahm s, o filho de Ibana, que também ocupou este posto, ou pelo menos um próximo, o que nos permite uma equivalência dos casos.

Para podermos compreender o significado dos pr mios e vantagens dos militares aqui analisados, precisamos comparar os dados que nos são fornecidos por estes em seus relatos autobiográficos com dados que possam nos demonstrar uma base social que sustente a identifica o de uma situa o privilegiada em rela o com o restante da sociedade.

O Papiro Wilbour será o documento utilizado para a constru o de um quadro social para o período do Reino Novo. Como documento histórico o Papiro Wilbour já

²⁴⁷ GABALLA, G.A. *Op.cit.* pranchas XV e XVIII.

foi empregado para compreensão do direito administrativo egípcio²⁴⁸, assim como da propriedade de terras no antigo Egito²⁴⁹.

Dentro da categoria militares procuraremos precisar a quantidade de soldados arrendatários. Este torna-se um dado relevante pois identifica não só uma estrutura permanente do exército, uma vez que são eles o elemento básico para a formação do contingente militar quando necessário, como também ilumina o traço agrário marcante dos cargos exercidos na sociedade egípcia antiga.

LOTES – VARIEDADES I E IA		
Frequência		
Frequência	Absoluta	
Aruras		
Relativa (c/ajuste)		
1	4	0,3
2	23	1,6
3	339	23,5
5	752	52,0
6	4	0,3
7	4	0,3
8	3	0,2
9	3	0,2
10	175	12,0
12	2	0,1
14	1	0,05
15	4	0,3
17	1	0,05
18	1	0,05
20	100	7,0
25	4	0,3
30	8	0,6
40	6	0,4
50	7	0,5
60	6	0,4
80	1	0,05
100	2	0,1
110	1	0,05
	1451	100%

²⁴⁸ MENU, B. *Le Regime juridique des terres*

²⁴⁹ KATARY, Sally. *Land Tenure in the ramesside periode.*

Em cerca de 2245 lotes de terra catalogados no papiro Wilbour temos a divisão baseada na medição por arura (cerca de 2.736 m²) classificados como do tipo 1 e 1A por Katary (tipo I e IA de Gardiner). Os lotes variam em tamanho de 1 a 110 aruras de extensão. Formulando uma tabela sobre os dados válidos²⁵⁰ temos os resultados acima apresentados.

A maior parte das terras está dividida em lotes de 5 aruras (13.680 m²) e 3 aruras (8.208 m²). O primeiro grupo corresponde a 52% dos lotes identificados e o segundo grupo cerca de 24% o que perfaz quase 75% do total dos lotes.

Dos 451 militares identificados no *corpus*, cerca de 253 são classificados como soldado (waw), representando 57% do grupo. Bernadette Menu propõe em seu estudo que o tamanho do lote estava subordinado a categoria ocupacional a qual o indivíduo detentor está inserido. No caso dos soldados esta hipótese é bem visível na tabela abaixo construída com os dados válidos fornecidos por Katary.

SOLDADO (w ^c w )		
Tamanho do lote	Frequência abs.	Frequência rel.
2	1	0,8
3	195	90,0
5	17	8,0
10	2	0,8
20	1	0,4
	216	100%

Há aqui uma frequência padrão entre o tamanho do lote de 3 aruras e a função de soldado. Pode-se inclusive inferir pela tabela que o máximo de extensão sob controle de um soldado seja 20 aruras posto não haver lotes maiores do que este atribuídos aos mesmos. No caso, o lote de 20 e 10 aruras podem ser considerados casos extremamente raros. O padrão vale para os lotes menores que 3 aruras. Os soldados responsáveis por lotes de 5 aruras, no entanto, parecem indicar uma certa distinção de um pequeno grupo em relação ao grupo maior. Isto

²⁵⁰ Katary trabalhou com o universo de 2245 lotes mas destes somente 1451 lotes foram positivamente identificados quanto a classificação por aruras.

pode representar uma possibilidade de acréscimo de terras neste grupo ocupacional (em forma de prêmio, reconhecimento, tempo de serviço) mas, não temos dados para confirmar.

Outra ocupação em destaque no que se refere ao tamanho do lote é o de Chefe de Estábulo. Embora a discussão sobre ser esta profissão efetivamente militar ou não possa não estar ainda encerrada, a participação dos cavalos na guerra é inquestionável. Logo, o responsável pelo gado equino é de importância fundamental para o aparato militar. Neste grupo também há a correlação entre a função e o tamanho do lote:

CHEFE DE ESTÁBULO (ḥry iḥ )		
Tamanho do lote	Frequência abs.	Frequência rel.
2	1	0,25
3	15	4,0
5	334	89,5
6	2	0,5
8	1	0,25
10	18	5,0
20	2	0,5
	373	100%

O tamanho do lote padrão para o Chefe de Estábulo é de 5 aruras. Há uma grande semelhança de porcentagem do caso padrão entre o Chefe de Estábulo e o de soldado: nos dois ele atinge cerca de 90% dos dados analisados.

As fontes escolhidas para nosso estudo podem ser classificadas como configurando dois tipos, de acordo com as informações a recolher : fontes qualitativas constituídas pelas biografias de Ahmés, filho de Ibana e de Ahmés Pen-Nekhbet e o relato conhecido como texto Legal de Mes; e uma fonte quantitativa, O Papiro Wilbour. Nas fontes qualitativas, os textos autobiográficos, buscamos informações sobre a carreira de soldado e de suas recompensas, bem como a posição social dos mesmos resultante de sua função. A fonte quantitativa, o papiro Wilbour, serviu base para a formação de um quadro estatístico de análise. Nosso objetivo nesta parte do estudo é confrontar os dados para uma corroboração dos

valores e identificar os elementos necessários para a distinção social tendo uma base material nos dados numéricos de origem estatal.

IV.2 – CONCLUSÃO PARCIAL

De acordo com os dados retirados sobre a situação social de herdeiros de um destacado chefe militar – Neshi - o *status* social de seu grupo familiar é de relevância perante aquela sociedade. Em nossa visão, este fato permite a relação direta entre o acesso à terra e o estatuto jurídico-social de seus possuidores. O melhor modelo de biografia que permite a análise da carreira militar e de seu significado social pelas consequências de sua recompensa é a de Ahmés, o filho de Ibana.

No primeiro parágrafo ele enumera os bens que ganhou em vida: ouro, servidores (escravos do butim de guerra) e terras. Parece estar em ordem de importância. Quanto mais Ahmés destaca-se em seu meio, maiores são seus prêmios.

Na primeira vez em que é gratificado com terras Ahmés, mesmo sem títulos específicos, já é um soldado destacado de acordo com nossa análise, pois, ao invés de entregar os escravos ao Estado ele já recebe os cativos que captura como pagamento além de seu butim. Ahmés nos dá a medida de 5 aruras. Se compararmos este dado com o quadro de divisão das terras entre os soldados no papiro Wilbour a interpretação de que ele já se destaca em relação aos outros é confirmada pois vimos que 90% das terras de soldados tem a dimensão de três aruras contra os 8% que alcançaram a de cinco aruras.

Um primeiro problema que se levanta é sobre se a frase *...o mesmo foi feito com todos os marinheiros...* refere-se ao pagamento em terras em geral ou se todos receberam lotes de 5 aruras. Como o contexto da divisão das terras era de luta contra rebeliões internas (tanto Aata quanto Teti-na) talvez a partilha das terras de forma ampla tenha sido uma forma de punição, desapropriando os rebeldes e seus partidários.

Na segunda vez de sua premiação com terras ele continua a receber cinco aruras. Como na primeira vez e nesta agora ele recebeu terras ...*em minha cidade...*o que indica que ele pode ter ampliado diretamente seu lote ou ter ganhado lotes não contíguos o que também seria possível pelas informações do Papiro Wilbour.

Como afirmamos, o lote de cinco aruras destacava Ahmés perante o seu grupo, os militares. No entanto, em relação à divisão de terras por profissão em geral, Ahmés fica dentro da média dos lotes apresentados no papiro. Entre os diversos tamanhos de lotes, o mais comum é o de cinco aruras, perfazendo 52% do total.

No final do texto, após a uma lista com os nomes e o número de escravos que possuía, há uma hipótese provável de aumento da terra possuída em pelo menos 60 arouras (que é o que o trecho legível permite identificar). Isto significa que o chefe dos marinheiros Ahmés pode ter continuado a ganhar durante sua velhice mais terras de seu faraó.

Se este número pode ser considerado como crível temos uma importante variável para a classificação de Ahmés como um militar de carreira bem-sucedido. De acordo com a tabela de divisão das terras do papiro Wilbour um lote nestas proporções era muito raro, representado apenas 0,4% do total de lotes.

O documento de Més pode confirmar a possibilidade de um Capitão de Navio receber em pagamento um grande lote de terras, pois o lote de Neshi, que recebia o nome de Aldeia de Neshi devido a sua extensão, poderia atingir facilmente estas 60 aruras. Quando o litigante Khay conseguiu ganhar a administração de um dos lotes de terras da vila de Neshi - lembrando que quando do litígio a terra já deixara de ser uma unidade administrativa e estava dividida- ele conseguiu assumir um dos seis possíveis lotes que haviam sido repartidos na época do litígio entre Urnera e seus irmãos. O texto nos informa que o lote de Khay era de 13 aruras. Os demais lotes deveriam ter a mesma medida ou pelo menos ser aproximada o que daria um total próximo às 60 aruras de Ahmés.

O documento de Més também nos permite afirmar que a ascensão de um militar como Ahmés ou Neshi, permanecia como diferencial para seus descendentes pois, os bens fundiários adquiridos assumiam um caráter vitalício e hereditário. Os dados confirmam de forma geral a ascensão que Ahmés, o filho de Ibana, canta em sua biografia, indicando que a carreira militar realmente poderia ser uma das poucas possibilidades de ascensão social no Antigo Egito.

CONCLUSÃO

Nosso recorte temático sobre as fontes partiu da tese da existência de uma nova força social no Egito faraônico do Reino Novo composta pelos militares que se tornam profissionais e permanentes. A carreira militar passou então a permitir uma ascensão social a seus membros. Isto significa que o militar egípcio foi plenamente integrado à sociedade e uma questão fundamental perpassou esta constatação: a compreensão e a definição dos militares dentro da estrutura social egípcia e mais ainda o de saber *como* esse novo grupo social foi incorporado por essa milenar estrutura. Partimos do pressuposto de que este novo grupo foi reconhecido e se deixou reconhecer pela sociedade ao demonstrarem sua inserção no *modus vivendi* desta. Dessa forma podemos perceber no discurso biográfico um discurso de legitimação social.

Compreender o guerreiro egípcio do Reino Novo sob o rótulo de *militar* exige inseri-lo no sistema de valores desta sociedade específica. Os valores guerreiros e as virtudes cantadas pelos feitos de militares não são *naturais*, mas sim compatíveis com um momento histórico preciso que define as necessidades sociais. O Egito do Reino Novo ampliou seu sistema de fronteiras, auxiliado pela equiparação tecnológica, e conseguiu expandir e dominar uma grande área territorial. Neste contexto, os militares tornaram-se um elemento social *necessário*, materializando os valores guerreiros em um dado grupo social.

A mudança interna, ou seja, a formação e consolidação de um novo grupo social, foi necessária para manter, no entanto, as permanências que caracterizavam a sociedade egípcia. Assim, o grande sucesso de um guerreiro era presenteado com

a terra, a mesma que por milênios manteve a ordem social egípcia. Os novos elementos sociais são novos apenas em sua especialização guerreira. Em verdade, continuam a ser essencialmente agrários.

As biografias aqui estudadas apresentaram dois modelos de vínculos entre a ação militar e a ordem social. A de Ahmés, o filho de Ibana, que inicia sua vida como um simples soldado e acaba inserindo-se no patamar mais alto de sua profissão, atingindo o círculo de favores reais e aí se mantendo como *Bravo do Rei*, Superior do Marinheiros. Ahmés referia-se sempre às suas ações corajosas como explicação de suas merecidas recompensas. Representa assim o típico elemento militar do Reino Novo: um soldado do faraó que luta com toda sua perícia para a glória de faraó. Suas virtudes guerreiras no campo de batalha são o seu ganha-pão e o passaporte para uma ascensão nesta sociedade tão rigidamente constituída.

Ahmés pen-Nekhbet é também um típico integrante da sociedade egípcia: é um nobre que compõe o privilegiado círculo real, um cortesão. Como tal, ele integra a classe que por milênios foi a referência de poder e domínio. O Egito do Reino Novo levou o faraó para além de suas fronteiras. A participação em batalhas e nas lutas tornaram-se assim, um discurso necessário para todo aquele que era *leal* a faraó. Mas pen-Nekhbet não era um típico militar do Reino Novo e sim um típico nobre egípcio; seus atos não contavam por sua coragem, mas por sua lealdade ao círculo real.

As duas biografias retratam os tipos sociais que corresponderam ao momento histórico do Reino Novo: o guerreiro especializado e o nobre que luta ao lado do rei. Apesar de origens sociais diferentes acabam cumprindo o mesmo papel de manutenção da ordem faraônica. Ordem esta que desde milênios anteriores já possuía as diretrizes para condução destes tipos sociais como podemos ler nos *Ensinamentos para o Rei Meri-ká-Rá*²⁵¹, de quase seiscentos anos antes:

Para com os nobres:

Promove teus grandes, para que executem (bem) as tuas leis. Aquele que é rico em sua casa não será parcial, é um homem rico a quem nada falta. O homem pobre não fala a verdade e nenhum honesto diz: 'Quisera eu ter!' Ele inclina-se para

²⁵¹ ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a Eternidade*. Brasília: UNB, 2000.

*quem lhe recompensa (com propina). Grande é o grande homem cujos grandes homens são grandes, forte é o rei que tem conselheiros, opulento é o que é rico em seus grandes*²⁵².

Para com os soldados:

*Encoraja teus jovens e a Residência gostará de ti, aumenta teus defensores com recrutas. Eis que tuas cidades estão cheias de novos(rapazes)que crescem. Aos vinte anos os jovens entregam-se ao seu coração, (e então) os recrutas aparecem de novo, enquanto os veteranos retornam para casa. (Mas) os (veteranos) do tempo antigo (também) combatem por nós. Aumentei as tropas com eles na minha ascensão (ao Trono). Faze de teus oficiais grandes, aumenta teus [soldados], melhora (a vida) dos jovens que te seguem, dá-lhes [propriedades] dotadas de campos, recompensa-os com gado. Não prefiras o filho de um homem (rico) ao de um homem pobre, escolhe um homem pelo que faz. Protege tuas fronteiras e constrói tuas fortalezas, (pois) as tropas são úteis a seu senhor.*²⁵³

São ensinamentos que serão mantidos pelas gerações futuras. Os militares do Reino Novo integram-se a sua sociedade pelo seu traço mais conservador que é o acesso a terra. E a classe dominante egípcia incorpora os valores militares aos seus velhos títulos de forma mais ampla e mais marcante. A consagração destes valores acabará sendo aceita como a legitimação do próprio poder maior – o de Faraó - como o 'General' Horemheb fará questão de lembrar ao subir ao trono do Egito ao utilizar sua ascensão guerreira como a forma pela qual o próprio Hórus o distinguira entre todos.

²⁵² *Idem, p. 284*

²⁵³ *Idem, p.286.*

ANEXOS

I. QUADRO CRONOLÓGICO GERAL²⁵⁴

PRÉ-DINÁSTICO	5.300 – 3.000
DINÁSTICO PRIMITIVO	3.000 – 2.686
REINO ANTIGO	2.686 – 2.160
PRIMEIRO PERÍODO INTERMEDIÁRIO	2.160 – 2.055
REINO MÉDIO	2.055 – 1.650
SEGUNDO PERÍODO INTERMEDIÁRIO	1.650 – 1.550
REINO NOVO	1.550 – 1.069
TERCEIRO PERÍODO INTERMEDIÁRIO	1.069 – 664
PERÍODO TARDIO	664 – 332

II. OS FARAÓS DA XVIIIª DINASTIA

AHMÉS I	1.550 – 1.525
AMENHOTEP I	1.550 – 1.525
TUTMÉS I	1.504 – 1492
TUTMÉS II	1.492 – 1479
TUTMÉS III	1.479 – 1.425
HATSHEPSUT	1.473 - 1.458
AMENHOTEP II	1.427 – 1.400
TUTMÉS IV	1.400 – 1.390
AMENHOTEP III	1.390 – 1.352
AMENHOTEP IV / AKHENATON	1.352 – 1.336
NEFERNEFERUATEN	1.338 – 1.336
TUTANCÂMÓN	1.336 – 1.327
AY	1.327 – 1.323
HOREMHEB	1.323 – 1.295

²⁵⁴ Retirado de SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press.2003

III. A inscrição de Kamés em Karnak

1. Ano 3. Hórus “Aquele que aparece em seu trono”, Duas Senhoras “Aquele que renova os monu-
2. mentos”, Hórus de Ouro “Aquele que torna contentes as Duas Terras”, Rei do Alto e Baixo Egito Uadj-
3. kheperra (“Que o devir de Ra reverdeça”), Filho do Sol, Kamés (“Um touro o gerou”), dotado de vida,
4. amado de Amon-Ra, o senhor de Tronos das Duas Terras (= Karnak), semelhante a Ra para sempre.
5. O rei poderoso no interior de Tebas, Kamés, dotado de vida para sempre, é um rei excelente.
6. Foi o próprio Ra que o instalou como rei e fez a vitória renovar-se para ele verdadeiramente.
7. Sua Majestade falou em seu palácio ao Conselho dos notáveis de seu séquito:
8. - Que eu compreenda isto: para que serve o meu poder? Há um chefe em Hutuaret, um outro
9. em Kush. Eu permaneço associado a um asiático e a um núbio, cada homem possuindo a sua fatia do
10. Egito, partilhando comigo o país! A lealdade ao Egito não vai além dele (= não ultrapassa os domínios
11. do rei hicsu Apepi) até Mênfis [que seja], já que ele está de posse de Khemenu. Nenhum homem tem re-
12. pouso, despojado pelos impostos dos asiáticos. Mas eu lutarei contra ele, abrir-lhe-ei o ventre, pois meu
13. desejo é libertar o Egito e golpear os asiáticos.
14. Disseram então os notáveis do seu Conselho:
15. - Eis que a lealdade aos asiáticos se estende até Quesy. Eles puseram suas línguas para fora to-
16. dos ao mesmo tempo. No entanto, nós estamos tranqüilos em nossa parte do Egito. Abu está forte e a
17. parte central do país está conosco até Quesy. As melhores das terras deles são cultivadas em nosso pro-
18. veito; nosso gado pasta nos tremedais do Delta; o trigo *emmer* é enviado aos nossos porcos; ninguém se
19. apodera de nosso gado; nenhum crocodilo (...) sobre isto. Ele possui a terra dos asiáticos, nós possuí-
20. mos o Egito. Se alguém vier e agir contra nós, então sim, lutaremos contra ele!
21. Eles (= os conselheiros) foram desagradáveis ao coração de Sua Majestade:
22. - Quanto ao vosso conselho (...) [Lacuna considerável] Aquele que divide a terra comigo não
23. me respeitará. Deverei eu respeitar estes asiáticos? Eu navegarei corrente abaixo até chegar ao Baixo
24. Egito. Se eu lutar com os asiáticos, o sucesso virá. Se ele crê estar contente com (...), em pranto, o país
25. inteiro (...) o governante no interior de Tebas, Kamés, aquele que protege o Egito!
26. Então eu naveguei corrente abaixo na qualidade de um vitorioso, com a finalidade de repelir
27. os asiáticos conforme a ordem de Amon, famoso por seus conselhos. Meu exército corajoso estava
28. diante de mim, semelhante à chama do fogo. Os arqueiros de Medjau puseram-se em cima de nossas
29. cabanas para procurar os asiáticos e fazê-los recuar de suas posições. O Oriente e o Ocidente traziam
30. azeite de untar para a tropa, o exército era provido de alimentos e bens em toda parte.
31. Despachei as tropas vitoriosas de Medjau, enquanto eu me detinha para imobilizar e comba-
32. ter Teti, filho de Pepi, no interior de Neferusy, sem permitir que escapasse enquanto eu repelisse os
33. asiáticos que haviam desafiado o Egito. Ele transformara Neferusy num ninho de asiáticos.
34. Passei a noite em meu barco, estando alegre meu coração. Ao alvorecer, caí sobre ele como
35. se fosse um falcão. Ao chegar o momento da refeição da manhã eu o repeli, derrubei a sua muralha e
36. massacrei a sua gente. Eu é que fiz a sua esposa descer para a margem [do rio]. Meus soldados, seme-
37. lhantes a leões, estavam carregados do produto de seu saque, na posse de servos, gado, leite, azeite de
38. untar e mel, partilhando os seus bens, estando alegre o seu coração. O distrito de Neferusy parecia algo
39. tombado; e não havia demorado muito, para nós, paralisar[-lhe] o espírito.
40. A região de Pershaq desaparecera quando a atingi. Seus cavalos haviam fugido para den-
41. tro. As patrulhas (...). [Aqui se situa a maior lacuna do texto.]
42. - A notícia proveniente de tua cidade é vil. Tu fugiste ao lado de teu exército. Teu discurso
43. é mesquinho ao fazeres de mim um mero chefe e de ti um governante real, como se pedisses para ti o
44. cadafalso onde tombarás! Tu conhecerás o infortúnio, pois meu exército te persegue. As mulheres de
45. Hutuaret não [mais] conceberão, os seus desejos [já] não provocarão tremores dentro de seu corpo
46. quando for ouvido o grito de guerra do meu exército.
47. Eu atraquei em Perdjedquen, o coração feliz porque por minha causa Apepi conhecia um
48. momento difícil: aquele chefe de Retenu de fracos braços que planejava em seu foro íntimo atos de
49. bravura incapazes de acontecer para ele. Chegando a Inytnekhenet, eu atravessei em direção aos
50. habitantes (lit. eles) para dirigir-lhes a palavra. Fiz então pôr em ordem a frota, um barco atrás do ou-
51. tro; fiz com que pusessem [cada] proa encostada a [cada] popa. Alguns de meus Bravos (= um corpo
52. militar de elite) voaram sobre o rio. Como se fosse um falcão, o meu navio dourado os precedia; e eu
53. os precedia como um falcão. Fiz com que o valente barco líder inspecionasse as terras ribeirinhas, se-
54. guindo-o “A próspera” (nome da frota?), como se se tratasse de crocodilos (?) arrancando plantas nos
55. pântanos de Hutuaret.
56. Eu [já] vislumbrava as suas mulheres (= de Apepi), no topo de seu palácio, olhando de

57. suas janelas em direção à margem, seus corpos imóveis, pois viam-me ao olhar por cima de seus
58. narizes, no alto de suas muralhas, como filhotes cercados no interior de suas tocas. E eu dizia:
59. - É um ataque! Eis que eu vim e terei êxito! O resto [do país] está comigo. Minha sorte é
60. afortunada. Como perdura o bravo Amon, não te darei trégua, não permitirei que pises os campos sem
61. que eu caia sobre ti! Tua resolução falha, ó vil asiático! Eis que eu beberei do vinho de teu vinhedo,
62. que será espremido para mim pelos asiáticos de meu butim. Eu arrasarei teu lugar de residência, corta-
63. rei tuas árvores depois de lançar tuas mulheres à carga dos barcos e me apossarei dos carros de guerra!
64. Não deixei uma prancha [sequer] nos trezentos barcos de pinho novo cheios de ouro, lá-
65. pis-lazúli, prata, turquesas, incontáveis machados de bronze, sem contar o azeite de árvore, o incenso,
66. o óleo de untar, suas diversas madeiras preciosas de todo tipo e todos os bons produtos do Retenu. Apo-
67. derei-me de tudo, não deixei coisa alguma: Hutuaret foi esvaziada!
68. - Ó asiático despojado, teus desejos falharam! Ó asiático vil, que vivias dizendo: “- Eu
69. sou um senhor sem par até Khemenu, até Per-Hathor e também até Hutuaret, junto aos dois rios
70. (= dois braços do Nilo)”. Eu deixarei estes lugares desolados, vazios de gente, depois de arrasar as suas
71. cidades, queimar as suas residências, transformadas em ruínas ardentes para sempre devido ao dano que
72. fizeram nesta parte do Egito os que se puseram a servir aos asiáticos que agiam contra o Egito, seu se-
73. nhor.
74. Na parte superior do oásis eu capturei um mensageiro seu (= de Apepi) que estava nave-
75. gando rio acima em direção a Kush, a respeito de um escrito em que li, como expressão escrita do go-
76. vernante de Hutuaret:
77. “Aauserra (= Grande é o poder de Ra), o Filho de Ra, Apepi, saudando o meu filho, o go-
78. vernante de Kush. Por que te fizeste governante sem mo fazer saber? Acaso [não] viste o que o Egito
79. fez contra mim, o governante que lá está, Kamés, o forte, dotado de vida, expulsando-me de meu ter-
80. ritório sem que eu o atacasse - exatamente como fez de tudo contra ti? Ele escolheu os dois países pa-
81. ra devastá-los - meu país e o teu - e os arrasou. Vem, navega rio abaixo e não tremas, pois ele está
82. aqui comigo e ninguém te espera no Egito. Eis que não o deixarei afastar-se até que chegues. Então
83. nós partilharemos entre nós as cidades do Egito e nossos países se alegrarão.”
84. Uadjkheperra, o forte, dotado de vida, é que controla as situações. Foram-me dados os
85. países estrangeiros, a Proa das Terras, os rios igualmente. Nunca encontrei o caminho da derrota, pois
86. nunca negligenciei o meu exército. O rosto do homem do norte (= Apepi) não se desviou, mas ele [já]
87. me temia enquanto eu navegava rio abaixo, antes que combatêssemos, antes que eu o atingisse. Ele viu
88. a [minha] chama e escreveu a Kush, buscando a sua proteção. Mas eu capturei [a mensagem] a caminho
89. e não deixei que chegasse. Então eu fiz com que lhe fosse devolvida, deixando-a a leste, perto de Tepih.
90. Meu poder entrou em seu coração e seu corpo foi devastado [devido] ao que lhe relatou o seu mensagei-
91. ro acerca do que eu fizera ao distrito de Hutnetjerinepu, ainda em seu poder. Eu então despachei uma
92. tropa vitoriosa que estava desembarcada para devastar Djosedjes, enquanto eu ficava em Saka, para não
93. deixar que houvesse um rebelde em minha retaguarda.
94. Eu naveguei rio acima, meu coração estando forte e alegre, combatendo os rebeldes que
95. estivessem ao longo do caminho. Quão feliz é o navegar corrente acima para o governante - vida, pros-
96. peridade, saúde! - cujo exército está diante dele! Os soldados não sofreram perdas, nenhum homem
97. deu por falta de um companheiro, seus corações não se lamentavam. Eu viajei em direção ao território
98. da Cidade (= Tebas) na estação da Inundação. Todos os rostos brilhavam, o país estava na abundância,
99. a margem [do rio] estava agitada, Tebas estava em festa. Mulheres e varões vinham ver-me. Cada espo-
100. sa abraçava o seu companheiro, nenhum rosto estava molhado de lágrimas.
101. Eu queimei incenso para Amon em seu santuário e no lugar onde se diz habitualmente:
102. “- Recebe boas coisas!” - do mesmo modo que o seu braço havia dado a cimitarra ao filho de Amon
103. (vida, prosperidade, saúde!), o rei duradouro, Uadjkheperra, o filho de Ra, Kamés, o forte, dotado de
104. vida, aquele que controla o Egito e derruba o homem do norte, aquele que se apodera do país vitorio-
105. samente, dotado de vida, estabilidade e poder, enquanto o seu coração está satisfeito com o seu *ka*,
106. semelhante a Ra para sempre, eternamente!
107. Sua Majestade ordenou ao nobre, príncipe, preposto aos segredos do palácio (= membro
108. do conselho privado do rei), encarregado do país inteiro, tesoureiro do Rei do Baixo Egito, aquele que
109. comanda as Duas Terras, primeiro capataz dos cortesãos, chefe dos tesoureiros, o poderoso, Neshi:
110. - Faze com que todos os feitos que foram cumpridos por Minha Majestade vitoriosa-
111. mente sejam relatados numa estela a ser instalada em seu lugar no templo de Karnak, em Tebas, eter-
112. namente e para sempre!
113. Ele (= Neshi) então disse diante de Sua Majestade:
114. - Farei tudo o que foi ordenado!
115. Favores do rei foram ordenados (para) o chefe dos tesoureiros, Neshi.

Tradução de Ciro Flamarion Santana Cardoso

BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS PUBLICADAS

GABALLA, G. *The Menphite Tomb-Chapel of Mose*. Warminster : Aris & Philips, 1977.

GARDINER, Alan. *The Wilbour Papyrus*. Oxford (1941-1948).

LEPSIUS, Richard ;, *Denkmäler aus Aegypten und Aethiopien*, Leipzig: J.C.Hinrichs'sche Buchhandlung, 1897

SETHE, Kurt. *Urkunden des ägyptischen Altertums*. Leipzig: J.C.Hinrichs'sche Buchhandlung, 1926

_____ *Urkunden der 18. Dynastie, Volume I*. Hinrichs, Leipzig, 1927.

OBRAS DE REFERÊNCIA

BETRO, Maria Carmela. *Heilige Zeichen. Das Land der Pharaonen im Spiegel seiner Schrift*. Bergisch Gladbach: Gustav Lübbe Verlag, 1996.

CARDOSO, C.F.S. *Curso de Língua Egípcia*. Niterói, 2007.

ERMAN, Adolf, GRAPOW H. *Wörterbuch der ägyptischen Sprache*, Leipzig: J.C.Hinrichs'sche Buchhandlung, 1926 (11 vol.)

GARDINER. Alan H. *Egyptian grammar: being an introduction to the study of hieroglyphs*, 3rd ed., rev. Oxford: Griffith Institute 1994 (first edition: 1927)

HANNIG, Rainer. *Großes Handwörterbuch Ägyptisch-Deutsch (2800-950 v.Chr.)*. Mainz: Ed. P. von Zabern, 1995.

HANNIG, Rainer. *Großes Handwörterbuch Deutsch-Ägyptisch (2800-950 v.Chr.)*. Mainz: Ed. P. von Zabern, 1995.

HELCK, Wolfgang und WESTENDORF, Wolfhart (org.) : *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz : Wiesbaden, 1980

LOPRIENO, A. *Ancient Egyptian, a linguistic introduction*. Cambridge: Cambridge university Press, 1996.

MENU, Bernadette. *Petite grammaire de l'égyptien hiéroglyphique à l'usage des débutants*. Paris : Geuthner, 1990.

_____. *Petit lexique de l'égyptien hiéroglyphique à l'usage des débutants*. Paris : Geuthner, 1989.

NEVEU, François. *La Langue des Ramsès: Grammaire du néo-égyptien*. Paris: Khéops, 1998.

SCHENKEL, Wolfgang. *Einführung in die Altägyptische Sprachwissenschaft*. Darmstadt : WBG, 1990. (Orientalistische Einführungen)

SCHENKEL, Wolfgang. *Tübinger Einführung in die klassisch-ägyptische Sprache und Schrift*. Tübingen: Universität Tübingen, 1997 (Gedruckt als Vorlesungsskriptum).

SCHNEIDER, T. *Lexikon der Pharaonen*. Zürich : Artemis & Winkler, 1997,

SPALINGER, Anthony, *Aspects of the Military Documents of the Ancient Egyptians*. New Haven: Yale University Press, 1982

OBRAS GERAIS:

ALLEN, James P. *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

ANDREU, Guillemette – Polizei In: : *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz : Wiesbaden, 1980.

ARAÚJO, Luís Manuel de. *Mitos e Lendas do Antigo Egípto*. Lisboa: Livros e Livros. 2005.

ASSMANN, Jan. *Ägypten, eine Sinngeschichte*. München: Fischer, 2000.

BARDIN, Laurence, *Análise de Conteúdo*. Lisboa : Edições 70, 1991.

BIETAK, M. F. K. *Avaris: the Capital of the Hyksos. Recent Excavations at Tell el-Dab'a*, London.1996.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BREASTED, James H. *Ancient Records of Egypt*. 5 volumes; republished by LTD: London, 1988.

CARDOSO, Ciro F.S. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. SP: Àtica, 1986.

CARDOSO, Ciro F.S. *Antiguidade Oriental, política e religião*. SP : Contexto, 1990.(Coleção Repensando a história geral)

CARDOSO, Ciro F.S. *Deuses, múmias e Ziggurates: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CARDOSO, Ciro F.S. *Um Historiador fala de Teoria e Metodologia*. SP: EDUSC, 2005.

CARNEIRO, R. L. 1970. *A Theory of the Origin of the State*. Science 169: 733–738

CHEVEREAU, Pierre-Marie. Contribution à la Prosopographie des Cadres Militaires de L’Ancien Empire et de la Première Période Intermediaire *In: RdE* 38, 1987.

_____. Contribution à la Prosopographie des Cadres Militaires du Moyen Empire. *In : RdE* 42, 1991.

CLAESSEN, H. J. M., and SKALNÍK, P. (eds.), *The Early State* (pp. 533–596). The Hague: Mouton.1978

CLAUSEWITZ, Carl Phillip Gottlieb von. *Da Guerra*, São Paulo: Martins Fontes, 2003

DILLERY, J. The first Egyptian Narrative history: Manetho and greek historiography. *In: ZPE*, Dr. Rudolf Habelt : Bonn, 1999, Band 127, pp.93-116.

ENGELS, Friedrich – *Temas militares*. Lisboa : Editorial Estampa . 1976.

FAULKNER, R.O. The Euphrates Campaign of Tuthmosis III. *The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 32, (Dec., 1946), pp. 39-42

_____.“Egyptian Military Organization”, *JEA* 39, 32-47. London:1953

FINLEY, Moses. *Uso e Abuso da História* , São Paulo : Martins Fontes, 1989

FROOD, E. *Biographical Texts from Ramessid Egypt*. Atlanta: Society of Biblical Literature. 2007.

GARDINER, A. H. The House of life. *In: JEA*, vol 24, 1938

GARNSEY, P.D.A. and WHITTAKER, C.R. *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge : Cambridge University Press, 1978

GNIRS, Andrea Maria . “Military: an Overview” *In: REDFORD, D.B.(ed.) - The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Vol 2, Oxford: Oxford University Press, 2001. 400-406

GOEDICKE, Hans. Egyptian military actions in 'Asia' in the Middle Kingdom, **RdE** 42, 89-94. Paris : Societé Française d'Égyptologie, 1991

_____. Ankhtyfy's Fights., **CE** 78, 29-41 Bruxelles : Fondation Égyptologique Reine Elisabeth, 1998.

GOMES, Angela de Castro(org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOLDMANN, Lucien – *Sociologia do Romance*, Rio de Janeiro : Paz e Terra , 1976

GRAMMATICO, Giuseppina. La noción de frontera em la antigua Hélade. Análisis de algunos fragmentos heraclíteos.SBEC, **Fronteiras & etnicidade no mundo antigo**. Anais do Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, Pelotas – 15 a 19 de setembro de 2003. Canoas: ULBRA, 2005,

GUNDLACH, Rolf – *Die Zwangsumsiedlung Auswärtiger Bevölkerung als Mittel ägyptischer Politik bis zum Ende des Mittleren Reiches*. Franz Steiner Verlag : Stuttgart, 1994.

HACKLÄNDER-VON DER WAY, Bettina – BiographieIn: *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz : Wiesbaden, 1980.

HELCK, Hans Wolfgang.. "Manethon (1)". In: ZIEGLER, Konrat (*et alii*) *Der kleine Pauly: Lexikon der Antiek, auf der Grundlage von Pauly's Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. München: Alfred Druckenmüller Verlag. 1975, Vol. 3, 952–953.

_____. *Der Einfluss der Militärführer in der 18. ägyptische Dynastie*. Untersuchungen zur Geschichte und Altertumskunde Ägyptens 14 **UGAÄ**, Leipzig, Berlin; 1964: Nachdr. Hildesheim.

_____ – "Militär" In: HELCK, Wolfgang und WESTENDORF, Wolfhart (org.) : *Lexikon der Ägyptologie*, Otto Harrassowitz : Wiesbaden, 1980.

HERMANN, Alfred. *Die ägyptische Königsnovelle*. Glückstadt, New York : J. J. Augustin, 1938.

HOFFMANN, Michael. *Egypt Before the Pharaohs: The Prehistoric Foundations of Egyptian Civilization*.Londres: Routledge & Kegan, 1980.

HORNUNG, E. *Geist der pharaonenzeit*.München: DTV, 1992.

HUSSON, Geneviève et VALBELLE, Dominique. *L'État et les Institutions en Égypte: des premiers pharaons aux empereurs romains*. Paris: Armand Colin, 1992.

KATARY, Sally L.D. "Cultivator, Scribe, Stablemaster, Soldier: The Late-Egyptian Miscellanies in the light of *P. Wilbour*", *The Ancient World*, 6, 1983, pp71-93

_____. *Land Tenure in the Ramesside Period*. London & New York : Kegan Paul International, 1989.

KEMP, B. From Old Kingdom to Second Intermediate Period. In: TRIGGER, B. (org.). *Ancient Egypt, a social History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KIEL, Manfred. Biographie In: *Der Kleine Pauly : Lexikon der Antike in fünf Bänden*. Deutscher Taschenbuch Verlag : München, 1979. Col. 902-904.

KLOTH, Nicole - *Beobachtungen zu den biographischen Inschriften des Alten Reiches*. Studien zur Altägyptischen Kultur (SAK 25) Hamburg : 1998.

LALOUETTE, Claire. *Thèbes (ou la naissance d'un Empire)*, Paris : Fayard, 1988.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996

LEVILLAIN, Phillipe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

LIVERANI, Mario. *Antico Oriente: Storia, Società, Economia*. Roma: Editori Laterza, 5ª ed., 2000.

LIVERANI, Mario. *International Relations in the Ancient Near East, 1600-1100 BC*. England: Palgrave, 2001

MALEK, J. The Old Kingdom. In: SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press.2003.

MENU, Bernadette. *Le Regime Juridique des Terres ect du Personnel Attaché à l aTerre dans le papyrus Wilbour*. Lille : Faculté de Lettres et Sciences Humaines de l'université de Lille, 1970.

MORO, Caterina. L'identificazione tra Ebrei e Hyksos nelle fonti alessandrine, pp. 71-88. In: *Definirsi e Definire: Percezione, Rappresentazione e Ricostruzione Dell'identità* (Atti Del 3º Incontro «Orientalisti», Roma, 23-25 Febbraio 2004), ROMA: Associazione Orientalisti, 2005. http://purl.org/net/orientalisti/atti_2004.htm

MORRIS, Ellen F. *The Architecture of Imperialism Military Bases and the Evolution of Foreign Policy in Egypt's New Kingdom*. Leiden/Boston : Brill, 2005 (Probleme der Ägyptologie, 22)

MURNANE, William, J. *Texts from the Amarna Period in Egypt*. Atlanta: Scholars Press, 1995.

OTTO, Eberhard. Biographien in: SPULER, B.(org.) *Ägyptologie: Literatur*, Leiden: E.J. Brill, 1952. (Handbuch der Orientalistik, vol.1).

PETRIE, W. M. Flinders, *Hyksos and Israelite Cities*, London. 1906.

SADDIK, W. El. O Enterro. In: SCHULZ, R. *Egipto: O mundo dos faraós*. Colônia: Könenmann, 1997.

SCHULMAN, Alan R. – *Military Rank, title and organization in the egyptian New Kingdom*. Berlin : Bruno Hessling, 1964.

SCHULZ, R. e SEIDEL, M. *Egipto, o mundo dos faraós*. Colônia: Könenmann, 2001.

SEELE, K.C. e STEINDORFF, G. *When Egypt Ruled the East*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

SHAW, Ian. Egyptian, Hyksos and military technology: causes, effects or catalysts? In: SHORTLAND, A. *The Social context of technological change. Proceedings of a conference held at St Edmund Hall, Oxford 12-14 September 2000*. Oxford: Oxbow Books, 2000.

SNELL, Daniel.C. *Life in the ancient near east (3100-332 B.C.E.)*. Yale University Press : New Heaven and London, 1997.

SPALINGER, Anthony, *Aspects of the Military Documents of the Ancient Egyptians*. New Haven: Yale University Press, 1982.

_____. *War in Ancient Egypt. The New Kingdom*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005. (col Ancient World at War)

SPENCER, A.J. *Early Egypt: the rise of civilisation in the Nile Valley*. Norman: University of Oklahoma Press.

THÉODORIDES, A. O Conceito de Direito no Antigo Egito. In: HARRIS, J. *O Legado do Egito*. Rio de Janeiro : Imago, 1993.

TRIGGER, B.G. (et al.) *Ancient Egypt a Social History*. Cambridge: Cambridge University Press. 1989.

TRIGGER. B. *Early Civilizations: Ancient Egypt in context*. CAIRO: The American University in Cairo Press. 1995.

VALBELLE, Dominique. *Les neuf arcs l'Égyptien et les étrangers de la préhistoire à la conquête d'Alexandre*. Paris: A. Colin, 1990.

VANDIER, J. Quelques stèles de soldats de la Première Période Intermédiaire. *Chronique d'Égypte*. Fondation Reine Elisabeth, n° 35, janvier, 1943.

_____. Mo'alla, la tombe d'Ankhtify et la tombe de Sebekhotep, *BdE*, Le Caire, n° 18, 1950

WADDELL, W. *Manetho. Aegyptiaca*, London: Loeb Classical, 1940.

WILSON, John. A função do Estado *In: FRANKFORT, H. El pensamiento prefilosofico*. México : Fondo de Cultura, 1980.

YOYOTTE, Jean – Égypte Ancienne *In: Histoire Universelle I (des origines à l'Islam)*. Paris : Gallimard, 1956.

ZIEGLER, K. Panegyrikos *In: Der Kleine Pauly : Lexikon der Antike in fünf Bänden*. Deutscher Taschenbuch Verlag : München, 1979. Col.455-457.